

Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

**Tradição, comunidade, emoção e política: uma etnografia do
cinquentenário do Instituto Balseiro**

Autora: Ana Silvia Spivak L'Hoste

Orientador: Prof. Dr. Guillermo Raúl Ruben

Tese apresentada ao Programa de Doutorado de Ciências Sociais na área Etnografia do Saber e Itinerários Intelectuais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como requisito para obtenção do título de Doutor

2008

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

Sp49t Spivak L'Hoste, Ana Silvia
Tradição, comunidade, emoção e política: uma etnografia do
cinquentenário do Instituto Balseiro / Ana Silvia Spivak L'Hoste.
- - Campinas, SP : [s. n.], 2008.

Orientador: Guillermo Raúl Ruben.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Etnografia. 2. Performance. 3. Ciência. 4. Tradição.
5. Comunidade. 6. Emoções. 7. Política. I. Ruben, Guillermo
Raúl, 1947- . II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

cn/ifch

**Título em inglês: Tradition, community, emotion and politics: ethnography of
Instituto Balseiro's 50th anniversary**

Palavras chaves em inglês (keywords) :

**Ethnography
Performance
Science
Tradition
Community
Emotions
Politics**

Área de Concentração: Ciências Sociais

Titulação: Doutor em Ciências Sociais

**Banca examinadora: Guillermo Raúl Ruben, Beatriz Heredia, Diego Hurtado
de Mendoza, Leda Gitahy, Tom Dwyer**

Data da defesa: 30-04-2008

Programa de Pós-Graduação: Ciências Sociais

Ana Silvia Spivack L'Hoste

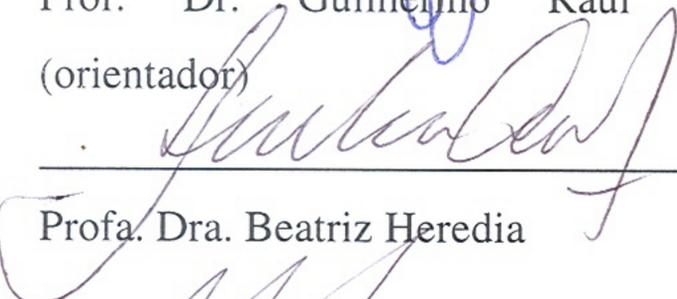
**Tradição, comunidade, emoção e política: uma etnografia do cinquentenário do
Instituto Balseiro**

Tese de doutorado submetida ao
Programa de Pós-Graduação
Doutorado em Ciências Sociais da
Universidade Estadual de Campinas,
sob orientação do Prof. Dr.
Guilherme Raul Ruben

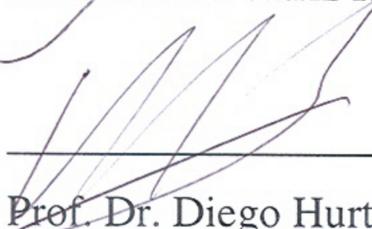
Este exemplar corresponde à redação final
da tese defendida e aprovada pela
Comissão Julgadora em 30 de abril de
2008



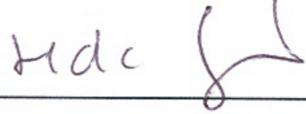
Prof. Dr. Guilherme Raul Ruben
(orientador)



Profa. Dra. Beatriz Heredia



Prof. Dr. Diego Hurtado de Mendoza



Profa. Dra. Leda Gitahy

Prof. Dr. Thomaz Patrick Dwyer

Campinas
abril de 2008

200814001

Consequentemente é preciso dizer que nossas experiências do presente dependem em grande parte de nosso conhecimento do passado, e que nossas imagens do passado freqüentemente servem para legitimar uma ordem social presente. Porém, ainda que verdadeiros, esses argumentos são insuficientes por si mesmos. Porque as imagens e os conhecimentos do passado, quero agregar, são conduzidos e sustentados por (mais ou menos ritual) performance.

(Connerton, 1989:3)

Agradecimentos

Pensar e escrever uma tese de doutorado não é uma tarefa simples. Precisa de inspiração, idéias, tempo, dedicação e bastante - bastante mesmo - ajuda. Com a certeza que esquecerei muitas das pessoas que contribuíram, de um modo ou de outro, num lugar ou outro, com este trabalho vão aqui meus agradecimentos.

Em Campinas, à Leda Gitahy e ao Bernardino de Figueiredo, os primeiros em me receber, me ensinar um pouco sobre a cidade e a Unicamp. Ao pessoal do programa de doutorado em Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, especialmente ao Guillermo Ruben pela orientação e a liberdade de pensamento e trabalho, aos professores dos cursos pela troca de idéias e reflexões e à Maria Rita Gándara por atender tão amavelmente as minhas consultas e dúvidas. Muito obrigada Leda, de novo, e ao Mario Cencig, os membros da banca de qualificação, pelas recomendações e comentários daquele primeiro rascunho apresentado. E Sueli, lá perto, em São Paulo, pelo trabalho para fazer de meu portunhol um português mais português e mais bonito.

Meu tempo em Campinas não foi apenas uma nova universidade e etapa de formação. Também implicou numa mudança de cidade e de país. Sinto uma enorme gratidão por aqueles que me acompanharam nesse período e o fizeram muitíssimo mais amigável: Ale, Cris, Guille, Gime, Jones, el Negro, Sandra, Carlitos, Vero, Leandro, Diane, Erika. Obrigada Jime, pela cumplicidade, e Diego e Fer porque nos tempos difíceis (e também nos mais fáceis) sempre achei nessa casa verde, sorrisos, mate, diálogo e carinho.

Em Bariloche, à Maria Teresa e Fernando por me receber em casa, dividir histórias comigo e, especialmente, pelo privilégio da amizade. Será agradecimento também o sentimento que a gente tem com os interlocutores de campo que nos conectam com mundos de sentidos e afetos que apanham nossa curiosidade e energia durante tanto tempo? Acho que sim. Obrigada Nicolás pelo interesse, pela leitura do meu texto e pela inspiração nas idéias finais.

À Dominique Vink, pela recepção na Universidade Pierre Mèndes em Grenoble (França), aos pesquisadores do centro CRISTO que discutiram as primeiras idéias do trabalho, e à Gloria Zarama pela cálida companhia colombiana naquele frio inverno.

Em Buenos Aires, especialmente à Valeria Hernández pela generosidade com a qual dividiu comigo livros e sugestões de trabalho, ao Patricio pelo material sobre narrativas, à Laura Ferrero e Fernando Balbi por me introduzir nas discussões do ritual. Devo à Mónica, ao Santiago, ao Domingo e ao Rafael, colegas de meu trabalho na CNEA no último ano, por me esclarecer a relevância de certas questões que aportaram elementos de contexto e discussões na pesquisa. Obrigada também às meninas do escritório, Dani, Sol e Lucía, por fazer mais agradável o cotidiano e pela compreensão.

Finalmente quero agradecer àquelas pessoas que, onde quer que eu esteja, estão sempre comigo:

À minha mãe, Silvia, ao meu pai, Eduardo, e à minha irmã, Laura, pela presença constante, necessária, pela incondicionalidade de seu afeto. E por me orientar sempre nos caminhos e nas formas da beleza.

À Laura e à Mariana, pela troca de pensamentos e leituras, pelos comentários, a contenção e a amizade. Meninas, sem vocês esta pesquisa, e muitas coisas da vida, teriam sido muito mais complicadas!

Ao Matthieu agradeço a generosidade e a paciência, os diálogos e idéias que enriqueceram esta pesquisa. Obrigada também pelos novos mundos de palavras, lugares e pessoas que a gente compartilha e a grande ternura de sua companhia.

Ah, esquecia. Obrigada JSTOR que faz de cada curiosidade uma fonte de pensamentos!

Ouvi dizer a Jorge Luis Borges, numa antiga entrevista, que o escritor publica sua obra para não passar a vida corrigindo seus textos. Com uma tese doutoral acontece um pouco a mesma coisa, a gente decide terminar o trabalho podendo continuar, até eternamente, a corrigir. Deixo ao leitor então com esta, a versão acabada do meu rascunho final.

Resumo

O primeiro dia de agosto do ano 2005 foi o aniversário número 50 da primeira aula ditada no Instituto Balseiro, um centro de formação em física e engenharias localizado na cidade de Bariloche, Argentina. Esse aniversário motivou a organização de uma jornada de comemoração desenvolvida em dois momentos: um ato público e um almoço. Esses momentos mudaram nas práticas que os configuraram. Porém, coincidiram em colocar como eixo do festejo duas narrativas - matrizes organizadoras da experiência - em particular: a *tradição* ou versão legítima do passado e a narrativa de *comunidade* como modelo da pertença. Ambas as narrativas, constituídas também pelo emocional, atualizaram no seio do evento uma arena de disputa a respeito da relevância de se produzir ciência e tecnologia no país.

Esta tese de doutorado se estrutura a partir de uma aproximação etnográfica à comemoração e a seus objetos de festejo. Uma aproximação etnográfica orientada pelas potencialidades analíticas do evento definido como performance. Isto é, do evento como ato que habilita formas de representação e dramatização que mostram leituras sobre o mundo e produz, por sua vez, efeitos nele.

August 1st, 2005 was the 50th anniversary of the first physics class of Instituto Balseiro, a training center in physics and engineering located in Bariloche city, Argentina. This anniversary motivated the organization of a whole-day of commemoration developed in two “moments”: a public act and a lunch. These moments were different in relation to the practices that molded them, but similar in placing as the core of the celebration two punctual narratives that played an important role in organizing the experience: the *tradition* or legitimate version of the past, and the *community* narrative as a model of belonging. Both narratives, also crossed by emotional issues, update, in the context of the ceremony, a disputing arena about the importance of producing science and technology in the country.

This doctoral thesis is structured from an ethnographic approach to the celebration and its objects of festivity. An ethnographic approach guided by the theoretical

potentialities of the celebration *qua* performance. This is to say, *qua* act that enables forms of representation and staging that show interpretations about the world and that produces, at the same time, effects on it.

Sumário

Introdução: A mania de comemorar	1
Objetivos iniciais	8
Uma síntese do que continua	9
Capítulo 1: Considerações a respeito da etnografia e o status do material	11
A etnografia como perspectiva	11
De multiplicidade de materiais	14
A respeito de meu trabalho de campo	16
Uma opção de análise o a etnografia de uma comemoração	18
Critérios de aproximação ao material etnográfico	20
Capítulo 2: Ciência e tecnologia na Argentina, Comissão Nacional de Energia Atômica e Instituto Balseiro: algumas questões de contexto	25
Ciência e tecnologia na Argentina: Uma Introdução	25
Uma história de luz e sombras, de esplendor e decadência	28
Desenvolvimento nuclear e projetos de industrialização	30
Os últimos anos da instituição	38
O Centro Atômico Bariloche-Instituto Balseiro	40
Capitulo 3: Um dia de agosto 50 anos depois	49
Descrição etnográfica da comemoração	50
A distribuição espacial: uma classificação dos participantes do evento	55
Expositores que mudam e temáticas que se reiteram: a oratória como modo de comunicação	61

As homenagens ou a experiência da tradição	63
Um fechamento parcial como transição	65
O ágape: outro momento da comemoração.	67
A espacialização como pauta	69
A camaradagem na fixação da comunidade ao seio da comemoração	70
Capítulo 4: Heróis, pioneiros e tradição: o passado presente na comemoração	73
Sobre usos de nomes e marcas de espaço: uma introdução	73
Primeiros questionamentos	77
Balseiro ou um arquiteto em tempos tormentosos	80
A pequena aldeia, o projeto e a personalidade	84
Terras de históricos e pioneiros	90
A experiência de celebração do passado: afirmando uma narrativa de tradição.	95
A origem e a continuidade nas representações de pertença e devir	100
Algumas conclusões sobre as implicâncias da tradição no contexto da comemoração	104
Capítulo 5: Vocês são o Instituto Balseiro: narrativas de pertença na afirmação de comunidade	107
Ser parte de uma espécie de criação única	107
Uma primeira delimitação	113
A chave geográfica na narrativa de comunidade	114
Categorias de pertença na comemoração parte 1: a genealogia ininterrupta	122
Categorias de pertença na comemoração parte 2: a experiência do geracional	133
Algumas conclusões sobre a da genealogia e a geração na narrativa de pertença performada na comemoração	141

Capítulo 6: Emoção nas narrativas de tradição e comunidade ou narrativas que também são emoção	145
Considerações iniciais	145
A respeito de teorias e perspectivas de análise	149
Falar, expressar e fazer emoção	153
Emocionalidade e território	161
A intimidade no público ou a respeito de algumas fronteiras preestabelecidas que a emoção contribui a evidenciar	165
Algumas palavras finais sobre narrativas e afeto	175
Capítulo 7: Consenso sobre ciência, tecnologia e projetos de país: o político na comemoração	179
Sobre conteúdo científico e tecnológico e posicionamentos territoriais: algumas presenças e ausências significativas na comemoração.	180
Diferentes perspectivas a respeito do conhecimento no ato central	191
Ciência, tecnologia e país: política na performance de um consenso a respeito da produção de conhecimento científico-tecnológico	201
Sobre tradição, comunidade e projeto de país	207
Palavras finais	213
Cronologia	227
Glossário	233
Bibliografia	237

Introdução: *A mania de comemorar*

“Templum: recorte no indeterminado do profano - espaço ou tempo, espaço e tempo - de um círculo ao interior do qual tudo conta, tudo simboliza, tudo significa. Nesse sentido, o sítio de memória é um sítio duplo: um sítio de excesso fechado em si mesmo, fechado na sua própria identidade e no seu nome mas constantemente aberto a compreensão das suas significações”

(Nora, 1984: XLI)

1.

Nas últimas duas décadas do século XX aconteceu nos países do norte aquilo que a historiadora da ciência Pnina Abir-Am chamou de “mania da comemoração” (1999: 1). Cumpriam-se nesse período aniversários de acontecimentos históricos importantes. Duzentos anos da revolução francesa em 1989, cinquenta anos da finalização da Segunda Guerra Mundial em 1995, entre outros. Afirma a autora que essa “mania da comemoração” mostrou um crescente interesse público em rearticular a relação entre história e memória numa sociedade caracterizada por uma crescente descentralização e organizada, por sua vez, em função de novas formas de fronteiras em substituição das tradicionalmente circunscritas aos Estados-Nação.

Entre essas comemorações Abir-Am situa as vinculadas com a ciência. Num mundo onde a ciência se converteu numa das maiores fontes de alfabetismo cultural e bem-estar econômico, o renascimento em grande escala das comemorações não podia excluí-la (1999). Os bicentenários das instituições científicas criadas no contexto da Revolução Francesa ou o próprio cinquentenário das explosões nucleares em Hiroshima e Nagasaki são alguns dos exemplos que coloca a historiadora a respeito desse tipo de comemorações que coincidem numa particularidade: envolvem conhecimentos ou aplicações científicas tanto quanto referências a acontecimentos, muitas vezes controvertidos, dos quais este tipo de conhecimento foi parte.

Os parágrafos anteriores sintetizam as reflexões que figuram na edição especial da revista *Osiris*, publicação da *History of Science Society*, dedicada às comemorações de instituições que produzem conhecimento científico. Uma edição cujos artigos resgatam, sob a perspectiva histórica, o potencial comparativo desses eventos focalizando no componente científico da atividade comemorativa e nas características que divide com práticas comemorativas em outras esferas da sociedade (Abir-Am, 1999). Uma edição especial que serve como referência para se trabalhar sobre comemorações de instituições dedicadas à produção de ciência, dada a especificidade dos artigos e a escassez de publicações que se aprofundam sobre este tipo de eventos.

A edição da *Osiris* sobre comemorações divide os artigos em três partes, dependendo dos objetos sobre quais os eventos analisados se concentram: pessoas, instituições ou aspectos específicos das disciplinas científicas. Na Parte 1 os artigos focalizam práticas de comemoração que têm heróis da ciência - construídos às vezes como heróis da sociedade - como objeto central. Os artigos analisam não apenas como esses heróis são representados nos eventos comemorativos, mas também aquilo que se representa por meio deles. Trata-se das “grandes mentes”, homens de reconhecidas trajetórias na produção do conhecimento científico, homens que são inseparáveis das descobertas que efetuaram ou das instituições onde atuaram.

Na Parte 2 os trabalhos se concentram em eventos cujos objetos são as próprias instituições científicas. Eventos que envolvem, fundamentalmente, uma interação entre processos históricos, a instituição, motivações atuais e agendas de trabalho e ações futuras. Nesse sentido:

“... a comemoração de uma instituição inclui inevitavelmente uma dimensão celebratória própria (as instituições sempre orquestram seus aniversários) que concerne a sua própria sobrevivência futura. As instituições também provêm oportunidades mais formais, estruturais e de maior escala para retomar o passado ao serviço das agendas políticas do presente ao mesmo tempo em que apelam a uma audiência cativa: acadêmicos e administrativos, autoridades políticas, estudantes e público consciente na educação científica“ (Abir-Am, 1999: 15).

Em contraste com as comemorações centradas nos heróis científicos, essas outras celebrações se referem mais ao laboratório que ao diretor, à equipe de pesquisa mais do

que ao líder, aos acontecimentos coletivos mais do que aos individuais (Seidel, 1999). Em muitos casos, inclusive, apresentam uma proposta de identidade profissional que envolve o conjunto dos colegas participantes ofuscando as diferenças e particularidades dos indivíduos que se reconhecem como parte (Pestre, 1999).

Finalmente, os trabalhos da última parte da publicação analisam comemorações que focalizam os diferentes aspectos das disciplinas científicas. Aqui os objetos comemorativos não são pessoas nem instituições. São objetos únicos da ciência: descobertas, desenvolvimentos teóricos, inovações das disciplinas, técnicas e instrumentos de pesquisa, etc. Especificidades que fazem às diferentes áreas do conhecimento científico mas cujas aplicações e possíveis conseqüências excedem as fronteiras acadêmicas.

2.

A comemoração que analiso nesta pesquisa de doutorado envolve uma instituição dedicada à produção de conhecimento científico e tecnológico¹. Trata-se da comemoração do quinquagésimo aniversário do Instituto Balseiro (IB), um instituto de graduação e pós-graduação de físicos, engenheiros nucleares e mecânicos localizado na cidade de San Carlos de Bariloche, ao norte da Patagônia argentina.

O IB é uma instituição particular que possui uma dupla dependência. Por um lado, depende de uma Universidade Nacional - a Universidade Nacional de Cuyo, com sede central na cidade de Mendoza - para a administração das atividades acadêmicas. Por outro lado, o IB faz parte da Comissão Nacional de Energia Atômica (CNEA) que lhe facilita a infra-estrutura e os recursos necessários, tanto materiais como humanos, para fazer pesquisas básicas, aplicadas e desenvolvimentos tecnológicos. Aliás, o IB está em estreita relação com um dos centros de pesquisa e desenvolvimento tecnológico da

¹ A relação entre conhecimento científico e tecnologia é complexa. Desde os anos 50 inúmeros trabalhos do âmbito da política, da economia e, posteriormente, do campo dos estudos sociais da ciência e da tecnologia e outras disciplinas acadêmicas específicas, têm argumentado, teorizado e debatido sobre os vínculos entre elas, sobre as diferenças possíveis. Têm modelado inclusive a sua própria relação. Na instituição que é foco desta pesquisa, o vínculo entre ciência e tecnologia não é nada simples. Porém, como os dois campos de conhecimento - se for possível separá-los - estão envolvidos nas suas competências e cotidianidade, e se enlaçam também nas percepções dos atores sociais que constituem o campo, vou me referir à instituição como um âmbito de formação e produção de ciência e tecnologia sem distinções.

CNEA: o Centro Atômico Bariloche (CAB). Um centro cujo campus é compartilhado igualmente por grande parte do pessoal que nele trabalha. Um centro que, aliás, se apresenta com frequência indiferenciável do próprio instituto².

O quinquagésimo aniversário do IB é, segundo Abir-Am, uma comemoração que tem a própria instituição como objeto central. Ali, a instituição se celebra ela mesma a partir das práticas que, com diferentes níveis de planejamento ou de agência, contribuem para afirmar a unidade e propostas de continuidade institucional. E contribuem, paralelamente, para organizar agendas acomodando significações sobre os acontecimentos do passado a partir das condições presentes e orientado às projeções de futuro.

Porém, embora o objeto da comemoração seja a própria instituição, chama a atenção o fato dela não focalizar equipes de trabalho ou laboratórios senão num conjunto de pessoas em particular. Mais precisamente, naquele que se reconhece como o *fundador* da instituição e naqueles que o acompanharam nessa tarefa. O evento comemorativo foi focalizado justamente em fundamentar, em torno dessas pessoas, unidade e propostas de continuidade da instituição. De algum modo, o próprio coletivo social envolvido na cerimônia, a leitura do passado, a justificativa do presente e projeção futura se explicou ao redor da figura de José Antonio Balseiro, o *fundador*, e a de seus acompanhantes: os *históricos e os pioneiros*³.

3.

Balseiro, falecido em 1962, a 7 anos do estabelecimento da instituição, foi protagonista central dos dois momentos que deram forma à cerimônia: o *ato central* e o *almoço de camaradagem*. Ele esteve presente nas palavras que se disseram, nas fotografias que decoraram a sala onde o ato se desenvolveu, nas imagens digitais que se projetaram sobre uma grande tela. Ele estabeleceu critérios na hora da distribuição dos participantes do evento nos espaços e de alguns dos movimentos que os envolveram. Por

² Uma grande parte do pessoal do CAB fez também a graduação e/ou pós-graduação no IB.

³ Os termos que considero categorias nativas e as transcrições de entrevistas ou registros de campo estarão em itálico. As categorias extraídas do discurso nativo estarão em português, entretanto o próprio discurso se apresentará em espanhol. O propósito disso é tentar conservar, no texto da tese, a riqueza própria linguagem utilizada nos diálogos durante o trabalho de campo.

sua parte, os *históricos* e os *pioneiros* estiveram presentes, além das palavras e imagens, na sua própria assistência ao evento.

A presença simbólica do *fundador*, dos *históricos* e *pioneiros*, tinha pouco a ver com a apresentação da trajetória da instituição como uma sucessão de datas ou de acontecimentos. Muito menos com as disputas no interior do IB ou o aprofundamento das relações que ele teve com a própria condução central da CNEA, as universidades nacionais, os outros organismos públicos dedicados à educação, etc., que sem dúvida caracterizaram esse decorrer. Não foi proposital a conexão das agendas presentes e futuras da instituição com algum relato desse tipo. Os tempos anteriores foram recriados, na realidade, quase exclusivamente ao redor de certos indivíduos. As distintas materialidades que eles assumiram condensaram, como os símbolos rituais que identificou Víctor Turner na *Selva dos símbolos* (1980), aspectos de uma particular rede de significação que foi articulada através das experiências vividas e narradas que os colocaram como protagonistas.

Foi ao redor de *Balseiro*, os *históricos* e *pioneiros* que datas, acontecimentos e interpretações se explicitaram. Foi também em torno dessas figuras que se explicitaram aspectos destacados da trajetória institucional, se apontaram razões e características de uma afirmada continuidade entre passado e presente e que indicaram, também, os critérios para sua futura projeção.

No entanto, embora apareçam algumas figuras particularizadas, caracterizadas e ressaltadas, a cerimônia não tem um grande herói da ciência como objeto central. Pelo menos, não tem um grande herói nos termos que Abir-Am propõe (1999). Balseiro não foi lembrado em função do trabalho como pesquisador, apesar de ter sido um dos primeiros argentinos doutorados em física na Europa e de se dedicar à pesquisa nessa área. Não há no evento menção alguma a respeito da carreira de Balseiro como cientista, de descobertas, da utilização de procedimentos inovadores nos trabalhos nem de conhecimento por ele produzido. O que se ressalta, uma e outra vez, é a sua indispensável participação na gestão que resultou na criação e organização do novo instituto. Fundamentalmente, se lhe atribuem uma série de princípios reconhecidos como centrais no desenho da instituição e no estabelecimento dos objetivos e critérios de ação. Nesse sentido, aquilo que se destaca dele é a própria definição como *fundador*. Definição

que permite festejar o passado e o coletivo social que a integra hoje atualizando, na sua presença simbólica, o valor da narração de sua participação e incidência.

Também não ocupam um lugar principal na comemoração as referências a respeito de especificidades disciplinares. Na verdade, tanto a ausência de definições precisas em relação às disciplinas vinculadas à produção de ciência e tecnologia, de aspectos de natureza disciplinar, como o modo particular no qual se fala de conhecimento que trabalharemos no final da tese, descartam que seja um festejo com um objeto determinado ao redor de algum campo disciplinar em particular.

Em poucas palavras temos, no cinqüetenário do IB e contrastando o material empírico com as opções propostas por Abir-Am, uma comemoração que se articula em torno da instituição como objeto. Uma instituição que por meio dessa comemoração celebra, efetivamente, a si mesma. Mas que, paralelamente, afirma o protagonismo de uma pessoa em particular, o *fundador*, e daqueles que o acompanharam nos tempos iniciais. Nela se afirma o protagonismo de Balseiro não em termos de um herói científico mas sim como uma marca inicial de uma versão do passado e da conformação de um coletivo social. Uma marca que legitima, por sua vez, uma proposta de unidade e continuidade na sua atualidade e permanência.

4.

É indiscutível o valor do trabalho de Abir-Am, e dos autores que participam da edição de *Osiris*, para a análise das comemorações que incluem componentes científicos e tecnológicos. O esforço para estabelecer delineamentos gerais desse tipo de análise num âmbito escassamente abordado e, possivelmente, sem sistematização até a publicação de seu trabalho, é sem dúvida muito importante. A classificação e as ferramentas analíticas que ela introduz constituem um marco para contextualizar esta classe de eventos contribuindo paralelamente para sua problematização.

Abir-Am enfatiza duas questões em particular. A primeira é a associação entre essas cerimônias e uma revitalização do interesse público em rearticular memória e história. Isto é, o interesse público de rearticular memória sobre experiências vividas e narradas - ou memória inscrita e/ou incorporada a partir da comunicação de experiências

vividas e narradas por outros - com a reconstrução histórica daquilo que já não existe mais. Trata-se de uma memória que, enraizada em processos sócio- históricos específicos está, como afirma Pierre Nora, em evolução permanente e aberta à dialética da lembrança, da amnésia e à possibilidade de transformação. Uma memória que se reconhece, nessa condição, como fonte para a reconstrução histórica que, segundo o autor, é produto de uma abordagem crítica e implica uma pretensão de universalidade apesar do reconhecimento de sua natureza incompleta e problemática (1984)⁴.

A segunda questão que enfatiza Abir-Am é que esse interesse público em rearticular memória e história se veicula em atos que dão lugar à reflexão coletiva. Em atos que habilitam, numa combinação de formalidade e agência (Connerton, 1989), a atualização, comunicação e apropriação de sentidos a respeito do passado, das condições presentes e de um projetado futuro. Trata-se de uma atualização e transmissão de sentidos que se faz efetiva a partir de uma característica que possui, como outros eventos, o evento comemorativo: a possibilidade de articular, no espaço e tempo que o constitui, elementos próprios da representação e da ação paralelamente.

Sob a perspectiva dos estudos da performance⁵ é possível afirmar que no evento comemorativo confluem duas dimensões diferentes: uma performática e outra performativa (Taylor, 2003). Por um lado, a dimensão performática supõe formas de representação e dramatização que apresentam leituras do mundo que os atores sociais habitam (Bauman, 1986). Por outro lado, a dimensão performativa que se constitui a partir dos mecanismos de atuação sobre esse mundo, a partir dos efeitos que também se produzem no evento.

A cerimônia do cinquentenário do IB não é uma exceção. Nela, num exercício que articula memória e história - ou memória e versões legítimas do passado, como veremos na continuação - explicitam-se sentidos sobre os tempos anteriores cujo conteúdo é apropriado no presente e se apresenta em futura projeção. As perguntas

⁴ O autor está se referindo à história como disciplina acadêmica. Por isso sua ênfase na crítica. Abir-Am, por seu lado, fala da história em termos mais amplos, como a reconstrução do passado.

⁵ Os estudos da performance abordam, na realidade, eventos e práticas diversas. O próprio debate teórico sobre o conceito faz confluir múltiplas disciplinas, entre elas teatro, antropologia (Schechner, 1990 y 1980, Turner 1986), folclore, lingüística e filosofia (Bauman e Briggs 1990, Austin [1962] 2003, Butler 1998 entre outros). No marco desses estudos, a performance se define como socialmente produzida e socialmente produtiva. Nesse sentido, a análise inclui a dimensão performática, isso é a capacidade de representação e dramatização, e a dimensão performativa que se traduz na sua capacidade realizativa.

iniciais que surgem são, então, quais são esses sentidos sobre o passado que nesta cerimônia se representam, atualizam e transmitem? Quais são, além disso, as próprias características de tal representação, atualização e transmissão? E, finalmente, quais são as conseqüências que o representar, atualizar e transmitir um olhar a respeito do passado no evento comemorativo supõem?

Objetivos iniciais

Vou propor aqui, finalizando a introdução, algumas tentativas de resposta a essas perguntas que acabo de apresentar. A primeira visa desvendar os sentidos ou significações que se articulam na cerimônia. Nessa direção, tentarei mostrar de que modo, no cinqüentenário do IB, o festejo se configura ao redor da própria instituição como objeto a partir de duas narrativas. A primeira é uma narrativa de tradição, uma versão seletiva do passado (Apaddurai, 1981). A segunda consiste numa narrativa da comunidade que, justamente, encontra nessa tradição sua ancoragem e justificativa. Uma comunidade em termos de sentido de pertença (Brow, 1990) que se descreve e transmite, através de diferentes recursos, ao longo do evento. Uma comunidade cujo eixo de conformação vai além do tipo de conhecimento a cuja elaboração os membros se dedicam. Isso é, excede a relação com uma identidade profissional compartilhada.

Em segundo lugar proponho abordar o modo que na cerimônia ambas narrativas, constituídas também pela emoção, põem em atuação um propósito central. Esse propósito consiste em atualizar uma arena de disputa que explicita propostas, desejos e projeções a respeito do país. Uma arena de disputa que outorga a estas propostas, desejos e projeções um valor de consensuada realidade. Trata-se de uma arena de disputa de histórica constituição mas que, por sua vez, outorga relevância atual a acordos coletivos relativos à natureza e ao dever ser deste tipo de organização da sociedade a partir de sua própria incorporação nas práticas dos atores sociais (Mitchel, 1991). Uma arena de disputa na qual se reiteram prioridades, definem-se obrigações, assinalam-se erros e acertos e, fundamentalmente, destaca-se a importância da produção de ciência e tecnologia na Argentina. Importância que ressalta o papel da própria instituição cuja existência, permanência e projeção a comemoração celebra.

É sobre estas duas narrativas que configuram a instituição como objeto de comemoração, sobre a constituição emotiva dessas narrativas e os modos e propósitos de articulação no evento que proponho aprofundar nesta tese. E proponho fazê-lo utilizando a etnografia como opção tanto de perspectiva de análise como de método.

Uma síntese do que continua

Este trabalho consta de sete capítulos e algumas palavras finais escritas a modo de conclusão. No primeiro desses capítulos apresentarei os recursos de teoria e de método utilizados tanto para obter os dados para trabalhar ao longo da tese quanto para estabelecer a perspectiva de análise. O segundo capítulo será uma contextualização histórica e institucional da ciência e a tecnologia na Argentina, a área nuclear, a CNEA e o complexo CAB-IB, instituição que articula o campo deste trabalho. O capítulo seguinte constitui uma descrição etnográfica do evento comemorativo. Nos capítulos quarto e quinto me concentrarei, especificamente, nas duas narrativas que fazem da instituição o objeto de celebração: a narrativa de tradição e a narrativa de comunidade. O sexto capítulo inclui uma introdução à conceitualização a respeito da emotividade e a sua articulação no evento. Finalmente, o último capítulo reconstruirá a arena de disputa que o conhecimento científico e tecnológico, os projetos e as posições acerca de sua relação com propostas, desejos e projetos a respeito da dinâmica nacional constitui. Isto é, o lugar que tem o político no evento.

Capítulo 1: Considerações a respeito da etnografia e o status do material

“... desenhada ao redor de correntes, sendas, fios, conjunções e justaposições de locação a partir das quais o etnógrafo estabelece alguma forma de presença física com uma explícita lógica de associação ou conexão entre os lugares que, aliás, definem os argumentos da etnografia”.

(Marcus, 1995: 105).

Antes de avançar na descrição do campo e na análise vou antecipar alguns critérios que constituirão fundamentos tanto de teoria quanto de método e justificarão o uso dos diversos materiais que considero a base empírica da tese. Mais especificamente, alguns critérios relativos à proposta etnográfica que no trabalho pretendo desenvolver.

A etnografia como perspectiva

1.

A etnografia se estrutura a partir da definição de uma fração da realidade social como campo empírico. Este campo, embora possa ter uma base espacial, e embora o espacial seja uma dimensão pertinente da análise, não se reduz necessariamente a uma geografia delimitada nem a aqueles que a habitam. Aliás, o campo se constitui relacional devido a que os limites não têm a ver com elementos físicos nem geográficos senão que se estabelecem em função das conseqüências das dinâmicas que nele se desenvolvem (Bourdieu e Wacquant, 1995). Os atores sociais fazem parte de um campo na medida em que gerem efeitos materiais e simbólicos nele. É no âmbito desses efeitos que as fronteiras do campo, nunca estáticas, se produzem e atualizam.

Sob esse ponto de vista, é no campo que as perguntas e os problemas de pesquisa vão adquirindo forma e valor. E é o campo onde se encontram, também, os materiais que possibilitam ao pesquisador distinguir a relevância de suas formulações e aproximar respostas possíveis em diálogo também com seus interesses. Porém, como é que surgem essas perguntas, problemas e respostas do campo? De que jeito se incorporam os materiais produzidos no campo na sua formulação?

O ponto crucial da prática etnográfica é o trabalho de campo, um exercício que envolve a presença do pesquisador entre os atores que o constituem. Esse trabalho de campo que normatizou Malinovski nos “Argonautas do Pacífico Ocidental” (1975) [1922] e cuja caracterização retomaram antropólogos como Evans Pritchard (1967) [1951] e Radcliffe Brown (1975) [1958] abriu o caminho da reflexão metodológica a muitos outros. Esse trabalho de campo que sofreu numerosas reformulações em função de vaivéns disciplinares, teóricos e epistemológicos e de processos que envolveram os referentes empíricos e os problemas de análise. Esse trabalho de campo que multiplicou os lugares de observação, participação e reflexão, derivando em propostas como a que Marcus denominou, no final dos anos 80, etnografia multi-situada.

2.

Porém, a etnografia não implica unicamente na realização de um trabalho de campo com alguma forma de presença física, como adverte Marcus na citação que introduz o capítulo. Também não se reduz ao conjunto de ferramentas, preferencialmente de natureza qualitativa como entrevistas em profundidade ou observação participante, a partir das quais se estabelece e sustenta tal presença. Na realidade, a prática etnográfica é, mais do que uma série de procedimentos a aplicar na pesquisa social, uma perspectiva de análise. Nesse sentido, supõe um leque de reflexões sobre as condições de produção do conhecimento, sobre os conceitos e teorias que se utilizam nessa produção e sobre os próprios recursos metodológicos. Um leque de reflexões que fundamentam e orientam a própria prática.

Willis e Trondman, no manifesto inaugural da revista *Ethnography*, definem a etnografia como:

“... uma família de métodos que envolve um direto e sustentado contato social com os agentes e uma rica descrição do encontro, respeitando, registrando, representando ao menos em parte nos próprios termos, a irredutibilidade da experiência humana.” (2000: 5)

A etnografia se concentra, segundo os autores, no registro dos eventos humanos. Implica, numa primeira instância, o encontro com o outro, a observação, a descrição daquilo que se observa e se dialoga. É a partir desse encontro, fundamentalmente, que se constrói o material a analisar. Numa segunda instância, a etnografia supõe a tentativa de incluir na análise a voz do outro sobre as suas próprias experiências. Isso é a tentativa de desentranhar, a partir de sua voz inscrita nos distintos materiais e incorporada nas práticas observadas e compartilhadas, as suas narrativas em tantas matrizes que organizam essas experiências e lhes outorgam significação (Bruner, 2003).

Tendo em conta as discussões teóricas e metodológicas a respeito das possibilidades e limitações dessa tentativa, os etnógrafos se esforçam para que o mundo da experiência do outro, através dos materiais que resultam da observação, o diálogo e a interpretação, atravesse seus próprios mundos (Todorov, 1988). Incluir essa tentativa como propósito, como consideração necessária para abordar a dinâmica social da qual esse outro participa é uma das mais relevantes particularidades da disciplina.

3.

A inclusão do outro conduz a incorporar duas dimensões de reflexão na análise. Duas dimensões que intervêm na própria configuração desse campo relacional. A primeira dimensão tem a ver com o que Gadamer chamou, no livro *Verdade e Método*, de horizontes de significação (1965). Tem a ver com esses horizontes constituídos por tradições de pensamento compartilhadas, trajetórias biográficas, processos de socialização e saberes que interpelam - situam socialmente - ao etnógrafo e os interlocutores e sustentam a ação social, a interação e a significação (Giddens, 1989).

A segunda dimensão, que é de algum modo um desprendimento da primeira, encontra na trajetória biográfica e profissional do etnógrafo o núcleo. Nesse sentido, configura-se como reflexão a respeito das próprias condições do etnógrafo como

pesquisador, as inquietudes pessoais, a sua formação disciplinar - teorias, marcos explicativos, conceitos, procedimentos e ferramentas de trabalho, construção de dados, critérios de fundamentação empírica. Esta segunda dimensão põe em evidência que o encontro com o outro, como afirma Mary Louis Pratt, acontece sempre sem perder o olhar no rosto próprio (1986).

Resumindo, temos como ponto de partida metodológico um campo empírico relacional que habilita uma presença multi-situada do pesquisador para dar conta da sua dinâmica e complexidade. Temos também que essa presença multi-situada não constitui exclusivamente uma ferramenta de método. É uma perspectiva que agrega na análise pensamentos de teoria, história e epistemologia. Uma perspectiva que supõe, além disso, posições sobre as condições de produção de conhecimento, considerações sobre os atores envolvidos e definições a respeito dos recursos disponíveis. Entre essas posições, aquela que configura a situação de encontro a partir dos diferentes “horizontes de significação” que o constituem, definindo esses horizontes como objetivos da análise e advertindo sobre a articulação necessária de auto-reflexividade inclusive nessa definição.

Da multiplicidade de materiais

O trabalho de campo implica na definição de uma série de materiais para a análise, materiais nos quais se inscrevem e/ou incorporam os horizontes de significação - e as narrativas que os organizam - dos atores que configuram o campo⁶. Podemos distinguir entre esses materiais duas classes diferentes. Primeiro aqueles que, conforme a especificidade disciplinar, são produzidos durante as diversas situações que supõe o próprio encontro. Segundo, aqueles que existem prévios ao acesso do analista ou cujos registros correspondem à autoria de terceiros.

Nesta pesquisa se abordarão materiais de ambas as classes. Por um lado, trabalharei com materiais que são consequência direta do encontro, de ter ficado ali e registrado esse processo, seguindo a Marcus, sob distintos pontos de observação e de

⁶ Os horizontes de significação e as narrativas que os organizam se inscrevem nos diferentes materiais por meio de recursos lingüísticos e, se incorporam, além da linguagem, em imagens, em formas de emoção e corpo, em dramatização e movimento.

diálogo (1995). Trata-se de registros de campo, de observações, imagens, de reconstruções de entrevistas em profundidade - principalmente focadas em trajetórias profissionais - e diálogos com diferentes interlocutores do campo. Materiais que inscrevem e/ou incorporam os horizontes de sentidos e as narrativas dos atores sociais com os quais se trabalha.

Os registros de observação e diálogo são produto de três estadias em Bariloche nos últimos quatro anos. Uma dessas estadias desenvolvida, mais precisamente, em forma de estágio no IB. Também são produto de trocas, de maior ou menor formalidade, maior ou menor duração, diferente formato e de distinta localização, com aqueles que fazem parte da rede de atores relacionados com a instituição. Intercâmbios que, aliás, se intensificaram no último período de elaboração deste trabalho de tese devido a minha incorporação como bolsista de aperfeiçoamento à CNEA. Uma incorporação que teve como objetivo, mais precisamente, a elaboração de um relatório de avaliação dos esforços que a instituição dedicou à formação de recursos humanos nos últimos 50 anos nos diferentes centros que a esses fins possui - entre eles o IB. E converteu a alguns de meus interlocutores de campo em colegas de trabalho abrindo novas direções para o questionamento e a reflexão.

Por último, mas não por isso menos importante, uma parte fundamental dos registros aqui analisados são produto da minha participação nos festejos organizados por motivo do quinquagésimo aniversário do IB. Aliás, é a reconstrução e análise desse festejo o que defino como a coluna vertebral da presente discussão.

Além da produção de materiais a partir da situação de encontro, o trabalho de campo supõe também a definição de fontes e documentos como materiais de análise. É o caso das fontes de trabalho e os documentos históricos, ambos existentes independentemente da presença do pesquisador no campo. Ambos são considerados materiais complementares ou de contexto em função de sua pertinência no recorte de campo e do problema que nele se trabalha. As fontes de trabalho são aqueles livros, artigos de revistas ou periódicos, recursos visuais (fotografias, imagens) e digitais (paginas web, correios eletrônicos) que inscrevem e/ ou incorporam os horizontes de significação habilitando o acesso, por seu meio, às narrativas que os organizam. Os documentos históricos são, por outra parte, pesquisas e artigos científicos que, com

legitimidade acadêmica, suportam a contextualização dessas significações e narrativas em função da reconstrução do tecido sócio-histórico na qual elas se inserem.

Finalmente, sobre o final da tese utilizo brevemente como material uma análise realizada a partir de registros de campo que não foram elaborados pessoalmente. Trata-se, mais precisamente, do registro da comemoração do cinquentenário da sede Grenoble do *Commissariat à l'Énergie Atomique* (CEA), instituição francesa dedicada à pesquisa e desenvolvimento científico e tecnológico na área nuclear - entre outras áreas - que é em muitos sentidos comparável com a comissão argentina. Uma sorte de material de campo secundário que trabalhei previamente, e sob uma perspectiva comparativa, com o autor dos registros (Hubert e Spivak, 2006) e que aqui retomo para introduzir algumas reflexões no último capítulo do trabalho.

A respeito de meu trabalho de campo

1.

Visitei pela primeira vez o CAB-IB no começo do outono de 1999. Tinha realizado minha primeira experiência de trabalho de campo para a tese de graduação em antropologia social naquele verão no hospital de San Martín dos Andes, uma pequena cidade entre as belas paisagens de lagos e montanhas patagônicas. No começo desse outono voltei ali para combinar a continuação desse trabalho e, regressando a Buenos Aires, decidi me desviar uns 200 quilômetros ao Sul para visitar uma amiga em San Carlos de Bariloche.

Cheguei à rodoviária ao anoitecer, depois de algumas horas de estrada por entre bosques e desertos, minha primeira ação foi procurar um transporte público que me levasse até a casa da minha anfitriã. Não me lembrava qual era o lugar exato onde ela morava, só que era perto do CAB-IB, onde os pais dela tinham estudado e trabalhavam fazia mais de trinta anos. Lembrava-me também que o IB ficava longe do centro da cidade. Porém, essa referência a um instituto de formação de físicos e engenheiros foi suficiente:

El Balseiro queda en los kilómetros e ese es mi recorrido. Si querés te aviso cuando tenés que bajar

Indicou amavelmente o motorista. O ônibus pegou a estrada que se inicia no centro urbano e atravessa os diferentes bairros de classe média, média alta e infinidade de serviços e infra-estrutura turística do lado do lago Nahuel Huapi até destino.

Nessa mesma noite percorri o campus do CAB-IB. Andamos por quase um quilômetro até chegar ao acesso. Ali havia duas pessoas responsáveis por controlar o acesso dos visitantes, solicitando documentos para identificação. No entanto, essa noite, ao reconhecer o rosto e o cumprimento de minha amiga, não foi solicitado nenhum documento. Era tarde, quase meia-noite, mas minha amiga parecia ter vontade de mostrar esse lugar caro a sua infância e adolescência, tão significativo ainda naquele momento em seu cotidiano familiar.

Apesar da escuridão, o campus se apresentava como espaço reconhecível, onde se podia transitar. As ruas nos conduziram desde o setor das moradias destinadas a uma parte do pessoal - umas quantas casas e alguns prédios de poucos andares localizadas perto da estrada - até as construções mais antigas de pedra no exterior e habilitadas para a administração. Depois, à biblioteca, às salas de aula, aos vários laboratórios e aos dormitórios para os estudantes. Finalmente, encontramos o caminho que leva, após enfrentarmos uma barreira do pessoal da segurança, para o reator experimental RA6 localizado no extremo do campus.

Andamos nas ruas vazias nesse primeiro percurso noturno sob um céu límpido, repleto de estrelas. Silêncio, céu e deliciosas maçãs. Porque o prédio tem como vegetação árvores frutíferas que essa noite soubemos aproveitar. Entre eles, um descendente da macieira do próprio Newton, segundo me contaram por lá.

2.

Minha volta a Bariloche aconteceu quase três anos depois daquela viagem e com um proposta de trabalho de campo. Nessa oportunidade precisava ter acesso a membros do CAB-IB para pesquisar sobre um conflito que envolvia cientistas e ambientalistas em

torno da venda de um reator nuclear que teria conseqüências a nível local⁷. Precisava contatar alguns deles, dialogar, envolver-me com a dinâmica institucional.

O acesso, graças à ajuda de meus anfitriões - os pais da colega que trabalhavam na instituição - não foi difícil. Numa única reunião com o então diretor do IB consegui entrar no CAB-IB como estagiária⁸. Depois, o contato com pessoal ativo da instituição - pesquisadores, professores, pessoal de apoio - foi simples. Ainda que tenha desenvolvido a maior parte de meu trabalho de campo no período das férias de verão, tive acesso a um bom número de interlocutores - de diferentes idades, procedências e gênero - a partir de entrevistas abertas sobre trajetórias profissionais e sobre aspectos da dinâmica da instituição.

Este trabalho de campo teve continuidade, por alguns meses, em Buenos Aires. É que o campo, na sua dimensão relacional, estende a rede de atores a outras localizações. Principalmente, na direção da capital do país, onde a maioria da população e das atividades - entre elas a da gestão, política e produção no campo científico tecnológico - se concentram. E se abre, além disso, no uso de diferentes suportes materiais, entre eles o eletrônico via correios pessoais o de circulação coletiva e foros na rede de internet. O resultado final foi a dissertação que me permitiu obter o título de mestre em Política e Gestão da Ciência e da Tecnologia no final do ano de 2003.

Uma opção de análise e a etnografia de uma comemoração

Na minha dissertação de mestrado não foi analisada grande parte do material produzido a partir do encontro, diálogo e observação neste exercício de campo que acabo de descrever. Razões vinculadas às circunscrições temáticas realizadas, ao problema de pesquisa que motivava o trabalho e aos prazos que o restringiam justificaram tal decisão. Deixei fora da pesquisa, também, perguntas possíveis de formular a esse material. Na

⁷ Trata-se de um conflito que envolveu manifestações públicas e discussões entre integrantes de grupos ambientalistas, cientistas e políticos, entre outros atores sociais. Um conflito que se desencadeou no ano 2001 depois de que uma empresa argentina, a empresa Invap, com sede central em Bariloche, ganhou uma licitação para construir um reator nuclear de pesquisa e produção de radioisótopos na Austrália.

⁸ Esta formalização respondeu à exigência do programa de mestrado que estava desenvolvendo. Na realidade, a permissão de circulação e o acesso aos entrevistados que me habilitou o diretor não requeria nenhuma instância formal.

realidade, já naquele processamento inicial do material se insinuaram questões que não me eram possíveis, nessa ocasião, precisar nem abordar. Sem muita precisão, aquilo que aqui chamo de narrativas sobre o passado e de comunidade, e o impacto que elas geram na dinâmica institucional, foram algumas dessas questões. Por esse motivo soube que tinha, nesse campo, motivos para voltar, para continuar trabalhando.

Regressei a Bariloche a final de julho de 2005 com uma proposta inicial: assistir à comemoração do quinquagésimo aniversário do IB. Era meu objetivo então participar e registrar esse evento e aproveitar, paralelamente, para me aprofundar por meio de entrevistas e observações a respeito dessas temáticas que tinham ficado abertas como resultado da pesquisa anterior. Porém, essa razão se converteu rapidamente no estímulo central para o desenvolvimento deste novo trabalho. Transformou-se na razão, aliás, para a sua própria elaboração.

Dois motivos justificam a decisão de colocar a própria comemoração como eixo da nova pesquisa. O primeiro deles foi o impacto que me provocou assistir ao evento, o fato de fazer parte dessa celebração. Uma assistência que me deixou novamente em claro, desta vez não a partir das reflexões teóricas metodológicas de outros autores senão da minha experiência de trabalho empírico, que a perspectiva etnográfica orienta necessariamente as perguntas de pesquisa no campo além de qualquer definição prévia ao exercício.

A riqueza das práticas e sentidos, representações e ações que configuraram o evento, que espero poder transmitir nas páginas seguintes, disparou idéias e questionamentos em duas direções. A primeira foi a necessidade de conectar essa configuração com aquelas questões que em etapas de campo prévias tinham chamado minha atenção mas tinham ficado fora da análise inicial. A segunda foi a possibilidade de me aprofundar sobre elas, justamente, a partir da específica articulação no festejo. Isso se conecta, por sua vez, com o segundo motivo que apoiou esta decisão.

Esse segundo motivo surgiu numa das primeiras pesquisas bibliográficas que fiz depois de participar da comemoração. Teve a ver, mais precisamente, com um artigo que chegou a minhas mãos nessa busca de materiais que permitissem abordá-la. Trata-se de *Commemorative Practices at CERN: Between Physicists' Memories and Historians' Narratives*, um trabalho do físico e historiador da ciência francês Dominique Preste

publicado em 1999 na edição de Osiris citada na introdução. Nesse artigo, o autor propõe, entre outras coisas, que

“... a nova relação estabelecida entre o círculo de físicos de alta energia e a sua história pode ser precisada analisando as cerimônias realizadas em homenagem aos próprios laboratórios: por exemplo, as celebrações dos aniversários do CERN” (Pestre, 1999:207/208).

Chama a atenção do autor que nos últimos tempos cresceu o número de referências no campo científico tecnológico, ou na bibliografia desenvolvida em torno dele, em relação da realização de cerimônias comemorativas. E chama sua atenção, além disso, como essas cerimônias foram se transformando. Desenvolvidas inicialmente ao redor de critérios meramente técnicos, centradas nos conhecimentos específicos ou nas soluções atingidas pela área correspondente, estas celebrações, “eventos públicos altamente codificados” (Pestre, 1999: 206), mudaram o eixo para a atualização de referências históricas e biográficas das instituições ou personagens homenageados. Daí a pertinência de analisá-las em profundidade sob uma perspectiva que inclua a observação das práticas a partir das quais se articula. Como sugere o próprio autor, sob uma perspectiva etnográfica que possa dar conta de sua riqueza.

Por esses motivos abordarei, nos capítulos que compõem esta tese, os dispositivos que permitem a recriação das narrativas de tradição e comunidade, sua interpelação emotiva e as discussões políticas que atuam na configuração de tempo e espaço que a comemoração propõe. O objetivo é, justamente, desentranhar esses processos colocando o foco nas ações e significações que dão forma ao evento, o que implica na dramatização das relações entre os atores envolvidos e nos critérios de emotividade que o atravessam. Ações e significações que explicitam acordos sobre o conteúdo histórico, o coletivo social e posicionamentos políticos dos protagonistas.

Crítérios de aproximação ao material etnográfico

Na introdução desta tese sugeria, seguindo a proposta de Pnina Abir-Am, que as comemorações respondem a um interesse público de rearticular memória e história ou,

mais precisamente, entre memória e explicações - ou interpretações - do passado⁹. Sugeriu também que, nesta comemoração em particular, esse exercício de rearticulação se concentra em torno de dois objetos de comemoração: uma narrativa de tradição e outra de comunidade. Duas narrativas que, interpeladas por práticas e sentidos de emotividade, atualizam e transmitem uma arena de discussão que inclui uma posição a respeito do protagonismo da produção de conhecimento científico tecnológico no país.

1.

Trabalhar com a articulação entre memória e história na comemoração, as configurações e os usos dela no presente sob uma perspectiva etnográfica implica, necessariamente, aprofundar sobre narrativas. Neste trabalho me aprofundarei, mais especificamente, nas narrativas de tradição e comunidade que se performam no evento. E que atravessam, como também veremos, as próprias narrativas biográficas de alguns dos seus participantes.

Acontece que as experiências vividas e narradas (Thompson, 1989)¹⁰ que são lembradas e se somam numa reconstrução seletiva e interpretativa do passado não adquirem outro formato que esse (Fine, 1989). Narrativas, em primeiro lugar, como matrizes que permitem dar sentido à própria experiência a partir desses horizontes constituídos por tradições de pensamento compartilhadas, acordos, desacordos e trajetórias biográficas. E permitem acomodar essa experiência - atividade que é também cognitiva, que constrói o real, que o verifica e experimenta segundo Dubet (1996) - num marco espacial, temporal, de contexto social e de sucessão de acontecimentos (Chafe, 1990). Narrativas que, em segundo lugar, são fundamento e orientação da ação social com base justamente na experiência.

⁹ Prefiro falar de interpretações do passado em lugar de história porque no meu trabalho não vou contrapor memória a uma história que é disciplina acadêmica, como no caso de Nora (1984). Aliás, a categoria que utilizarei para explicitar a articulação, no evento analisado, entre memória e interpretações do passado é tradição. E prefiro falar de interpretações em lugar de explicações porque isso dá conta de um passado que é interpretado e não espelho direto e objetivo dos fatos acontecidos.

¹⁰ Thompson, na análise da classe operária inglesa, afirma que a experiência inclui essas duas dimensões: aquela do efetivamente vivido e o grau de inteligibilidade que isso alcança para os atores sociais em condições específicas.

Como já antecipei as narrativas, que pertencem sempre ao plano interpretativo dos fatos e não ao de sua descrição (Ochs e Capps, 1996), atravessam os diferentes materiais a serem analisados neste trabalho. Aparecem nos registros de observação de campo, articulam-se em diálogos e entrevistas - que explicitam outros tipos de narrativas também, por exemplo a biográfica -, afirmam-se nas exposições que, com maior nível de formalidade, protagonizaram a cerimônia, cruzam os diferentes elementos que a constituem. Nesse sentido assumem, em vários formatos de expressão, presença nos materiais de campo. Uma presença que requer o estabelecimento de critérios de análise para aproveitar sua concentrada e variada riqueza.

2.

Começamos pelas narrativas que se inscrevem em material de discurso. Primeiro com algumas considerações a respeito do discurso, segundo com os critérios sobre os quais se encaminhará a análise. Retomo neste trabalho a conceitualização de Fairclough de discurso como prática social e não como atividade meramente individual ou reflexo das variáveis situacionais que envolve o uso da linguagem escrita ou falada (1992). Sob essa perspectiva, o discurso é, paralelamente, uma forma de representação do mundo e de ação sobre ele. Isto é “... uma prática de significação do mundo, de constituição e construção do mundo em significados” (Fairclough, 1992: 64). Como prática social, propõe o autor, o discurso não responde unicamente a razões de comunicação mas opera também em outros níveis vinculados à instalação de identidades coletivas, de relações sociais, de sistemas de conhecimento e crenças.

Neste trabalho analiso diferentes materiais de discurso que inscrevem narrativas. Entre esses materiais há produtos do trabalho de campo como as gravações das exposições dos oradores levadas a cabo na cerimônia e das entrevistas realizadas antes, durante e depois dela nas várias etapas de trabalho de campo. Também trabalho com registros de diálogos informais e com fontes de trabalho. Neste último caso se trata de material de discurso preexistente a minha presença de campo, cujo uso, ou cuja própria elaboração (e-mails de circulação interna a propósito da comemoração, por exemplo), esteve envolvido com o próprio contexto cerimonial.

Partindo dessa noção de discurso como prática social, Fairclough propõe um modelo de abordagem crítica integrando diversas perspectivas teóricas e métodos que tentarei seguir na análise dos materiais de trabalho enumerados¹¹. Trata-se de um modelo que articula três dimensões inter-relacionadas: textual, discursiva e social.

A dimensão textual está ligada à relação entre formas e elementos da linguagem que constituem o texto e a significação. E à representação do mundo no texto e, com os sentidos sobre esse mundo que se inscrevem nele. Numa segunda instância, a dimensão discursiva se relaciona com os processos de produção, distribuição, consumo e interpretação dos textos como produtos. Por último, a dimensão social se concentra na capacidade do discurso em termos da construção de subjetividades e no estabelecimento de critérios que orientam a ação social no marco de relações de poder e hegemonia (1992).

Porém, o material que inscreve discurso é um material situado. É necessário então abordá-lo no contexto de dramatização, no espaço e tempo no qual se configura. E reconstruir as narrativas a partir do complexo de relação que implica esse contexto específico considerando aqueles elementos que também a incorporam.

Nesse sentido, o contexto da comemoração inclui, por um lado, outras formas simbólicas - imagens, música - que não resultam, ao menos diretamente, do uso da linguagem falada ou escrita. Por outro lado, o próprio evento é constituído num decorrer de tempo e espaço que envolve diferentes formas de presença, movimentos e ação dos atores envolvidos que a perspectiva etnográfica obriga a registrar e a considerar na análise.

Voltando brevemente a uma das perspectivas que guiará esta tese, a perspectiva da performance, o evento comemorativo habilita duas dimensões a considerar na análise. A dimensão performática que supõe a dramatização, as formas de representação dos discursos no marco dos outros elementos que o acompanham (o visual, o cinético, o musical, etc.), inclusive as marcas e formas estéticas (Bauman, 1986). E a dimensão performativa, propriedade que também reconhece Fairclough como própria do discurso -

¹¹ Fairclough, no seu livro *Discourse and Social Change*, tenta fazer uma síntese entre métodos de análise da linguagem desenvolvidos pela lingüística, estudos que envolvem tópicos como gramática, semântica, pragmática e a análise do discurso e o pensamento social e político de autores como Gramsci, Althusser, Foucault, Habermas e Giddens (1992).

entre outros autores que vêem a teoria dos atos de fala de Austin como a precursora - mas extensível neste caso a sua colocação em cena. O performativo que se define, então, a partir do caráter realizador do evento que resulta potencialmente eficaz em termos de ato de transferência, de transmissão de saber social, memória e/ou sentidos de identidade (Taylor, 2003).

É sob essa perspectiva, que permite incluir as considerações de aproximação ao material, que me aproximarei do evento. E é sob essa perspectiva, também, que tentarei estabelecer conexões ou questionamentos a respeito da dinâmica social mais ampla na qual se insere.

Capítulo 2: Ciência e tecnologia na Argentina, Comissão Nacional de Energia Atômica e Instituto Balseiro: algumas questões de contexto

“Antes de 1949, ninguém teria podido suspeitar que Bariloche, região de lindos lagos e do imponente cerro Tronador, se converteria alguma vez num importante centro acadêmico. E não foi porque alguém o programasse assim. A história é caprichosa às vezes e então, ao examiná-la, faz-se mais interessante”
(Mariscotti, 2004 [1984] :252)

Até agora apresentei, por um lado, um esquema de classificação das comemorações científicas e um caso empírico: a comemoração do quinquagésimo aniversário do IB. Por outro lado, introduzi uma proposta de análise que se focaliza em torno de dois objetos. Mais especificamente, as narrativas de tradição e comunidade que protagonizam o evento. Duas narrativas que, atravessadas pelo emocional, atualizam uma arena de disputa que explicita posicionamentos a respeito da ciência e da tecnologia no país. Feitas as considerações metodológicas necessárias, o seguinte passo é explicitar algumas questões relativas aos contextos histórico, geográfico e institucional aos quais o evento se integra.

Ciência e tecnologia na Argentina: uma introdução

O desenvolvimento de atividades relacionadas com a produção de conhecimento em ciência e tecnologia na Argentina possui uma origem precoce. Nas últimas décadas do século XIX, principalmente durante a presidência de Domingo Sarmiento - 1866 a 1872 - começou a se discutir sua relevância em função do progresso nacional. Já nesse período foram executadas algumas medidas para facilitar a inclusão de atividades

científicas e tecnológicas na dinâmica da jovem nação. Medidas que incluíram o estímulo à migração de pesquisadores estrangeiros e a criação das primeiras instituições científicas como, por exemplo, o Observatório Astronômico de Córdoba (Babini, 1954).

Os primeiros grupos formais de pesquisa científica se estabeleceram, no começo do século XX, no marco das universidades públicas nacionais mais antigas e importantes do país. Entre elas, destacam-se as universidades de Buenos Aires, Córdoba e La Plata. Centros acadêmicos cujos nomes coincidem com os nomes das cidades que as alojam. Muitos dos grupos de trabalho foram impulsionados, e orientados nas linhas de pesquisa, por aqueles que os formaram ou eram designados como autoridades. Foi notável a presença de cientistas provenientes de diferentes países europeus instalados, por distintos motivos, na Argentina.

No entanto, foi entre as décadas de cinquenta e sessenta que a prática científica atingiu no país um nível reconhecido de produção. As duas décadas são lembradas, pelos protagonistas e também os analistas e historiadores, como uma verdadeira “época de ouro” da ciência na Argentina (Albornoz, 1999). Nela se destacaram, sobretudo, pesquisas provenientes de algumas áreas das ciências físicas e da biomedicina. Um período que mereceu reconhecimento internacional a partir do outorgamento do Prêmio Nobel a Bernardo Houssay em 1947, Luis Leloir em 1970 e a César Milstein em 1984.

O início desse período corresponde à fundação da maioria das instituições de caráter público destinadas ao desenho e a promoção de políticas e instrumentos para que o desenvolvimento científico tecnológico no país acompanhe atividades como a indústria ou a produção agropecuária:

- Em 1956 foi fundado o Instituto Nacional de Tecnologia Industrial (INTI) como apoio à nascente indústria nacional
- Em 1957 foi criado o Instituto Nacional de Tecnologia Agropecuária (INTA) como suporte da atividade agropecuária

- Em 1957 foi criado o Conselho Nacional de Investigações Científicas e Técnicas (CONICET) destinado a estimular a pesquisa levada a cabo, em princípio, nas universidades nacionais¹².

Nessa linha se agrega a Comissão Nacional de Energia Atômica. A criação da CNEA, em 1950, teve como propósito desenvolver, coordenar e assessorar o estado nacional num campo da produção de conhecimento científico e tecnológico específico: o nascente campo do desenvolvimento nuclear.

Segundo Albornoz a criação dos organismos se deveu, em grande parte, a três fatores específicos (2004). O primeiro é o auge das teorias do desenvolvimento na Argentina e na América Latina nesse período. Estas teorias incluíam, entre outras questões, a preocupação pelo impulso da ciência e a tecnologia como caminho para o desenvolvimento econômico nacional e a conseqüente melhora das condições de vida da população. Outro fator que assinala o autor é o consenso sobre o papel central do estado nacional ao estímulo da produção de conhecimentos científicos tecnológicos e, portanto, no planejamento. Finalmente, Albornoz faz menção, como terceiro fator, à consolidação de modelos institucionais para a promoção, o planejamento e a produção de conhecimento. Modelos que, segundo Oteiza, foram amplamente difundidos e promovidos pelas agências internacionais e apropriados em diferentes países como estratégias de organização do setor (1992).

¹² O Conicet, que foi criado sobre o modelo do CNRS francês, tem uma relação complexa com as universidades. Como afirma Alcántara, a criação da carreira do pesquisador do Conicet profissionalizou a pesquisa que se desenvolvia, até então, nas universidades. Conicet financiou projetos e apoiou a busca de recursos no exterior (1997). No entanto, com a intervenção militar da Universidade de Buenos Aires em 1966, a relação entre Conicet e as universidades começou a se debilitar. O papel central da universidade como eixo das atividades de pesquisa foi questionado e surgiram projetos, alguns mais bem-sucedidos do que outros, de criação de centros separados dela. Esta estratégia continuou a partir do golpe de 1976 enquanto cresceu a participação de Conicet no orçamento nacional a expensas das universidades (Albornoz, 2004). Ao regresso da democracia em 1983, o campo da ciência e a tecnologia somava um conjunto de institutos dependentes do Conicet e a pesquisa nas universidades públicas padecia de grandes restrições (Alcántara, 1997). Houveram tentativas de voltar à organização anterior, de criar instituições que absorvessem algumas das funções, de restaurar a relação de Conicet com as universidades. Porém, tudo isso aconteceu no marco de crises econômicas e institucionais que não foram alheias à dinâmica da instituição.

Uma história de luz e sombras, de esplendor e decadência

Assim caracteriza Alcántara, num corte poético, a história do desenvolvimento da ciência e a tecnologia na Argentina (1997). Assim também coincidem em descrevê-lo, partindo da institucionalização até a atualidade, tanto os analistas citados quanto outros cujas propostas trabalharei nas páginas seguintes. Na realidade, a literatura sobre história e política em ciência e tecnologia no país, apesar de advertir sobre a existência de certa continuidade institucional (Albornoz, 1999, 2004), faz questão de enfatizar momentos que estabelecem um antes e um depois. A bibliografia se refere a esses momentos de ruptura através de diversas dicotomias ou denominações: quebras, crescimentos e decadências, continuidades institucionais marcada por sobressaltos, etc.

Esses momentos de ruptura se explicam, geralmente, em função dos contextos políticos, econômicos e institucionais. Os diferentes autores enfatizam, para cada caso, distintos aspectos desses contextos. Cabe destacar dois desses aspectos que justificam diferentes momentos de ruptura acontecidos nos últimos 50 anos. O primeiro deles se configura em torno dos golpes de Estado, fundamentalmente dos golpes de Estado que derrocaram governos eleitos democraticamente em 1966¹³ e 1976. Em ambas as ocasiões universidades e centros de pesquisa sofreram intervenções, o que provocou, entre outras conseqüências, a desagregação e a migração de grupos de trabalho consolidados, perseguições políticas a parte do pessoal e desaparecimentos.

O segundo desses aspectos tem a ver com as mutantes políticas que fundamentam o desenho e a tomada de decisões em matéria de economia nacional. Políticas que incluem posições a respeito do lugar que se outorga à ciência e a tecnologia nele. A configuração e o exercício dessas políticas não é alheia, é claro, às sucessivas situações de crises da economia nacional. Também não se acham desvinculadas das outras políticas que lideraram a administração do país. Aliás, em diferentes ocasiões a administração pública executou importantes reduções orçamentárias, reestruturações institucionais e mudanças das prioridades para a outorga de recursos que afetaram, em sua maioria de modo

¹³ Esse ano à intervenção se somou uma ocupação armada da Universidade de Buenos Aires que evacuou a golpes de cassetete professores, estudantes e pesquisadores, provocando uma renúncia em massa que se estendeu a outras universidades do país. O episódio, lembrado como “*La noche de los bastones largos*” produz a desagregação de grupos de pesquisa e a migração de pesquisadores.

negativo, as possibilidades de desenvolvimento no campo da ciência e tecnologia no âmbito nacional.

Embora nos últimos anos pareça haver alguns indícios de transformação, atualmente o campo científico-tecnológico é resultado de um processo de três décadas de deterioração. Um processo que conduziu a uma complexa realidade institucional, orçamentária, de recursos e salarial. Uma realidade que, por um lado, mantém um número importante de pesquisadores e grupos que produzem ciência e tecnologia de qualidade e de nível internacional. Porém uma realidade que, paralelamente, sofreu o afastamento do estado da atividade científica-tecnológica que se manifestou, entre outros indicadores, num escasso investimento em ciência e tecnologia que o governo nacional hoje parece estar tentando reverter. Mais precisamente, um investimento que mal atinge a 0,42% do Produto Interno Bruto - diferentemente dos países industrializados nos quais os investimentos em C&T se aproximam de 3% - e que colocava aos pesquisadores da Argentina entre aqueles que têm menos recursos materiais do mundo (Albornoz, 2004).¹⁴

Essa deterioração do setor da produção de ciência e tecnologia e educação superior está imbricada nos processos políticos e econômicos que afetaram a dinâmica nacional. Processos políticos e econômicos que atingiram um ponto culminante com a crise que derivou em mobilizações sociais, repressão e violência e, finalmente, na renúncia do então presidente Fernando da Rúa em dezembro do 2001. Uma crise que afetou a vida econômica, política e institucional do país e cujos efeitos são constitutivos do presente. No campo da pesquisa em ciência e tecnologia, o fenômeno foi agravado pelos problemas de financiamento das universidades e centros de pesquisa e evidenciou, ao mesmo tempo, a dependência que têm suas atividades do Estado nacional.

Desenvolvimento nuclear e projetos de industrialização

Neste contexto mais geral se insere o CAB-IB, instituição que articula as relações que constituem o campo de análise deste trabalho. Porém, antes de se aprofundar numa

¹⁴ Na Argentina a média de investimento em ciência e tecnologia era, no final do ano 2007, pouco mais de 0,4% do Produto Bruto Nacional. Cabe destacar que o investimento privado em ciência e tecnologia atinge apenas 20% do total enquanto nos países industrializados a contribuição do setor privado oscila entre o 50% e o 75% (Albornoz, 2004).

caraterização mais específica, é necessário apresentar a instituição maior à qual se integra: a CNEA. Para isso, é importante introduzir alguns elementos que fazem a área do conhecimento na qual esta se concentrou no seus primórdios: o conhecimento científico e tecnológico na área nuclear.

1.

A finalização da Segunda Guerra deixou, além de uma nova distribuição geopolítica na escala mundial, uma grande certeza: a importância da ciência e da tecnologia em termos de acumulação nacional de poder e riqueza. A ciência e a tecnologia, indissociáveis das explosões das bombas nucleares em Hiroshima e Nagasaki em agosto de 1945, contribuíram para o final de um conflito bélico de cinco anos que envolveu vários territórios e populações. O protagonismo do conhecimento científico e tecnológico, além das suas aplicações militares, seria crucial a partir dali no campo militar e em outros âmbitos da vida social, como advertiu Vannevar Bush em *Ciência, a fronteira sem fim*. Nesse conhecido relatório, encaminhado ao presidente norte-americano Eisenhower, a ciência e a tecnologia definiam-se como motores necessários para o desenvolvimento econômico - via o desenvolvimento industrial - em qualquer país que se tivesse como objetivo o crescimento e progresso (1999).

A proposta de crescimento econômico unido ao desenvolvimento científico, tecnológico e industrial não foi exclusiva dos países vencedores da guerra como os Estados Unidos, a Inglaterra ou a França. Também não foi daqueles países que tinham iniciado antes da guerra processos de industrialização como a Alemanha e, de algum modo, o Japão. Na Argentina, por exemplo, o governo dos anos de pós-guerra a cargo do General Juan D. Perón

“... implementou uma série de políticas destinadas a acumular as capacidades tecnoprodutivas necessárias para produzir localmente artefatos intensivos em conhecimento, comparáveis aos que se fabricavam nesse momento nos países centrais.” (Lalouf e Thomás, 2005: 1).

Segundo os autores, havia nesse governo grupos nacionalistas que apoiavam o desenvolvimento industrial e tecnológico local visando ocupar um lugar hegemônico em termos regionais e alcançar uma posição entre as futuras potências mundiais. Existiam, também, os recursos para o financiamento de infra-estrutura e materiais e a possibilidade de captar pessoal formado e especializado para acompanhar esse projeto¹⁵.

Nessa conjuntura, o presidente Perón convocou em 1948 o austríaco Ronald Richter, um físico formado na Universidade Alemã de Praga. O cientista, que tinha participado do projeto nuclear do Terceiro Reich, convenceu-o que seria capaz de obter energia através do mecanismo de fusão nuclear controlada. Energia que seria, uma vez desenvolvida a tecnologia, abundante e com promessa de baixo custo. Um atrativo para quem tivesse como propósito impulsionar um projeto de industrialização.

Desde 1949, a presidência destinou importantes somas de dinheiro do orçamento nacional ao financiamento de um laboratório de física nuclear em Huemul, uma pequena ilha localizada no lago Nahuel Huapi em frente à cidade de Bariloche na região norpatagônica. Ali foi onde o cientista se instalou e levou a cabo as tarefas, exercendo a autoridade sem restrições que lhe tinha sido outorgada por Perón (Hurtado de Mendoza, 2005b). Em 1950, a presidência apoiou a criação da CNEA para que provesse a Richter o suporte administrativo e institucional necessário para o desenvolvimento das atividades (Mariscotti, 2004).

No entanto, em poucos anos tornou-se conhecimento público que o projeto Huemul, como foi denominado, não daria os frutos anunciados pelo cientista austríaco. Apesar do significativo suporte econômico e político inicial que o tinha beneficiado, as tarefas do cientista foram suspensas em 1952. Um motivo concreto acelerou essa suspensão: uma falsa declaração de sucesso nos experimentos desenvolvidos. Uma falsa declaração de sucesso, festejada inclusive pelo próprio Perón, que foi velozmente ofuscada por uma avaliação de cientistas que demonstraram a farsa¹⁶.

¹⁵ Os autores se perguntam se essa conjuntura não estaria indicando o começo de uma política científica e tecnológica na Argentina, apesar de nas análises esse começo seja indicado uma década mais tarde com o surgimento das agências destinadas a administrar no setor (Laluf e Thomas, 2005).

¹⁶ Richter anunciou ter atingido reações termonucleares controladas no laboratório.

2.

O fracasso do projeto Huemul não acabou com o desenvolvimento do campo nuclear na Argentina. Pelo contrário, nos poucos anos que Perón continuou na condução nacional, foram tomadas algumas decisões fundamentais na direção de um desenvolvimento na área. Em princípio, foi transferida do Exército, que tinha se encarregado de supervisionar as atividades de Richter, à Marinha. E foi nomeado, como responsável por ela, o capitão Pedro Iraolagoitía. Nessa gestão, concentrou-se o esforço na Direção Nacional de Energia Atômica (DNEA) que posteriormente confluiu com a CNEA numa única instituição. A DNEA, fundada em 1951 com o objetivo de capacitar recursos humanos - treinamento de cientistas e técnicos - outorgou o marco formal para a organização em Bariloche dos cursos de verão sobre reatores e física. Cursos que deram pé à criação do Instituto de Física de Bariloche - atual IB - e a transformação da Planta Experimental de Altas Temperaturas no CAB (Hurtado de Mendoza, 2005a).

O antigo Instituto de Física de Bariloche, criado em 1955, e o CAB são as instituições nas quais estará concentrado, como antecipei, o evento que articula esta pesquisa. O primeiro é um centro de formação de graduação e pós-graduação em física e engenharias nuclear e mecânica. O segundo, uma instituição dedicada à pesquisa científica e tecnológica do setor. Ambos foram fundados aproveitando materiais, iniciativas e infra-estrutura pertencentes ao projeto de Richter, fundamentalmente aqueles destinados à planta experimental que tinha sido construída como anexo num terreno a 9 quilômetros do centro de Bariloche em frente à mencionada ilha.

Nesse ano, 1955, criavam-se também, em Buenos Aires, as Divisões de Metalurgia e de Reatores da CNEA. E se contratava Jorge Sabato¹⁷ como organizador e responsável da primeira delas. Começou então a se armar a CNEA a partir de critérios similares aos utilizados em outros países em desenvolvimento. Isso é, programas

¹⁷ Jorge Sabato nasceu em 1924. Em 1946 alcançou o título de professor de física de escola média. Trabalhou como professor e em laboratórios de metalurgia até que organizou e dirigiu durante mais de quinze anos o Departamento de Metalurgia na CNEA. Em sua trajetória participou em várias instituições argentinas e internacionais e escreveu artigos que contribuíram para a consolidação do Pensamento Latinoamericano em Ciência y Tecnología. Morreu em Buenos Aires no ano 1984.

Sabato foi uma figura importante tanto na CNEA quanto na política de ciência e tecnologia na Argentina. É, ainda hoje, uma das referências do chamado de Pensamiento Latinoamericano em Ciência e Tecnología. É então pelo menos curiosa a falta de menção a ele na celebração que é objeto desta pesquisa.

intensivos de pesquisa e treinamento de cientistas e técnicos com base na crença de que o aumento da capacidade tecnocientífica possibilitava o aumento da capacidade de decisão na área em questão e também fora dela. E com um objetivo inicial a curto prazo: instalar na Argentina um reator de pesquisa com a ajuda técnica e financeira externa, mas propiciando o maior desenvolvimento local que fosse possível (Redick, 1972 e Sábato, 1973 em Hurtado de Mendoza, 2005a)¹⁸.

3.

Depois da queda do governo Perón, em setembro de 1955, a CNEA passou a depender diretamente do poder executivo nacional. O novo presidente foi o oficial da Marinha Oscar Quihillalt que, com uma breve interrupção, manteve-se no cargo até o regresso de Perón à condução nacional no ano 1973¹⁹. Durante essa administração foram gerados novos projetos vinculados com a formação e produção de ciência e tecnologia nuclear estimulando, por sua vez, estratégias a longo prazo no setor paralelas à consolidação institucional. Entre estes projetos, a construção do RA 1, o primeiro reator de pesquisa argentino, que atingiu estado crítico em 1958. Como durante a gestão anterior da instituição:

“O papel central de Sabato nas aspirações de impulsionar um programa nuclear que desse lugar central à autonomia, junto ao marco legal estabelecido durante esse período, começaram a delinear as linhas estratégicas que caracterizariam o “estilo de trabalho” da CNEA: intensa dedicação à formação de técnicos e investigadores e decisões arriscadas que permitissem avançar na integração dos setores científico, técnico e industrial” (Hurtado de Mendoza, 2005a: 6).

Nos anos seguintes construíram-se e entraram em funcionamento outros reatores de pesquisa: RA0, RA2 e RA3, incentivou-se a exploração de matérias-primas -

¹⁸ A construção do primeiro reator de pesquisa teve como modelo o reator americano Argonaut. Ela envolveu o desenvolvimento de competências locais num período em que os outros países que adquiriam tecnologias similares, como Brasil, Colômbia, Venezuela e Turquia, faziam-no através de compra direta.

¹⁹ A gestão de Quihillalt, que foi interrompida só durante um período do Governo de Frondizi (1975/58), atravessou oito administrações nacionais.

fundamentalmente urânio - e se consolidaram laboratórios e equipes de trabalho nos três centros atômicos: Bariloche, Ezeiza e Constituyentes.

4.

“Uma nova etapa da história da energia nuclear em Argentina começou em 1964, quando foi concebida pela primeira vez a possibilidade de construir a primeira planta nuclear de potência” (Hurtado de Mendoza 2005a).

Um aspecto interessante dessa decisão foi que a CNEA, a pedido do governo nacional, assumiu a responsabilidade de realizar o estudo de viabilidade sem ajuda de empresas estrangeiras, ou seja é utilizando o próprio pessoal numa atividade inovadora já que não havia antecedentes no desenvolvimento de estudos de viabilidade nem na construção de reatores de potência como o que nesse estudo se avaliava. Além disso, e também respondendo a um pedido do governo, a própria instituição preparou um plano nuclear para dez anos - 1967/1977. Um planejamento tecnológico a médio prazo que foi executado em sua totalidade apesar das descontinuidades que em outros âmbitos provocou a sucessão de governos nesse período (Coll e Radicella, 2000)²⁰.

Os estudos resultaram numa licitação para construir uma usina nuclear na localidade de Atucha, província localizada a 100 quilômetros de Buenos Aires, a capital do país, na qual participaram empresas de diferentes procedências nacionais. A favorecida foi a Siemens da Alemanha que tinha oferecido vantagens de financiamento por um reator que combinaria combustível de urânio natural com água pesada²¹ e que, talvez ainda mais importante, garantia a participação de setores da indústria local na construção (Adler, 1988: 4).

²⁰ ”O plano nuclear 1967-1977, e a posterior atualização para o período 1970-1980, centrava-se em cinco objetivos principais: 1) contribuir para a solução da demanda energética do país; 2) desenvolver os recursos para a fabricação dos elementos combustíveis nucleares; 3) promover as aplicações de radioisótopos e das radiações; 4) criar uma estrutura científico-tecnológica com capacidade própria de realização no campo nuclear; e 5) garantir a proteção da população dos perigos das radiações” (Coll e Radicella, 2000:4).

²¹ Há outro tipo de combustível nuclear feito com urânio enriquecido. Esta opção implicava uma maior dependência tecnológica já que, ao momento da licitação, o único país que possuía a tecnologia para o enriquecimento era os Estados Unidos e os tratados nucleares limitavam o desenvolvimento local.

Porém, as projeções da energia nuclear para a CNEA não terminavam em Atucha. Em 1971 foi aberta a licitação para a segunda central – na qual a vencedora foi a *Atomic Energy of Canada* com um modelo também de urânio natural e água pesada - e se projetavam mais duas. Tudo isso acontecia enquanto no país decorria uma transição política que culminaria com a volta de Perón do exílio na Espanha para exercer a terceira presidência²². O regresso implicou na volta de Iraolagoitía à presidência da CNEA. Foi sob a segunda condução de Iraolagoitía que a central nuclear Atucha 1 entrou, em 1974, em operação. Foi também nesta etapa que começou a construção da segunda central nuclear na província de Córdoba com uma grande participação da indústria nacional²³.

Nos anos 70 o desenvolvimento nuclear argentino era considerado o mais avançado entre os países em desenvolvimento depois da Índia. Isso foi possível porque a CNEA não apenas se concentrou na formação acadêmica dos recursos humanos que permitiram o ingresso ao campo nuclear, e posteriormente à produção energética, com certo nível de autonomia e participação, mas também porque a instituição focalizou no desenvolvimento de competências para a tomada de decisões e de gestão.

5.

Em março de 1976, dois anos depois da morte de Perón e após um período no qual o país foi governado pela vice-presidente Maria Estela Martinez de Perón - a viúva - deu-se início à última ditadura militar. Ela se prolongou até finais do 1983. Nesse período a junta militar que conduz a Argentina definiu a política nuclear como uma prioridade na agenda nacional (Alcañiz, 2005). Com o militar Carlos Castro Madero, um graduado em física do IB, como presidente da instituição o investimento atingiu cifras não conhecidas e que não mais se repetiu²⁴. Novos projetos foram desenvolvidos, apesar

²² Perón voltou à Argentina para assumir a condução da presidência após as eleições de 1973, mas morreu em julho do ano seguinte.

²³ Atucha 1 teve um índice de 42% de participação da indústria local (Hurtado de Mendoza, 2004a).

²⁴ Não há precisão a respeito do financiamento que recebeu o plano nuclear na ditadura, mas Castro Madero estimava que este seria de 5500 milhões de dólares (1976).

da oposição das potências nucleares, num contexto no qual a Argentina não ratificava os tratados internacionais do campo nuclear²⁵.

Esses projetos incluíram a criação de empresas e linhas de pesquisa, o investimento em instrumental e novos programas de estudo em temáticas envolvidas com o setor nuclear²⁶. Tudo isso a partir de um plano nuclear criado em 1979 que estabelecia a construção de quatro centrais nucleares nos anos seguintes (Albeñiz, 2005) e a intenção de completar o ciclo combustível²⁷. Entre as empresas que se destacaram está a Invap SE (Investigaciones Aplicadas), uma sociedade entre a CNEA e o estado da província de Rio Negro criada em 1976 a partir do laboratório de pesquisas aplicadas que funcionava no CAB²⁸. Outra empresa foi Nuclear Mendoza SE, criada em 1977 com o propósito de explorar minerais para a indústria nuclear, e o desenho, construção e operação de plantas de purificação e conversão de urânio. A última desta breve lista foi a Conuar S.A. (Combustíveis Nucleares Argentinos) fundada em 1981 com o objetivo de produzir combustíveis destinados às centrais e reatores nacionais e à exportação.

Além disso, em 1978 teve início a construção de uma planta piloto de enriquecimento de urânio em Pilcaniyeu cuja existência se fez pública meses antes do fim da ditadura. O enriquecimento de urânio, cujo desenvolvimento tinha sido guardado zelosamente, constitui uma tecnologia politicamente complexa já que o domínio dela é um passo para a construção de armamento nuclear²⁹. O sucesso não foi bem recebido pela comunidade internacional nem pela condução responsável de encaminhar um novo

²⁵ Argentina assinou o tratado de Tlatelolco. Porém, não o ratificou até 1992 retardando a validade da assinatura inicial. O Tratado de Não Proliferação foi recém-assinado no ano 1994. Afirma Sabato - líder intelectual do desenvolvimento nuclear argentino - que os países centrais tentavam impedir os países em desenvolvimento, através dos tratados, de adquirir o *know how* e as técnicas dos processos de enriquecimento com a desculpa de evitar a proliferação de armamento (Sabato e Frydman, 1976).

²⁶ A carreira de engenharia nuclear do IB, criada em 1977, é um exemplo das linhas de pesquisa que surgiram neste período.

²⁷ Dessas quatro centrais nucleares a única que começou a ser construída, em 1980, foi Atucha 2. Essa construção foi suspensa pouco tempo depois. Recentemente foram retomadas as obras, a partir do ano 2006 no governo Néstor Krichner.

²⁸ A Invap, que nos primeiros anos trabalhou exclusivamente para a CNEA, é hoje uma das poucas empresas de alta tecnologia. A trajetória inclui exportações - reatores, plantas de aplicações médicas e pesquisa, tecnologias da área aeroespacial - a diferentes países da América Latina e Ásia. Para uma pesquisa mais aprofundada da empresa conferir Versino, 2006.

²⁹ O enriquecimento de urânio atingido em Pilcaniyeu é do 0,85 % e a capacidade tecnológica permitia até 1%. A bomba atômica precisa de um enriquecimento de, aproximadamente, 80 %. Porém, o problema maior do enriquecimento de urânio é o próprio desenvolvimento da tecnologia. Isso justificou o impacto gerado pelo anúncio de sucesso.

período democrático. Também não tinha sido bem recebida, alguns anos antes, a decisão de construir uma planta piloto de reprocessamento de plutônio na contramão do indicado pelos tratados internacionais vigentes.

Num período caracterizado por um descuido planejado - ou diretamente pela agressão - de muitas das instituições dedicadas à produção de ciência, tecnologia e educação superior, projetos de grande envergadura e requerimentos de investimento foram propostos e/ou desenvolvidos pela CNEA. No entanto, outros acontecimentos aproximavam a CNEA do panorama nacional mais geral. Nessa direção, houve na Comissão, embora em menor proporção em comparação com as universidades, detentos políticos e/ou desaparecimentos. Alguns empregados perderam o trabalho enquanto outros tiveram bloqueada a possibilidade de ascensão no escalão e/ou exerceram com um duplo dossiê: o da administração da instituição e o que manejava pessoal das forças armadas³⁰.

No final deste período o programa nuclear na Argentina

“... aproximava-se do controle do ciclo completo do combustível, desde a mineração do urânio, seu enriquecimento e a fabricação dos elementos combustíveis, até o processamento do combustível gasto e a disposição do lixo radiativo” (Alcañiz, 2005: 24).

Um sucesso tecnológico talvez excepcional para um país em desenvolvimento. Um sucesso que, apesar do caráter militar da condução nacional - do qual nem a dinâmica institucional nem o pessoal estavam isentos - parecia encontrar a justificativa em razões de índole mais econômicas do que de desenvolvimento de potencialidades bélicas³¹.

³⁰ A diferença dos aspectos econômicos e tecnológicos da CNEA durante a ditadura, a incidência da violência e do terrorismo de estado na instituição ainda não foi analisada em profundidade.

³¹ Por exemplo, a eleição de urânio natural para o combustível nuclear. A diferença do acontecido em outros países latino-americanos como o Brasil significava uma oportunidade para Argentina nos novos mercados internacionais (Castro Madero, 1976).

Os últimos anos da instituição

“A parábola ascendente da Comissão concluiu em 1983 com a crise econômica e a catábasis militar” (Ciapuscio, 1994: 52). O autor ilustra assim aquilo que na bibliografia sobre história e política de ciência e tecnologia na Argentina - ou história da política de ciência e tecnologia -, se reconhece como dois momentos: um crescimento e uma queda posterior ao desenvolvimento nuclear.

O primeiro momento está centrado, como vimos, no desenvolvimento de competências científico-tecnológicas unido a um projeto de industrialização que implicava a participação fundamental do estado nacional na administração e tomada de decisões no setor. A este momento, que se estende na CNEA até a última ditadura inclusive, correspondem a criação, o crescimento sustentado da capacidade tecnológica na área nuclear impulsionado pela instituição e a sua própria consolidação institucional. O segundo, que começa nos anos 80, é consequência de uma política de afastamento do estado nacional. Um afastamento do estado associado a uma redução do gasto público e um crescimento da autonomia dos capitais privados baseada na proposta neoliberal sobre a qual se foram apoiando, paulatinamente, as novas administrações. Nesse segundo momento, caracterizado por sucessivas crises econômicas e mudanças nas prioridades políticas, experimenta-se uma desarticulação institucional e a reestruturação das instituições do setor.

Em dezembro de 1983 assumiu o presidente eleito Raúl Alfonsín e anunciou a transferência do programa de energia atômica da Marinha ao Congresso Nacional, uma nova condução - o engenheiro Alberto Constantini, primeiro civil na presidência - e uma redução na atribuição de fundos (Hurtado de Mendoza e Vara, 2006). A política nuclear mudou radicalmente, sobretudo na dimensão financeira. A redução do orçamento, relacionada às crises econômicas e o reposicionamento da questão nuclear na política interna e externa incidiram significativamente nos recursos disponíveis e, conseqüentemente, no poder organizacional e decisório da instituição.

O governo de Carlos Menem (1989-1999) iniciou um intenso processo de privatização do qual a CNEA não esteve alheia. Começou, na tentativa de privatizar a produção e venda de energia nuclear, um processo de descentralização que afetou os

objetivos da instituição, fundamentalmente aqueles relacionados com a proposta de desenvolvimento autárquico dos programas. Em 1994, e através de um decreto de urgência que depois foi transformado em lei, separaram da CNEA as atividades relacionadas com a produção energética - a administração das centrais nucleares - e as de regulação nuclear. Além disso, se deteve a construção da terceira central nuclear, Atucha 2, suspendendo-se o plano do qual fazia parte.

Não é de importância menor que a CNEA deixou de depender diretamente da Presidência da Nação. Em 1989 se converteu numa subsecretaria da Secretaria de Energia do então Ministério de Trabalho e Obras Públicas. Desde 1999, no governo de Fernando de la Rúa, começou a depender da Secretaria de Ciência e Tecnologia da Nação³². Também não se tomaram, nesse último governo, medidas que contribuíssem para melhorar a complexa situação que atravessava a instituição.

Durante todo esse período houveram programas de demissão voluntária destinados a reduzir o pessoal da administração pública nos diferentes níveis e atividades. Esses programas ofereceram, também aos trabalhadores da CNEA, indenizações em troca do afastamento dos trabalhadores dos respectivos empregos. Os programas de demissão voluntária estiveram acompanhados pelo fechamento do acesso de pessoal aos cargos permanentes da Comissão, conduziu conseqüentemente a uma importante redução do pessoal da instituição e a uma precarização dos empregos temporários que nesse período se dispuseram.

Em síntese, essa etapa se caracterizou por uma modificação na política interna e internacional que impactou significativamente a dinâmica institucional. A questão nuclear deixou de ser prioritária ou estratégica - como alguns autores como Hymans (2001) reconhecem que era durante o período militar. A proposta de descentralização afetou a autonomia da administração. A isso deve agregar-se que a diminuição da atribuição orçamentária modificou os projetos e as possibilidades de ação de seus participantes (cientistas, técnicos, administradores, estudantes e pessoal de apoio). Então, a CNEA começou a ser percebida, e vivida - pelo menos em alguns dos setores - mais

³² A CNEA responde hoje ao Ministério de Planificação Federal, Inversão Pública e Serviços, mais precisamente à Secretaria de Energia.

como o marco de uma profunda crise do que como uma protagonista central do campo da produção de conhecimento e aplicações científicas tecnológicas a nível nacional.

Contudo, nos encontramos hoje com uma CNEA que, apesar do processo de desmembramento e redução institucional que atravessou os últimos 20 anos, conservou uma dimensão considerável. Isso é, uma CNEA que, graças à decisão atual do estado de acrescentar o valor da produção nuclear na matriz energética nacional - decisão não desvinculada do renascimento internacional do campo - está começando nestes últimos tempos a se reposicionar novamente³³. A Comissão está composta por uma sede administrativa localizada em Buenos Aires, três centros de pesquisa - CAB, Centro Atômico Constituyentes (CAC) e Centro Atômico Ezeiza (CAE) - e 4 institutos de ensino que vinculam esses centros com diferentes universidades - IB (CAB - Universidade Nacional de Cuyo), IS (CAC - Universidade Nacional de San Martín), IDB (CAE - Universidade Nacional de San Martín) e Fundação Escola de Medicina Nuclear em Mendoza. Possui quatro sedes regionais, dois distritos mineiros e três jazidas de urânio. A CNEA está também vinculada - participação de capital, atividades de assessoramento, recursos humanos, etc. - com a empresa Nuclear Mendoza SA e a planta de concentração, purificação e conversão de urânio, com Dioxitek SA e planta de produção de dióxido de urânio, com a Ensi SE e a planta de água pesada em Arroyito e com a planta de enriquecimento de urânio construída pela empresa Invap SE em Pilcaniyeu.

O Centro Atômico Bariloche-Instituto Balseiro

Começamos o capítulo apresentando um breve resumo da história e da política em ciência e tecnologia na Argentina. Depois continuamos nos aprofundando sobre uma das instituições que foi chave nessa história e nessa política e é central aos efeitos deste trabalho: a CNEA. Como vimos, as características da trajetória dessa instituição dialoga, apesar de sua particular situação durante a ditadura, com aquelas do contexto que integra.

³³ Esse processo é muito recente e tem a ver com a decisão, primeiro do governo Nestor Kichner e agora da presidenta Cristina Fernandez, de reativar o setor nuclear. Essa decisão teve como consequência, entre outras ações, a continuação das obras da central nuclear Atucha 2, o aumento da atribuição orçamentária e a reabertura do ingresso de pessoal à Comissão.

A criação da Comissão respondeu a uma decisão do estado de participar no desenvolvimento do campo da ciência e da tecnologia nuclear. Uma decisão de participar nesse campo apostando ao desenvolvimento econômico e social do país através, entre outras vantagens, da produção de energia mais barata. Essa decisão correspondeu a um período de crescimento que resultou na formação de recursos humanos e desenvolvimento científico-tecnológico: formação de grupos de pesquisa de prestígio internacional, construção de reatores de pesquisa e produção de radioisótopos, participação na inclusão da energia nuclear ao mapa energético do país. Porém, foi um crescimento atravessado por crises políticas e econômicas que acompanharam o decorrer do país afetando também a instituição.

No final dos 80 e durante os 90, década caracterizada pela aplicação de um modelo neoliberal que afetou a produção de ciência e tecnologia em seu conjunto, o crescimento da CNEA ficou paralisado. A queda da atribuição orçamentária, o fechamento de projetos em curso, a desvinculação da comissão da produção de energia e da atividade regulatória, a redução e o fechamento do ingresso de pessoal, entre outras questões, conduziram a uma complexa situação que somente nestes últimos dois anos está começando a se reverter. Uma complexa situação que afetou também o CAB-IB.

1.

O CAB-IB funciona a 9 quilômetros do centro da cidade de San Carlos de Bariloche. Esta cidade, de pouco mais de 100.000 habitantes, está localizada a 1.600 quilômetros ao sudoeste de Buenos Aires, perto da fronteira com o Chile, numa atraente paisagem que combina bosques e lagos com a aridez própria da Patagônia da pré cordilheira³⁴.

³⁴ Em 1902 o governo nacional criou a colônia Nahuel Huapi reservando terras para o crescimento da vila San Carlos. Isso formalizou uma pequena localidade cujas fontes econômicas foram o comércio com o Chile e a exploração madeireira. Nos trinta definiu-se o turismo como atividade principal. A cidade já era destino turístico, porém a distância de Buenos Aires e a precariedade da infra-estrutura tinham restringido a atividade. A criação do Parque Nacional Nahuel Huapi concentrou nela recursos econômicos impulsionando a cidade (Bustillo, 1968). O crescimento esteve vinculado, principalmente, a investimentos em infra-estrutura como a extensão da rede ferroviária e ao desenvolvimento de projetos de ampliação e melhoras. Destaca-se importante a afluência de movimentos migratórios da qual foi objeto a cidade (Méndez e Iwanow, 2001). Movimentos que incluem, de algum modo, aqueles que chegaram para armar a instituição que articula nosso campo de estudo.

As referências à produção de ciência e tecnologia em Bariloche remontam ao início do século XX. Nessa época, um ambicioso projeto para tornar a região um pólo industrial e comercial tinha circulado pelos escritórios do então ministro da administração nacional Ramos Mejía (Mariscotti, 2004). Esse projeto não prosperou e, com o tempo, Bariloche foi se conformando num destino principalmente turístico. Porém, mesmo sem prosperar antecipou uma opção relacionada com os acontecimentos dos últimos 50 anos na cidade. Isto é, com o desenvolvimento de atividades e instituições vinculadas com o ensino e a produção de ciência e tecnologia.

O primeiro encontro de Bariloche com a ciência e a tecnologia aconteceu quando o avião de Richter aterrissou em suas paisagens. Esse encontro não foi casual, pelo contrário: constituiu-se numa engrenagem de um projeto para o país que incluía estratégias de distribuição demográfica para a soberania nacional³⁵. Nesse sentido, o presidente não estava unicamente interessado no projeto de pesquisa que o cientista lhe propunha. Paralelamente queria favorecer o crescimento demográfico e o desenvolvimento econômico na Patagônia. Crescimento e desenvolvimento que lhe ajudaria - pensava - a fortalecer a expansão territorial do estado nacional e proteger, paralelamente, as fronteiras. Por essa razão, conta Mariscotti, quando Richter decidiu abandonar Córdoba, onde estava trabalhando há alguns anos, Perón determinou que se buscasse um novo lugar para o sul. O presidente se inclinava por alguma zona nos então Territórios Nacionais de Rio Negro ou Neuquén³⁶. Richter escolheu a paisagem das cordilheiras vizinhas à ribeira do Nahuel Huapi familiar a sua Áustria natal.

O cientista se instalou em Bariloche em março de 1950. Uns poucos meses depois estava trabalhando num laboratório construído na ilha Huemul - localizada frente à cidade - e dirigindo um projeto a partir do qual se propunha conseguir o desenvolvimento da fusão nuclear controlada. Como vimos no início deste capítulo, este projeto não prosperou. Mas além da breve duração e da avaliação negativa das atividades, foi precedente no caminho do desenvolvimento de instituições e atividades científico-tecnológicas no âmbito local e nacional.

³⁵ Em outro artigo trabalhei essa interpretação sobre a origem casual das atividades de instituições de ciência e tecnologia em Bariloche (Spivak L'Hoste, 2002).

³⁶ Nesse período Rio Negro e Neuquén ainda não tinham sido decretadas províncias e dependiam, conseqüentemente, da administração nacional.

Nos terrenos utilizados pela Planta Experimental de Altas Temperaturas construída para o Projeto Huemul, a partir da reapropiação da infra-estrutura, instrumental e materiais abandonados, se organizaram os laboratórios e se fundou, em 1955, o Instituto de Física de Bariloche, atual IB. De modo indireto, o projeto de Richter deu lugar a um dos centros de pesquisa (CAB) associado a um instituto de formação em física e engenharias (IB) do maior prestígio no país há algumas décadas. Um complexo no qual se produz ciência, tecnologia e se formam estudantes reconhecidos e valorizados até mesmo no âmbito internacional.

O CAB-IB³⁷, com mais de 50 anos de trajetória, se destaca. Em primeiro lugar, pelos resultados ininterruptos da proposta de formação de graduação e pós-graduação em física, engenharias. Isto é, de 1955 a 2005, pelos 561 graduados e 322 doutores em física, 263 engenheiros nucleares e 44 doutores em engenharia nuclear e ciências da engenharia, 79 especialistas em aplicações tecnológicas da energia nuclear e outros 100 graduados de carreiras mais recentes como engenharia mecânica, mestrado em ciências físicas, mestrado em física médica. Um total que soma 830 profissionais de graduação e 482 pós-graduados³⁸. E, em segundo lugar, pelos quase 30 grupos de trabalho e laboratórios nas áreas de física, tecnologia de materiais e dispositivos, engenharia nuclear, tecnologia nuclear inovativa, transferência tecnológica e segurança que funcionam no CAB. Grupos

³⁷ O CAB-IB, o CAB, o Centro Atômico, o Balseiro são os modos mais comuns de se referir à instituição. O Centro Atômico ou o Balseiro são as que aparecem com maior frequência entre aqueles que não fazem parte dela. Para eles, ambas categorias assinalam um único complexo de atividades de pesquisa e de ensino. Para o pessoal das instituições - ainda com conhecimento do organograma, da organização, da divisão de responsabilidades e as diferenciações internas - de algum modo também. É que tanto a trajetória educacional e profissional como as práticas cotidianas atravessam, em geral, ambos os âmbitos implicando uma atividade conjunta. A confluência de ambos os âmbitos na categoria permite deixar de fora a distinção entre o CAB e o IB na análise, ao menos para os fins específicos desta pesquisa. Vejamos neste fragmento de uma entrevista um exemplo desta vinculação:

Clara: () lo que pasa es que aquí hay una hibridización de dos instituciones que han funcionado muy estrechamente que es el centro atómico, que es parte de la Comisión de Energía Atómica, y la parte académica que es el instituto de física, el Instituto Balseiro, que es el instituto de la Universidad de Cuyo

A: ¿Como se diferencian?

Clara: Son dos instituciones separadas que tienen sus presupuestos separados. Si bien la comisión manda dinero a la Universidad de Cuyo con eso paga los sueldos y que se yo, nominalmente o sea formalmente el Instituto Balseiro pertenece a la Universidad de Cuyo () los títulos los da la Universidad de Cuyo y está sujeta a todas las cosas digamos universitarias que competen a la Universidad de Cuyo. Pero en el Centro Atómico trabajan las mismas personas. Digamos hay compatibilidad de tener un cargo de investigador con una dedicación simple en la docencia (VG, entrevista personal, Bariloche, 2002)

³⁸ Dados atualizados de agosto de 2005 apresentados no evento.

nos quais trabalham hoje mais de 500 pesquisadores, grande parte deles graduados e agora docentes das carreiras do IB, apoiados nas tarefas de pesquisa pelos 250 estudantes que cursam, na maioria com bolsas de estudo, os diferentes níveis das diversas carreiras que a instituição oferece.

2.

O primeiro a conectar a potencialidade de uso dos recursos do projeto de Richter com a possibilidade de criar um ambiente que reunisse pesquisa e formação tinha sido o físico Enrique Gaviola³⁹. A diferença de países como a Alemanha e os Estados Unidos, nos quais Gaviola tinha realizado estágios de capacitação, não havia âmbitos de formação na Argentina que articulassem seriamente conhecimento teórico a experimentação. Na reunião da Associação de Física Argentina de maio de 1953 Gaviola compartilhou a proposta de aproveitar o material abandonado para criar um centro desse tipo com o colega José A. Balseiro.

Segundo Hurtado de Mendoza

“ ... Iraolagoitia, então a cargo da área nuclear, aceitou a iniciativa de Gaviola e a 18 de julho e ele apresentou um memorando com o título ‘Instituto de Física de Bariloche’ () e um detalhado plano de adaptação das instalações e equipes que tinham ficado sem uso em Bariloche” (2005: 15 e 16).

No entanto, Gaviola desistiu rapidamente do projeto não aceitando, segundo documentos de trabalho, fontes e inclusive material de entrevistas, essa decisão. Balseiro, que tinha feito parte do comitê avaliador do Projeto Huemul, continuou as negociações. Elas resultaram, em primeiro lugar, na organização de cursos de verão em física e reatores nucleares e, poucos anos mais tarde, consolidaram-se na própria fundação da instituição que hoje leva seu nome. Arturo López Dávalos e Norma Badino, físico e bibliotecária do CAB-IB respectivamente, argumentam que:

³⁹ Gaviola foi um dos primeiros físicos que desenvolveu tarefas de pesquisa em instituições argentinas. Tinha alcançado o título de doutor em Berlim. Após ficar dois anos no instituto de física da Johns Hopkins University e do Carnegie School of Washington, regressou ao país em 1930 onde apoiou o desenvolvimento da disciplina.

“O Instituto de Física de San Carlos de Bariloche nasceu formalmente ao assinar-se o convênio entre a Comissão Nacional de Energia Atômica e a Universidad Nacional de Cuyo em 22 de abril de 1955, a primeira representada pelo Capitão Iraolagoitia, e a segunda pelo Engenheiro Roberto V. Carretero. Em 1º de agosto foram iniciadas as atividades do Instituto, com Balseiro como diretor. Incorporaram-se quinze alunos com bolsa de estudo selecionados entre os trinta e três candidatos que se apresentaram. Os cursos correspondiam ao primeiro quadrimestre do terceiro ano já que o plano de estudo contemplava, como até agora, que os cursos prévios se cursassem em qualquer Universidad do país. As matérias eram: Eletromagnetismo a cargo de Balseiro, Mecânica a cargo de Luis Moretti, Matemática a cargo de Manuel Balanzat, Física Experimental a cargo de Wolfgang Meckbach e Química a cargo de Mario Foglio. Os nomeados contavam com a assistência de Alberto Maiztegui, Sulmo Mariano, José Tamagno e Tomás Buch.” (Antecedentes históricos, página web do IB).

Este parágrafo apresenta uma série de questões que particularizam o passado e permitem caracterizar alguns aspectos do presente do instituto. A primeira destas questões se refere à instituição da qual o IB é parte. Vemos que sua criação obedece a uma política de formação de recursos humanos nas áreas mal desenvolvidas - ou não desenvolvida - na Argentina. Trata-se, mais especificamente, de uma formação dirigida a gerar quadros científicos e técnicos para a CNEA, cuja também recente fundação tinha sido orientada ao desenvolvimento das diferentes atividades na área nuclear.

A CNEA, instituição responsável pelas atividades nucleares no país, orienta e coordena as atividades do CAB. No entanto, não cumpre com os requisitos necessários para ser responsável pelo instituto de formação que funciona em estreita relação com esse centro. Por essa razão, a criação do instituto precisou de um sócio universitário que legitimasse as atividades vinculadas com o âmbito acadêmico. Um sócio que avaliasse os programas de estudo e os títulos e tivesse responsabilidade pelos cargos docentes. A universidade escolhida foi a Universidad Nacional de Cuyo que era, a na década de 50, aquela que estava mais perto de Bariloche.

A segunda questão a destacar tem a ver com algumas características da instituição, características que em princípio a fazem diferente de outras do campo da educação superior e da formação em ciência e tecnologia. O parágrafo citado faz

referência, por exemplo, à seleção de alunos para o ingresso. Este procedimento, que se instaurou com os cursos prévios à fundação do IB e que continua no presente, marca ainda hoje uma diferença a respeito da maioria dos centros educativos públicos na Argentina nos quais o ingresso é - com algumas poucas exceções - irrestrito⁴⁰.



Prédio da administração do IB (Foto pagina web IB)



Sala de aula IB (pagina web IB)

⁴⁰ A universidade pública na Argentina teve diferentes mecanismos de ingresso. Na realidade, as decisões a respeito das modalidades de acesso à educação superior - exame, curso, anos nivelatorios - dependeram das conduções das diferentes unidades acadêmicas. Porém, excetuando os períodos de ditadura que instauraram políticas eliminatórias - e excetuando também algumas carreiras que têm uma demanda muito alta de estudantes - em geral os mecanismos de ingresso não supõem restrição. Fundamentalmente nos períodos democráticos, grande parte da comunidade universitária defendeu o acesso irrestrito - além da gratuidade - como um valor comum.



Biblioteca Leo Falicov (pagina web IB)

Outras particularidades derivam, por uma parte, da dependência da CNEA, que continuou considerando prioritária a formação, apesar dos vaivéns da instituição, e por outra parte da estreita relação com o CAB. Entre elas, cabe destacar o fato de que tanto professores quanto alunos se dediquem de maneira exclusiva à docência, pesquisa ou a formação - dedicação garantida, neste último caso, graças a bolsas de estudo - a alta quantidade de professores ativos em pesquisa por estudante, o acesso a laboratórios e a uma biblioteca completa e atualizada⁴¹.

O IB teve, em consequência dessas particularidades que o caracterizam e o diferenciam, um desenvolvimento não isento de críticas. Foi acusado desde o início de elitista, fundamentalmente por professores e pesquisadores da Universidade de Buenos Aires de cujos não abundantes recursos formados conformou parte de seu pessoal docente. Questionou-se a negociação que conduziu à sua criação, negociação realizada durante o governo de Perón poucos meses antes da queda devido ao golpe militar recordado como a *Revolución Libertadora*. E, em diferentes períodos, criticou-se a desconexão com outras instâncias de formação universitária nacional. Essa última crítica ainda perdura na reclamação de alguns setores da comunidade educativa em torno da distribuição de recursos econômicos e profissionais em função da escassa população estudantil que a utilização desses recursos envolve.

⁴¹ A respeito das condições materiais e a relação docente/ aluno no IB cabe destacar que são marcas diferenciais num meio universitário como o argentino que funciona, em geral, com sérios problemas de infra-estrutura, financiamento e uma alta população estudantil.

A essas particularidades e aos questionamentos históricos e atuais dos quais foi e é objeto, soma-se uma terceira questão que quero assinalar a respeito da instituição. Uma questão que está relacionada com disputas vinculadas aos objetivos e atividades prioritárias ou, mais precisamente, a sua própria especificidade. Disputas que envolvem de modo direto a diferença das questões citadas aos próprios protagonistas.

A proposta inicial de Gaviola foi criar um instituto de pesquisa em física básica que se assemelhasse, nas condições de trabalho e produção, a centros de países como os Estados Unidos e a Alemanha. No entanto, a criação do IB incorporou a esse objetivo inicial, e portanto ao desenho da instituição, a necessidade de formar pessoal orientado às prioridades da CNEA. Isto é, a formação de cientistas e técnicos em física orientados às pesquisas e aplicações no campo nuclear. Porém, essa definição inicial não correspondeu, nem corresponde atualmente, a um consenso interno a respeito dos objetivos a cumprir nem com as atividades prioritárias que se devem desenvolver em seu seio. Não houve, nem há, consenso geral a respeito de sua especificidade.

Independentemente das discussões pontuais que tenha implicado e implique essa falta de consenso geral, a pretensão de encontrar uma definição institucional não deixa de ser um problema para mim nem para os próprios atores que conformam o campo. Um problema que envolve disputas entre físicos experimentais e físicos teóricos, entre físicos e engenheiros, entre aqueles que defendem a produção de conhecimento básico e aqueles que argumentam a favor de uma ciência aplicada e unida a desenvolvimentos de tecnologia e inovação. E, especificando esta última disputa, entre aqueles que afirmam que a educação e a produção do instituto devem estar direta e exclusivamente relacionadas com o desenvolvimento do campo nuclear nacional.

Fazer explícitas as particularidades e o mapa de disputas internas - que de algum modo aprofundaremos no último capítulo deste trabalho - contribui para a caracterização da instituição que articula o campo da pesquisa. Mas também contribui para apontar um eixo para maior atenção do leitor. Um eixo a considerar na leitura da análise que nestas páginas continua porque sua articulação - ou em alguns casos, como veremos, a omissão - aponta elementos para entender a comemoração. E para entender, a partir dela, alguns aspectos da dinâmica institucional que o evento também condensa.

Capítulo 3: Um dia de agosto 50 anos depois

“Para os antropólogos sociais e para os leigos uma cerimônia coletiva é uma ocasião dramática, um tipo complexo de comportamento simbólico que usualmente tem um propósito estável mas cuja invariabilidade alude a mais do que diz e tem muitos sentidos ao mesmo tempo”
(Moore e Myerhoff, 1977: 5)

A comemoração do aniversário do IB é o eixo desta pesquisa. Um evento que propõe uma circunscrição de tempo e espaço a respeito da vida cotidiana dos atores sociais que envolve. Um evento que tem começo e final e certa previsão no acontecer, que condensa significações e produz efeitos. Um evento que, além disso, responde a uma causa específica: a celebração do aniversário número cinquenta dessa instituição dedicada ao ensino e à pesquisa em ciências físicas, engenharia nuclear e tecnologias.

O evento constitui, retomando os argumentos de Connerton em *How societies remember*, uma cerimônia comemorativa (1989). Para definir esse tipo de cerimônias, Connerton assinala alguns aspectos do ritual⁴². Por um lado, o autor afirma que os rituais não são eventos meramente expressivos porque estão formalizados. Em segundo lugar agrega, especificando o anterior, que também não são meramente formais porque estão carregados de significados. Finalmente, Connerton faz menção a uma característica fundamental dos rituais: que os efeitos não se reduzem apenas à ocasião do ritual mas que se vinculam com situações não rituais (1989).

A cerimônia comemorativa constitui, de acordo com o autor, um tipo específico de ritual. Um evento expressivo mas formalizado, que não reproduz mecanicamente

⁴² Connerton contrapõe, na discussão do ritual, diferentes perspectivas. Por um lado fala da posição psicanalítica que considera que o ritual é uma representação simbólica do inconsciente. Por outro lado menciona a posição sociológica, que define o ritual como uma forma de representação orientada à manutenção do equilíbrio social. Finalmente, explicita a posição histórica na qual o sentido dos rituais tem a ver com o contexto histórico e não unicamente com a estrutura interna advertindo sobre a sua função ideológica. A partir dessa discussão propõe duas abordagens analíticas para as cerimônias comemorativas: observar as características que compartilham com outros rituais e observar as características específicas das cerimônias comemorativas.

aspectos da vida social mas é articulador de sentidos e de efeitos. Sentidos e efeitos que, além do mais, põem especial ênfase na questão da continuidade. Em poucas palavras, a cerimônia comemorativa é um tipo de ritual que tem como propósito fazer possível a representação e transferência de uma memória que se afirma e se projeta comum ao coletivo social que a envolve.

Esse será o ponto de partida conceitual a respeito do evento. Porém, antes de começar a descrição, é necessário fazer dois esclarecimentos relacionados com essa opção. O primeiro desses esclarecimentos é que não defino como objetivo questionar a ontologia do ritual - o que é e o que não é ritual, quais são as fronteiras da definição - nem a própria definição de cerimônia comemorativa. O debate, sobretudo em relação ao ritual, é extenso e as referências a alguns aspectos dele nestas páginas serão unicamente em função de esclarecer certos aspectos da minha análise.

O segundo esclarecimento refere-se a uma das propostas teóricas metodológicas que antecipei. Trata-se da perspectiva da performance. Essa perspectiva, herdeira dos estudos antropológicos do ritual e da análise teatral, também inclui uma discussão ontológica. No entanto, me afasto dessa discussão e a aplico a partir da utilidade mais operativa: a aproximação do evento que essa perspectiva possibilita. Considero que, em sua aplicação, a perspectiva da performance permite priorizar, justamente, os aspectos teóricos e metodológicos sobre as discussões de caráter ontológico. E que, conseqüentemente, constitui uma ferramenta de grande valor heurístico. Uma ferramenta que evita se perder em debates históricos que poderiam deslocar o objeto a analisar daquilo que no evento se representa e atua, se comunica e compartilha, à própria caracterização, definição ou justificativa da comemoração.

Descrição etnográfica da comemoração

A comemoração do cinquentenário do IB teve dia e lugar, começo e fechamento anunciados em horários e modalidades, disposições preestabelecidas de movimento e participantes convidados. Foi planejada na sua temporalidade, lugares, atividades e protagonistas. As práticas que a configuraram, delimitadas e organizadas previamente, sucederam-se permitindo, porém, flexibilidade de ação em algumas instâncias.

A formalização do evento - estilização, ordenamento ou codificação como foi chamada em outros trabalhos que abordaram eventos similares em instituições dedicadas à ciência e à tecnologia nuclear (Hetch, 1997, Pestre, 1999)⁴³ - não correspondeu unicamente a uma projeção prévia. Também foi central no decorrer. Isso se fez explícito nas diferentes instâncias do processo de pesquisa: durante o exercício de observação participante, na leitura e análise de outros registros (de áudio, de recursos visuais). A recorrente explicitação da formalização no evento faz que, como sugere Jack Goody, resulte possível aproveitá-la em termos da análise (1977). Ela nos deixa visualizar, a partir de sua articulação de tempo e espaço, aspectos centrais do evento. Fundamentalmente, aqueles aspectos que estão vinculados com as diferentes práticas e relações que envolveram aos presentes, as restrições e possibilidades de dramatização e com os significados e valores que se colocaram em jogo. Introduzamo-nos na celebração descrevendo o acontecer de sua formalização e tentando distinguir, nesse acontecer, esses aspectos centrais⁴⁴ - práticas, relações, sentidos, valores - que o fizeram único.

1.

A mais explícita e significativa marca da formalização foi a divisão da comemoração em duas partes. Primeiro, o *ato central* efetuado aquela manhã no cinema Arrayanes localizado no centro da cidade. Foi um ato de livre acesso cuja realização foi difundida via internet, rádio, jornais locais ou nacionais e televisão. Posteriormente, o *ágape* que se desenvolveu ao meio-dia e no início da tarde no ginásio do CAB-IB, um almoço com acesso restrito que foi promovido por canais internos ou por intercâmbios interpessoais (boca-a-boca, chamadas telefônicas, e-mails). Essa divisão programada e

⁴³ Essas categorias de análise vêm dos estudos etnográficos sobre ritual. E se incorporam, também, nas aplicações que discutem a pertinência dessa abordagem nos campos que vão além da sua configuração clássica - o primitivo, o religioso - (Leach, 2000 Tambiah, 1968, Turner, 1969, Moore e Myerhoff, 1977, Goody, 1977, Myerhoff, 1980). Esse é o caso da historiadora da ciência Gabrielle Hecht, que caracteriza como altamente estilizados e ordenados alguns eventos que protagonizam trabalhadores de uma usina nuclear na França (1997) e de Dominique Pestre, historiador da ciência também, que se introduz na análise de cerimônias no Centro Europeu de Pesquisas Nucleares CERN (1998).

⁴⁴ Connerton identifica como obstáculo nos estudos das cerimônias comemorativas a tendência a fixar a atenção no conteúdo mais do que na forma. O autor propõe deixar de colocar o eixo unicamente no conteúdo das cerimônias e deslocar o olhar para a forma. Isso implica considerar os aspectos performativos e formais da linguagem verbal, gestual e postural. O fato de orientar a descrição do cinquentenário do IB sob a formalização do evento, e tentar extrair dela significações e efeitos, contribui nessa linha.

experimentada da comemoração habilitou, por um lado, diferentes experiências ao longo do evento em função das propostas, usos e possibilidades espaciais de cada âmbito eleito. E em função, também, da própria vivência de movimento entre um âmbito e o outro. Por outro lado deu lugar à articulação de relações e sentidos a respeito de experiências de coletivo social.

Os lugares onde se realizaram as distintas partes do evento foram objeto de discussão até os dias prévios da realização. A intenção inicial da direção do IB era efetuar o ato dentro do campus, no salão de atos da instituição. Um salão localizado num dos prédios mais antigos, que possui uns 150 assentos dispostos em fileiras e que cotidianamente se utiliza para conferências, seminários e outras atividades acadêmicas ou não (colações de grau, projeção de filmes, etc.). Mas poucos dias antes desse primeiro de agosto se optou por fazer o ato numa sala de maior tamanho⁴⁵.

Também não foi o ginásio o lugar originalmente escolhido para uma *reunião de meio dia* de características mais íntimas entre *muitos dos que compartilhamos nesses primeiros anos, profissionais e não profissionais, junto com ex-diretores de ambas instituições, CAB-IB*. Essa primeira reunião, até umas semanas antes do evento planejada para o almoço do 2 de agosto num prédio que a instituição possui em frente ao lago Nahuel Huapi, confluíu por decisão dos organizadores - alguns dos primeiros graduados - no *ágape* programado pelas *autoridades* do CAB-IB. *Ágape* onde participaria, também, o *peçoal de ambas instituições e autoridades visitantes*⁴⁶.

Essas divergências entre opções de lugares mostram que, independentemente do local do evento - o salão de atos do CAB-IB ou o cinema, o prédio frente ao lago ou o ginásio para o almoço - era proposta desde o início incluir uma divisão dele em partes de diferente configuração tanto espacial quanto humana. E mostra que, nessa divisão, era importante a disposição, a possibilidade de apropriação e uso do espaço e as experiências que essa apropriação e uso habilitassem. Com base nessa proposta, o desenvolvimento do *ato central* e o *ágape* correspondeu a com dois tipos de disposições espaciais. Uma sala

⁴⁵ Numa primeira leitura, esta mudança de planos tinha a ver com um problema de dimensão: o salão de atos era pequeno demais para a quantidade de pessoas que se esperava. No entanto, soube de discussões entre autoridades das instituições em torno dessa decisão que, além da dimensão do salão de atos e do número de pessoas a participar nele, concentravam-se com a projeção da celebração por fora do marco do CAB-IB ou com a sua redução ao coletivo interno.

⁴⁶ E-mail informando o festejo de circulação entre os convidados ao *ágape*.

com percursos fixos, setores privilegiados em termos de visualização e oratória, localizações estáveis, no primeiro caso. Um salão com flexibilidade e opção de movimentos e sem setores que indicassem, em princípio, algum tipo de diferenciação visual ou hierarquização para a exposição discursiva, no segundo.

Esses espaços fizeram possível, como veremos nas páginas seguintes, diferentes vinculações entre aqueles que foram parte da cerimônia comemorativa. Diferentes vinculações, por uma parte, a respeito da versão do passado ou tradição e a respeito dos sentidos de pertença ou comunidade que nela se representaram e comunicaram. E deram lugar, por outra parte, a experiências de emoção e à explicitação de consensos em relação a projetos e projeções de ciência e tecnologia unidos a reflexões sobre o país.

2.

A comemoração foi planejada para acontecer numa jornada em particular: o primeiro de agosto de 2005, cinquenta anos depois da primeira aula na instituição.

... hubo quien se encargó que ese primero de agosto fuera lunes de modo que no hubiera desperdicio la primera semana de clases. Como ustedes pueden ver esa capacidad de previsión se ha mantenido hasta ahora y esta semana de celebraciones empieza también un lunes

Assim nos situava um graduado das primeiras turmas, pesquisador do CAB, docente do IB e co-autor junto a Norma Badino⁴⁷ de uma biografia de José A. Balseiro - na última exposição pronunciada no *ato central*⁴⁸. E estabelecia, com humor, um vínculo entre esse primeiro de agosto fundacional e o presente do evento. Entre outras coisas, através de um dos valores que se reconhece como atributo do passado mas em continuidade na instituição: a capacidade de previsão.

A data da comemoração, em relação com o início publicamente reconhecido da instituição e com antecedentes de celebração, foi estabelecida muito antes que se decidissem as modalidades do evento. Figurava no calendário de celebrações planificadas

⁴⁷ Norma Badino foi, durante muitos anos, a bibliotecária do instituto.

⁴⁸ No caso das exposições da cerimônia, devido a sua pública condição, vou indicar algumas informações dos oradores que acho significativas mesmo que elas possam levar a identificá-los.

no ano do cinquentenário. Tinha sido decretada de interesse público em várias instâncias legislativas e divulgada na mídia regional e nacional nos meses que a precederam. Foi também declarada feriado para o pessoal do CAB-IB (docentes, não docentes, estudantes e pesquisadores) para que participassem nas atividades programadas. Tratou-se de uma data que, reiterando uma marca prévia, era de conhecimento comum. Uma data que, além disso, indicava na projeção uma ruptura com o cotidiano do trabalho de cada dia.

O início formal da comemoração quase coincidiu com o início da jornada de trabalho⁴⁹. Uma referência à rotina diária para um dia sem aulas, práticas de laboratório, biblioteca nem atividades administrativas, para o desenvolvimento de uma jornada distinta. As autoridades do CAB e do IB decidiram que os ônibus da CNEA, que diariamente levam parte do pessoal da cidade ao campus, realizassem o percurso inverso. Ou seja, levaram o pessoal do campus ao cinema Arrayanes facilitando conseqüentemente sua participação no ato. Os caminhos que se compartilham periodicamente no transporte habitual realizados de modo não ordinário se sucederam: do campus ao cinema - ou da casa nessa direção - ao campus novamente a meio-dia para o *ágape*⁵⁰. O trajeto de sempre em tempos e direções diferentes colocou os participantes de cada uma das partes fora da rotina. Movimentos ordinários em disposições não usuais, como propõem Moore e Myerhoff na introdução de *Secular Ritual* (1977), que afirmaram uma experiência de excepcionalidade.

Conquanto a declaração do feriado e a proposta de atividades distintas das cotidianas deram pé a essa experiência de excepcionalidade, a eleição do cinema Arrayanes para o acontecer do *ato central* contribuiu a potencializar o efeito. O cinema abriu as portas de vidro decoradas naquela manhã com cartazes com o logotipo do IB especialmente desenhados para a ocasião. Cartazes de tamanho e forma equivalente àqueles que anunciam normalmente os filmes em exibição na sala e que, colocados em igual disposição, pareciam apresentar o evento como se fosse parte da programação a projetar. Apesar de, já no desenho, informarem claramente a sua especificidade.

⁴⁹ No IB, como em outras instituições dedicadas à docência e à pesquisa, nem todos têm um horário de chegada ou de saída ao trabalho. Em geral, os funcionários trabalham com um horário estável enquanto docentes, pesquisadores e estudantes realizam as atividades com uma maior flexibilidade de horários.

⁵⁰ Nem todas as pessoas utilizaram o transporte oferecido pela CNEA. No entanto, muitas das pessoas que chegaram ao ato de carro também realizaram percurso inverso já que muitos moram nos bairros que circundam o CAB-IB ou dentro do próprio campus.

3.

Poucos minutos depois das 8:30 os participantes começaram a chegar. Alguns chegaram do campus nesse trajeto inverso ao cotidiano. Outros vinham das residências, os hotéis onde estavam alojados ou diretamente do aeroporto. Devagar, se aproximaram do acesso do cinema encontrando colegas, conhecidos e amigos no caminho. Os recém-chegados atravessavam um hall de acesso decorado com cartazes iguais àqueles das portas. Perto da entrada da sala recebiam uma folha com um texto que transcrevia as palavras que José A. Balseiro pronunciou na ocasião da primeira colação de grau na instituição. Recebiam o texto como se fosse uma lembrança do festejo, um souvenir. Finalmente, ingressavam na sala quase na penumbra minutos antes da exibição.

A sala tinha escassa iluminação. Os participantes ocuparam completamente as primeiras 15 filas e de modo mais espaçado aquelas que se afastavam do cenário. Atrás do cenário havia uma grande tela cuja visualização interrompiam, parcialmente, a mesa e um atril a cada lado, a bandeira de cerimônia e as insígnias da CNEA e da Universidade de Cuyo - única cenografia -. Nela, a penumbra destacava uma projeção fragmentada de fotos de pessoas, máquinas e do campus nas épocas anteriores da instituição.

Só duas luzes focais alteravam levemente a homogeneidade da escassa iluminação geral da sala. Estas luzes estavam no extremo dos corredores de acesso e iluminavam dois cartazes pendurados das paredes. Neles podia-se ver o rosto de Balseiro sentado numa escrivaninha com a biblioteca as fundo. O rosto sério acompanhado por uma frase de Bernard Shaw que falava sobre questões de homens, mundos e sonhos possíveis.

A distribuição espacial: uma classificação dos participantes do evento

Essa jornada de excepcionalidade teve também momentos onde a agência era não apenas reflexão mas também critério de orientação. Esses momentos foram, respeitando a lógica temporal desta apresentação, o acesso à sala e a disposição dos participantes nela como acabo de descrever.



Ônibus do CAB-IB na porta do cinema Arrayanes (Arquivo Pessoal)



Um canto do cinema Arrayanes com os cartazes do instituto (Arquivo Pessoal)



Texto do discurso do Balseiro na primeira colação de grau



Cartaz com a foto do Balseiro pendurado na sala do cinema (Arquivo Pessoal)



Bandeira argentina e símbolo da CNEA no palco do *ato central* (Arquivo Pessoal)



Palco do *ato central* (Arquivo Pessoal)

As indicações de localização dos participantes na sala não foram precisas nem determinantes. Havia uma mesa no hall do cinema com algumas pessoas para orientar àqueles que ingressavam mas que, na prática, nem informavam a todos nem davam indicações exatas. Em termos gerais se pedia aos que subiriam ao palco em algum momento do ato que se acomodassem nas primeiras filas. E ao pessoal mais antigo se sugeria a parte baixa da sala⁵¹. Porém, a grande maioria ingressava sem indicação nenhuma. Não havia cadeiras nem setores reservados com antecipação nem impedimentos físicos que restringissem ou condicionassem o passo daqueles que entravam na sala.

Uma vez na sala, os participantes se orientavam pelas indicações de localização recebidas - aqueles que as tinham recebido - ou se acomodavam espontaneamente. Porém, em ambos os casos, guiavam-se também pela presença dos colegas, amigos ou familiares que distinguiam já localizados no recinto. A gente se olhava, se reconhecia, se aproximava, guardava os assentos próximos para cedê-los a conhecidos ocupando-os provisoriamente com câmeras e bolsas. Essa modalidade de acesso implicou, assim, uma flexibilidade programada - não teria sido muito difícil incluir uma distribuição de localizações na organização - uma espontaneidade permitida em tempo, lugar e forma.

A disposição diferencial sugerida que afetou só um setor dos participantes resultou numa significativa distribuição etária do espaço. Os mais jovens e aqueles de idades intermediárias se localizaram na parte alta da sala. Os mais velhos, por sua parte, ocuparam o setor inferior. Finalmente, algumas autoridades previamente designadas se acomodaram no cenário: o então diretor e vice-diretor do IB, o então gerente do CAB, a reitora da Universidade Nacional de Cuyo e o presidente da CNEA.

Quando a sala estava parcialmente completa e os participantes do auditório distribuídos, uma mudança na iluminação marcou o começo programado desta primeira parte do evento⁵². Na realidade, sob o ponto de vista da reconstrução analítica, o evento tinha já começado. Por um lado, tinha começado partir do atípico percurso dos

⁵¹ Ingressei ao ato com uma colega antropóloga e os pais dela, pessoal de longa trajetória na instituição. No acesso à sala, a pessoa que estava distribuindo as folhas com o discurso de Balseiro chamou-os por seus nomes e indicou que se dirigissem à parte baixa da platéia. Minha colega e eu estávamos alguns passos atrás e, sem qualquer indicação e ou restrição, seguimos e nos acomodamos junto a eles.

⁵² O cinema Arrayanes é uma dessas salas antigas e amplas que na maioria das cidades foram divididas em várias salas de projeção ou transformadas em igrejas evangélicas. É a sala mais ampla de Bariloche, para aproximadamente 700 pessoas, e essa manhã sua ocupação aproximava-se da metade de sua capacidade.

quilômetros que separam o campus do centro da cidade. Por outro lado, teve início na disposição de movimentos e imagens que não pertencem à esfera do trabalho - uma manhã no cinema, a disposição palco/auditório, a projeção de imagens. Movimentos e recursos visuais que aconteceram antes que a mudança de luz anunciasse o começo formal do ato ressaltando a condição extraordinária. Esse é o começo que a análise reconhece: aquele que situa os participantes fora da cotidianidade. No entanto, a formalização prevista assinalava o início do ato a partir da ascensão das autoridades ao palco, ascensão acompanhada por uma iluminação dirigida para a mesa onde elas se localizaram e para o atril que usaria para efetuar as intervenções. Como num espetáculo, a escuridão, a concentração da atenção no cenário e o silêncio na sala marcou a abertura formal da execução.

Estamos en el acto central en la conmemoración del quincuagésimo aniversario del Instituto Balseiro en nuestra ciudad de San Carlos de Bariloche. Hoy, primero de agosto del 2005, conmemoramos ese primer acto académico ocurrido hace exactamente 50 años cuando empezaba la primera clase del Instituto Balseiro.

Em poucos segundos a apresentadora do ato tinha situado aos presentes em momento e lugar, tinha-nos situado em conjunto. *Estamos, conmemoramos*, afirmou utilizando essa primeira pessoa do presente plural que opera na congregação de coletivo social. Mas não só nos congregou. Também nos conectou com a data, a marca significativa que é motivo do encontro⁵³. Em seguida, nos descreveu. Em alguns casos, foi a partir de uma precisa individualização em função do nome próprio e do cargo. Em outros casos, sobre a base de categorias classificatórias: autoridades, pessoal, concidadão entre outras.

El convenio suscrito unos meses antes entre la Comisión Nacional y la Universidad Nacional de Cuyo había permitido su creación. El apoyo sostenido y permanente de esas dos instituciones a lo largo de toda su existencia, inclusive en los momentos más difíciles es una de

⁵³ A reiteração da data e a relevância deixa ver de que constitui uma marca significativa na instituição (Geertz, 1990 [1973]). Uma marca significativa que, preexistente, condensa significações que têm atualidade e pertinência no evento mas se referem, também, ao contexto maior do qual é parte.

las claves del éxito alcanzado a lo largo de este medio siglo de trabajos y esfuerzos ininterrumpidos en la excelencia que fue inspirada desde sus inicios por el Doctor José Antonio Balseiro. (). Presiden esta ceremonia el señor presidente de la Comisión Nacional de Energía Atómica Doctor José Pablo Abriata, la señora reitora de la Universidad Nacional de Cuyo Dra. María Victoria Gómez de Erice, el señor gerente del Centro Atómico Bariloche Doctor José Rolando Granada, el señor director del Instituto Balseiro Doctor Raúl Oscar Barachina Tejada, el señor vicedirector del Instituto Balseiro Doctor Roberto Mayer y el señor vicedirector del Instituto Balseiro área ciencias Doctor Armando Fernandez Guillermet. Nos honra la presencia de la señora Maria de las Mercedes Covadonga Cueto de Balseiro junto a sus hijos y familia, autoridades nacionales provinciales y municipales autoridades eclesiásticas y militares, autoridades de la Comisión Nacional de Energía Atómica de la Universidad Nacional de Cuyo y de otras universidades de nuestro país, docentes y alumnos del Instituto Balseiro y también de otras casas de estudio de nuestra ciudad, personal de Centro Atómico Bariloche y del Instituto Balseiro, docentes y alumnos de la Universidad Nacional de Cuyo, representantes de instituciones de juntas vecinales y de Organizaciones No Gubernamentales, amigos y conciudadanos de San Carlos de Bariloche a quienes les agradecemos su presencia para compartir este acto en el que festejamos los primeros 50 años de vida de nuestro querido Instituto Balseiro

Os participantes do ato ficaram (ficamos) descritos nesta intervenção. Primeiro, as autoridades que presidiriam o ato, aquelas nas quais concentramos o olhar pela localização diferencial sobre o cenário iluminado. Depois a família de José A. Balseiro, viúva e filhos, na reiteração dessa ponte entre passado e presente que se concentrou, como veremos detalhadamente, na sua figura. Essa ponte que a própria presença da família no evento simboliza. Seguiram mais autoridades sem relação tão direta com a instituição, o pessoal do CAB-IB e finalmente representantes de instituições locais, amigos e gente de Bariloche.

A intervenção inicial da apresentadora explicitou um coletivo social congregado em momento e lugar mas diferenciado, ao mesmo tempo, em função de relações com a instituição, de seus ordenamentos internos e critérios de pertença. Desse modo antecipou, já desde o começo, um dos mecanismos que se repetiria na comemoração: a afirmação de um coletivo social no festejo que implica, também, diferenciações no interior.

Expositores que mudam e temáticas que se reiteram: a oratória como modo de comunicação

Depois do canto do hino nacional começou uma sucessão de movimentos preestabelecidos que se repetiam envolvendo de modo diferente os participantes: aqueles do cenário, os que ocupavam as primeiras filas da sala, a apresentadora e o resto do auditório. Uma sucessão que se desenvolveu com a projeção fixa da insígnia do IB na grande tela que cobria a parede do fundo. A apresentadora foi anunciando, um por um, a aqueles que ocupavam a mesa instalada sobre o palco. Depois de terem sido anunciados, eles se transladavam do assento até o atril do extremo direito que, simétrico àquele da apresentadora, tinha sido designado para a apresentação das exposições que se sucederam no *ato central*.

As exposições do ato foram realizadas por determinados participantes do evento e programadas na apresentação. Ex-diretor do IB, ex-gerente do CAB, presidente da CNEA, reitora da Universidade Nacional de Cuyo e um graduado das primeiras turmas foi a ordem estabelecida⁵⁴. Cada intervenção, escrita com antecipação e comentada, outras vezes diretamente lidas, outras em parte improvisadas, teve similar duração: aproximadamente uns 10 minutos. A referência a certos acontecimentos - agentes, fins, meios, interações, circunstâncias, etc - e emoções nelas foi recorrente. Uma recorrência reforçada, de algum modo, pelo maior nível de standardização a respeito das formas de comunicação cotidianas, o código restringido e o espectro limitado de estilo que a própria oratória, modo de comunicação que orientou esta parte do evento, supõe (Visacovsky, 2002)⁵⁵.

Com exceção da exposição pronunciada pela reitora da Universidade Nacional de Cuyo⁵⁶, todas as intervenções começaram cumprimentando as pessoas presentes:

⁵⁴ Com exceção da reitora da Universidade Nacional de Cuyo, todos são graduados da física do IB.

⁵⁵ Visacovsky explicita como a dinâmica da oratória habilita a reiteração de conteúdos e formas no marco das jornadas comemorativas do serviço psiquiátrico do Hospital Lanús (2002).

⁵⁶ “Entiendo que este acto en primer lugar es una ocasión oportuna para que las instituciones a las que representamos que hicieron este proyecto del Instituto Balseiro, es decir la Comisión Nacional de Energía Atómica y la Universidad Nacional de Cuyo ratifiquemos este compromiso, es decir ratifiquemos en este acto la intención de seguir potenciando, cada uno desde lo que le compete, el crecimiento de este hijo que tenemos en común” foram as palavras da reitora. Essas palavras introduziram uma exposição não lida que enfatizou uma posição de continuação com o vínculo da universidade que preside com o IB entre rumores a

primeiro os que dividiam o palco, nomeados em alguns casos por cargo, função e instituição da qual faz em parte, depois as outras autoridades e finalmente o resto dos presentes: alunos, docentes, pessoal e amigos do IB-CAB, representantes professores e estudantes dos diferentes centros educativos e de ciência e tecnologia do país e da cidade, vizinhos de Bariloche, senhoras e senhores. Apenas dois nomes próprios apareceram nas exposições, além de José A. Balseiro: Covita Balseiro e Doutor Maiztegui. O primeiro apelido da viúva de Balseiro, cuja presença tinha sido anunciada com o nome completo pela apresentadora na intervenção inicial. O segundo, título acadêmico e sobrenome de quem fora um dos primeiros professores convocados para trabalhar na instituição.

A esta introdução de categorias de pessoas e instituições seguia a explicitação das razões que justificavam o encontro. *...festejamos a existência do instituto e reconhecemos sua importância tanto no âmbito educativo nacional quanto na constituição da estrutura científico-tecnológica em nosso país* tinha falado o presidente da CNEA na intervenção. E tinha associado essa existência e celebração a uma origem ligada a condições históricas adversas - como a *revolución libertadora* - ou a um projeto científico interrompido, como o Projeto Huemul.

Depois, os oradores citaram uma série de exemplos que, sob os respectivos pontos de vista, explicitavam os objetivos cumpridos e as contribuições realizadas pela instituição no setor científico-tecnológico. *Abrir os primeiros caminhos () e gerar um conjunto de capacidades científicas, técnicas e acadêmicas integradas a um leque de competências, percorrer um caminho carregado com uma série de satisfações, sucessos, reconhecimentos nacionais e internacionais* são alguns deles. Exemplos que narram razões, responsabilidades e sucessos. Exemplos que, além disso, situam o presente institucional como consequência direta desse passado, desses caminhos abertos e percorridos dos quais a instituição se reconhece precursora e resultado ao mesmo tempo.

A atualização no ato destas referências a outros tempos, processos, ações e protagonistas que assinalam começos, caminhos, méritos e vantagens, operou numa particularização que se define qualidade essencial da instituição. As diferentes

respeito de uma possível desvinculação. Uma exposição que foi diferente das restantes porque a reivindicação não estava apenas na legitimação das instituições mas também na do próprio vínculo.

exposições deixaram ver como os responsáveis - e em grande parte os integrantes - afirmam que se trata de um exemplar único, uma *mosca branca*, como me falaram num diálogo de campo. Um exemplar único cuja existência, nessa condição, deve-se festejar nesta jornada.

O final dos discursos, sempre antecipado pelo orador a partir da entonação (mudança na velocidade da exposição, ênfase em determinadas palavras) de indicadores conclusivos (assim, então) ou do próprio conteúdo temático (projeções do futuro, normas etc.), foi seguido de aplausos. Aplausos que se sucederam de modo homogêneo, constantes em intensidade e de similar duração independentemente da intervenção e do orador.

As homenagens ou a experiência da tradição

A oratória, dominante como modo de comunicação, não foi a única dinâmica que orientou os movimentos e a participação no ato. Nesse sentido, a tarefa da apresentadora não se reduziu a anunciar o início, a incorporar os protagonistas e a apresentar os oradores. Nos minutos entre intervenção e intervenção houveram duas responsabilidades centrais: a leitura de cartas enviadas por não assistentes - uma forma de inclusão de ausentes no evento (Bauman, 1992) - e a convocação de ex-diretores, estudantes e professores da instituição e da viúva de Balseiro a subir ao palco para receber um presente⁵⁷. Através dessa distinção - no duplo sentido de homenagem e de individualização - se festejavam indivíduos e/ ou trajetórias pessoais. Mas, fundamentalmente, faziam-se explícitos os vínculos entre eles e as trajetórias, com a origem e o decorrer da instituição. Sintetizava-se neles a distância entre antes e o presente.

Os homenageados deram corpo também, no marco da comemoração, a essa tradição cujo protagonismo a constitui em objeto de análise deste trabalho. Eles se tornaram referência dessa versão do passado tão seletiva como consensuada em base à qual a instituição - e o coletivo social com o qual se confunde - parece justificar os

⁵⁷ O presente foi a insígnia do cinquentenário incrustado numa madeira de lenga patagônica.

significados e valores da existência presente. Essa versão do passado da qual se apropria, além disso, para estabelecer o planejamento da orientação futura.

Igualmente cada orador, os homenageados, homens e mulheres que tinham transitado parte das vidas em estreita relação com o CAB-IB, que participaram do início, ou de algum período específico, moveram-se como estabelecido: foram nomeados na categoria correspondente - ex-diretores, primeiros professores e primeiros estudantes - levantaram-se dos assentos, subiram pelo extremo esquerdo, cumprimentaram a apresentadora e as autoridades, receberam o presente e se transladaram, acompanhados por aplausos quase contínuos, ao outro extremo do palco onde ficaram de pé por uns minutos. Ali foram visualizados pelo resto e registrados em fotografias até que se anunciou a descida do conjunto final do palco à platéia.

A presença assinalada e a individualização na homenagem desses participantes, e a repetição de argumentos nas diferentes exposições que se sucederam, contribuíram então numa mesma direção: reforçar no presente do evento a legitimidade dessa versão do passado articulada como narrativa de tradição. Cada um dos homenageados no ato foi assinalado como parte desse passado que começava com a origem e os primeiros passos de instituto. Com esses primeiros anos cujas características e valores se fizeram presentes através da experiência desta individualização no evento

El primer día de clase - disse a apresentadora - el Instituto de Física de Bariloche estaba comenzando su historia. Los contó entusiastas y decididos a superar un gran desafío. El Instituto Balseiro quiere reconocer en esos primeros alumnos, a todos los que los siguieron () Invitamos a sumarse a este grupo a los restantes integrantes de la primera promoción de licenciados en física que hoy están presentes.

A homenagem aos primeiros, estudantes, professores e aos diretores, os únicos - junto à viúva do *fundador* - designados para serem distinguidos entre os participantes contribuiu assim à afirmação desta versão do passado sob uma perspectiva que estabelece continuidade. Como veremos em profundidade no capítulo próximo, a própria tradição, incorporada em cada um deles, foi na realidade a destinatária simbólica da homenagem. Uma homenagem que a fez vivência coletiva, experiência auditiva, visual e emocional e que apoiou atualidade e permanência.

Um fechamento parcial como transição

Hora e meia após do começo do *ato central*, depois das cinco exposições, das intervenções da apresentadora, da leitura das mensagens recebidas e da realização das homenagens se anunciou a finalização.

De esta manera damos por concluida esta primera parte de la conmemoración. A continuación tendremos un breve cuarto intermedio para continuar después con una mesa redonda sobre el desafío de conjugar ciencia y educación para la innovación tecnológica. Para el personal que debe trasladarse hasta el Centro Atómico Bariloche dentro de unos minutos partirán colectivos con ese destino. Y al finalizar la mesa redonda también habrá un servicio de colectivos con destino al lugar del almuerzo de camaradería. Muchas gracias a todos... falou a apresentadora.

O fechamento dessa parte do evento foi seguido de aplausos, as luzes se acenderam e os movimentos no palco e no auditório começaram. Um fechamento que sugeriu o início de um paulatino esvaziamento da sala. Os integrantes da mesa se puseram de pé, conversaram entre eles e foram descendo do cenário. O resto dos participantes foi deixando os assentos, agrupando-se nos corredores e no hall central. Encontrando-se, cumprimentando-se, dialogando. Um primeiro final previsto em tempo e modo para a instância de mais evidente regularização no marco do evento. Uma culminação que habilitou a passagem a outro momento de maior flexibilidade e na qual a espontaneidade foi critério geral da projeção e do acontecer mesmo.

O fechamento do *ato* supôs o aviso de uma série de possibilidades na continuação da comemoração. Um evento que, enquanto para alguns terminava ali, para outros se prolongava com diferentes opções. A apresentadora anunciou um *quarto intermédio*, uma transição que permitia a permanência na sala do cinema para assistir à mesa-redonda *O desafio de conjugar ciência e educação para a inovação tecnológica*.

Após esse *quarto intermédio* havia duas opções. A primeira opção era regressar à sala para participar da mesa-redonda. Uma mesa redonda que foi a abertura das jornadas sobre educação em ciência e tecnologia organizadas pela Universidade Nacional de

Cuyo que se desenvolveriam a semana toda no campus do CAB-IB. Essa atividade, de pouco mais de uma hora de duração, teve um lugar marginal no evento.



Cozinhando o *curanto* (Arquivo Pessoal)



Um canto da ágape com os músicos no fundo (Arquivo Pessoal)

A assistência se reduziu consideravelmente e a participação, além das exposições dos 4 palestrantes - um deles substituto devido à falta do palestrante anunciado - foi escassa. A outra opção foi dedicar o tempo que restava para o começo da segunda parte do evento ao desenvolvimento de alguma outra atividade a critério do participante. Alguns decidiram, então, regressar ao campus e aguardar ali até o almoço. Outros ficaram no hall ou na calçada do cinema ou se transferiram para algum um café do centro para continuar conversando com algum colega ou amigo.

Mais cedo ou mais tarde, o fechamento do ato implicou um aviso de mudança de espaço, opções de transporte e a explicitação de uma redução de coletivo social. A redução configurada por aqueles que estavam convidados a compartilhar o *almoço de camaradagem* que tinha começado a ser preparado de manhã cedo fora do ginásio no campus. Uma redução integrada pelas autoridades convidadas e, principalmente, pela comunidade CAB-IB.

O ágape: outro momento da comemoração.

O *almoço de camaradagem* ou *ágape* teve, pelo menos em alguns aspectos, uma maior flexibilidade. Houve várias opções de tempos e modalidades para chegar ao lugar indicado e uma transição que implicou várias possibilidades mas nenhuma determinação. A espontaneidade foi permitida desde o anúncio do fechamento do ato até o almoço e apenas um percurso foi necessário: do centro da cidade ao campus da instituição.

A ausência de pautas sobre formas ou tempos foi característica do ingresso ao ginásio, como o tinha sido de algum modo o ingresso ao ato. Porém, havia um requisito que não tinha sido exigido no cinema: um ingresso. Um papelzinho que era reclamado na porta do ginásio e que permitia justamente participar do almoço. Esses ingressos tinham sido distribuídos entre o pessoal do IB e do CAB nos dias prévios ao festejo e durante essa manhã. A condição para recebê-la era ser, ou ter sido, membro da instituição e/ ou pertencer à categoria de *autoridades visitantes*. Ou ter, entre algum convidado, um padrinho por eleição como foi meu caso.

Gradualmente as pessoas que participaram dessa segunda parte entraram no grande salão atravessado por longas mesas postas para o almoço. Não eram exatamente

as mesmas pessoas que tinham participado do *ato central*. Muitas se repetiam, mas algumas se agregavam e outras faltavam. Tinha operado no conjunto maior um recorte do coletivo social, essa redução anunciada pela apresentadora na última intervenção e que cobrava materialidade justamente no requisito do ingresso. Um recorte que se ampliou na incorporação de outros participantes, fundamentalmente estudantes, pesquisadores e funcionários do CAB-IB que não tinham presenciado o ato da manhã. E que deixou fora aqueles que, por não ter um vínculo direto com a instituição nem ser autoridade, não tinham sido convidados.

Como no ato, as utilizações, características e disposições do espaço tinham sido alteradas e as opções e orientação de mobilização eram diferentes das cotidianas. Não se voltou às tarefas diárias nem o almoço foi como todos os dias. O destino do traslado foi um ginásio rodeado de carros estacionados sob uma suave nevada. E rodeado, também, pelo serviço contratado para preparar *curanto*, uma típica comida regional da patagônia chilena e argentina que consiste em distintos tipos de carnes e vegetais cozidas no calor das pedras. No interior, com a exceção de duas mesas redondas para uns 10 comensais, 5 ou 6 filas de mesas dispostas uma em continuação da outra para 60/80 pessoas cada uma atravessavam o salão. No extremo oposto à porta havia mais mesas de menor tamanho que, separadas por um pequeno espaço uma das outras, tinham sido colocadas em igual orientação.

Devagar e sem ordem nenhuma as mesas foram se povoando pela *comunidade atômica*⁵⁸, às vezes por famílias inclusive, dispostas a compartilhar o almoço. O clima que se percebia era de alegria, de sorrisos, de bom humor. Definitivamente o regresso ao campus não implicava uma reincorporação na rotina diária. Longe disso, a mudança espacial fazia possível a colocação em jogo de outro tipo de experiência de coletivo articulado em torno a uma proposta definida de comunidade.

⁵⁸ *Comunidade atômica* é uma das categorias nativas utilizada para fazer referência ao pessoal do CAB-IB em termos de coletivo social, na qual reparei no meu trabalho de campo.

A espacialização como pauta

A dinâmica de localização no *ágape* manteve, em termos gerais, os critérios que tinham orientado o ato. Uma vez entregue o ingresso na porta, as pessoas se distribuíam livremente pelas mesas, se acomodavam tendo em conta os colegas, família ou amigos que encontravam já instalados. Eles, por sua vez, reservavam lugares com lógica semelhante à adotada algumas horas antes na sala do cinema. Houve uma significativa exceção que, na sua normatividade, reproduz porém a distribuição espacial que essa manhã tinha resultado em grande parte de modo espontâneo. Essa exceção teve a ver com a indicação de lugares para alguns dos participantes do almoço num setor do ginásio.

En la sala del Gimnasio, se ha previsto reservar, al lado de la cabecera para las autoridades que nos visitan un espacio con 8 mesas para 6 u 8 comensales cada una, en la que esperamos se ubiquen las personas que se detallan en la lista que va al pie, y como adjunto, del presente (e-mail de circulação restrita)⁵⁹

A lista de participantes () selecionados com base no critério ‘histórico’ ou de ter colaborado muitos anos e ter conhecido e tratado pessoalmente com o Doctor Balseiro nos anos iniciais do Instituto de Física de Bariloche detalhava, nessa ordem, os nomes e categorias seguintes.

Primeiro, Senhora Covita Balseiro, Filhos e Netos e Dr. Alberto Maiztegui e Sra.

Depois os Ex-diretores do IB nomeados um a um e com a indicação de acompanhante tal e sra.

Finalmente, os ex-alunos, docentes e outros ‘históricos’ do Instituto de Física, nomeados e indicados os acompanhantes de igual modo.

Diferentemente do que aconteceu naquela manhã, a distribuição foi prevista, anunciada por escrito por correios eletrônicos que circularam entre alguns dos convidados ao evento - antigos membros do CAB-IB - e marcada com cartazes de *reservado* nas mesas. A flexibilidade encontrou ali um de seus limites, no fundo do grande salão, nessas mesas que tinham nome para serem utilizadas. Essas mesas que

⁵⁹ E-mail informando o festejo de circulação entre os convidados ao *ágape*.

tinham sido individualizadas junto àquela que ocuparam as autoridades de visita e que foram atribuídas aos ocupantes com antecipação. Atribuídas para aqueles que tinham sido participes do começo que assinalava o evento. Aqueles que, além disso, tinham acompanhado o decorrer que conectava esse começo com o presente da comemoração: os depositários da tradição da instituição e num critério de relação que priorizava, como veremos no capítulo 5, a referência de geração. Os protagonistas dessa particular versão do passado que o ato homenageou e que se materializou também no almoço na própria experiência de distribuição espacial.

A camaradagem na fixação da comunidade ao seio da comemoração

O desenvolvimento da segunda parte do evento careceu de uma coordenação formalizada dos acontecimentos ou intervenções como tinha tido a matutina, em parte devido ao trabalho da apresentadora. Não teve indicações exatas de início, ordenamentos para a continuidade ou critérios de conclusão mais do que aqueles do almoço como atividade e graças ao *curanto* como menu eleito⁶⁰. Também careceu de um mecanismo integrador da comunicação - como tinha sido a sucessão de discursos na oratória ou as intervenções programadas da apresentadora do ato - e de indicações ou marcas de silêncio. Desde o ingresso dos primeiros convidados até a partida dos últimos, o murmúrio foi constante. As vozes e as conversas se sobrepunham aos risos, os brindes e os gritos. Ouviam-se aplausos imprevistos e parciais, sem razões evidentes à observação. Nem mesmo durante os 20 minutos do show - um guitarrista localizado num canto próximo à porta que poucos ouviram - as vozes e os ruídos cessaram ou diminuíram sua intensidade.

A comunicação verbal em diferentes tons e modalidades de voz e a não verbal (gestos, sons diversos, movimentos) entre os participantes e os movimentos espontâneos, foram constantes na última parte do evento. Improvisados, carentes de pautas e marcas estabelecidas, diálogos e movimentos aconteceram sem restrições nem maiores

⁶⁰ O *curanto* teve certo ordenamento e conclusão. A comida foi sendo trazida ao salão em etapas - as diferentes carnes, os vegetais, a sobremesa -, e foi distribuída nas diferentes mesas. A sucessão acompanhou esta parte do evento estabelecendo alguns tempos mas sem determinações quanto às práticas verbais e não verbais que foram simultâneas.

orientações daquelas dispostas pelas limitações do espaço - um salão de considerável tamanho mas lotado de pessoas, cadeiras e mesas que às vezes dificultavam o trânsito - e de tempo - um almoço tardio que se prolongou pela tarde.

As duas ou três horas que durou o almoço transcorreram sem alterações ou interrupções relacionadas às atividades centrais previstas: comer e conversar, articuladas numa experiência de camaradagem na qual intercâmbios lingüísticos informais e situações de encontro e reencontro foram os protagonistas. Havia vários percursos possíveis dentro do ginásio, entre as diferentes mesas, no contorno exterior delas, saindo do local. Percorrê-los dependia apenas da vontade ou da decisão pessoal. Isso simplificava a fluidez do encontro, do diálogo, da mobilidade e habilitava o caráter mais íntimo, essa atmosfera familiar no marco do reconhecimento e a experiência de um coletivo que operava também afetivamente compartilhado.

Na realidade esse coletivo vinculado a uma proposta de comunidade, embora no seio do conjunto maior, já tinha sido reduzido e delimitado durante a manhã a partir da distribuição das pessoas na sala do cinema (palco e platéia), das indicações de movimento durante o ato (homenagens, por exemplo) e de múltiplas referências a partir das intervenções discursivas.

A todos ustedes que se esfuerzan en el día a día, que son la razón de ser de todo esto, alumnos y docentes, técnicos y administrativos, investigadores y personal de apoyo. A sus familias. A todos quiero agradecerles desde lo más profundo de mi alma. A quienes ponen el hombro hoy y a quienes nos acompañaron en alguna etapa en estos primeros 50 años. Porque el instituto no son las aulas no son los laboratorios no son las oficinas. Ustedes son el Instituto Balseiro

Tinha dito, ao finalizar a intervenção o então diretor do instituto, explicitando essa congregação particular e, sobretudo, a relevância no marco da dinâmica do evento. Trata-se de um coletivo social descrito e anunciado cuja afirmação operou de modo indiferenciado apesar das individualizações, segmentações e hierarquias que se assinalaram em seu interior. Um coletivo que, segundo esse fragmento da exposição inaugural, confunde-se com a instituição. Que é, em si mesmo, o CAB-IB.

Esta redução do coletivo social que essa intervenção, entre outras, sugeriu e foi experimentada no evento a partir de situações que excederam as exposições. Foi experimentada nos encontros espontâneos e nas conversas nos corredores do cinema ou no hall de acesso, no movimento provocado pela mudança de lugares. Um traslado que foi dividido por determinados participantes apenas: os convidados ao almoço.

Porém, o almoço agregou um plus a essa experiência de coletivo social. Primeiramente porque esse recorte se posicionou como único protagonista. Com escassas exceções, todos os convidados eram parte dele, estavam incluídos no seio. Em segundo lugar porque esse protagonismo deu forma, em grande parte, às práticas que aconteceram a partir do meio-dia no ginásio do campus. Entre elas, a conversa íntima, o livre movimento, o encontro amistoso, a lógica de espontânea emoção e as manifestações de festejo que envolvia a cada um dos participantes habilitando sentidos de inclusão e pertença.

Com o correr da tarde e sem orientações verbais nem físicas os participantes começaram a deixar as mesas, a se despedir, a percorrer outras mesas para cumprimentar comensais, a conversar de pé, com o casaco na mão e quase prontos para partir. Ninguém anunciou um final, nem agradeceu pela participação. Não teve indicações a seguir, nem mudanças de luzes, de sons ou alterações na disposição espacial. Uma autonomia pessoal orientou a culminação gradual dessa segunda parte. Uma autonomia que derivou na finalização voluntária, sem pautas de tempos nem formas. Devagar o ginásio foi se esvaziando como se esvazia um lar depois de uma festa entre amigos ou familiares, porém sem um dono de casa único que acompanhe os convidados à porta e diga adeus.

Capítulo 4: Heróis, *pioneiros* e tradição: o passado presente na comemoração

”Todo homem e nação precisa um certo conhecimento do passado, já seja através de uma história monumental, do antiquário ou a crítica de acordo com o objeto, poder e necessidades.”
(Nietzsche, 1957 [1873]: 22)

Sobre usos de nomes e marcas de espaço: uma introdução

Antes de me concentrar na temática central do capítulo, a análise dos usos do passado na comemoração, vou fazer um breve parêntese. O objetivo é recuperar as contribuições que a geografia do campo, esse espaço que é paralelamente físico e social, outorga à discussão.

A geografia do CAB-IB chama a atenção do visitante. Chama a atenção, numa primeira instância, pelo enclave natural onde se situa, entre o lago Nahuel Huapi e as montanhas. Também atrai a própria disposição. O campus, complexo de prédios entre parques, alguns destinados às atividades e outros às residências do pessoal, se estende cuidado e verde. Há laboratórios bem equipados e uma biblioteca que conserva coleções de livros, publicações antigas e materiais recentes com um cuidado pouco comum nas instituições educativas públicas argentinas que tem atravessado, como vimos, uma crise de várias décadas.

Porém, o campus não chama a atenção apenas pela disposição, a paisagem e o cuidado especial que o distingue. Para o observador detalhista aparecem também outras características mais interessantes no percurso.

A primeira dessas características tem a ver com o uso dos nomes de pessoas para designar os diferentes âmbitos que integram a instituição. Nomes de pessoas que se materializam em cartazes indicadores e em placas penduradas nas paredes dos prédios. Nomes que se transformam em imagens, que se visibilizam. Entre eles o de Guido Beck, um dos primeiros professores, que está gravado em bronze e pendurado a poucos metros

do prédio de administração. Ou Leo Falicov, graduado da primeira turma, cujo nome foi depois o nome da biblioteca. E a lista continua. Jorge Agudín, um graduado da segunda turma que faleceu faz alguns anos, designa um sala de aula; Wolfgang Meckbach, um dos primeiros professores, o pavilhão de laboratórios de física experimental; Daniel Esparza, também graduado das primeiras turmas e antigo pesquisador do CAB, o edifício de ciências materiais; e Enrique Gaviola, um dos físicos argentinos mais prestigiosos da primeira metade do século XX, uma praça ao interior do campus⁶¹.

A esse grupo é preciso agregar o próprio nome de José A. Balseiro substituindo o anterior nome da instituição: Instituto de Física de Bariloche. Nome que lhe foi outorgado alguns meses depois da morte de Balseiro, em agosto de 1962, numa cerimônia que teve a presença do presidente de CNEA, da autoridade da Faculdade de Ciências da Universidade Nacional de Cuyo e de outras autoridades locais. Nome que, por sua vez, se materializa repetidamente, entre outros elementos, em cartazes indicadores de localização e direção e nos logotipos impressos em prendedores, adesivos e camisetas que habilitam a exposição e circulação.

Porém Balseiro, o *fundador*, como é denominado com freqüência, assume outras presenças simbólicas que as implicadas no fato de nomear a instituição. Ele se incorpora no espaço explicitando uma segunda característica que o percurso pelo campus destaca: a marcação espacial. Entre essas incorporações, os muros que rodeiam a placa de mármore decorada com uma cruz católica que cobre a sua tumba. Um monumento localizado num lugar central do campus, no jardim frontal à biblioteca a poucos metros das principais ruas de circulação interna, que pode ser visto por qualquer transeunte ao andar⁶².

Balseiro está presente, além disso, em fotos que apresentam grupos de pessoas em situações distintas (encontros acadêmicos, ambientes cotidianos de trabalho ou de lazer). Algumas dessas fotos decoram as paredes de espaços específicos ou de circulação dos prédios. Outras estão disponíveis na página web da instituição, o que facilita o acesso a elas, o que as faz públicas⁶³.

⁶¹ Todos eles falecidos.

⁶² Os restos mortais do *fundador* foram trasladados ao campus no dia que o instituto passou a ser chamado de Balseiro.

⁶³ Muitas dessas fotos foram colocadas no site desenhado com motivo do quinquagésimo aniversário do IB. Movendo o cursor sobre elas - provenientes de arquivos pessoais de alguns dos membros da instituição - aparecem círculos que indicam os nomes das pessoas fotografadas.

Os nomes gravados ou pintados, monumentos e imagens que se observam no percurso do campus CAB-IB são marcas significativas (Geertz, 1990), marcas que condensam e imprimem significação no espaço que o campus ocupa. Esses nomes, monumentos e imagens constituem uma marcação que explicita de que modo o espaço não é independente da relação com os atores sociais que o habitam, transitam e que incorporam nele diferenças culturais, memória histórica e os próprios critérios de organização social (Gupta e Ferguson, 1992)⁶⁴. Uma marcação que faz evidente, como propõem os autores, que não existe nenhuma relação intrínseca ou naturalmente preconcebida entre ambos senão que ela se constrói em torno dos complexos processos de apropriação no - e sobre - espaço.

No nosso caso o conjunto de materialidades simbólicas, seja em forma de monumento funerário, de placas com nomes gravados ou fotografias que retratam pessoas que se reconhecem parte importante na história da instituição - *os homens da história* como me falaram numa das entrevistas - fazem com que o espaço adquira condição de lugar (Gupta e Ferguson, 1992). Por isso estão ali, porque permitem incorporar no espaço, e através das significações condensadas neles, uma identidade distintiva em diálogo com o coletivo social que dele se apropria e que atribui usos específicos e sentidos de instalação e orientação nele (Grossberg, 2002). E em diálogo também com os processos que essa apropriação do espaço envolve.

Balseiro constitui então, junto com outros homens que formaram parte alguma vez da instituição, uma das marcas que dá significação social ao espaço, que o converte em lugar. Porém, ele excede essa particularidade que o liga ao espacial. Não é estranho, então, o protagonismo de Balseiro nos festejos do quinquagésimo aniversário da instituição. Aproveitemos, então, esse protagonismo na comemoração para desvendar alguns dos sentidos que a figura dele condensa. E aproveitemos para nos aproximar, a partir desses sentidos e conseqüências que tem a própria apropriação simbólica de sua figura no espaço e tempo do evento.

⁶⁴ Embora não coincida com os autores em culturizar as diferenças da incorporação humana no espaço - isso é associar a apropriação e significação do espaço necessariamente a razões de índole cultural - resgato essa proposta porque esclarece a problematização da relação. Para os autores, o espaço constitui uma dimensão a mais da análise dos coletivos sociais devido às práticas e significações que os coletivos imprimem nele mas também a que o próprio espaço mesmo é parte da sua configuração.



Cartão postal com a foto do Balseiro e a frase do Bernard Shaw

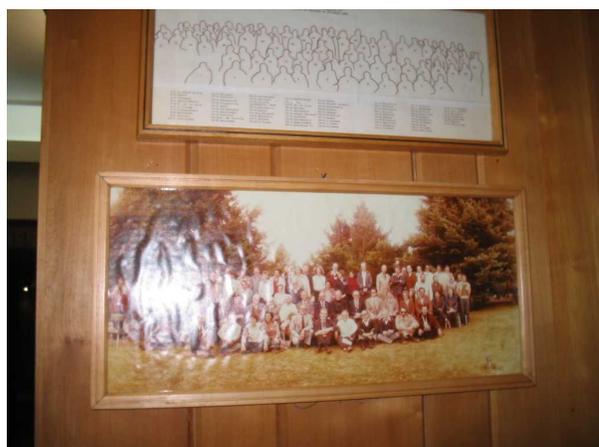


Foto pendurada no prédio da administração com detalhe dos fotografados (Arquivo Pessoal)



Tumba do Balseiro no campus do lado da biblioteca (Arquivo Pessoal)

Primeiros questionamentos

1.

A reconstrução etnográfica do evento elaborada no capítulo anterior permitiu caracterizar a distribuição espacial, a sinalização e o movimento dos atores sociais, os recursos visuais utilizados - fotos, insígnias, material gráfico - e a oratória como modo de comunicação predominante. Isto é, as práticas que se sucederam ou coexistiram programadas ou orientadas por um critério de espontaneidade. Práticas que puseram em evidência de que modo a comemoração do quinquagésimo aniversário resultou complexa no simbolismo e obedeceu a mais razões que as que explicitamente se sugeriam, como propõem Moore e Myerhoff a respeito dos eventos rituais (1977).

Essa primeira aproximação à comemoração implicou, por um lado, situá-la em tempo e espaço, mais precisamente, pensá-la em termos de começos, finais e transições, de continuidades e rupturas, de aberturas e restrições, de caminhos, disponibilidade física e indicações. Em segundo lugar, conduziu a uma identificação das relações que situaram os atores sociais, no evento, numa experiência de coletivo social. Relações que serão abordadas, em profundidade, no capítulo seguinte. Finalmente, a descrição se aproximou de uma série de significações que se referem à relação entre o passado da instituição, o presente e um futuro desejado e pensado como possível. Significações que, condensadas em determinadas materialidades simbólicas - objetos, relação de acontecimentos, como advertiu Victor Turner no análise da simbologia ritual (1980) - interpelaram a comemoração imprimindo nela um caráter específico⁶⁵.

Um dos aspectos centrais que se destaca na anterior descrição é a configuração da comemoração do quinquagésimo aniversário do IB como um cenário onde o passado é um protagonista central do presente. Um cenário no qual a distância de tempo que separa um do outro, passado de presente, se reduziu nas práticas que deram forma ao evento.

⁶⁵ Afirma Victor Turner na *Selva dos Símbolos. Aspectos do ritual ndembu*, clássico livro da antropologia do ritual, que os símbolos rituais reconhecem três materialidades: objetos, relações e acontecimentos. E afirma, também, que uma das propriedades centrais do símbolo ritual é, justamente, a condensação de significação. (1980). A proposta de Turner em torno do valor de interpretação do símbolo ritual, inclusive a interpretação que dele faz pesquisador de campo, foi-me de grande utilidade.

Dessa evidente presença do passado na comemoração deriva uma série de perguntas que orientarão as reflexões deste capítulo. A primeira pergunta se concentra nas modalidades a partir das quais essa distância de tempo ficou efetivamente reduzida. A segunda nos conteúdos particulares desse passado que se fez presente no evento. A última, estreitamente vinculada com as anteriores, centra-se nas razões que adquiriu essa presença e as conseqüências de seu uso específico.

2.

A exposição que inaugurou as intervenções no ato, a cargo do então diretor do IB, começou com as seguintes palavras:

Señor presidente de la Comisión Nacional de Energía Atómica, señora rectora de la Universidad Nacional de Cuyo, autoridades nacionales, provinciales y locales, alumnos docentes personal y amigos del Instituto Balseiro y del Centro Atómico Bariloche, señoras y señores. Bueno, hace hoy 50 años comenzaba el dictado de clases en un instituto de física aquí en Bariloche. Ese año de 1955 no era una época fácil para el país. Los conflictos sociales y políticos de la Argentina habían entrado en un camino sin retorno que ya había desembocado en los sucesos trágicos en junio de Plaza de Mayo y a las pocas semanas de comenzar clases alumnos y docentes se enterarían de la abrupta finalización de un gobierno constitucional. Posiblemente aquellos pocos pioneros liderados por José Antonio Balseiro se habrán preguntado si realmente valía la pena el esfuerzo que estaban realizando ya que ante tamaños desastres las repercusiones de lo que estaban haciendo podrían parecer minúsculas o invisibles para el resto de la sociedad. Pero aún así vemos y podemos decir sin duda que valió la pena.(). Los primeros años de nuestro instituto no estuvieron libres de disputa. La mayor y más trágica fue sin duda el temprano fallecimiento de Balseiro. No puedo ni me imaginar el pesar y la zozobra que debió ensombrecer al instituto en ese momento. Pero demostraron una enorme fe y sobre todo una terquedad que emociona quienes lo habían acompañado durante esos años y quienes vendrían después. De manera tácita él les confió y nos confió a nosotros la responsabilidad y el privilegio de continuar el camino que el había iniciado. Y creo que hemos cumplido con esas esperanzas. Estoy convencido de que si Balseiro pudiera ver los resultados de

ese esfuerzo estaría muy feliz e inclusive agradecido por lo que se ha logrado en estos primeros 50 años.

Esta intervenção deixa ver como a redução da distância entre passado e presente operou graças à inscrição na comemoração de uma série de acontecimentos e atores que se definiram, se lembraram, como parte dos tempos anteriores da instituição. À inscrição desses acontecimentos e atores nas exposições dos oradores e também sua incorporação na disposição dos recursos visuais, nos movimentos que se sucederam na cerimônia e nas dramatizações que a configuraram.

Essa inscrição e incorporação pode se analisar articulada a partir de duas modalidades diferentes. A primeira tem a ver com a apropriação no evento de duas marcas simbólicas condensadoras de sentidos de histórica sedimentação a respeito desses acontecimentos e atores: as figuras de José Antonio Balseiro e dos *históricos* e *pioneiros*. A primeira reúne a todos aqueles que conheceram a Balseiro pessoalmente. A segunda, por sua parte, se circunscreve ao redor dos primeiros professores que fizeram parte da instituição. Essas marcas e sentidos condensados em torno do *fundador*, dos *históricos* e *pioneiros* confluíram numa segunda modalidade que as absorveu: a afirmação de uma versão seletiva do passado (Appadurai, 1981, Williams, 1977). Isto é, de uma narrativa particular que articulou marcas e sentidos, os acontecimentos e atores condensados nelas, organizando a experiência do passado em termos de uma argumentação legítima e indiscutível. Uma versão seletiva do passado que, retomando a proposta de Alonso para o caso da análise dos estados-nação, chamo aqui de tradição (1994).

Balseiro, um *arquitecto em tempos tormentosos*

1.

Assim *alguém o qualificou com justiça* afirmou o orador na exposição que fecharia o ato aquela manhã⁶⁶. *Um arquitecto* porque Balseiro estava trabalhando no desenho do projeto que resultou no instituto que hoje leva seu nome. *Tempos tormentosos* que referem à crise política que culminou na derrocada, em setembro de 1955, algumas semanas depois do início das primeiras aulas, do governo Perón. Por esse e *por outros motivos* assegurou o orador.

A referência a Balseiro em práticas que envolveram o uso da linguagem falada ou escrita - discurso segundo Fairclough (1992) - nas imagens e até nos movimentos realizados durante o aniversário da instituição foi contundente. O rosto sorridente, ressaltado com uma luz focal nos corredores de acesso à sala do cinema Arrayanes, dava as boas-vindas 43 anos depois do falecimento - *a maior e mais trágica disputa que se enfrentou a instituição*, segundo afirmou o então diretor do instituto na intervenção. O rosto e uma frase de Shaw escrita na fotografia que resumia aquilo que durante o evento se quis transmitir sobre ele⁶⁷.

“Há homens que vêem ao mundo como é e perguntam por quê, outros sonham mundos que jamais foram e se perguntam por quê não?”

Como veremos, Balseiro foi caracterizado, então, como aqueles que sonham mundos e que, a respeito desses sonhos, perguntam-se: *“Por que não?”*, como *aventureiro, inspirador, impulsor*, nas exposições cuja dimensão textual – a dimensão que, segundo Fairclough, tem a ver com a relação entre os elementos da linguagem que constituem o texto e os sentidos sobre o mundo que se abrem dele (1992) - apresenta-nos

⁶⁶ O *alguém* é Jaim Etcheverry, ex-reitor da Universidade de Buenos Aires. Ele faz essa descrição no prólogo da biografia de Balseiro: *“Balseiro: Crónica de una Ilusión”* escrita pelo orador junto com Norma Badino.

⁶⁷ Foto e frase que foi vendida, também, num cartaz e num cartão postal.

como um herói. Mais precisamente, em termos de um herói fundador que teve um protagonismo central no passado mas, paralelamente, que tem relevância e atualidade no presente e na projeção futura da instituição.

Outra forma que assumiu a presença do físico cordobês nascido em 1919 na comemoração foi constituída por suas próprias palavras⁶⁸. Mais especificamente por aquelas palavras que ele tinha escrito com motivo da graduação da primeira turma e que foram distribuídas entre os participantes ao ingressar na sala. As palavras de Balseiro numa impressão cor sépia que estava acompanhada pelas insígnias de uma fundação que também leva seu nome⁶⁹ e por uma pequena foto dele.

Balseiro também estava presente, simbolicamente, na assistência anunciada, remarcada e celebrada das homenagens à senhora *Maria das Mercedes Covadonga Cueto de Balseiro - Covita - junto a seus filhos e família*, ou seja, sua viúva e seus descendentes. É provável que Covita tivesse a sua própria dimensão celebratória no evento, que fosse destacada pelas tarefas que ela realizou nos tempos iniciais do instituto⁷⁰. Mas também é verdade que Balseiro era celebrado na presença dela através da relação que os vincula. E também em outras relações que, como veremos, foram objeto de anúncio, movimento e homenagens.

Finalmente o *fundador* teve uma presença central em cada uma das intervenções realizadas no ato. Naquelas que foram pronunciadas pela apresentadora do evento, nas intervenções dos oradores. Todas essas intervenções o nomearam mais de uma vez. E fizeram referência a pensamentos a ele atribuídos, à trajetória e reconhecidos valores, aos

⁶⁸ Balseiro nasceu no ano 1919 na cidade de Córdoba, Argentina. Em 1939 recebeu uma bolsa para realizar um doutorado em ciências físico-matemáticas na Universidade de la Plata. Foi professor nessa universidade, membro - e presidente - da Associação Física Argentina e trabalhou no Observatório Astronômico de Córdoba. Em 1950 viajou à Inglaterra para trabalhar na Universidade de Manchester em física nuclear sob a direção do professor León Rosenfeld mas teve que voltar em 1952 devido ao requerimento do governo argentino para integrar a Comissão Investigadora do Projeto Huemul. Nesse ano foi designado Diretor do Instituto de Física da Universidade de Buenos Aires.

No ano 1954 Balseiro ingressou na CNEA. No ano seguinte foi assinado o Convênio entre a Universidade Nacional de Cuyo e a CNEA formalizando a criação do Instituto de Física de San Carlos de Bariloche. Em agosto se iniciaram as atividades acadêmicas com 15 alunos e ele como diretor, cargo que manteve até março de 1962 quando, aos 42 anos, faleceu.

⁶⁹ A Fundação Balseiro é uma unidade de vinculação da CNEA.

⁷⁰ Os assistentes a esses cursos anteriores à fundação do instituto e os primeiros estudantes lembram o esforço de Covita, e também de outras mulheres de professores, para fazer a vida mais fácil apesar das complexas condições desses primeiros tempos em Bariloche.

acontecimentos nos quais esteve envolvido, aos critérios que - segundo os oradores - estimularam e orientaram a sua ação.

2.

Balseiro convocó al núcleo inicial de profesores y su determinación animó al grupo desde el comienzo. Trabajaron arduamente para diseñar los planes de estudio reuniéndose en el edificio de la CNEA en Libertador 8250. Alberto Maiztegui cuenta que estaba presente en esas reuniones y que en junio del 55, que ya se dijo acá que eran momentos difíciles para el país, mientras este núcleo trabajaba en los planes de instituto escucharon el vuelo de los aviones que se dirigían a bombardear Plaza de Mayo (intervenção do graduado das primeiras turmas)

O vínculo de Balseiro com o originário Instituto de Física Bariloche, nome com o que se batizou o instituto em 1955 e que foi conservado até 1962, remonta precisamente ao início. Ele representa a idéia de um começo que, sendo de raízes coletivas, aparece nas intervenções - como deixa ver o fragmento citado - associado quase exclusivamente a sua pessoa, aparece individualizado nela (Visacovsky, 2002). A figura de Balseiro particulariza, desde esse começo, a configuração de um depois que nas representações parece não tomar distância da trajetória pessoal dele⁷¹.

Todos estos méritos de la institución de alguna u otra manera están ligados a la figura excepcional como científico y conductor de personal como fue el doctor Balseiro (intervenção do presidente da CNEA)

⁷¹ Na realidade, figuras simbólicas como a de Balseiro aparecem em todos os campos da vida social. Disso dão conta inúmeros trabalhos de história e antropologia, entre outras disciplinas, que abordam os mecanismos a partir dos quais determinadas pessoas individualizam processos ou formas de organização social cujos fundamentos são de raiz coletiva. As instituições relacionadas à produção, desenvolvimento e/ou à aplicação de ciência e tecnologia, como mostram Daston e Sibum na edição da *Science and Context* dedicada à incidência de certas personalidades no campo da ciência, não são exceção (2003). “Pode-se falar de um relato ‘essencial’ que possui a estrutura típica de um mito fundador” afirmava Hernández numa etnografia de um laboratório de genética e microbiologia francês (2001: 43). Neste caso, trata-se de um “mito fundador” unido à pessoa que se reconhece como *fundador* e às definições, ações e processos que o têm como protagonista.

A constituição de Balseiro como símbolo que condensa, entre outros sentidos, as razões de origem da instituição, é histórica. Portanto, excede a especificidade do acontecer da comemoração. Isso é observável, como vimos no início deste capítulo, no olhar ao espaço do campus CAB-IB que conserva a imagem do *fundador* em fotos, que tem os restos mortais num monumento, que leva o nome dele no próprio nome da instituição. Também emergiu das entrevistas realizadas durante meu trabalho de campo, fundamentalmente naquelas que coloquei o eixo dos questionamentos no relato das trajetórias profissionais. Nelas os entrevistados mencionam repetidamente, a relevância de Balseiro nos motivos, valores e justificativas tanto do passado como do presente institucional. Vejamos alguns exemplos dessas menções:

Ana: ¿Viniste a estudiar física a Buenos Aires?

Juan⁷²: A Bariloche, al Balseiro

Ana: ¿En que año fue eso?

Juan: En el 58, vine en mayo del 58 con el gordo Balseiro, con los prohombres de, los pocos prohombres de la institución, los matemáticos los físicos experimentales, pero poca gente en general. Prácticamente todas las materias teóricas las tenía que dar el gordo Balseiro y traía alguien no sé un poco por corto tiempo y después volvía (entrevista, Buenos Aires, 2001).

Clara: () entonces yo siempre pensé que era importante preservar la historia. En el caso del instituto siempre pensé que lo que había hecho Balseiro en el instituto era algo que uno tenía, que se justificaba que se supiera, la vida que había tenido lo que había significado el esfuerzo que había puesto en este lugar en esta institución. Hay muchas gente y muchos años de trabajo y de lealtad y hay mucho cariño en muchas de las cosas que se hicieron y yo pensaba bueno los que somos más viejos y nos acordamos nos vamos a morir y nadie va a saber nada (Entrevista, Bariloche, 2002)

Nesses fragmentos de entrevistas a graduados das primeiras turmas do IB, Balseiro é destacado, entre outros *prohombres*, pelo trabalho, pela *personalidade e pelo esforço*. Esse destaque se repete em outras fontes e materiais escritos - fundamentalmente artigos jornalísticos e de divulgação - que lhe rendem homenagem, que resgatam e valorizam sua

⁷² No caso de meus interlocutores nas entrevistas utilizo nomes fictícios por motivos de sigilo.

participação. Um exemplo é o livro *Balseiro: Crónica de uma Ilusión* que relata extensamente, desde o nascimento do *fundador* até os últimos dias de sua vida, uma biografia sublinhando na trajetória as virtudes, os valores e a dedicação.

No entanto, além da sedimentação histórica, é na comemoração que o *fundador* volta a afirmar atualidade, recria significatividade no espaço e tempo. Nessa direção, se constitui numa figura chave para avançar no mundo de significação que o evento apresenta. Isso é, nos sentidos, históricos mas também atuais, que sustentam a relevância desse herói no presente da instituição e na sua projeção futura. Nesses sentidos históricos que são, paralelamente, objeto de transmissão.

A pequena aldeia, o projeto e a personalidade

A figura de Balseiro condensa, no marco da comemoração, sentidos que se orientam em três direções de representação. A primeira tem a ver com uma delimitação e caracterização de lugar e tempo: San Carlos de Bariloche, noroeste patagônico, na metade do século XX. A segunda se vincula à concepção e ao desenho de um projeto de instituição dedicada à formação e produção de ciência e tecnologia. Por último, Balseiro se relaciona com a determinação das condições que foram necessárias para levar a cabo esse projeto. Três questões que fazem, também, à particularização do IB e que são centrais na definição do presente.

1.

Cuando el instituto inició sus actividades Bariloche era una aldea de unos 12000 habitantes, no hay datos seguros sobre esto hay quien dice que eran más, pero es importante decir que Bariloche con su espíritu pionero aportó los recursos humanos esenciales para la consolidación de la institución. En aquel momento la pequeña aldea recibió con alguna desconfianza a estos nuevos ocupantes de la planta, como se llama entonces el predio del Km. 9, 25. (intervenção do graduado das primeiras turmas)

Bariloche, *uma pequena aldeia* patagônica afastada de Buenos Aires, sobre as margens do lago Nahuel Huapi e próxima à fronteira com o Chile. Este tinha sido o lugar eleito por Richter e por Perón para desenvolver o Projeto Huemul. A denominação da *planta*, que aparece na citação anterior, remete originalmente à *Planta Experimental de Altas Temperaturas* construída anexa ao projeto nos terrenos onde hoje se situa o CAB-IB. Uma denominação que, embora seja herdeira desses tempos anteriores ao estabelecimento da instituição, representa as razões de um novo *começo* derivado de um *fechamento*.

El cierre del proyecto Huemul hacia el año 1952 como consecuencia de los informes negativos de la comisión creada para supervisar los trabajos que ahí se desarrollaron no se utilizó para abandonar el lugar y los equipos sino que por el contrario permitió plasmar las ideas de algunos hombres de percepción brillante y tenaz empuje. (intervenção do ex-gerente do CAB)

Esse *fechamento*, além de permitir *plasmar idéias de homens de percepção brilhante*, supôs a chegada de *novos habitantes* e a apropriação de espaços e materiais por parte da nova instituição que *inicia uma história radicalmente diferente*, como sugere o ex-gerente do CAB na intervenção. Balseiro tinha sido um dos protagonistas desse *fechamento* no rol de avaliador. Mas, por sua vez, tinha sido o responsável de que isso não ficasse numa culminação definitiva a não ser que, pelo contrário, ajudasse a estabelecer outro ponto de partida. Outro ponto de partida que habilitasse uma nova associação entre aquele afastado lugar e o campo da produção de conhecimento em ciência e tecnologia. Balseiro foi quem, segundo se afirma nas diferentes intervenções - e também nos outros materiais de entrevista, documentos e fontes - reconheceu as possibilidades que tinha a então pequena *aldeia* para tornar realidade aquilo que se reconhece como o seu maior ideal: a concretização desse sonho “*de mundos que nunca foram*” como sugeria a frase de Shaw citada em sua homenagem.

() y el crearlo acá fue idea de Balseiro y hubo una deliberada idea de que acá la distancia física grande eso hacía de colchón y de aislamiento de todos los líos políticos y zozobras () de alguna forma es otro ambiente, es más chico.

Isso foi o que me disse Clara numa entrevista realizada em 2002⁷³. Bariloche, uma cidade que está longe dos centros mais importantes de educação superior e pesquisa - Buenos Aires, La Plata, Córdoba, Tucumán - desses tempos - e de hoje. Uma cidade pequena que estava escassamente povoada, que deixava tudo a fazer e descobrir. Cidade com *espírito pioneiro*, de aventura, que inspirou nessa condição, segundo outra das intervenções, o fazer do *fundador*. E estimulou aos outros *pioneiros argentinos, italianos, alemães e espanhóis* por ele convocados para cumprir com o esse duplo projeto coletivo que na pessoa de Balseiro sintetiza a sua representação.

Qual era esse duplo projeto? Em primeiro lugar, era construir um centro de educação universitário diferente que incluísse como atividade fundamental a produção de conhecimentos a partir da pesquisa. Um centro que habilitasse essa pesquisa graças a um regime de dedicação exclusiva que beneficiasse tanto aos estudantes como aos professores⁷⁴. Em segundo lugar, era o projeto maior de tentar discutir, a partir dessa instituição exemplo, as prioridades do país em função da incorporação da produção de conhecimentos e competências científico-tecnológicas.

2.

Ese primer día de clases, hace exactamente 50 años, no marcaba solamente el inicio de las actividades del flamante Instituto de Física centrado en Bariloche sino el comienzo de un proyecto que habría de colocar un cambio sustantivo en el desarrollo de la ciencia y la tecnología en nuestro país (intervenção do ex-gerente do CAB)

Bariloche representa, em torno da relação com a figura de Balseiro, o lugar eleito para definir o *começo de um projeto*. Um *começo* que se afirma deixando de lado antecedentes locais como foram o próprio Projeto Huemul ou aquele desenhado por

⁷³ É interessante que, nessa entrevista, alguns minutos depois desta afirmação, a entrevistada - uma física egressada na primeira turma do IB e de longa trajetória profissional no CAB-IB - me falou, por sua vez, de Enrique Gaviola. E de como o projeto de Balseiro retomou propostas, inclusive de lugar, do projeto dele.

⁷⁴ Este tipo de regime, hoje freqüente em instituições dedicadas à formação científica e pesquisa, era praticamente inexistente nas universidades argentinas e nos poucos laboratórios que existiam na primeira metade do século XX.

Gaviola e que fora inclusive discutido com o próprio Balseiro⁷⁵. Um projeto que se associa quase exclusivamente às idéias e desejos dele e que se reconhece, segundo esta intervenção, como uma *mudança substantiva* no desenvolvimento científico tecnológico a nível local, nacional e também em termos da inserção desse desenvolvimento na dinâmica internacional.

Entre viejos archivos de la Comisión Nacional de Energía Atómica relacionados con la creación de instituto, entonces llamado instituto de Física Bariloche, se encuentra un acta de una reunión mantenida en Buenos Aires en octubre de 1955 donde el Doctor José Antonio Balseiro presenta un informe a las máximas autoridades de la Comisión Nacional de Energía Atómica. Allí el doctor Balseiro como director del Instituto de Física resume cual era su visión y expectativa sobre el instituto, sus finalidades y sus nodos de operación, con la aprobación entusiasmada de la Comisión Nacional de Energía Atómica. El doctor Balseiro menciona en su informe el convenio con la Universidad de Cuyo y asegura que la formación del instituto obedece a la necesidad de formación de recursos humanos para crear los cuadros científicos y técnicos de primer nivel que la comisión necesitaba orientados especialmente hacia la física nuclear, física del sólido y aleaciones. En sí toda una definición programática. (intervenção do presidente da CNEA)

Porém, Balseiro não é caracterizado simplesmente como o criador do projeto que deriva no instituto. Os sentidos que representa a figura dele também têm a ver com as qualidades necessárias para um eficaz planejamento, tomada de decisão e administração que torne efetiva, justamente, sua realização. Nesse sentido, as intervenções apresentam Balseiro como o negociador da instituição, como o responsável da justificativa - a definição de razões e finalidades - e da execução. Da *definição programática* como sugere a intervenção anterior.

()... justo había vuelto Balseiro de Europa había conseguido que la Comisión de Energía Atómica lo apoyara () el proyecto que Balseiro les presentó, que con habilidad negoció bien, realmente lo alentaron, lo impulsaron y le dieron el okey (Clara, entrevista, Bariloche, 2002)

⁷⁵ Numa comunidade de físicos pequena, como era a argentina nas primeiras décadas do século XX, Balseiro e Gaviola se cruzavam com frequência. Além disso, tinham trabalhado juntos no Observatório de Córdoba, onde Balseiro se tinha formado sob a sua direção.

Balseiro é também assinalado como aquele que precisou os objetivos do instituto em torno de *uma necessidade particular, a necessidade de formação de recursos humanos* especificamente nas áreas científicas e tecnológicas. É aquele que indicou os caminhos necessários para a satisfação dessa necessidade impulsionando uma dinâmica de aprendizagem e pesquisa que retoma modelos de trabalho que ele mesmo tinha experimentado pessoalmente fora do país.

3.

Las cualidades personales de Balseiro se pusieron de manifiesto desde el comienzo de las actividades. Las crisis que la intensidad de estudio provocaba en los estudiantes así como problemas de adaptación de los docentes y de sus familias no hubieran podido ser superadas de no haber sido por las cualidades personales de su director que ejerció como dice siempre un liderazgo sin estridencias. (intervenção do graduado das primeiras turmas)

Além da escolha do lugar e a definição do *projeto*, outros aspectos vinculados com a instituição se apresentam relacionados com a figura de Balseiro e as *qualidades pessoais* dele. Como *fundador* da instituição aparece como responsável do estabelecimento das práticas, dos valores e objetivos que a particularizam. Práticas, valores e objetivos que, vinculados a ele, constituem um dos motivos que definem a instituição como única e impossível de ser copiada.

Em cada uma das exposições que se sucederam no ato José A. Balseiro é indicado como o responsável de sonhá-la, de pensá-la, impulsioná-la, de definir os fundamentos e razões. Segundo elas, foi quem convocou e liderou. Cada tarefa vinculada com a instituição, desde a mais simples à mais complexa e de diferente natureza - sejam as decisões acadêmicas ou o acompanhamento afetivo dos novos integrantes - encontra nele, segundo essa narrativa, um antecedente de ação. Implica-o, coloca-o como exemplo. Balseiro ensinou, organizou cursos, decidiu sobre programas, determinou áreas de pesquisa, procurou e escolheu os professores em outras cidades do país ou no estrangeiro, conseguiu o dinheiro para o financiamento das atividades, foi o protagonista das negociações políticas.

Después de 50 años lo producido por el instituto hasta nuestros días muestra que las expectativas propuestas por el doctor Balseiro han sido cubiertas. Un largo camino con no pocas dificultades e incertidumbres sorteadas todas con trabajo serio y persistente y con la importante recompensa de haber alcanzados los objetivos. (intervenção do presidente da CNEA)

De manera tácita él les confió y nos confió a nosotros la responsabilidad y el privilegio de continuar el camino que el había iniciado. (intervenção do então director do IB)

Podría dedicar muchas palabras a repasar los pasos y luchas de estos tiempos no sin recalcar esfuerzos, no sin momentos de incertezas y angustias, pero basado siempre en el entusiasmo y las convicciones y la exigencia en el trabajo que fueron la impronta y la cara del doctor. (intervenção do então gerente do CAB)

Nesses fragmentos de distintas intervenções os oradores coincidem que os cinquenta anos decorridos desde o *começo* até agora encontram o fundamento naquilo que assumem como as *expectativas* de Balseiro, *a liderança sem estridências*, o *caminho* por ele proposto. Um *caminho* que na narrativa se caracteriza difícil, incerto, com obstáculos, com lutas mas com objetivos precisos que, graças ao exemplo desse *arquitecto em tempos tormentosos* e seus critérios de ação se consideram atingidos. O *esforço*, a *convicção* e o *entusiasmo* são algumas das heranças que se lhe atribuem. Heranças que configuram uma forma de trabalho cujo presente - e possível projeção - suporta o valor na apropriação de um reconhecido passado, sua própria utilização no marco do evento.

Antes de deixar de lado momentaneamente o *fundador*, e os sentidos que sua figura condensa, recapitulemos as idéias expostas. A comemoração criou um cenário no qual o passado foi protagonista do presente. Esse passado que se narra no evento dá um lugar privilegiado à figura de Balseiro e o seu simbolismo. A comemoração mostra, então, como a instituição se afirma hoje, em grande parte, como resultado dessa intervenção e influência do *fundador* no início. Aliás, mostra como o passado se constrói em torno dessa intervenção. Uma intervenção cujas formas e efeitos se percebem e assinalam estendidos no presente sem questionamentos sobre o valor e numa ordem de inevitabilidade que se propõe viável e necessária prolongar.

Terras de *históricos e pioneiros*

1.

A exposição inaugural aquela manhã de agosto advertia que Balseiro não estava só. Apresentava, seguidamente, àqueles que ele tinha convocado para que o acompanhassem na fundação do instituto. Nessa apresentação os acompanhantes ficaram agrupados numa categoria à qual o próprio Balseiro pertence mas da qual também se destaca: a categoria de *pioneiros*.

Por estar junto a Balseiro, por ser parte do grupo eleito para a concretização do projeto, os *pioneiros* deram corpo, em grande parte, a esse *critério histórico*. A esse *critério histórico* que foi definido e particularizado nas práticas de discurso e movimento durante o ato e no *ágape* e que se compunha, como já vimos, por aqueles que *colaboraram muitos anos com o Instituto ou conheceram e trataram pessoalmente com o Dr. Balseiro nos anos iniciais do Instituto de Física de Bariloche*⁷⁶. Os *pioneiros* foram, aliás, a única subdivisão indicada ao interior desse *critério histórico*.

Se llamaban Balseiro Balsac Moretti Meckbach Corio, Abeles Mackmillan y Buch, Maiztegui Mariano Camaño, y había entre esos pioneros argentinos, italianos, alemanes y españoles. Fueron convocados por el ideal de un hombre que soñaba con una universidad diferente donde los profesores y los alumnos tuvieran dedicación exclusiva y donde se pudiera llevar adelante investigación científica. (intervenção do graduado das primeiras turmas)

Os *pioneiros* são, também por definição nativa, aqueles que acompanharam a Balseiro na *aventura* de fazer ciência em Bariloche, como se a caracterizou repetidas vezes, nessa *façanha*. Aqueles que aproveitaram o vínculo pessoal e direto que os aproximou, aqueles que participaram na execução do *projeto*. Trata-se pontualmente dos

⁷⁶ O *critério histórico*, essa categoria da qual os *pioneros* são parte, foi proposta no e-mail anunciando o festejo que circulou entre os convidados ao *ágape*. Definida pelo autor do e-mail – um graduado das primeiras turmas do IB - foi a única indicação de distribuição dos convidados no salão onde se levou a cabo o almoço.

primeiros professores cujos nomes a citação anterior recorda. Aqueles que trabalharam junto a ele na fundação do instituto, que foram os colegas e/ou amigos⁷⁷.

A aplicação dessa específica categoria, que se reitera no evento e que aparece também em outras fontes, documentos e materiais de entrevistas⁷⁸, remete a um consenso a respeito da confluência de duas *aventuras* diferentes nesse fazer ciência em Bariloche. A primeira está relacionada com iniciar o caminho da produção de conhecimento científico e tecnológico na Argentina. A segunda está vinculada ao fato de se estabelecer na então escassamente habitada Patagônia para concretizar essa *aventura*.

A él - por Balseiro - y a otros como él pioneros de la ciencia argentina les cupo el privilegio de abrir los primeros senderos y echar los cimientos. (intervenção do então director do IB)

Uma das acepções do termo pioneiro que se encontram no dicionário da língua espanhola sustenta que, proveniente do francês, a categoria refere àquelas pessoas que dão os primeiros passos - *alicerces, caminhos* como sugere a citação anterior - em alguma atividade humana. Neste caso se trata da educação e produção de conhecimento científico, particularmente nas áreas de física, na Argentina da primeira metade do século XX, num contexto no qual a ciência era apenas um projeto a mais entre outras definições prioritárias do estado nacional. Um projeto que, como vimos, carecia de base

⁷⁷ Um graduado da primeira turma da licenciatura em física reforçou, num diálogo recente, esta subdivisão do *critério histórico*. Fazendo referência a alguns pontos de uma breve apresentação do meu trabalho na Reunião da Associação Argentina de Tecnologia Nuclear comentou que ele tinha sido parte do início da história, mas que não podia se considerar um *pionero*, porque *pioneros* foram os primeiros professores, o próprio Balseiro.

⁷⁸ Entre esses documentos, cabe destacar o parágrafo que encabeça o site sobre história do IB na página institucional:

El Instituto de Física, creado en 1955 mediante un convenio entre la Comisión Nacional de Energía Atómica y la Universidad Nacional de Cuyo, lleva hoy en día el nombre de su primer director, el Doctor José Antonio Balseiro. El y otros pioneros impulsaron su desarrollo con el propósito de suplir un importante déficit en la educación superior de la física en la Argentina. La primera promoción de licenciados en física se graduó en 1958. En 1977 se incorporó a la vida académica la carrera de ingeniería nuclear, que se desarrolló paralelamente al ambicioso plan de energía nuclear impulsado por el estado nacional.

institucional consolidada que funcionasse como suporte dessas atividades e desenvolvimentos.

A outra acepção do dicionário afirma que pioneiros são aqueles que iniciam a exploração de novas terras. Bariloche é a terra em nosso caso. Aqui o uso da categoria em referência a um aspecto do passado, da justificativa e da localização da instituição se cruza com uma das narrativas históricas locais - a mais conhecida e discutida - que considera que a cidade foi fundada numa geografia que era só um grande lago e montanhas até a chegada dos imigrantes europeus no final do século XIX. Que o lugar onde se assenta hoje era um território quase deserto de moradores e populações até a chegada dos *pioneiros*, legítimos responsáveis do desenho urbano e da delimitação das atividades pertinentes às condições geográficas e à composição humana⁷⁹. Imigrantes ou primeiros povoadores que, sob essa perspectiva, orientaram a trajetória da *Suíça argentina* como também se conheceu a cidade.

Déjenme que les recuerde como homenaje a aquel Bariloche pionero una descripción del ambiente de esos años hecha por un físico mexicano participante de este programa que decía 'oh Bariloche querido oh Bariloche adorado, pueblo que tanto mereces, calle de Mitre que ha sido la que tanto he recorrido una dos tres muchas veces, en estos dos largos meses que en Bariloche he vivido, Mitre arriba Mitre abajo Mitre adentro Mitre afuera, Mitre de todas maneras Mitre a granel y a destajo' ha cambiado algo eh estos últimos tiempos. Tenemos más que la calle Mitre. (intervenção do graduado das primeiras turmas)

Bariloche pioneiro ou Bariloche de *pioneiros* em fins do século XIX e princípios do XX. Cidade que cresceu a partir da expansão demográfica e da urbanização de um território com escassa densidade humana. Cidade que protagoniza, 50 anos depois, a construção e execução de um projeto de ciência e tecnologia na área da física com uma ênfase especial na física nuclear. Nesse sentido, os *pioneiros*, assim como o *fundador*, representam no evento sentidos que organizam e comunicam a experiência em torno da existência de caminhos por construir desde o início - seja em termos de cidade como de

⁷⁹ Deserto não é um termo de importância menor na narrativa histórica local nem na narrativa histórica do estado-nação. Aliás, deserto operou como uma metáfora que institucionalizava uma imagem recorrente: um território vazio que do qual era legítimo se apropriar. Isso justificava, inclusive, as medidas que se adotaram para fazer essa ocupação efetiva.

produção de conhecimento científico-tecnológico - sentidos sobre opções válidas para andar por esses caminhos e sobre aqueles que se assinalam como os responsáveis por essa construção.

2.

O *critério histórico* - a respeito do qual os *pioneiros* aparecem como uma diferenciação interna - constituiu a única delimitação do coletivo social que se materializou fisicamente na ocupação espacial nas duas partes da comemoração. A única exceção a essa espécie de privilégio foi a ocupação previamente atribuída às autoridades no palco do cinema Arrayanes. No ato a ocupação dos *históricos* foi sugerida no momento do ingresso à sala. No almoço foi anunciada alguns dias antes, indicada durante o momento da ocupação do ginásio e também marcada no espaço.

Como descrevi no capítulo anterior, as filas mais próximas ao palco do cinema tinham sido reservadas para o pessoal mais antigo ou aposentado do CAB-IB e os acompanhantes. Alguns dos *pioneiros* estavam entre eles. Isso não foi resultado de uma reserva formal. Não havia assentos com nomes, setores marcados nem indicações precisas para aqueles que ingressavam na sala. Só houve uma orientação geral mas que era viável desrespeitar. No entanto, além da informal proposta, o resultado foi uma fragmentação da sala que dividiu os participantes em dois setores: o *critério histórico* e acompanhantes nas filas baixas, os restantes nas filas para acima. Um resultado que deu conta, aliás, da eficácia da sugestão num âmbito no qual é de acordo comum os motivos de diferenciação que supunha tal orientação.

Esta distribuição física se repetiu durante o almoço, desta vez previamente anunciada e marcada. Tinha sido anunciada nos dias anteriores por e-mail entre aqueles que estavam incluídos oficialmente no recorte que compunha o *critério histórico* com nome e indicação de acompanhantes⁸⁰. Tinha sido marcada no espaço com cartazes que indicavam *reservado* nas mesas do extremo oposto à porta de acesso ao ginásio e nas

⁸⁰ É exemplificador desse recorte o acontecido com um casal de físicos de longa trajetória no CAB. Um dos integrantes tinha sido estudante de Balseiro. A outra integrante ingressou à instituição poucos depois da morte de Balseiro. Esta diferença levava a que, no e-mail de convite ao almoço, o nome dela não figurasse e fosse indicada como acompanhante.

quais, mesmo sem presença de impedimentos físicos que operassem como mecanismo de limitação, só os especialmente convocados ocuparam assento.

Porém, não apenas a distribuição espacial marcou presença no evento do *critério histórico*. Também os recursos visuais e digitais que fizeram parte da colocação em cena e que se projetaram na tela ao fundo do cenário ressaltaram a diferenciação. Ali diversas fotografias, branco e preto na maioria, de pessoas, de artefatos, do campus, junto com uma animação do logotipo do cinquentenário da instituição, decoraram a sucessão de exposições na oratória e os movimentos. Também foram cartões postais que se vendiam a título de lembrança. Fotos dos membros do *critério histórico* trabalhando, dos primeiros instrumentos, dos prédios mais antigos do campus⁸¹.

El primer día de clase el Instituto de Física de Bariloche estaba comenzando su historia. Los contó entusiastas y decididos a superar un gran desafío. El Instituto Balseiro quiere reconocer en esos primeros alumnos, a todos los que los siguieron. Algunos de ellos los acabamos de homenajear pues fueron posteriormente directores del instituto.() Invitamos a sumarse a este grupo a los restantes integrantes de la primera promoción de licenciados en física que hoy están presentes (apresentadora)

Depois de terem sido nomeados, uma mulher e um homem que estavam sentados nas primeiras filas subiram ao palco como fizeram antes os sucessivos diretores. A apresentadora nomeou e explicou a ausência de mais quatro por *obrigações pessoais* e lembrou os nomes dos outros três já falecidos. Finalmente nomeou ao corpo docente inicial, integrante por integrante, e convidou ao palco a dois deles e a mulher de um terceiro que estavam presentes.

Os primeiros estudantes do IB, parte desse *critério histórico*, e os *pioneiros*, foram incluídos num dos movimentos programados que se levaram a cabo no ato: as homenagens. Movimentos que compartilharam com os ex-diretores da instituição -alguns deles *pioneiros* ou *históricos* também - e com *Covita*, a viúva do *fundador*. Foram nomeados e homenageados pelo que eles representam na condição de *primeiros* em fazer ciência em Bariloche e de fazê-la nos termos desse particular projeto: os colegas da

⁸¹ Esse conjunto de imagens, que reunia fotos de arquivos pessoais foi elaborado especialmente para o evento por parte da equipe de informática da instituição.

aventura de Balseiro, os que fizeram realidade o *grande desafio*, que dividiram com ele a responsabilidade fundacional e *abriram os caminhos* que conduziram as razões e condições do presente que se festeja.

Estas homenagens implicaram um movimento desde o auditório até o palco e a entrega do escudo institucional fixado numa peça de madeira de lenga como *presente comemorativo*. Implicaram, por sua vez, na particularização de cada nome e sobrenome, o festejo em fortes aplausos e a cristalização do momento nas inúmeras fotografias. A experiência do resto dos participantes da diferenciação objetivada na dramatização dos movimentos foi a consequência mais importante disso.

Em síntese, o *critério histórico* e os *pioneiros* condensam um outro conjunto de referências simbólicas que também circulam entre os participantes do evento explicitando alguns aspectos centrais da instituição. Em todo caso, trata-se de representações que organizam esta experiência social, dão-lhe sentido. Como no caso de Balseiro, práticas de discurso, que incluíram a apropriação e reiteração de categorias - *aventura, desafios, valores pessoais, novos caminhos* - para denominar aspectos do mundo e visões institucionalizadas sobre esses aspectos, e práticas não discursivas - espacialização, movimentos - se articularam em torno deles, os assinalaram e particularizaram. O *critério histórico* e os *pioneiros* foram então, no evento, palavras. E foram, paralelamente, dramatização e movimento.

A experiência de celebração do passado: afirmando uma narrativa de tradição.

Vimos então que a comemoração recriou as marcas significativas que constituem Balseiro, os *históricos* e os *pioneiros*, categorias que paralelamente o incluem e o destacam. Marcas tão históricas quanto contextualmente relevantes que articularam, através de movimentos, recursos visuais e discurso, referências a lugares, a projetos e personalidades que se assinalaram responsáveis das formas e razões da trajetória da instituição e do particular presente. Marcas que, também, articularam o consenso a respeito do início de uma periodização que, ignorando antecedentes, faz explícito o esquecimento - contraparte da memória e tão necessário como socialmente construído

(Auge, 1998) - de uma série de processos. Processos que se relacionam, por um lado, com o estabelecimento da instituição e, por outro lado, com a própria gênese dos campos de conhecimento em ciência e tecnologia, particularmente da física.

1.

Na realidade, antecedentes a considerar para historizar o CAB-IB ou contextualizar o começo, como já antecipei, há vários. Ainda reconhecendo que, nos anos 50, o campo da ciência e o desenvolvimento tecnológico na Argentina atravessava uma etapa incipiente. Sem nos afastar dos próprios protagonistas desta história poderíamos fazer referência à Universidade Nacional de La Plata onde o próprio Balseiro escreveu uma tese de doutorado em física experimental em 1944⁸². Ou também poderíamos nomear ao Observatório Astronômico de Córdoba localizado nessa província central do país. Nesse observatório, que tinha sido inaugurado em 1871 durante a presidência de Domingo F. Sarmiento, o próprio Balseiro continuou trabalhando sob a supervisão de um professor que tinha conhecido nos tempos de estudante - o austríaco Guido Beck - antes de exercer a docência em La Plata e de viajar, posteriormente, para se aperfeiçoar na Inglaterra⁸³.

Porém, vou me concentrar especialmente num desses antecedentes. Um antecedente que não é apenas próximo em tempo, mas também em termos de geografia e idéias. Trata-se do projeto de Enrique Gaviola. Esse físico, depois de doutorar-se em Berlim e passar uma temporada na Johns Hopkins University e no Carnegie Institution of Washington, havia regressado em 1930 ao país. A estada no exterior lhe tinha deixado uma certeza: que era necessário conjugar práticas de ensino com práticas de pesquisa para o desenvolvimento do campo científico-tecnológico. Desde o regresso e como diretor do Observatório Astronômico de Córdoba, cargo que exerceu até 1947, Gaviola se esforçou por estimular a imigração de cientistas europeus formados e em atividade

⁸² A cidade de La Plata, capital da província de Buenos Aires, situa-se a uns 50 quilômetros ao sul da Cidade Autônoma de Buenos Aires.

⁸³ O Instituto de Física de La Plata foi, nas primeiras décadas do século XX e sob as direções do físico alemão Richard Gans e posteriormente do argentino Ramón Loyarte, o mais importante da Argentina. Também existiam laboratórios de física em outras universidades do país, como Buenos Aires e Tucumán. (Babini, 1954).

para que ajudassem a concretizar essa articulação na instituição que ele presidia. O próprio Guido Beck foi um deles.

De algum modo, a abrupta finalização do Projeto Huemul pareceu deixar um cenário favorável para estender a proposta que Gaviola começou a ensaiar anos antes no observatório para o sul do país. E de fazê-lo, novamente, na área da produção de conhecimento em física.

“Havia em Bariloche, fala Gaviola, pessoal técnico e administrativo, instalações, um número importante de instrumentos ‘e a má fama do charlatão de Huemul’. E agrega Gaviola: ‘pensei que se poderia aproveitar os aspectos positivos e destruir a má fama, criando ali uma Escola de Física de nível internacional’. A partir disso, seus rígidos princípios éticos e sua intolerância às mudanças das suas propostas - atributos contrários à diplomacia e à capacidade de negociação - o levaram a inúmeros conflitos com as autoridades.” (Hurtado de Mendoza, 2005).⁸⁴

Esta citação, extraída de um artigo da edição especial da revista de divulgação científica *Ciencia Hoy* em comemoração ao quinquagésimo aniversário do IB, deixa ver o quanto Gaviola estava envolvido no esboço de um projeto relacionado, ao menos indiretamente, com o começo do instituto⁸⁵. Em 1953 ele tinha visitado os terrenos onde funcionara a Planta Experimental de Altas Temperaturas, tinha observado a infraestrutura, materiais e instrumentos e apresentado uma proposta para a criação de uma instituição. No entanto, esse projeto inicial não chegou a bom porto. As razões do fracasso foram, segundo as fontes e os documentos conferidos, uma personalidade muito forte e, fundamentalmente, a falta de capacidade para negociar com as autoridades políticas do momento (López Davalos e Badino, 2000, Bernaola, 2001).

⁸⁴ Para mais informação sobre Gaviola consultar Bernaola, 2001.

⁸⁵ A revista *Ciencia Hoy*, desenhada sobre o modelo da brasileira *Ciência Hoje*, é a mais reconhecida publicação periódica sobre divulgação científica de distribuição nacional e internacional. A edição agosto/setembro do 2005 está dedicada inteiramente ao IB em homenagem a seu quinquagésimo aniversário.

2.

Independentemente dos antecedentes esquecidos no evento, o antes do começo apareceu unicamente em três menções. Três menções realizadas nas exposições que, na realidade, pouco contribuíram para sua explicação.

A primeira foi a referência a certa *necesidade de físicos na Argentina*. Uma necessidade em princípio definida pela recentemente fundada CNEA, instituição responsável pela promoção, o controle e o desenvolvimento da energia nuclear - embora em algumas das exposições a definição dessa necessidade seja atribuída ao próprio Balseiro. Uma necessidade que foi destacada no evento sem especificações a respeito das justificativas, conseqüências e razões concretas que a determinam. A segunda é o uso, como vimos, da *planta* como uma categoria herdada do Projeto Huemul. Um uso que, no entanto, refere-se fundamentalmente a uma reapropriação por parte do pessoal para nomear o espaço físico no qual se estabeleceu a nova instituição. A terceira foi uma menção a respeito das conseqüências da suspensão do projeto encabeçado por Richter. Uma menção que não indicou quais foram os nexos que relacionaram o Instituto de Física de Bariloche com esse, o antecedente mais próximo em termos de temporalidade e lugar, além da apropriação de espaço e de parte do material e instrumental.

Na realidade, não há alusões a idéias nem desenvolvimentos na ciência e tecnologia na Argentina em geral, nem nos campos da física e da engenharia nuclear que especificamente a concernem. Também não se fala do que aconteceu alguns poucos anos antes naquela localidade. Não se menciona o que aconteceu com aqueles que tinham trabalhado no projeto de Richter, se as linhas de pesquisa continuaram ou se modificaram completamente ou o que foi feito do material técnico e dos equipamentos que havia na ilha. Nos três casos se tratou de referências que, mais do que dar conta de um passado anterior à fundação, assinalaram uma série de condições que habilitaram um ponto de partida situado e contextual que se apresenta sem discussão.

El cierre del proyecto Huemul hacia el año 1952 como consecuencia de los informes negativos de la comisión creada para supervisar los trabajos que ahí se desarrollaron no se utilizó para abandonar el lugar y los equipos sino que por el contrario permitió plasmar las

ideas de algunos hombres de percepción brillante y tenaz empuje. (intervenção do então gerente do CAB)

Como mostra o fragmento citado, antes do Instituto de Física de Bariloche apenas houve o *fechamento* de um projeto que não se define nem se descreve, que não se inclui no passado da instituição. Que, na realidade, aparece no evento como nada mais que um final. A partir dali começa uma única versão do passado que se articula nas intervenções, nos movimentos e nas imagens. Uma versão configurada em torno das referências ao *fundador* como herói e nas menções que se fazem a respeito do protagonismo dos *pioneiros*. Significações que se abrem num relato de *aventuras, façanhas, desafios, sucessos e lutas* cuja validade aparece fora de questão e avaliando a diferenciação da instituição em relação à anterior. Uma versão do passado que circula com um status de inquestionável legitimidade e podemos definir, como assinalam Alonso (1994) e Brow (1990) entre outros, como narrativa de tradição.

3.

Além do status de validade que afirma na comemoração, a narrativa de tradição resulta de procedimentos que envolvem critérios de seleção (Williams, 1977). Seleção, por exemplo, no estabelecimento do ponto de partida, na própria definição dos protagonistas, na caracterização das práticas e valores que se reconhecem como parte dela. Essa seleção não é produto da casualidade nem supõe ilimitadas possibilidades senão que está sujeita a processos sociais de produção de diferenças que se articulam em relação com a definição de identidades (Appadurai, 1994). Processos sociais que envolvem, por um lado, competição, oposição e debate (Appadurai, 1981). E que requerem instâncias de representação e transmissão como a que o evento habilita. Isso é, precisam de instâncias que se nutrem da capacidade do discurso e da dramatização para a institucionalização de subjetividades e o estabelecimento de critérios que orientam a ação social no marco de relações que são de hegemonia (Fairclough, 1992).

Versões alternativas a respeito do acontecido no passado - fatos que segundo Brow são mais fixos que a memória que os lembra (1990) - ou que discutem alguns dos aspectos pontuais coexistem com a tradição. São versões que, embora não questionem a sua validade, propõem alterar certas prioridades e assinalam a pertinência de outros acontecimentos ou atores no relato. Por exemplo, há aqueles que relativizam o protagonismo de Balseiro ou resgatam a importância daqueles que o sucederam depois da morte, fundamentalmente os recentes graduados que se encarregaram de seguir com o projeto a partir de sua ausência⁸⁶. Também tem aqueles que discutem a incidência de determinados processos econômicos e políticos externos à própria trajetória da instituição, processos que se excluem da narrativa histórica feita tradição. Por outro lado, se escutam vozes que indicam a relevância do Projeto Huemul na pesquisa e a produção no campo nuclear. No entanto, as diferentes versões não parecem conseguir deslocar o “passado da comunidade como uma totalidade” (Appadurai 1981: 215). Essa tradição que persiste, sem questionamentos, numa situação hegemônica, que persiste junto a elas e apesar delas. E cujo protagonismo e atualidade se reiterou no evento. Ou, aliás, cujo protagonismo e atualidade foi objetivo reiterar em cada um dos atos de transferência de conhecimento e de memória social implicados nele (Taylor, 2003).

A origem e a continuidade nas representações de pertença e devir

1.

Dizíamos alguns parágrafos antes que a seleção que manifesta esta narrativa não é produto da casualidade nem supõe ilimitadas possibilidades senão que se configura em função de processos sociais numa dinâmica que é histórica e contextual. De processos sociais que envolvem, além disso, a produção de diferenças e se articulam em torno da afirmação de identidades (Appadurai, 1994). A tradição que resgata e ressalta, na representação e na circulação, a ação e o pensamento de um herói, Balseiro, e dos

⁸⁶ Trata-se, justamente, de estudantes que se integraram à instituição meses depois da morte de Balseiro e que tiveram como professores a esses graduados das gerações anteriores.

históricos - entre eles os *pioneiros* - se inscreve nessa direção⁸⁷. Aliás, enlaça um horizonte de sentidos que supõe uma série de compromissos e identificações ao interior dos quais os atores sociais se situam socialmente, se posicionam individual e coletivamente, se reconhecem, se definem (Tylor, 1998).

Vimos, então, como nas dramatizações e nos discursos que deram forma ao evento que se individualizou na figura de Balseiro esse ponto de partida que deu pontapé inicial para o que veio depois. E que deu o pontapé inicial, conseqüentemente, para as condições da comemoração. Na sua presença confluíram razões que fizeram uma acertada eleição de lugar, ao desenho e justificativa do novo *projeto* e à delimitação de práticas e valores que foram parte de sua execução. Vimos também que apesar de a figura de Balseiro não ser uma marca recente nem quanto a esses referentes de significação nem na sua articulação na dinâmica da instituição, a afirmação no evento reiterou a pertinência e o status paradigmático. O *fundador* voltou a se distinguir como o herói da história e como o exemplo a continuar observando, a seguir. E nessa nova distinção habilitou a atualização de sentidos a respeito dos acontecimentos do passado no marco de uma apropriabilidade simbólica e emotiva efetuada no momento da comemoração.

A figura de Balseiro se afirmou novamente como referência da origem dessa versão do passado que se reconhece legítima e compartilhada. Como referência dessa origem que se reconhece comum, única e indiscutível e se reitera no evento como inevitável e substancial (Alonso, 1994). Como veremos, trata-se de uma origem que instaura uma proposta genealógica e, através dela, estabelece e recria um critério de filiação que atualiza idéias de herança e destino. Uma herança no reconhecimento das condições atuais como *legado* material e não material - idéias, valores, práticas - do próprio Balseiro, de sua *luta*, sua *clareza de objetivos*, sua *personalidade*. Um destino na medida em que o passado e o presente, e de algum modo a projeção futura, interpreta-se em função dele e o projeto original como um modelo de *valores e caminhos* a seguir.

⁸⁷ Na realidade, esse tipo de narrativa institucional se encontra com freqüência em instituições do campo da ciência e da tecnologia. No artigo “*Border Crossings: Narrative Strategies in Science Studies and among physicists in Tsukuba Science City Japan*” Traweek discute, justamente, sobre as narrativas épicas que fazem referência aos grandes homens, grandes máquinas, grandes laboratórios e grandes idéias no campo científico tecnológico analisando as ferramentas de produção e a construção de uma audiência (Traweek, 1992).

Balseiro pode ter sido bom ou mau professor, melhor ou pior pesquisador, mais *experimental* ou mais *teórico*, mais ou menos hábil como negociador nas instâncias políticas que envolvem a ciência. Porém, na apresentação durante a comemoração, não ficam dúvidas que se apresenta como a razão e justificativa daquilo que aconteceu depois. O relato o mostra como o responsável de avançar *esses primeiros passos* que definiram o *caminho* que outros continuaram e cujo legado se pode ver ainda nas condições do presente. A figura dele mantém, em grande medida, o nexo de conexão temporal que habilita justamente a narrativa de tradição que protagoniza (Tonkin, 1992).

Em poucas palavras, a comemoração, afirmando a relevância da tradição, voltou a indicar a pertinência dessa origem em torno de Balseiro, dos sentidos de localidade, projetos, condições e práticas que a figura dele condensa. Voltou a asseverar, dar coerência e reforçar sua construída naturalidade. E a explicitar uma proposta de filiação a respeito dessa origem particular que habilita a definição dos participantes do evento - ao menos daqueles com algum tipo de vínculo com a instituição - nela.

2.

Mas a tradição não só operou na afirmação de uma origem comum, indicador de filiação, de idéias de herança e destino. Também se articulou em torno de uma idéia de continuidade. Continuidade que se constrói a respeito dessa origem e explicitando um percurso no qual não se faz menção a rupturas nem sobressaltos, com exceção da morte de Balseiro e da *Revolución Libertadora*, um golpe de estado que aconteceu algumas semanas depois da primeira aula da instituição. Continuidade que se afirma, na narrativa e através dela, como qualidade distintiva do próprio decorrer institucional entre a origem e a atualidade.

Os *pioneiros* e aqueles que se reconhecem parte do *critério histórico* não se indicam apenas como participantes do projeto do *fundador*. O protagonismo deles na comemoração vai além da referência única ao ponto de partida que habilita esta versão do passado. A presença assinalada opera na atualização da relevância daquela proposta inicial nas tarefas desenvolvidas ao longo dos cinquenta anos por aqueles que lhe sucederam na instituição. E habilita a continuidade na representação de discurso e

dramatização. Eles contribuíram com Balseiro nos trabalhos iniciais e assumiram a responsabilidade de prolongá-los depois de sua morte. Eles são os que prosseguiram o caminho depois da ausência, são os que, de algum modo, ainda o continuam. A homenagem que se realiza a *históricos* e *pioneiros* no evento é a celebração dessa continuidade entre origem e presente. Eles, na festejada presença, representam essa continuidade. E, nessa representação, a fazem experiência do coletivo social participante e afirmam uma significação que é também atual.

Posiblemente aquellos pocos pioneros liderados por José Antonio Balseiro se habrán preguntado si realmente valía la pena el esfuerzo que estaban realizando ya que ante tamaños desastres las repercusiones de lo que estaban haciendo podrían parecer minúsculas o invisibles para el resto de la sociedad. Pero aún así vemos y podemos decir sin duda que valió la pena. (intervenção do então diretor do IB)

Assim, os *pioneiros* e o *critério histórico* parecem, nas representações, não terem sido apenas partícipes na execução mas na reprodução daquela proposta inicial no desenrolar do próprio trabalho. Parecem reproduzi-la, por sua vez, no momento do evento, numa enfática presença e caracterização. Eles acompanharam a Balseiro nas tarefas fundadoras e assumiram a responsabilidade na continuação delas. E, nessa companhia e responsabilidade, sustentaram a continuidade do *legado original* ou, aliás, construíram essa continuidade como valor e realidade. Construíram essa continuidade que, através de suas figuras, a própria comemoração celebra.

“O ritual sempre leva uma mensagem sobre continuidade além de outras mensagens simbólicas” Sugeriam Moore y Myerhoff na introdução de *Secular ritual* a respeito desse tipo de eventos (1980: 86). Na comemoração os *pioneiros* e o *critério histórico* são os atores sociais que mais - e melhor - representam essa continuidade que a narrativa de tradição lembra e transmite. E, nesse representar, na lembrança e na transmissão, a transformam num exercício de memória que tem relevância na configuração da história e na sua própria importância no presente institucional.

La tarea de dirección del Instituto Balseiro desde su primer director hasta hoy ha requerido de un gran esfuerzo continuo de superación y dedicación. El Instituto Balseiro desea

reconocer a sus sucesivos directores a quienes vamos a invitar a subir al escenario para recibir un presente conmemorativo. El presente consiste en el escudo del cincuentenario aplicado sobre una madera de lenga de nuestra Patagonia (apresentadora)

A homenagem aos *diretores* que a apresentadora introduz na citação anterior parte desse *critério histórico* e todos eles presentes no evento, é também uma celebração dessa continuidade que se define como produto de vontades humanas concretas. Eles, na presença particularizada e na homenagem, foram também responsáveis de atuá-la em momento e lugar. Foram responsáveis de fazer essa continuidade visível e apreensível para o conjunto participante nessa comunicação de uma sucessão que começava na origem, uma referência de filiação comum, e numa proposta de pertença coletiva. Eles foram responsáveis pela reiteração de sua atualidade e projeção.

Algumas conclusões sobre as implicâncias da tradição no contexto da comemoração

Vimos nas páginas anteriores como a comemoração recriou uma tradição construída em torno de uma narrativa épica e exemplar que sustenta Balseiro, os *históricos* e os *pioneiros* como os heróis da *façanha* de povoar terras escassamente habitadas com novas gentes, idéias e projetos. Vimos também como nessa configuração reiterou a origem e continuidade como fatos inquestionáveis no presente, afirmando, no seu uso, o status hegemônico como modelo do passado (Handker e Linnekin, 1984).

Porém, é claro que embora esta tradição seja inventada (Hobsbawn e Ranger, 1983), não foi de jeito nenhum elaborada para a ocasião. O passado não opera, como já disse, como um recurso simbólico plástico e ilimitado a manipular livremente (Appadurai, 1981) nem se molda sem restrições em função de objetivos e propósitos conjunturais como poderiam ser os que motivam este específico festejo. Na realidade, a seleção dos conteúdos é produto de processos situados em contextos políticos, sociais, econômicos e simbólicos dinâmicos que antecederam e excederam o tempo e espaço do evento e cuja análise em profundidade supera os alcances deste trabalho. É no marco desses processos que o evento se apresenta como um locus apropriado para habilitar a

reiteração dessa seleção, a sustentação numa comunicação oral, cinética e visual que não deixa de ser uma forma de ação (Tonkin, 1992).

Essa foi uma das implicações da inscrição e incorporação, do uso, da tradição no evento: a afirmação do posicionamento hegemônico dela, a perpetuação como paradigma do presente (Turner, 1974). Duplamente atualizado a partir de sua representação, das dramatizações, discursos, imagens, movimentos, e dos efeitos da própria representação. Isto é, da capacidade realizativa que legitima o status nos atos de transferência de conhecimento e memória social que supõem sua experimentação na presença e participação (Taylor, 2003).

Mas a experimentação da tradição teve outros efeitos além daqueles envolvidos com a própria legitimação. Nesse sentido, a comemoração articulou através de uma versão do passado em particular, como veremos no capítulo seguinte, uma experiência de coletivo social em termos de comunidade. Aconteceu que se reconhecendo unidos a essa origem comum, ao decorrer em continuidade, os participantes do evento vinculados com a instituição se viram unidos entre si e parte desse lugar e projeto. Somos nossa memória, diz Tonkin em seu trabalho. Ao longo das 8 horas que durou, e nos diferentes espaços e atividades, experimentaram uma proposta de pertença no marco de uma definição institucional interna, um *dentro*, historicamente hierarquizado e diferenciado que supõe uma proposta de homogeneidade. E experimentaram também um distanciamento do *fora* - ou os *foras* - dos quais se diferenciam. Desses *foras* que não compartilham o enredo desta história, que não se conformam nela. Na experimentação dessa proposta se afirmaram critérios de pertença e identidade que orientaram pensamentos, emoções e cristalizaram posições sobre as particularidades do local, do nós e do atual permitindo projetar um porvir coletivo encaminhado em similar orientação. Sobre isso é que trabalharemos a continuação.

Capítulo 5: Vocês são o Instituto Balseiro: narrativas de pertença na afirmação de comunidade

*“A comunidade refere a um sentido de pertença conjunto ()
define-se por nada mais que esse estado subjetivo. O sentido
de pertença combina componentes cognitivos e afetivos,
sentimento de solidariedade e compreensão de uma
identidade compartilhada”
(Brow, 1990: 3)*

Ser parte de uma espécie de criação única

Iniciarei o capítulo, como fiz com o anterior, introduzindo a temática a trabalhar, ou seja, a colocação em cena de uma narrativa de comunidade no evento, a partir de material de campo que excede o espaço e o tempo da comemoração. A partir de material de campo que me permite, aliás, colocar a afirmação de pertença como um eixo da análise pertinente tanto na cerimônia quanto fora dela.

Trata-se, mais especificamente, de material produzido numa série de entrevistas nas quais coloquei o foco nas trajetórias profissionais dos entrevistados. Este tipo de material tem pontos em comum com as narrativas biográficas. Principalmente, porque nas trajetórias profissionais os entrevistados falam dos sentidos que têm as suas profissões, os caminhos percorridos a partir delas, nas suas próprias vidas. Mas também porque falam de suas vidas através dessas trajetórias. Nas trajetórias profissionais, os entrevistados falam aliás de experiências que vão além do trabalho, do exercício da profissão. Ou, melhor dito, falam de experiências que enlaçam essa dimensão da vida com outras ao tecer as suas histórias.

Esses materiais, como as narrativas biográficas segundo Kofes (1984), são fontes de informação sobre os contextos sociais, evocam subjetividades distintas ao mesmo tempo que permitem refletir sobre a dimensão do encontro do pesquisador ou pesquisadora na situação de campo. Nestas breves reflexões colocarei o foco nas duas

primeiras dimensões também enlaçadas: os elementos de contexto social que explicitam e as subjetividades que evocam a partir do relato da trajetória profissional.

Ana: ¿Y: cuando vos volviste después de trabajar esos 3 años en Viena las cosas, bueno la falta de Balseiro, en qué se notaba su ausencia?

*Francisco: Bueno de alguna manera los primeros egresados que nos formaron con él aprendimos una forma de trabajar **acá adentro** que perduró mucho tiempo y tenía que ver bueno con la personalidad de Balseiro y con considerarnos **parte de una especie de creación única**, excepcional, porque era en la Argentina difícil y llena de problemas era un instituto de investigación donde se trabajaba con seriedad, con dedicación, con nivel internacional no encerrándose en la endogamia. Y bueno había mucha gente que no era egresada de acá que había participado también de los primeros años o sea que en ese sentido fue abierto, aunque en este momento hay mucha gente que trabaja que son egresados que **acá mismo***

Neste fragmento do diálogo que tive com Francisco, graduado das primeiras turmas do IB, o entrevistado se apresenta incluído num *cá adentro*. Um *cá adentro* que caracteriza, aliás, circunscrito à instituição. O *adentro* se define, sugere o interlocutor no começo do relato, por uma série de condições que descreve como excepcionais num contexto que se apresenta complexo, *cheio de problemas*. Trata-se do contexto nacional, daquele das crises políticas, da sucessão de ditaduras militares como a que começou quando se criava o instituto, do contexto da incipiente produção tecno-científica na Argentina. Entre essas condições que caracteriza como excepcionais, enumera estabelecendo fronteiras com o fora - e coincidindo nesse estabelecimento com outros entrevistados - *o trabalho sério, dedicado, de nível internacional, apesar dos problemas do país*.

No entanto, essas características não são as únicas que aparecem na hora de qualificar o *dentro*. Também contribuem, aponta o entrevistado, outras duas razões centrais. A primeira é o fato de *nos considerar parte*. Considerar-se parte de um *aquí*, dessa *criação única*. A segunda contribuição, afirma, é *o peso da personalidade* de Balseiro em relação a essa consideração. Um *peso* que fala, aliás, das subjetividades que se constroem e socializam vinculadas à figura dele.

Sobre o peso da personalidade de Balseiro, esse peso que tem a ver também com a apropriação de sua figura no evento, trabalhei no capítulo anterior explicitando o valor que têm na narrativa da tradição a partir das experiências que evoca e comunica. Aprofundemos agora, com a ajuda de outros materiais de entrevista focalizada na trajetória profissional, o *nos considerar parte*. Essa outra razão que também foi exposta no diálogo.

Ana: ¿Cuándo decidiste venir conocías Bariloche?

Clara: Si conocía, habíamos venido de vacaciones en el 51 por ahí pero bueno a mi me encantaba. Yo toda mi vida en realidad desde chica ya había soñado con que quería venirme a vivir a Bariloche así que se enganchó la cosa. Bueno me presenté a las entrevistas de admisión y tuve mucha suerte porque pude estudiar en una manera que bueno era prácticamente desconocida en Argentina, un estudio absolutamente intensivo full time en grupo con 15 alumnos y 8 o 9 profesores viviendo acá, aparte la relación entre nosotros fue una relación muy especial muy linda de mucho conocimiento, nos sentíamos muy alejados pero bueno decíamos uy esto es el fin del mundo. Éramos varios que éramos de Buenos Aires otros eran de las provincias pero bueno de todos modos estábamos todos juntos acá en el fin del mundo, éramos parte un poco a este fin del mundo. Pero de alguna forma lo que empezó acá fue a crearse una especie comunidad con una mini tradición en la clase de trabajo. El solo hecho de que esto exista desde casi 50 años de que se creo casi es un milagro en la historia argentina okey. Y el crearlo acá fue idea de Balseiro y hubo una deliberada idea de que acá, la distancia física grande, eso hacía de colchón y de aislamiento de todos los líos políticos y zozobras y eso ha seguido así. Hoy es menos por supuesto porque nos halla más conectados pero de alguna forma es otro ambiente, es más chico, acá hubo desde el principio profesores extranjeros que venían constantemente que eso también fue algo muy diferente de lo habitual. No estábamos acostumbrados a que pudiéramos tener en las universidades argentinas la interacción este a nivel profesional y personal

Clara, outra graduada das primeiras turmas e de longa trajetória na instituição introduz uma relação interessante a respeito do *aquí* que no fragmento de entrevista também caracteriza. Trata-se da relação que vincula o *dentro* com a constituição de um *nós*. Aliás, através desses *nós* a interlocutora vincula o indicador de lugar a uma *comunidade* circunscrita ao redor de uma série de experiências coletivas compartilhadas.

Experiências compartilhadas que, retomando a categoria comunidade sob a perspectiva de Brow, supõem sentidos de pertença que são paralelamente significação e afeto (1990). Entre essas experiências a entrevistada destaca esse *estar juntos no fim do mundo*, na Patagônia dos anos 50, no contexto específico do instituto nos seus primórdios. Também menciona a experiência de se *sentir afastados* - o que informa, aliás, sobre as particularidades da geografia e das comunicações nesses primeiros momentos - mas paralelamente *parte* de algo, a experiência de constituir um vínculo especial, *lindo*. Um vínculo que supôs conhecimento interpessoal e relações afetivas numa interação pessoal e profissional. Um vínculo que habilitou a criação de uma *mini tradição*⁸⁸ de trabalho que, apesar das sucessivas transformações acontecidas durante os últimos 50 anos - transformações que referem ao instituto, à dinâmica da ciência e da tecnologia e ao próprio devir do país como vimos no capítulo 2 - segundo a entrevistada continua sendo uma característica da instituição.

Ana: Bueno lo primero es que me cuentes sobre tu historia, porque estudiaste física, donde empezaste, por que llegaste

Mariano: Por qué estudié física no sé, es decir llegué acá porque mi padre estudió acá, mi padre es de la tercera camada, yo viví acá toda mi infancia, incluso acá adentro del instituto. El secundario no pero bueno mis padres estaban acá y mis mejores amigos de infancia incluso eran de acá adentro así que la presencia que tenía el instituto en mi cabeza era grande. O sea desde siempre fue sabido que era un lugar que si uno quería hacer ciencias era un lugar de alta jerarquía internacional ()

Ana: viviste en Bariloche hasta (interrupción)

Mariano: Viví en Bariloche hasta que terminé quinto año. Me fui a Rosario a hacer los dos primeros años, en principio me fui pensando que yo no quería, o sea, me aterrorizaba el futuro ya definido para mi vida que era volver acá estudiar acá como había hecho mi viejo así que en principio me fui a Rosario a una carrera más amplia que era ingeniería ()

Ana: ¿En que año te fuiste?

Mariano: Ah en el 81 empecé la facultad, o sea el 81 y el 82 estuve en Rosario y, como quien nunca la pensó en el 83 me encontré yendo a Buenos Aires a rendir el examen de ingreso sin haberlo pensado mucho, y bueno entré y me vine y estudié acá física y me recibí en el 86, y

⁸⁸*Tradição* no sentido utilizado pela entrevistada refere-se às atividades que constituem o corpus de práticas profissionais que se reconhecem como características da instituição.

después estuve un año viajando de mochilero. Terminé tan agotado y un poco también conflictuado así de saber un poco como llegué a esta instancia así que me tomé un año de descanso y en el 88. Volví retomé y empecé el doctorado acá mismo en Bariloche que terminé en el 92 y en el 93 me fui ya doctor, me fui al extranjero a hacer post doctorado () y después de todo eso finalmente conseguí que me dieran un trabajo acá para poder volver. Y entonces con ese trabajo de la Comisión Nacional de Energía Atómica volví en enero del 97 y a partir de ahí eh estoy trabajando acá. Este: lo que me formé afuera era algo que antes no existía así que es la posibilidad de llegar y aparte de conseguir bastante financiamiento armar un laboratorio que básicamente es mío, o sea no estoy en un laboratorio que armó otra gente con su tradición sino que estoy en un laboratorio nuevo en el cual soy de alguna manera dueño (risas) y libre de hacer cosas que quiero

Além da condição particular do entrevistado, o fato de ser filho de um físico do CAB graduado do IB e crescido no prédio que hoje define como *aquí dentro* - condição particular embora não completamente excepcional⁸⁹ - há certos elementos do relato sobre os quais vale a pena aprofundar. Certos elementos que resultam interessantes a fim de refletir sobre uma categoria de comunidade que, reconhecendo um uso nativo, possui paralelamente uma dimensão analítica.

Por qué estudie física no sé () llegué acá porque mi padre estudió acá () yo viví acá toda mi infancia, incluso acá adentro del instituto () mis padres estaban acá y mis mejores amigos de infancia incluso eran de acá adentro así que la presencia que tenía el instituto en mi cabeza era grande falava Mariano, esse pesquisador de uns 40 anos, no começo da entrevista.

Esses fragmentos do diálogo deixam ver de que modo o instituto, além de particularizar algumas práticas relacionadas com a produção de ciência e tecnologia nele e falar também da dinâmica dela no contexto nacional, aparece como muito mais do que um âmbito de trabalho. Aquele âmbito de trabalho que era do pai e depois foi o próprio. Aliás, o instituto configura um *aquí dentro* a partir do conjunto de vínculos sociais no seio dos quais aconteceram os momentos centrais da sua vida: o nascimento, o crescimento, a decisão profissional. Vínculos sociais que supõem proximidade e afeto e

⁸⁹ Esse não é o único e filho de profissionais do CAB-IB que ingressam na instituição como estudantes e se integram posteriormente nela na sua prática profissional.

que, como propõe Crapanzano (1994) - entre outros - assumem um papel fundamental em sua constituição como sujeito social. Esse *aquí dentro* é, para o entrevistado, a ancoragem da infância e adolescência, das interações com os pais, do âmbito familiar, dos vínculos com amigos, parceiros e mestres. E é a ancoragem, também, dos motivos que justificam as opções e a consciência dos condicionamentos que reconhece.

En principio me fui pensando que yo no quería, o sea que me aterrorizaba el futuro ya definido para mi vida que era volver acá estudiar acá como había hecho mi viejo

Tinha dito na extensa entrevista realizada no outono de 2002, e tinha ampliado as referências do *aquí dentro*, neste caso, da ancoragem dos vínculos sociais próximos a aquele dos desejos, temores e da própria realização pessoal. Como me comenta em outro momento do encontro, sintetizando metafóricamente o papel que atribui à instituição na vida, ancoragem fundamental das práticas, pensamento e afeto, o CAB-IB é, para ele, *um grande útero no qual toda a felicidade estava cá*.

As metáforas transformam os lugares, dotando-os de novas identidades e outorgando-lhes sentido às ações, afirma Fernández (1974). Nesse sentido, o *útero* dota ao CAB-IB de uma identificação com o início da trajetória de vida cujo relato surge, neste caso, da pergunta sobre trajetória profissional. Outorga-lhe uma identificação que conecta à instituição com os momentos relevantes que se narram da vida. A metáfora é uma forma de nomear a experiência vivida do *aquí dentro*, experiência que é base desse relato de trajetória que excede a descrição da dimensão profissional embora essa pergunta tenha sido o questionamento inicial.

Com esta breve apresentação da entrevista a Mariano não quero dizer que todos os membros do CAB-IB compartilhem essa experiência de trajetória que vincula o pertencer à instituição a essa experiência de socialização, construção de subjetividade e emotividade. Por isso, inclusive, a explicação inicial a respeito das particularidades do interlocutor. Meu objetivo é, na realidade, assinalar a partir dela - e em diálogo com o fragmento da trajetória profissional de Clara plasmado na citação anterior - alguns aspectos que têm a ver com as formas de articular sentido ao redor do *aquí dentro* que em cada uma das entrevistas se reitera. Clara e Mariano, de biografias e idades diferentes,

explicitam um *aquí dentro* que se configura em torno de uma proposta de inclusão associada a um *nós*. Isto é, associada a uma rede de vínculos - em alguns casos definidos pelo afeto e/ou a intimidade - que supõem pertença a respeito de um coletivo social particular que se confunde com a instituição. Vínculos que habilitam, então, uma experiência de comunidade. Uma experiência de comunidade que também é protagonista de nossa comemoração. Que nessa celebração, aliás, é objeto de dramatização e comunicação.

Uma primeira delimitação

Como aconteceu com a tradição, a comunidade também se representou e transmitiu ao longo da comemoração. A narrativa que a articula como modelo de interpretação da realidade (Bruner, 2003) a circunscreveu, caracterizou, explicitou a conformação, a historização e seu projeto. Os sentidos que a configuram foram objetos de conhecimento, vivência e reflexão. Compartilharam-se, comunicaram-se.

() a todos ustedes que se esfuerzan en el día a día, que son la razón de ser de todo esto, alumnos y docentes, técnicos y administrativos, investigadores y personal de apoyo, a sus familias, a todos quiero agradecerles desde lo más profundo de mi alma, a quienes ponen el hombro hoy y a quienes nos acompañaron en alguna etapa en estos primeros 50 años, porque el instituto no son las aulas no son los laboratorios no son las oficinas, ustedes son el Instituto Balseiro, ustedes son los que llevan adelante esa llama indefinible que encendió Balseiro hace hoy 50 años, ese espíritu de pertenencia. Por ustedes es que todo esto vale la pena y que podemos imaginar los próximos 50 años con mucho optimismo, que más puedo decir, gracias a todos ustedes por estos primeros 50 años

Essas foram as palavras do então diretor do IB no primeiro discurso apresentado no evento. Nelas, o orador circunscreveu a comunidade, confundida com a própria instituição, ao *vocês* proposto. A esse *vocês* que eram alguns - a grande maioria - dos presentes no ato e dos que se foram somando no almoço que teve lugar horas mais tarde. O *vocês* dos *alunos, docentes, técnicos, administrativos, investigadores e pessoal de apoio*. Daqueles que trabalham na instituição. Não apenas dos que têm um vínculo de

trabalho, mas também daqueles que o tiveram em etapas passadas. *Das famílias*. De todos os que, como ele disse, continuam com o *espírito de pertença* que acendeu Balseiro como se fosse uma *chama* e que se prolonga no *pôr o ombro e ao acompanhamento* cotidiano.

Na realidade esse *vocês* que *são a instituição* do discurso do ex-diretor, o *vocês* que circunscreve no contexto discursivo da comemoração a uma fração importante da audiência - e que permite compartilhar essa circunscrição - nos faz voltar àquela idéia do *nós* que aparecia nas entrevistas citadas. Esse *nós* que, somando os corpos que ocupam lugares na instituição (Lewkowitz, 2004), é autoridade a respeito do coletivo social que comunica (Tonkin, 1992). Esse *nós* que, no diálogo com aqueles que não são considerados parte, estabelece também limites. O então diretor do IB, seja na condição de autoridade, de ex-aluno, de professor e pesquisador da CAB se reconhece parte da instituição. Ele integra esse *vocês* que opera, no discurso, como uma estratégia para assinalar a comunidade entre os assistentes e nomear, por meio de categorias, aos próprios membros.

A chave geográfica na narrativa de comunidade

1.

Analisemos agora a comunidade que se recria como narrativa no evento. Para isso abordemos, como primeiro material para identificar algumas particularidades, o artigo institucional que comunicou na mídia gráfica, radiofônica e por meios eletrônicos a realização do evento.

El primero de agosto del año 2005 se cumplieron 50 años del inicio de la clase primera en el Instituto, Balseiro es decir es el verdadero cincuentenario de nuestro querido instituto. A lo largo de este medio siglo de esfuerzo y trabajo ininterrumpido, en estrecha unión y codo a codo con el Centro Atómico Bariloche, el Instituto Balseiro se ha forjado un prestigio y reconocimiento tanto a nivel nacional como internacional fruto de la cohesión en los criterios de calidad, exigencia y excelencia que fueron inspirados por el doctor José Antonio Balseiro. El

Centro Atómico y el Balseiro son parte indisoluble de la sociedad barilochense. A lo largo de estos 50 años de vida ambos han contribuido a generar en nuestra ciudad el ambiente propicio para que en ella se desarrolle un polo científico y tecnológico que, junto al turismo, su principal industria sin chimeneas, constituyen la imagen actual de San Carlos de Bariloche. El personal del Balseiro y del Centro Atómico tiene el orgullo de sentirse barilochense. Por ello desea compartir la alegría de esta celebración con todos sus amigos y vecinos invitándolos a que nos acompañen en el resto de estas actividades de conmemoración, en la semana de la ciencia la tecnología y la educación superior y en estas actividades del cierre el próximo viernes 5 de agosto.

Esse artigo institucional publicado na imprensa local antecipa de que modo uma das características da comunidade é sua configuração ao redor da ancoragem geográfica. Isto é, na referência a San Carlos de Bariloche, *nossa cidade* como coincidiu em dizer a apresentadora da comemoração ao começo da cerimônia. *O Centro Atômico e o Balseiro são parte indissolúvel da sociedade barilochense* afirma, mais precisamente, o artigo.

Bariloche não é unicamente o centro urbano onde se localiza o CAB-IB, onde o pessoal mora e desenvolve as tarefas profissionais. Também não é apenas a cidade onde o pessoal anterior - aqueles que estiveram em alguma etapa na instituição ou que se retiraram já das funções - morou e trabalhou. Bariloche é fundamentalmente a referência espacial a partir do qual o pessoal - ou ex-pessoal - em vínculo com a instituição, estabelece uma leitura do coletivo associada ao *nós*. Isto é, uma leitura do coletivo que vincula o espaço aos laços de sociabilidade que os habitam, que vincula o espaço às experiências sociais que esses laços supõem. Neste caso, com laços e experiências que têm a ver com ser parte da instituição. Aliás, a cidade sustenta uma interpretação do coletivo que define espaços precisamente em função desses laços e experiências. Uma interpretação do coletivo que articula sobre esses laços e experiências, mais especificamente, sentidos de pertença.

A dimensão geográfica da pertença, *esse orgulho de ser barilochense* que se corresponde com a instituição, é um dos eixos centrais de sociabilidade que resulta na conformação comunitária. É um dos eixos centrais porque congrega ao coletivo social reduzindo diferenças entre aqueles que se reconhecem como parte da instituição, entre aqueles que configuram o *aquí dentro*. Por causa disso a dimensão geográfica é, na

cerimônia, um objeto a mais de festejo que particulariza a instituição. Detalhes do planejamento e o acontecer do evento como a referência à eleição da madeira de lenga de origem patagônica para a elaboração do presente comemorativo⁹⁰, ou o escolher o *curanto* como cardápio do almoço, dão conta da relevância desses laços entre espaço e socialização. A referência à cidade a partir da figura celebrada de Balseiro, a *pequena aldeia* que trabalhamos no capítulo anterior, contribui em igual direção.

Uma das diferenças que se reduzem graças à leitura localizada da pertença coletiva é, justamente, aquela relacionada com a procedência dos membros. Desde os começos o IB nutriu o plantel de estudantes, pesquisadores e professores de outras geografias da Argentina e do mundo. A vida no afastado lugar patagônico de montanha com duros invernos e de não tão simples acesso ou comunicação aparece como uma experiência compartilhada entre os recém-chegados, como uma experiência unificadora entre eles que é distinção a respeito do *fora*. *Estávamos todos juntos no fim do mundo*, tinha dito a entrevistada citada no começo do capítulo.

Enquanto algumas condições de Bariloche têm mudado bastante, as diferentes procedências entre aqueles que integram a instituição não correspondem exclusivamente ao passado, aos tempos da fundação que a narrativa de tradição explicita. Em grande parte o fluxo de estudantes dos diferentes níveis provenientes de outras cidades e instituições continua sendo significativo. Dai a relevância de representar e transmitir a redução de diferenças numa opção de arraigamento local que já foi experimentada e que os integre na pertença institucional. E de representar e transmitir essa redução de modo a estender aos novos integrantes a adesão que, afirma-se, foi obtida nos anteriores. Essa adesão que lhes deu um lugar de destaque no jogo de inclusão e exclusão que opera como eixo dos processos identitários (Hall, 2002). Isto é, esse jogo que habilita determinadas identificações e compromissos que posicionam socialmente aos sujeitos no seio do coletivo que integram (Tylor, 1998). E que na cerimônia, também na representação e comunicação da narrativa de comunidade, é objetivo fazer experiência, atualizar.

⁹⁰ Aliás, a artista que fez esses presentes escolheu a madeira de lenga pela sua dureza. Foi no seio do evento que se estabeleceu a relação entre essa escolha e o fato de ser uma árvore patagônica.

2.

O caso dos *pioneiros*, que a narrativa de tradição remarca, é paradigmático desse critério de redução de diferenças, de homogeneização da comunidade numa pertença geográfica que é comum independentemente dos lugares de procedência originários. Nesse sentido, a categoria iguala indivíduos de várias trajetórias e procedências associados a uma única aventura e indica a pertença do conjunto ao projeto que lhe dá sentido como tal. Lembrando, no capítulo anterior, a aventura de produzir ciência e tecnologia na Argentina, essa aventura que confluía na representação da figura dos *pioneiros* no evento, relacionava-se com se iniciar numa escassamente explorada atividade. Porém, também referia-se ao fato de fazê-lo em San Carlos de Bariloche, nessa terra patagônica de difícil acesso nos meados do século XX, onde tudo - se pensava - estava por começar, onde nada estava ainda feito.

Bariloche con su espíritu pionero aportó los recursos humanos esenciales para la consolidación de la institución (intervenção do graduado das primeiras turmas)

Entre os *pioneiros*, esses primeiros professores caracterizados em função do traslado a essa cidade do sul, havia italianos, alemães, espanhóis, entre outros⁹¹. Havia também profissionais formados em diferentes universidades do país, como a Universidade Nacional de Buenos Aires, a Universidade Nacional de La Plata, as Universidades Nacionais de Córdoba e Tucumán⁹². No entanto, independentemente dessas procedências específicas, a própria categoria estabelece uma marca de início de reunião que assevera uma nova localização de pertença. Uma nova localização que não anula as procedências anteriores - que também indicam pertenças geográficas e em

⁹¹ López Dávalos e Badino escrevem, nos antecedentes históricos do IB publicados na página de internet da instituição (<http://www.ib.edu.ar>), sobre as procedências dos *pioneros*. “Moretti () era um físico italiano incorporado em Córdoba ao Instituto Aerotécnico e à Universidade, Balanzat um dos matemáticos espanhóis com cujo exílio a ditadura de Franco contribuiu à ciência argentina e Meckbach um jovem físico alemão que tinha feito uma curta estadia em Bahía Branca e La Plata”.

⁹² Quando se criou o IB havia seis universidades nacionais estabelecidas em diferentes pontos do país. Lembremos aqui que o ingresso ao instituto exigia a realização de 3 anos de uma carreira de ciência ou engenharia e que os postulantes deviam passar conseqüentemente por essas universidades ou outros centros de formação.

algum caso institucionais - mas é ponto de partida de uma pertença que se propõe comum, uma nova pertença na qual as outras parecem confluir.

Nessa direção os *pioneiros*, além de condensar sentidos sobre a aventura que protagoniza a narrativa de tradição, operam como paradigma de homogeneização de uma pertença que se apresenta geográfica e institucional. Neles, como na figura de José A. Balseiro, representa-se a associação entre a definição de um projeto de raiz institucional e a delimitação geográfica de sua realização. Eles corporizam, aliás, a própria relação entre geografia e projeto. A indicação e dramatização dos *pioneiros* no evento atualiza e comunica essa representação que congrega num ponto geográfico único, e independentemente das diversas procedências dos indivíduos, o coletivo social em questão. Um ponto geográfico que congrega, justamente, sobre a base da participação na realização do projeto.

3.

A representação de uma geografia comum não se evidencia exclusivamente no uso da categoria *pioneros* nas intervenções dos oradores. Também não é exclusiva da dramatização da sua figura através das imagens e dos movimentos que se sucederam no evento.

“Estamos en el acto central en la conmemoración del quincuagésimo aniversario del Instituto Balseiro en nuestra ciudad de San Carlos de Bariloche”

Essas foram as primeiras palavras do ato, a abertura. Uma única frase que nos situou a todos os presentes, desde o começo, nos motivos de reunião associados ao instituto e à Bariloche, à localização do instituto e paralelamente da reunião.

Nos honra la presencia de () representantes de instituciones de juntas vecinales y de Organismos No Gubernamentales, amigos y conciudadanos de San Carlos de Bariloche a quienes les agradecemos su presencia para compartir este acto en el que festejamos los primeros 50 años de vida de nuestro querido Instituto Balseiro.

Como vemos nas citações anteriores, a atualização da referência geográfica atravessa a comemoração em diferentes indicadores de vinculação entre o geográfico e a instituição. Entre esses indicadores estão, por exemplo, os pronomes possessivos que, na utilização nesse particular contexto discursivo, associam a localidade à instituição. Tal é o caso desse *nosso querido instituto* que segue a inclusão no evento da população local de Bariloche: *representantes de instituições, de juntas vicinais e de Organismos Não Governamentais, amigos, concidadãos*. Esse *nosso* que no ato de ser enunciado propõe uma conexão. De igual modo que tinha conectado ao instituto, nas primeiras palavras da intervenção, a San Carlos de Bariloche, apresentando-a como *nossa cidade*.

No entanto, ainda que os *representantes de instituições, de juntas vicinais e de ONGs, amigos e concidadãos* se incluam como convidados e participantes no ato - e contribuam a partir dessa inclusão a justificar a relação entre instituição e localização - é claro que não se consideram, nem são considerados, como parte do *cá adentro*. Embora seja verdade que a instituição é parte da cidade, também é verdade que eles ficam fora dela. Trata-se de um primeiro nível do afora que a narrativa de comunidade supõe. Eles são parte do afora que compartilha a ancoragem local da instituição: a cidade.

4.

A evidência desse primeiro nível do afora abre o caminho para lembrar a outra parte dos processos de construção e afirmação de uma comunidade baseada na pertença e identidade comum. Isto é, a exclusão a partir do reconhecimento e a asseveração das diferenças. A dimensão geográfica da pertença opera, neste caso, não apenas como chave de leitura do coletivo social em termos de uma inclusão e homogeneização comunitária. Também é critério para o estabelecimento dos limites desse coletivo social, para excluir dele aquilo que não o integra. Nesse sentido, a narrativa de comunidade, além de congregar em torno de um *se considerar parte* que têm ancoragem sócio-espacial, propõe critérios que indicam diferenciação.

Francisco: A ver bueno, todos los períodos turbulentos de la Argentina pasaron mucho más amortiguados por acá por la distancia, lo cual no quiere decir que la gente no estuviera

enterada de lo que pasaba. Una de las razones por la que se pudo ir sumando y acumulando crecimiento y no empezando de nuevo cada vez que se caía un gobierno como pasa con instituciones más grandes, que están más cerca de Buenos Aires es justamente la distancia, aunque también a eso hay que sumarle una especie de paraguas protector que era la Comisión de Energía Atómica. Por otras razones digamos es una institución que ha sido manejada por los marinos y aun los gobiernos que no eran militares siempre trataban de respetarle una continuidad. Eso sumado a que Bariloche estaba relativamente lejos todas las noticias llegaban tarde o que ya habían pasado. Una cosa notable es que si uno visitaba los laboratorios de la facultad de ciencias o la misma Comisión de Energía Atómica en Buenos Aires cuando el problema estaba sucediendo en la calle la gente en el laboratorio estaba hablando del problema y no estaba trabajando en su oficio digamos estaba preocupada por el país. Acá por ahí charlamos un poco en el café y después cada uno se iba a su cueva a hacer su trabajo

Ana: Aja

Francisco: A alguna gente eso no le gusta le parece que es autista, es desentenderse de los problemas nacionales pero uno de los problemas que tiene la Argentina es que todo el mundo habla del problema de la Argentina y no se dedica a lo que tiene que hacer, entonces me parece que un equilibrio entre las dos cosas es más sano

Ana: Aja

Francisco: Digamos si todo el mundo habla del problema que no podés resolver simplemente amargarte porque está ahí. Se complica después la época más dura de la represión y de la los desaparecidos la ciudad de Bariloche tuvo una persona desaparecida que no era de acá sino de alguna persecución. Si retraso en los ascensos ese tipo de cosas se produjeron pero ningún tipo de violencia físico como los que hubo en la misma CNEA en Buenos Aires en las universidades. Eso no pasó acá adentro ni en la ciudad de Bariloche tampoco

O fragmento dessa entrevista feita tempo antes do evento a um graduado das primeiras turmas antecipa de que modo o estabelecimento de compromissos e identificações em função da localização geográfica da instituição, o sentimento de pertença a respeito dessa localização que esses compromissos e identificações contribuem para criar, é um dos elementos em jogo na dinâmica identitária que envolve a instituição. Como explicitam também os distintos oradores do evento, questões como a *distância* dos grandes centros urbanos e determinadas condições particulares no trabalho que essa *distância* habilita - uma leitura, por exemplo, de continuidade na organização do

trabalho independentemente dos conflitos políticos que parecem ficar sempre longe - baseiam à própria conformação identitária do coletivo social que se constrói ao redor da instituição.

Ese primer día de clases, hace exactamente 50 años, no marcaba solamente el inicio de las actividades del flamante instituto de física centrado en Bariloche sino el comienzo de un proyecto que habría de colocar un cambio sustantivo en el desarrollo de la ciencia y la tecnología en nuestro país

Tinha discursado nessa direção o então gerente do CAB associando lugar, condições e projeto. Reiterando essa associação não apenas tinha afirmado, novamente, a relevância dela mas também a tinha comunicado e atualizado entre os presentes. E com ela, tinha comunicado e atualizado algumas das características que paralelamente particularizam a instituição e dão suporte às definições internas e às diferenças.

Porém, não todos aqueles que fazem parte da comunidade que se representa e comunica apoiada numa pertença geográfica, esse *vocês* que menciona o ex-diretor na hora dos agradecimentos e que ressalta num auditório onde há mais presentes, se narra num status de igualdade. Apesar de a intervenção os enumerar no mesmo igual nível sem esclarecer mais do que as tarefas que desenvolvem na instituição - estudar, ensinar, fornecer suporte técnico ou de apoio, administrar, pesquisar - existem outras formas de organizar a comunidade que excedem essas categorias.

Nesse sentido, a narrativa de comunidade, na representação, nos discursos e dramatizações, e na comunicação que a representação implica na comemoração, explicita e transmite diferentes experiências de pertença. Ou, melhor dito, organiza e hierarquiza a pertença na representação de diferentes experiências e significações a respeito delas que legitimam a definição de um coletivo social em termos de comunidade. Vejamos.

Categorias de pertença na comemoração parte 1: A genealogia ininterrupta

1.

Deixarei de lado por um momento o aniversário do IB com o objetivo de introduzir brevemente, e de modo comparativo, alguns aspectos de uma das experiências de pertença que a narrativa de comunidade representou e comunicou na comemoração: a experiência de genealogia. O objetivo é fazê-lo me apoiando na análise de um campo de estudo que possuí, por estar vinculado com a geração, circulação e aplicação de conhecimentos - neste caso psicológico e psiquiátrico - alguns pontos em comum.

No livro sobre as jornadas de comemoração do Serviço de Saúde Mental do Hospital Lanus, Sergio Visacovsky faz referência à existência de uma genealogia rompida (2002). Aliás, o autor escolhe essa expressão como título do capítulo inicial. Nas páginas desse capítulo argumenta de que modo um dos objetivos implícitos dessas jornadas foi o estabelecimento de critérios de diferenciação de base genealógica entre os assistentes. Argumenta como o estabelecimento desses critérios de diferenciação de base genealógica entre os assistentes esteve articulado no evento a partir um momento da história política nacional que operou como marca de ruptura na instituição: a última ditadura militar 1976-1983.

“Através da ação comemorativa, os organizadores procuravam, em primeiro termo, tender uma ponte entre passado e presente, comunicando às novas gerações profissionais aquele projeto, o qual, ajustado às necessidades atuais, ainda mantinha vigência” (Visacovsky, 2002: 44).

Através dos discursos e das dramatizações, os participantes das jornadas comemorativas do Serviço de Saúde Mental de um hospital da periferia de Buenos Aires foram assinalados como integrantes de dois conjuntos diferentes ao seio de um coletivo que se afirmava em torno de uma identidade única. Por um lado estavam aqueles que tinham sido parte, pessoalmente, desse projeto ao qual a anterior citação faz referência. Aqueles que tinham sido partícipes dos tempos da fundação, os tempos de Goldenberg -

o psiquiatra que se reconhece como maestro e fundador do serviço - e que eram adjudicatários do que Visakovsky denomina uma marca identificatória que

“... o passo do tempo não tinha apagado, e, conseqüentemente, vivia em cada testemunha daquela empresa, e era possível ser reproduzida no presente além das barreiras históricas, geográficas e culturais.” (Visakovsky, 2002: 43)

É dizer, uma marca identificatória que prolongava e transmitia um ato primeiro, *fundante*: o ato no qual o maestro ensinava o estudante. Uma marca que afirmava, no prolongamento e transmissão desse ato, uma proposta de continuidade genealógica entre ambos.

Por esse lado, então, estavam o maestro e os discípulos. Por outro lado estavam aqueles que tinham chegado à instituição depois da ruptura que significou, também internamente, a ditadura militar. Ruptura que produziu importantes transformações no pessoal - grande parte dos primeiros profissionais partiram para o exílio, Goldenberg entre eles -, nas condições de trabalho, nos compromissos e no próprio projeto. Era àqueles que chegaram depois dessa ruptura a quem resultava necessário transmitir o projeto inicial a partir de, entre outros caminhos, restaurar essa genealogia que tinha sido rompida e cuja ruptura a própria quebra da relação entre o maestro e os estudantes representava. Aliás, era necessário restaurar essa genealogia ao seio do coletivo social na tentativa de reconstruí-lo como um todo. E na tentativa de fazê-lo “de modo que as descontinuidades do Lanús fossem absorvidas num esquema de continuidade interminável” (Visakovsky, 2002: 292). Um esquema que superasse as rupturas causadas pelos conflitos e crises políticas a partir das quais essas descontinuidades se tinham produzido.

2.

Regressemos a nossa comemoração. Vemos nela que uma das experiências de pertença que se representam, e que nesse representar se comunicam no evento, tem - como nas jornadas comemorativas do Serviço de Saúde Mental do Hospital Lanús - um fundamento genealógico. Vemos, aliás, que essa é uma das experiências privilegiadas na

comemoração. É só lembrar como a narrativa de tradição reiterou, através de diferentes meios, uma leitura na qual se assinalava, por um lado, a origem em Balseiro. Uma leitura que indicava, além disso, o prolongamento em relação a essa origem, e dos atos fundantes implicados nela, na celebração dos *históricos e pioneiros*.

Argumentei no capítulo anterior que a articulação nas intervenções orais e na dramatização da narrativa de tradição na comemoração, na transferência de memória social que tem como efeito, legitima seu próprio status hegemônico como modelo de interpretação do passado. No entanto, a legitimação do status hegemônico não é o único efeito da performance de tradição. Na realidade, a narrativa de tradição opera, em grande parte, como fundamento da narrativa de comunidade. Opera como fundamento de uma narrativa de comunidade que, apesar de delimitar e caracterizar um coletivo social como um todo com base em critérios de homogeneização interna, supõe experiências de pertença diferentes no interior.

Algumas dessas diferenciações internas têm fundamento, justamente, na organização das relações entre aqueles que são parte da comunidade sob uma perspectiva genealógica. Essa organização genealógica, que se representa e comunica no evento através do assinalamento e da particularização de certas práticas e atores sociais, implica uma leitura de continuidade. Mais precisamente, de uma continuidade que transita desde a origem estabelecida até o presente. Uma continuidade que se representa sem referências a interrupções relevantes. Uma continuidade que, como propõe Visakovsky, absorve aquilo que poderia ter funcionado como ruptura possível. A genealogia é, então, uma das experiências de pertença que configuram a narrativa de comunidade. Aliás, é uma das experiências que, na comemoração, explicita um claro protagonismo⁹³.

⁹³ Não utilizo neste trabalho a categoria de genealogia para dar conta de laços biológicos entre ancestrais e descendências ou entre gerações sucessivas. Também não o aplico para explicar vínculos sociais baseados em correntes de sucessão sanguínea. Na realidade, retomo aqui a proposta que inaugurou Rivers (1910) num ensaio sobre a análise genealógica. Nesse trabalho ele afasta a genealogia da perspectiva mais biológica e a propõe como método para abordar a história cultural e os eventos passados. Essa proposta levou a revalorização da genealogia como ferramenta conceitual para interpretar aspectos do passado sempre sobre a base de que esses aspectos estão em relação com o presente etnográfico desde o qual se os narra (Irvine, 1978). Para uma revisão profunda da categoria, fundamentalmente em relação com a de parentesco, ver Hirschfeld (1986).

“Uma genealogia constitui um conjunto de regras para derivar o estado presente das alianças () permitindo enfatizar a identidade das pessoas de diferentes idades e a continuidade de suas lealdades mútuas” (Davis, 1987 em Visakovsky, 2002: 52).

Essa perspectiva foi construída a partir da análise de materiais etnográficos como, por exemplo, os que apresentaram Edwards Evans Pritchard na discussão sobre a estrutura social dos Nuer (1940) ou Laura Bohannan na abordagem da sociedade Tiv (1952). Nesses textos clássicos da disciplina antropológica os autores mostraram de que modo o conhecimento genealógico não se constrói necessariamente a partir de um fundamento biológico mas se enraíza nas próprias dinâmicas de organização de cada sociedade (Irvine, 1978). Mostraram, também, como as regras que supõe e as afirmações ou omissões que configuram o conhecimento que as suporta - conhecimento que não se limita à objetividade dos fatos ou vínculos sociais que relata - obedecem a razões coletivas e legitimam relações e alianças de importância no presente⁹⁴.

Retomar essas discussões clássicas como orientação para a análise permite, numa primeira instância, ver como o cinquentenário do IB põe em evidência, através das intervenções dos oradores e das dramatizações - distribuição de imagens de Balseiro, os *pioneiros e históricos*, movimentos como os implicados nas homenagens, distribuição da ocupação das mesas durante o almoço, etc. - um conhecimento genealógico que tem raízes na própria dinâmica institucional. E possibilita, numa segunda instância, colocar como pergunta as razões que fazem a participação protagônica dessa dimensão da experiência de pertença na comemoração. Tentemos aprofundar ambas questões a partir das possibilidades analíticas da performance.

⁹⁴ Supor que o conhecimento genealógico não tem correspondência com a realidade dos fatos ou vínculos que relata discute, na verdade, a proposta de Rivers introduzida no pé de página anterior. Afirma Irvine que para Rivers a genealogia, sem remeter a um fenômeno biológico, permite dar conta da história cultural. Porém, para esse autor, as distorções dos fatos históricos que aparecem nelas se devem ao esquecimento ou descuido dos indivíduos que se escolhem como informantes e não à dimensão interpretativa incluída na construção da genealogia. Por sua parte Evans Pritchard e Bohannan, entre outros etnógrafos, além de questionar a própria idéia de distorção - de fato esta última autora afirma que as genealogias não reconhecem nenhum tipo de rigorosidade histórica (1952) - afirmam que os esquecimentos e descuidos têm as raízes na própria organização social. Isto é “... nos próprios modos em que a genealogia é construída e as razões pelas quais as pessoas se molestem ou não em lembrá-los”. (Irvine, 1978: 651)

3.

O cinqüentenário do IB performa a genealogia em três direções. Primeiro, a representa e comunica na referência à origem na figura do *fundador*, segundo na proposta de prolongamento de seu projeto através das homenagens realizadas aos sucessivos diretores do instituto, terceiro na atualização do valor de figuras como os *históricos* e *pioneiros*.

No plano da representação - isto é, no plano que a performance explicita sentidos do mundo – os elementos que correspondem às narrativas de tradição e comunidade se confundem. Aliás, se complementam. A tradição, versão consensuada do passado de histórica sedimentação mas novamente afirmada no evento, outorga o corpus legítimo de conhecimento genealógico no qual se apóia a narrativa de comunidade para atualizar pertença em termos de genealogia. Por sua parte, a narrativa de comunidade faz desse conhecimento genealógico um ator relevante da própria dinâmica de pertença. Aprofundemo-nos nessa complementaridade das narrativas a partir do material de campo.

“Finalmente invitamos a la señora María de las Mercedes Covadonga Cueto de Balseiro, nuestra querida Covita, a subir al escenario para recibir un presente a partir del cual el instituto quiere reconocer su fundamental tarea de apoyo permanente a la obra de nuestro fundador, el doctor José Antonio Balseiro”, anunció la locutora cuando promediaba la primera mitad del acto central provocando aplausos mas duraderos - en comparación con los aplausos recibidos por los oradores que habían intervenido hasta el momento y los homenajeados anteriores - mientras la señora subía lentamente al palco, saludaba y recibía el presente conmemorativo. (Registro de campo, 1 de agosto de 2005)

A presença simbólica de Balseiro assumiu, na comemoração, várias materialidades. Uma dessas materialidades foi a participação de *Covita*, a viúva, mãe dos 4 filhos. A homenagem a *Covita* implicou, além do próprio componente celebratório, o deslocamento daquilo que a particulariza como ator individual para a sua relação com o *fundador*. Foi homenageada, fundamentalmente, por essa relação. Este deslocamento supôs a celebração - através dela - da origem, da própria obra fundacional. Isso é, a celebração do ponto de partida da genealogia proposta. Supôs essa celebração não apenas

pela marca de início que ela implica mas também como referência de pertença ao tecido de relações sociais a respeito das quais essa marca simboliza nascimento. A homenagem a *Covita*, outra *histórica* como ficou claro na distribuição das pessoas no almoço, condensou a representação, então, da relação entre a origem e a pertença a um tecido social que ali começa. E, nessa representação, afirmou a atualidade e o projeto.

“El primero de los homenajes involucró a los trece directores del Instituto que fueron subiendo al escenario por orden de asunción en el cargo mientras la locutora señalaba, en cada caso, el período de permanencia en la función. Esa cronología fue saltada en dos ocasiones. La primera por causa de ausencia, la segunda por fallecimiento. Ambas personas fueron nombradas al final de la lista, junto con los períodos de permanencia en el cargo y la justificativa por estar fuera del orden. Los once restantes, de uno en uno y en orden de nombramiento, subían al escenario por el extremo izquierdo, se trasladaban al centro saludando a los miembros de la mesa (o a algunos de ellos), recibían allí el presente y luego se quedaban de pie sobre el lado derecho del palco. Uno a uno, primero acompañados por aplausos (que en algunos casos pasaron el medio minuto de duración) y luego en silencio” (registro de campo, 1 de agosto de 2005)

A homenagem aos diretores - a segunda homenagem da manhã depois da prestada à viúva - nos introduz em outra forma de simbolizar continuidade a respeito da origem e dar sustento à proposta de genealogia na narrativa de comunidade. No caso de *Covita*, o que operava fundamentalmente como suporte simbólico era o próprio vínculo com Balseiro (Turner, 1980) e as implicâncias desse vínculo em relação à origem e a sua afirmação no presente. Esse vínculo a convertia em *histórica* e fundamentava, aliás, o seu próprio pertencer.

Os diretores, por sua parte, materializam uma filiação com base na origem. Mais precisamente, materializam uma filiação em função da própria rede de relações que a sucessão no cargo organiza. Essa rede de relações que os diferencia no evento em relação do coletivo social mais amplo que se constrói em torno do instituto e que opera como coluna da articulação temporal na proposta de filiação institucional.

Nesse sentido, os treze diretores nomeados em ordem cronológica, que se inicia depois da morte de José A. Balseiro, e especificando, em cada caso, o período de

exercício na administração da instituição - desde o primeiro depois de Balseiro até o atual, com a exceção a essa ordem dos ausentes nomeados e justificada a ausência no final - foram diferenciados nos movimentos que envolveram as homenagens. Nessa diferenciação a sua presença assumiu o prolongamento numa pertença não interrompida e representada em vinculação a um mesmo projeto. Isso é, deram corpo à continuidade que se caracteriza estendida ao longo dos anos que decorreram desde a ausência do Balseiro - o primeiro diretor - até o presente da comemoração.

“El primer día de clase - continuo la presentadora- el Instituto de Física de Bariloche estaba comenzando su historia. Los contó entusiastas y decididos a superar un gran desafío. El Instituto Balseiro quiere reconocer en esos primeros alumnos, a todos los que los siguieron. Algunos de ellos los acabamos de homenajear pues fueron posteriormente directores del instituto⁹⁵ () Invitamos a sumarse a este grupo a los restantes integrantes de la primera promoción de licenciados en física que hoy están presentes.”

Depois de ser nomeadas mais duas pessoas, uma mulher e um homem, com os aplausos da platéia, subiram ao palco de igual modo que o tinham feito antes os diretores da instituição. A apresentadora explicou a ausência de mais quatro por *obrigações pessoais* e lembrou os nomes de outros três já falecidos. Todos eles estão *presentes no nosso coração* - disse. Depois nomeou ao corpo docente inicial, integrante por integrante e convidou a dois deles e a mulher de um terceiro a somar-se aos *primeiros alunos e ex-diretores*.

Os últimos homenageados da manhã foram os *pioneiros* e os primeiros graduados da instituição. *Os primeiros professores* ocuparam o primeiro lugar nessas últimas homenagens. Seguiram-lhes cinco homens e uma mulher que fizeram parte da primeira turma de egressos da licenciatura em física. Esses primeiros *graduados nos quais simbolizamos todos os alunos que vieram depois*, como disse o então vice-diretor da carreira de engenharia nuclear numa entrevista no programa *O Balseiro na Nacional* emitido pela da rádio nacional dois dias depois da comemoração. Esses primeiros estudantes que representavam e comunicavam continuidade nessa própria proposta de simbolização.

⁹⁵ Quatro dos diretores tinham sido graduados da primeira turma e todos eles estavam já sobre o palco.

Nos *pioneiros* e nos primeiros graduados as narrativas de tradição e comunidade se cruzam novamente. Os *pioneros*, os colegas da aventura inicial, corporizam como *Covita* e os outros *históricos* o vínculo direto com a definida origem que é paralelamente sustentáculo de tradição e de pertença. Nessa direção, a presença homenageada e diferenciada deles é representação do primeiro nível de genealogia que ordena ao coletivo social narrado como comunidade. Esse primeiro nível que está composto por aqueles mais próximos à origem, por aqueles que tiveram, na origem, participação pessoal direta.

Entrevistador: Queríamos consultar como se siente un segundo egresado de nuestro instituto en este festejo?

Entrevistado: Bueno, ante todo se siente muy bien y además lamenta de ser de la segunda promoción porque los que llegan segundos nadie tiene cuenta de ellos. (Risos)⁹⁶

Esse breve fragmento de uma entrevista a um graduado da segunda turma, realizada no programa de rádio citado alguns dias antes da comemoração, põe em evidência, com humor, a reflexão que implica essa diferenciação de raiz genealógica. Essa diferenciação que é eixo da narração do coletivo, da explicação por parte daqueles que participam no tecido de relações que o constitui. Diferenciação que, inclusive, atravessa outros critérios de pertença a esse coletivo como são os relacionados com as tarefas profissionais, aquela da pertença espacial - que como vimos se constitui em torno de laços de sociabilidade que têm um ancoragem local como critério de homogeneização - e o critério da geração.

A respeito desse último ponto, com relação a esse critério da geração no qual trabalharei a continuação, quero antecipar uma explicação. Além do lugar diferenciado que ocupam na genealogia, a primeira e a segunda turma de graduados, e também algumas seguintes, são narradas unidas em termos de geração. Narram-se unidas como geração não apenas pelas experiências compartilhadas em função de trajetórias de vida que se aproximam em tempos e muitas vezes em espaços, mas também pela própria experiência como membros da instituição. Nesse sentido, chegaram a Bariloche com

⁹⁶ O entrevistador é também membro do CAB-IB e o entrevistado é graduado do instituto.

poucos anos de diferença, estiveram sujeitos às condições de vida que oferecia a então mais isolada cidade, compartilharam os professores, aprenderam do próprio Balseiro. Nesse sentido são todos *históricos* por definição. No entanto, apesar de serem agrupados pela geração, a configuração genealógica permite uma reorganização em função do eixo temporal. Uma reorganização que destaca a alguns, os primeiros, sobre os resto. E destaca uma construção de hierarquia temporal paralelamente.

Como se manifesta nas homenagens realizadas na comemoração, a genealogia afasta da geração, aos *históricos*, os *primeiros graduados e professores* daqueles que vieram depois. Os afasta, paradoxalmente, para marcar continuidade. Para marcar continuidade na institucionalização de um conjunto de práticas cuja origem também eles representam: práticas relacionadas a como aprender, como ensinar e como pesquisar. Práticas que são, além disso, valores no presente. Acontece que esses *primeiros graduados e professores*, cuja presença é diferenciada no evento, são índices, como diz a locutora ao introduzir sua homenagem, de *todos os que seguiram* e das práticas específicas que os envolveram. Isto é, não apenas representam aos membros da geração mas também propõem um modelo de práticas que supõe a inclusão de todos aqueles estudantes, sem fronteiras de geração, que vieram depois. Um modelo que pretende somar, também, aqueles que no futuro se incorporarão nela.

4.

Vamos agora ao segundo plano de análise que a perspectiva da performance habilita. Isto é, o plano que se deriva da capacidade realizativa, o plano dos efeitos. Vejamos, sem nos desprender da conexão com o plano representacional introduzido nas páginas anteriores - desconexão que é metodologicamente impossível (Fairclough, 1992) - que produz a atualização de genealogia nestas três direções.

Vimos como *Covita*, os diretores e os *pioneiros*, devido a representarem vínculos entre uma definida origem e a continuidade através dos anos, atualizam uma proposta de genealogia no contexto da comemoração. Vimos também como, no atualizar a genealogia nesse contexto específico, transmitem por sua vez o conhecimento que a suporta. Porém, o conhecimento genealógico não se transmite como um fim em si mesmo. Aliás, sua

articulação nas intervenções e sua dramatização nas homenagens implica na transmissão de critérios de filiação. Critérios de filiação que pretendem incluir a audiência - ou uma parte importante dessa audiência - no tecido de relações sociais que conformam este coletivo cujo passado, presente e projeção se festeja na comemoração. Critérios de filiação que pretendem incluí-la organizando os vínculos entre atores de diferentes idades em função da origem no qual o próprio coletivo define seu fundamento. Em poucas palavras, na transmissão de genealogia está envolvida a transmissão de sentidos de pertença, desses sentidos que configuram a narrativa de comunidade.

Entre esses critérios destacam-se os que assinalam o prolongamento das práticas, valores e projetos que estabelecem e particularizam o pertencer institucional.

De manera tácita él les confió y nos confió a nosotros la responsabilidad y el privilegio de continuar el camino que el había iniciado. Y creo que hemos cumplido con esas esperanzas. Estoy convencido de que si Balseiro pudiera ver los resultados de ese esfuerzo estaría muy feliz e inclusive agradecido por lo que se ha logrado en estos primeros 50

Este fragmento da intervenção do então diretor do IB pode resultar algo confuso para o leitor. É que a frase *ele lhes confiou e nos confiou a nós*, que é a que me interessa destacar, perde os referentes pessoais fora do contexto. No marco mas amplo do discurso é claro que o pronome pessoal *ele* é Balseiro, que a quem *lhes confiou* foi aos que o acompanharam, os *históricos*, os *pioneiros*, e que, por último, o *nós* refere a todos aqueles que fazem parte da instituição no presente. Novamente a referência à origem do projeto está presente. Novamente, também, se afirma a necessidade de continuá-la. De continuá-la como a um *caminho* que ali, nessa origem, delimita início e razões. Novamente os *pioneiros* e os *históricos* aparecem mediando, em termos de uma continuidade genealógica, passado e contemporaneidade da instituição. Aparecem estabelecendo o nexos, a conexão.

Hace poco conversábamos en un grupo y alguien me preguntaba como hacía Balseiro para implicar en sus alumnos el ideal de la excelencia. Y creo que si lo conocimos recordaremos que nunca escuchamos de su boca esa palabra. Lo que si percibíamos era que nos imponía exigencias pero de una manera que elevaba la autoestima y enseñaba a no conformarse con ser

menos. Así se alcanzó el éxito de una institución diseñada completamente en el seno del estado que ha despertado el interés y la atención de la actividad privada (intervenção do graduado das primeiras turmas)

Estas mismas instituciones hoy llamadas Instituto Balseiro y Centro Atómico Bariloche crecieron juntas apoyándose mutuamente para que sus roles específicos se potenciaran en una particular sinergia que es característica distintiva de esta comunidad de alumnos docentes e investigadores. Podría dedicar muchas palabras a repasar los pasos y luchas de estos tiempos no sin recalcar esfuerzos, no sin momentos de incertezas y angustias, pero basado siempre en el entusiasmo y las convicciones y la exigencia en el trabajo que fueron la impronta y la cara del doctor Balseiro () manteniendo la doctrina de avanzada en grupos de investigación destacados en las ciencias básicas aplicadas que muestran a su vez las más altas capacidades en el campo de la educación superior (intervenção do ex gerente do CAB)

Como deixam ver os dois fragmentos anteriores, o conhecimento genealógico também comunica e faz presentes *ideais e convicções* associados à origem, à *marca* e ao *rosto do doutor Balseiro*, e interpretados sem interrupções temporais. Isto é, valores que são definidos associados aos tempos da fundação e se reconhecem hoje, além de necessários, uma justificativa da instituição, das particularidades dos atores que a configuram e das práticas que ali se realizam. Valores que, associados a atores e práticas, transmitem nos discursos e nas dramatizações a sua atualidade presente e seu potencial de projeção futura.

Esta proposta de filiação que transmite o conhecimento genealógico implica, como a dimensão geográfica da pertença, uma dinâmica de identidade. Isto é, se confunde nos processos que intervêm no posicionamento dos atores sociais em função do coletivo social que se constrói ao redor da instituição. Nesse sentido, embora a genealogia suponha subdivisões no interior, a performance também afirma conexões que envolvem o coletivo como um todo, um coletivo possível de ser associado a uma identidade comum, um todo desde a origem ao presente. A genealogia habilita, então, o status hegemônico de determinados compromissos e identificações que não apenas

permitem explicar, aos próprios atores, a dinâmica interna e externa do coletivo institucional mas também justificam os acordos, as alianças presentes⁹⁷.

Categorias de pertença na comemoração parte 2: a experiência do geracional

1.

Contrastando a categoria de genealogia com a de geração afirma Davis que

“Pelo contrário as gerações outorgam uma estrutura de interpretação reativa onde a ênfase está centrada na descontinuidade com o passado” (Davis, 1987 em Visakovsky, 2002: 52)

À interpretação da geração como uma categorização social que faz ênfase na descontinuidade a respeito do passado tinham contribuído Hidred e Clifford Geertz no artigo *Tecknomy in Bali: Parenthood, Age-grading and Geneological Amnésia* (1964). Nesse trabalho os autores aprofundam a relação entre determinadas categorias de parentesco, a dinâmica de grupos de idade e sua incidência na transmissão do conhecimento do passado em termos genealógicos. Mais especificamente, analisam de que modo o fato de nomear aos adultos em função dos nomes dos filhos - tecnonímia, uma prática social freqüente nas sociedades onde a dinâmica de grupos de idade é central

⁹⁷ Uma situação registrada durante o trabalho de campo apóia a argumentação que relaciona as potencialidades da genealogia em termos de justificativas de ações e alianças do presente. No ano 2005 se descobriu que um dos projetos de pesquisa do CAB estava recebendo financiamento do US Army. A notícia foi difundida nos meios de comunicação nacionais gerando debate em diversos âmbitos públicos e institucionais. Também provocou, no interior do CAB, discussões entre autoridades e membros de diferentes equipes de investigação, inclusive daqueles responsáveis do projeto financiado. Nestas discussões se explicitava uma polaridade de leituras. Por um lado, estavam aqueles que repudiavam o ingresso de dinheiro de forças armadas estrangeiras, ainda pior americanas, para o financiamento de projetos independentemente dos conteúdos específicos. Por outro lado estavam aqueles que, sobre a base dos critérios de universalidade e excelência científica, sustentavam que em todo caso o problema não estava nas procedências do dinheiro nem no conhecimento que esse dinheiro contribuía a desenvolver senão nas aplicações potenciais desses conhecimentos. É interessante que estes últimos justificavam o ingresso de dinheiro do estrangeiro, entre outras coisas, porque Balseiro também tinha estimulado e aceitado financiamento de fontes externas. Ou seja, apelavam à origem para fortalecer os argumentos e legitimar-se no presente.

na organização social - habilita, através da supressão sucessiva dos nomes pessoais, uma leitura de ruptura ou descontinuidade entre as sucessivas gerações. Chamam a esse fenômeno de *cortina de amnésia genealógica*. Uma *cortina de amnésia genealógica* que, segundo os Geertz, desce sobre cada geração outorgando flexibilidade à hora de reconhecer um ponto de origem e uma descendência comum entre elas.

Porém, embora a genealogia possa conduzir a uma leitura de continuidade em relação ao passado e a geração pareça colocar a ênfase, pelo menos assim propõem os Geertz (1964) e Davis (1987), na descontinuidade a respeito dele, podemos observar na comemoração que não se trata de dinâmicas de organização social excludentes. Aliás, podemos antecipar a partir desse particular evento que, apesar da divergência assinalada pelos autores, não necessariamente quando uma delas explique alguns aspectos de determinada organização social a outra não deve ser considerada na análise. E podemos antecipar, por sua vez, que as modalidades de representação, uso e articulação de genealogia e geração dependem, justamente, da especificidade da organização social que delas se apropria, que através delas se organiza.

Nesse sentido, o cenário do evento põe em jogo, complementando a chave de leitura genealógica, uma proposta de categorização de geração. Uma proposta de categorização de geração que, ainda excedendo o recorte de espaço e tempo da comemoração, ali se representa e atualiza. Vejamos de que modo, ao compartilhar esse cenário, a categorização de geração contribui para suportar, paralelamente, à própria configuração genealógica.

Así que yo fui uno de esos alumnos que no lo conoció a Balseiro, que lo conoció únicamente en espíritu y obra, luego lo continuaron en sus responsabilidades los recientes egresados, a través de ellos yo lo conocí a Balseiro (Graduado do IB das primeiras turmas após a morte de Balseiro, declaração na emissão radial 'El Balseiro en la Nacional' o día 27 de abril de 2005)

Como deixa ver o trecho da entrevista a um dos organizadores do evento, e como explicitam outros materiais do registro da comemoração, a geração se atua, num primeiro nível, a partir de uma única divisão do coletivo social que se conforma ao redor da instituição. Uma divisão que se faz efetiva por uma única razão: o ter ou não conhecido

pessoalmente a José A. Balseiro⁹⁸. Ao longo do evento, essa articulação de geração se representou e transmitiu afastando da audiência uma categoria de pessoas: os *históricos*. Por um lado estavam eles, os *históricos* delimitados com precisão nessa categoria nativa sobre a qual trabalhamos no capítulo anterior. Por outra parte ficavam, nesse mais evidente nível de classificação, o resto da audiência. Um conjunto menos delimitado e com subdivisões internas que não se precisavam na performance. Um conjunto heterogêneo que se constituía, na realidade, a partir da própria presença sublinhada dos *históricos* no evento.

2.

Os selecionados com base no critério ‘histórico’ se caracterizam por

...ter colaborado muitos anos e ter conhecido e tratado pessoalmente com o Dr. Balseiro nos anos iniciais do Instituto de Física de Bariloche

Lembremos que o material do qual a frase foi abstraída, um correio eletrônico escrito por um *histórico* que circulou entre aqueles a que se fazia referência no texto, detalhava na seguinte ordem uma série de nomes e categorias:

Senhora Covita Balseiro, Filhos e Netos e Dr. Alberto Maiztegui e Sra,

Ex-diretores do IB nomeados e seguidos da indicação de acompanhante como e Sra,

ex-alunos, docentes e outros ‘históricos’ do Instituto de Física, também nomeados e indicados os acompanhantes de igual modo - excetuando uma senhora que também tinha conhecido pessoalmente a Balseiro, razão pela qual foi colocado seu nome.

⁹⁸ *El Balseiro en la Nacional* é um programa produzido e conduzido por alguns pesquisadores do CAB-IB que estão interessados na difusão. Com uma emissão semanal, e já há vários anos, ocupa-se em divulgar temas inerentes à física em geral, ao desenvolvimento tecnológico, à tecnologia nuclear. Durante o ano 2005 foram realizados entrevistas e programas especiais dedicados a difundir temáticas sobre a história institucional bem como a refletir sobre os 50 anos de trajetória. Durante o mesmo ano, além disso, todo programa começava sua apresentação com a frase “no ano do cinquentenário do Instituto Balseiro”.

O objetivo desse correio foi, em primeiro lugar, anunciar a realização do *ágape* depois da finalização do *ato central*. E, numa segunda instância, assinalar ao interior do almoço uma distribuição espacial que afetaria, e que efetivamente afetou, a esses participantes. Como acontecera durante o ato no qual os *históricos* foram objeto de uma sugerida mas efetiva distribuição espacial que se materializou na ocupação diferencial da sala e nas homenagens, o almoço também os destacou. Dessa vez, o destaque tinha sido indicado previamente através do citado e-mail e dos cartazes colocados sobre as mesas reservadas exclusivamente para eles.

Em ambos os momentos do evento, os *históricos* foram destacados pelo vínculo direto com a origem, vínculo definido pela participação deles no começo e fundamentalmente pelo contato pessoal que tiveram com o *fundador*. Foram destacados por esse vínculo no qual sintetizam aquilo que a narrativa de tradição assinala como eixo central do passado institucional e cuja representação no evento transmite conhecimento genealógico. Porém, também por causa desse vínculo destacaram como geração, categoria de pertença que os interpela como conjunto. Destacaram-se por conformar uma geração cuja afirmação não habilita, nesse caso, estratégias de maior flexibilidade a respeito da interpretação de um passado associado a uma origem definida nem supõe, como propunham os Geertz, uma espécie de *cortina de amnésia genealógica*. Pelo contrário, configura uma geração que apresenta, na sua articulação no evento, conhecimento genealógico em estreita relação. Aprofundemos nessa direção.

3.

Existem, sob a perspectiva antropológica, pelo menos dois modos de definir a idade como critério de organização da sociedade. O primeiro é em função dos graus de idade, a segunda em função dos grupos de idade.

“Na análise, Evans-Pritchard introduz uma primeira diferenciação entre categorias e grupos de idade. Enquanto as categorias de idade permanecem fixas, os grupos, conformados por moços que passam por cerimônias de iniciação ao mesmo tempo, deslocam-se através delas. Na etnografia dos Akw-Shavante de Brasil, David Maybury-Louis (1974 [1967]) aprofunda

conceitualmente esta última idéia de Evans-Pritchard ao estabelecer uma clara diferença entre grupos de idade e graus de idade⁹⁹ (Kropff, 2005)

O grau de idade refere-se às categorias que cada indivíduo atravessa à medida que se desenvolve e atinge diferentes competências biológicas. Isto é, à medida que cresce, que se desenvolve, que se reproduz, que se aproxima da morte. Meninos, jovens, adultos e velhos são alguns exemplos dessas categorias. Por outra parte, os grupos de idade são aqueles que não só atravessam essas categorias propostas - ou outras categorias possíveis - ao longo da vida senão que necessariamente o fazem juntos. É isso, justamente, o que estabelece a distinção entre grau de idade e grupo de idade e o que aproxima o último da própria categoria de geração¹⁰⁰.

Num artigo sobre as relações entre as gerações de trabalhadores da indústria metalúrgica da província de Buenos Aires, Argentina, Maristella Svampa (2001) define as gerações a partir das experiências históricas compartilhadas que estabelecem diferenças entre aqueles que fazem parte de uma geração a respeito daqueles que conformam as outras. Diferenças que se baseiam em cada caso, no fato de ter atravessado, ou de continuar atravessando, a vida compartilhando - como um grupo de idade de acordo com a anteriormente citada definição - sucessivos cenários sócio-temporais e experiências significativas juntos.

A conceptualização da geração que realiza a autora supera a utilização da idade em função da caracterização de etapas relativamente fixas, e freqüentemente naturalizadas - ou problematizadas apenas em termos de sua construção de base cultural - que iriam atravessando os atores sociais ao longo da vida. Supera-a já que aborda a idade como um critério que articula experiências socialmente compartilhadas que interpelam as trajetórias de vida dos atores sociais lhes permitindo se definir, ao menos em

⁹⁹ Afirma a autora na tentativa de colocar na agenda atual da antropologia a estrutura dos grupos de idade nas sociedades humanas, que “O grupo de idade é, no caso Shavante, o que une aos homens que passaram pela choça dos solteiros juntos, que se iniciaram juntos e se casaram na mesma cerimônia. Em definitivo, une aqueles que compartilharam uma experiência socialmente significativa, nesse caso, determinada por instâncias rituais. Para Maybury-Lewis, a choça de solteiros é a pedra angular do sistema de grupos de idade. Trata-se de um espaço-lugar significativo no qual se vive a experiência de camaradagem que permite solidariedades que atravessam as distinções de clã e de linhagem” (Kropff, 2005).

¹⁰⁰ Essa aproximação aparecia já, de algum modo, no trabalho dos Geertz. Acontece que os autores utilizaram ambas categorias de maneira indistinta numerosas vezes ao longo do artigo. Um exemplo dessa confusão é quando falam da cortina de *amnesia genealógica que desce de geração em geração*.

determinadas instâncias, como coletivo de geração. Um critério de fronteiras flexíveis que articula experiências compartilhadas que, além disso, têm ancoragem em processos sociais específicos correspondentes a períodos históricos particulares sobre os quais também pode nos informar (Kropff, 2005).

Nesse sentido, os *históricos*, independentemente das respectivas participações em termos da construção e atualização do relato histórico, articulam como conjunto uma experiência desse tipo. Articulam uma experiência geracional a partir, justamente, da pertença institucional vinculada a uma marca de origem. Como explicitam os diferentes discursos no evento, eles começaram a ser parte do CAB-IB quando nem o nome nem a instituição a que hoje se refere existiam. O único que havia no campus perto de Bariloche era constituído dos restos de um anterior e mau afamado projeto. Eles experimentaram a distância, as dificuldades produto das inclemências climáticas e as restrições da comunicação como um fator decisivo da vida cotidiana durante os primeiros anos da estadia.

Porém, aquilo que particularmente os diferencia do coletivo maior, especialmente daqueles colegas que chegaram apenas alguns anos depois que eles quando as condições gerais eram similares, é ter dividido espaços e tempo com o *fundador*. Nas intervenções e dramatizações se assinala, como característica diferencial dos *históricos*, o fato de ter compartilhado a cotidianidade das práticas na sala de aula com Balseiro, de aprender dele. Se assinala a importância de aprender sobre física, matemática e outras disciplinas nas quais ele foi professor. Mas fundamentalmente se faz referência à aprendizagem de valores, projetos e discussões políticas que envolvem a produção de ciência e tecnologia. Isto é, a aprendizagem sobre as próprias razões e justificativas da prática profissional nesse contexto específico.

Os *históricos* são definidos como geração por essas experiências compartilhadas que os diferenciam do resto. Essas experiências que os colocam como os responsáveis por reproduzir, num similar exercício, essas aprendizagens nas quais se tinham iniciado em conjunto, a partir das quais se definiram aliás como conjunto. Mas essa definição não é exclusiva do evento. É só voltar aos fragmentos de entrevistas citados no começo do capítulo para conferir a conformação e o protagonismo dessa geração na dinâmica institucional fora da celebração. E as implicações dela em termos de auto-

reconhecimento e identificação geracional. Aquilo que foi exclusivo da comemoração foi a transmissão da pertinência dessa organização social no presente. Uma transmissão que volta a indicar a pertinência dos valores, projetos e discussões dos quais os históricos são depositários na atualidade da instituição.

4.

O destacado rol dos *históricos* no evento abre o caminho para se perguntar sobre as outras gerações que fazem parte da organização geracional. Para se perguntar sobre as outras gerações, talvez algumas mais delimitadas que outras, que se conformam a partir dessas distinções no interior do coletivo mais amplo narrado em termos de comunidade. Na realidade, é impossível fazer uma análise profunda da dinâmica geracional, que é uma dinâmica relacional, a partir exclusivamente da abordagem na comemoração. Porém, essa impossibilidade não é apenas produto da limitação de informação que é viável abstrair dela senão das próprias condições e propósitos do evento.

Es alentador que esta celebración que debemos entender en el marco de la preservación de la cultura de los que formamos parte haya sido promovida por gente joven, que son los protagonistas de presente. Nuestras experiencias de celebración del pasado y de intercambio generacional serían estériles y servirían de poco si no sirven para preservar los ideales originales de alentar a los jóvenes en la lucha por el futuro (intervenção graduado das primeiras turmas)

O fragmento do discurso citado apresenta a única outra categoria de idade que aparece no evento: *os jovens*. Num primeiro olhar a *gente jovem* que menciona o orador pareceria se diferenciar em função de um grau de idade. Mas vejamos como se utiliza essa categoria - e de quem nos fala na sua utilização no contexto do evento.

A celebração tem sido promovida pela gente jovem, se afirma na intervenção. Na verdade, participaram da organização do evento pessoas de diferentes idades, partindo de pesquisadores novos até aposentados que antes trabalhavam na instituição. As palavras do orador tinham a ver, então, com resgatar especialmente os *jovens* - única categoria que

junto com as profissionais¹⁰¹ outorga elementos para abordar o heterogêneo ao interior do coletivo institucional - entre eles.

Porém, esses *jovens* não se circunscrevem ao redor de uma idade específica. Alguns deles apenas alcançam os 25 anos, outros podem ter atravessado os 40. Conseqüentemente, não se diferenciam do resto do coletivo por ter entre um número mínimo e um número máximo de anos. A ausência de tal precisão mostra de que modo não é uma margem de idade o que os define ou particulariza. E mostra, também, a falta de uma correspondência entre a categoria *jovem* com o grau etário culturalmente delimitado - a juventude, neste caso.

Esses *jovens* que são definidos em correspondência mais com um critério de geração do que à precisão do grau etário ao qual a categoria também responde, se diferenciam daqueles que estiveram na origem e trabalharam com o *fundador*, se afastam daqueles que são os depositários dessa experiência original. Esses jovens, em muitos aspectos indistinguíveis dos restantes integrantes desse resto que a fronteira de geração dos *históricos* supõe, são, basicamente, *os protagonistas do presente*. São os que chegaram à instituição em contextos muito diferentes daquele dos *históricos* - inclusive em contextos diferentes entre eles considerando a amplitude etária à qual a categoria refere. Contextos que além das possíveis diferenças têm em comum que a produção de ciência e tecnologia e a própria CNEA não atravessavam, como vimos no capítulo 2, o seus melhores momentos.

Os *jovens* também são os que compartilham o cotidiano do trabalho, da aprendizagem, da pesquisa e a docência, aqueles que transitam os espaços físicos e sociais vinculados às tarefas de produção e gestão científica. São os que estão no dia-a-dia, participam na tomada de decisões, na negociação dos recursos. São também, cabe destacar, aqueles para os quais o evento é a porta de ingresso à instituição e a esse cotidiano. Isto é, a nova turma de estudantes que esse dia de agosto significou o primeiro passo no IB. Em síntese, a categoria *jovens* designa, no contexto da comemoração, aos referentes da contemporaneidade e, talvez mais importante em termos de sua precisa circunscrição - de sua distinção a respeito do resto - ao futuro da instituição.

¹⁰¹ Pesquisadores, professores, estudantes, pessoal técnico, etc.

A *gente jovem* não compartilhou a experiência do começo, essa experiência que se fez coletivamente significativa em relação ao vínculo com o mestre, às práticas de aprendizagem, a determinadas situações e discussões sobre política e sobre ciência. Porém, a diferença desses outros integrantes do coletivo institucional que não têm o privilégio de categorias precisas de definição no evento - mesmo dividindo algumas tarefas e responsabilidades no presente¹⁰² - a *gente jovem* é, na realidade, o objeto ao qual transferir esta experiência fundacional. O objeto ao qual transferir essas práticas, valores, discussões e projetos que a constituíram. E de fazê-lo no exercício de *celebração do passado e de intercâmbio de geração*, como propôs o próprio orador, que o evento constitui.

Algumas conclusões sobre a genealogia e a geração na narrativa de pertença performada na comemoração

Como afirma Elizabeth Tonkin

“As pessoas lembram aquilo que precisam lembrar, e em algumas sociedades o conhecimento genealógico é um recurso importante, utilizado para suportar a legitimidade das exigências políticas e territoriais” (1992:11)

Na realidade, no cinquentenário do IB não está em jogo a representatividade política, pelo menos nos termos que trabalha a citada autora - embora, como veremos no último capítulo, haja outra política embutida nas narrativas de tradição e comunidade. Também não há reclamos por terra como entre as etnias africanas cujas narrativas Tonkin analisa. No nosso caso, a necessidade de lembrar e transmitir conhecimento genealógico dá sustento a outro tipo de legitimidade: afirmar uma leitura de continuidade temporal ininterrupta dos valores, idéias, ações e projetos. Uma continuidade que no evento se representa sem rupturas nem interrupções a partir, e em relação, a uma única e

¹⁰² Estes integrantes estão em muitos aspectos geracionalmente unidos com os *históricos* mas não o são. Sem categoria própria, pelo menos no evento, são os que chegaram ao instituto quando a morte de Balseiro era um fato recente. Talvez seja justamente, esse fato o que os reúne geracionalmente. *Balseiro estava em todos lados*, disse-me uma pesquisadora que ingressou como estudante na instituição poucos meses depois de seu desaparecimento. E também me disse que costumavam chamá-lo de *fantasma Benito*.

determinada origem. E a de contribuir, a partir da comunicação dessa construída continuidade, à atualização e projeção de sentidos e organização de pertença.

Trata-se, então, da representação e transmissão de uma proposta de continuidade de valores, idéias, ações e projetos que, também definidos como legítimos na tradição, aponta a congregar àquela parte da audiência que está vinculada profissionalmente com a instituição¹⁰³. Uma representação e transmissão que, numa segunda instância, convida a projetar essa delimitada comunidade com vistas ao futuro sobre a base do mesmo modelo que se afirma legítimo e indiscutível.

Em igual direção aponta a ênfase na performance de uma organização de geração. Uma organização de geração que não opera a partir de lugares preconstituídos mas se configura desde a experiência coletiva e a interpretação da própria história. Uma organização de geração que não supõe leituras de ruptura na interpretação. No nosso caso, a articulação *históricos-jovens* se performa sem indicar descontinuidade a respeito do modelo de pertença que a genealogia propõe. Sem indicar descontinuidade a respeito desse modelo de pertença que é eixo de uma proposta de congregação, projeção e transmissão. Pelo contrário, o padrão geracional de interpretação do passado que explicita o evento, e que se entrelaça ao genealógico, não faz mais do que reforçar o contínuo. Não faz mais do que reforçar, aliás, a própria comunicação dessa continuidade.

Como vimos, os *históricos* se reconhecem geracionalmente unidos em função de uma série de experiências sociais que os interpelam como conjunto, que os diferencia no interior desse coletivo que se confunde com a instituição. Experiências que são produto de atravessar determinados cenários temporais, espaciais e relacionais ao seio de uma dinâmica institucional. E de os atravessar, desde a marca de origem, juntos. Essas experiências forjadas nas práticas cotidianas entre 1955 e 1962 e que referem não apenas

¹⁰³ interessante contrastar, neste ponto, a comemoração do 50 aniversário do Instituto Balseiro com as jornadas comemorativas do serviço de saúde mental do Hospital Lanús analisadas por Visacovsky em seu livro *O Lanús. Memória e política na construção de uma tradição psiquiátrica e psicanalítica argentina*. Neste último caso, no marco da análise das conseqüências da ruptura institucional gerada pelo Processo de Reorganização Nacional – a ditadura militar que esteve a cargo do governo argentino entre 1976 e 1983 - e das conseqüências dessa ruptura em termos da interpretação do passado institucional, o autor propõe a existência de uma *genealogia rompida* que as jornadas tentam recuperar. “Tratava-se de restaurar o padrão genealógico, de maneira que as descontinuidades do Lanús fossem absorvidas num esquema de continuidade interminável” (Visacovsky, 2002: 292) afirma. No Instituto Balseiro a genealogia se propõe sem rupturas e não se recupera, mas sim se assevera sua continuidade.

às atividades específicas relacionadas com o âmbito profissional mas também a um corpo de valores, emoções e políticas que as sustentam. A geração opera aqui no restabelecimento de laços entre os *jovens* - para alguns dos quais o instituto não está necessariamente associado com seu *fundador* nem com o passado que em torno do qual a figura dele se articula - e essa origem que a tradição resgata e reforça. Esse passado com o qual os *históricos*, incluídos neles os *pioneiros*, como geração se encontram estreitamente conectados, esse passado que foi para eles alguma vez presente. Nesse sentido, ativa o modelo de pertença que a genealogia apresenta e complementa a sua própria proposta de transmissão.

Capítulo 6: Emoção nas narrativas de tradição e comunidade ou narrativas que também são emoção

“... há discursos, enunciados, palavras (pouco importa aqui a distinção) que não sejam emocionais? É evidente que todo enunciado está carregado de uma dimensão afetiva « incorporada » ao estilo. Ela pode ser sublinhada, ignorada, dissimulada ou negada desde o início pelas convenções do discurso ou ainda por uma escolha consciente ou inconsciente. (Crapanzano, 1994: 112).

Considerações iniciais

Nos capítulos anteriores tentei mostrar de que modo as narrativas de tradição e comunidade que se representam e transmitem na comemoração se assentam numa multiplicidade de sentidos. Sentidos que referem à construção de um passado legítimo e a uma pertença institucional. A uma pertença que, por um lado, tem uma ancoragem geográfica e, por outro lado, corresponde a uma proposta de hierarquização genealógica e uma particular ênfase na dinâmica geracional. Neste novo capítulo vou apresentar um outro aspecto que se relaciona também à configuração das narrativas tradição e comunidade: a dimensão emocional.

Para introduzir alguns aspectos dessa dimensão, começarei analisando uma das categorias trabalhadas nos capítulos anteriores: a categoria de comunidade. Voltemos para isso à definição de Brow citada ao início do capítulo 5 e trabalhada nas páginas que o compõem. Diz o autor, retomando as considerações de Max Weber, que comunidade refere a sentidos de pertença. E diz também que, apesar das muitas e diferentes aplicações da categoria a lugares tanto quanto a coletivos humanos, é preciso ressaltar que comunidade se refere basicamente a estados subjetivos. Mais precisamente, se refere a estados subjetivos que, por definição, resultam numa combinação de componentes

cognitivos e afetivos¹⁰⁴ que estão ligados, segundo o autor, ao acordo a respeito do passado comum, a formas de solidariedade na experiência do coletivo e ao entendimento de uma identidade compartilhada.

O trabalho sobre a dimensão emocional, neste caso em correspondência com a configuração de comunidade e vinculada com esse passado que se afirma comum, constitui um problema de considerável complexidade. Um problema complexo porque, independentemente das teorias, conceitos e propostas metodológicas, de caráter disciplinar e interdisciplinar, que têm se desenvolvido a fim de focar o fenômeno da emoção, não existe acordo algum sobre sua própria constituição. Não existe acordo, por exemplo, sobre a natureza da emoção¹⁰⁵, sobre suas próprias manifestações, sobre as relações entre essas manifestações e o conhecimento, a percepção, os próprios contextos dos quais fazem parte. Conseqüentemente, também não há consenso sobre qual, ou quais, são as abordagens que habilitariam sua análise.

Apesar da abordagem do problema da emoção em sua complexidade exceder os objetivos da minha pesquisa, trata-se de uma dimensão que não posso excluir. Não posso excluí-la por duas razões fundamentais. A primeira dessas razões é que a minha participação na comemoração me provocou, além da certeza sobre o muito que tinha para olhar ou dizer nela e a partir dela, uma sensação difícil de colocar em outras palavras que não sejam aquelas da emoção. A necessidade de controlar lágrimas ou a vontade de aplaudir ou sorrir em determinados momentos são talvez exemplos que ilustram essa sensação que envolveu tanto corpo como pensamento. São exemplos que ilustram, por sua vez, a dificuldade que significa categorizá-la com mais justeza e precisão.

A segunda dessas razões é que a sensação de emoção que me provocou estava relacionada - como acontece com os sentidos que constituem as narrativas de tradição e de comunidade - com características próprias da dinâmica institucional tanto quanto com aspectos dos dois momentos da cerimônia comemorativa. Isto é, com o próprio acontecer

¹⁰⁴ Considero subjetividade, como propõe Ortner, como “o conjunto de modos de percepção, afeto, desejo, pensamento, medo que mobiliza os sujeitos que atuam. Mas também refere as formações culturais e sociais que dão forma, organizam e produzem esses modos de afeto, pensamento, etc.” (2005: 31).

¹⁰⁵ É necessária, neste início do capítulo, uma explicação sobre alguns termos que irei utilizar. Trata-se de termos que supõem diferenças de significação tanto quanto do uso analítico mas aqui são utilizados, às vezes, a partir daquilo que eles têm em comum. Isto é, por responder a uma naturalizada relação de oposição a respeito disso que se define como racional. Emoção, afeto, sentimento, etc. são alguns dos termos que entram no conjunto. Termos que são agrupados para discutir as conseqüências na vida social de tal oposição com o racional embora não aprofundem necessariamente nas diferenças.

do evento, sua formalidade, com a apropriação dela por parte dos participantes. Porém, com essa apropriação por parte dos participantes como agentes que não reproduzem práticas conhecidas e planejadas senão que, fundamentalmente, produzem o evento por meio de uma atuação específica. O trabalho sobre a emoção no evento - igualmente à análise dos sentidos e das narrativas - permite não apenas reconstruir os componentes dessa dimensão a partir do material da comemoração, mas também aprofundar sua particular representação e comunicação no evento.

Aqui é necessário dar uma explicação a respeito da análise da emoção em eventos que têm algumas das características que os estudiosos atribuem geralmente ao ritual. Na realidade, a relação entre emoção e ritual foi definida como um problema de pesquisa desde o surgimento da antropologia. Reconhecidos autores de todas as épocas, como Durkheim, Radcliffe Brown ou Turner entre outros, abordaram esse problema, especialmente em torno de duas grandes perspectivas. A primeira delas consiste na tentativa de explicar aquilo que acontece no contexto ritual a partir do emocional. Isto é, a tentativa de definir esse tipo de evento a partir dessa particularidade e de caracterizar, por sua vez, um tipo especial de emocionalidade associada a eles. A segunda perspectiva se concentra na análise da normatividade do emocional a partir do contexto ritual e nas diferenças em relação às manifestações em outros contextos possíveis (Lutz e White, 1986). Nessas abordagens a emoção é, por um lado, parte da explicação de outro fenômeno - o evento ritual - e, por outro lado, uma dimensão explicada por outras variáveis como o próprio contexto de sua manifestação.

As reflexões que integram o capítulo pretendem se afastar dos debates em torno da especificidade da emoção no marco do ritual ou do próprio ritual como um evento fundamentalmente emocional. Não é a ontologia da emoção que incluiria a definição das características constitutivas - nem aquela do evento mesmo - o assunto que aqui me preocupa. A emoção neste trabalho é, em primeira instância, uma dimensão a mais que permite aprofundar sobre as narrativas que se põem em cena na cerimônia comemorativa. Uma dimensão que permite aprofundar a representação dessas narrativas e os mecanismos que as convertem em objeto de transmissão no evento. Uma dimensão que permite, numa segunda instância, olhar de que modo a emoção mesma, incorporada às

narrativas, recria sentidos de histórica sedimentação e dá, paralelamente, efetividade à afirmação de sua relevância no presente.

Vincent Crapanzano coloca, no artigo *Reflexions sur une anthropologie des emotions*, a questão da constituição emocional dos discursos. “É evidente - diz o autor na citação que abre o capítulo - que toda enunciação está carregada de uma dimensão afetiva“. E agrega que essa dimensão “pode ser sublinhada, ignorada, dissimulada ou negada desde o início pelas convenções do discurso ou ainda por uma escolha consciente ou inconsciente” (1994: 112). Sob o ponto de vista de Crapanzano todo discurso, enunciado, palavra está interpelado por uma dimensão emocional que se configura em estreita relação com o contexto social. Nesse sentido, as categorias que falam da emoção - e aquelas que a expressam sem falar diretamente dela - operam, ao mesmo tempo, como a representação de estados psicológicos - aceitando, como diz o autor, que esses estados possam se representar - e como declarações que expressam e performam relações entre atores com os eventos nos quais estão envolvidos, com outros atores ou a respeito do meio social no qual interagem (Crapazano, 1994).

Porém, não apenas as categorias que falam da emoção - de caráter genérico como sentimento, afeto, dor ou mais específicas como amor, ódio, inveja, paixão entre outras - e as categorias que a expressam são representação e interação da emoção no contexto do evento. Também, como veremos a continuação, ela se veicula através de outras formas de manifestação que não necessariamente envolvem categorias lingüísticas explícitas (Crapanzano, 1992). Formas de manifestação - que são por sua vez formas de experimentação - que envolvem, aliás, o corpo tanto quanto o pensamento e a palavra.

Nos capítulos anteriores trabalhei, fundamentalmente, sobre os aspectos que fazem a dimensão cognitiva das afirmações de tradição e comunidade. Isto é, a articulação de conhecimentos a respeito do passado comum e da pertença ao longo do evento, à representação e transmissão dos sentidos que dão forma a esse passado e a pertença nele. Agora explorarei essa dimensão menos abordada sob a perspectiva da etnografia - talvez por causa da maior complexidade para a abordagem - que é a dimensão emocional. Desses componentes afetivos que, em estreita relação com a produção e transmissão de sentidos ou, melhor dito, produzindo e transmitindo sentidos paralelamente, também interpelam e contribuem na performance. Desse afeto, qualidade

sensitiva da experiência (Surrallés, 2005) que, aliás, se traduz no corpo, no pensamento e na ação em forma de emoção.

A respeito de teorias e perspectivas de análise

Olhar no material de campo a articulação da dimensão emocional não foi uma tarefa simples. A revisão conduziu, em primeiro lugar, a uma busca bibliográfica de material que pudesse esclarecer conceitualmente aquilo que, numa primeira leitura e sem mais método do que a observação e de certa forma de experimentada empatia, surgia como significativamente atravessado pela emoção. Surgia como significativamente atravessado pelo emocional porque comunicava, além de sentidos sobre aquilo que estava sendo narrado, afeto. Ou, mais precisamente, comunicava sentimentos - alegria, carinho, respeito, consideração, irritação, etc. - imbricados nesses sentidos e contribuindo à própria constituição.

A tentativa de olhar essa dimensão me levou a procurar bibliografia que ajudasse a abordar o emocional nas narrativas. Nessa busca fiquei sabendo que várias temáticas e abordagens relacionadas com a análise do emocional começaram a se expandir rapidamente em disciplinas como a antropologia, a psicologia, a sociologia, a filosofia, a história e os estudos feministas a partir dos anos 70. Soube também que, a partir dessa expansão, se gerou um campo de discussão heterogêneo, diverso e multidisciplinar. Esse campo se centrou, numa primeira instância, na tentativa de compreender o papel do emocional na vida individual tanto quanto coletiva e, numa segunda instância, na própria preocupação a respeito dos métodos, teorias e aproximações analíticas que se podia utilizar para fazê-lo (Lutz e White, 1986).¹⁰⁶

Porém, o emocional não constitui um campo de discussão unicamente por ser abordado a partir de disciplinas diferentes. No interior de cada disciplina se desenvolveram - e continuam se desenvolvendo - enfoques, propostas de análise e exercícios com base empírica de fundamento diferente. A antropologia se incorpora

¹⁰⁶ No artigo *Anthopology of emotion*, os autores desenvolvem um completo resumo das diferentes perspectivas, correntes e disciplinas que fazem do emocional um campo heterogêneo, complexo e inacabado de discussão. Eles fazem ênfase na apresentação das diferentes perspectivas que assumiu a antropologia nesse debate explicitando também a própria posição no marco do interpretativismo.

também nessa tentativa de teorizar a natureza do emotivo, de analisar as formas e manifestações, as conseqüências da emoção na dinâmica social. A disciplina elaborou, aliás, diferentes propostas sobre os enfoques possíveis para abordá-la, propostas que fazem parte de um debate ainda em andamento (Lutz e White, 1986; Lutz, 1988; Abu-Lughod, 1988; Leavitt, 1996; Reddy, 1997; Le Breton, 2004; entre outros)¹⁰⁷.

“Os termos da emoção são utilizados no discurso cotidiano para indicar experiências que envolvem significado e sentimento, pensamento e corpo. A maioria das tentativas de teorizar a emoção, no entanto, têm a tendência a reduzi-la a um lado ou outro dessas dicotomias. A antropologia está dividida em perspectivas principalmente biológicas da emoção ou perspectivas sócio-culturais da sua natureza” (Leavitt, 1996: 514).

Assim começa Leavitt o artigo *Meaning and feeling in the anthropology of emotions*. Com essas palavras o autor sintetiza as posições mais fortes que polarizam o debate a respeito da emoção e introduz, paralelamente, um ponto de vista que de algum modo propõe como superador. Leavitt se baseia no reconhecimento de que a dimensão emocional da vida social possui uma natureza complexa. Mais complexa, aliás, do que a maioria dos trabalhos que se aproximam a ela sob uma perspectiva etnográfica explícita. (Leavitt, 1996).

Leavitt afirma que a dimensão emocional não se configura unicamente em torno de componentes puramente inatos ou respostas a necessidades biológicas, físicas e universais. Não se configura, portanto, a partir desses componentes que Lutz e White assinalam, em *Anthropology of emotions*, como suporte do paradigma materialista. Segundo esses últimos autores no paradigma materialista, aquele que se destaca como dominante da análise do emocional nas ciências sociais até meados dos anos 80:

“As emoções são tratadas como coisas materiais, como coisas que estão constituídas biologicamente a partir dos movimentos dos músculos faciais, da pressão do sangue, dos processos hormonais e neuroquímicos, e de um circuito de instintos que criam uma psique humana genérica” (Lutz y White, 1986: 407).

¹⁰⁷ Além de discutir sobre a própria natureza da emoção a partir de material de campo, a antropologia tem incorporado a reflexão sobre a dimensão emotiva como um fator mais envolvido na própria produção de conhecimento social (Hovland, 2007).

O autor concorda com os citados antropólogos nas limitações da redução da dimensão emocional ao material. Para ele o emotivo não é um fenômeno que se expressa unicamente com uma natureza biológica. Por outro lado, o autor também coincide com Lutz e White na necessidade de não deter na advertência sobre os limites da posição materialista o olhar crítico sobre a emoção. Concorda com eles que há muito mais para aprofundar a respeito dela.

Nessa linha de pensamento, a atribuição exclusiva da emoção a uma raiz psicológica também não convence a Leavitt. Essa outra perspectiva, própria de algumas correntes da psicologia, supõe que existem determinados fundamentos psicológicos que operam como motivação menos observável e reconhecível - necessidades, desejos, etc. - que constituem a base da emoção. Componentes que seriam também de caráter universal e suportariam a existência de uma espécie de unidade psíquica em lugar de uma unidade de caráter material (Lutz e White, 1886; Leavitt, 1996)¹⁰⁸.

Porém, para Levitt, e aqui se afasta da posição de Lutz e White e dos outros autores que trabalham sob uma perspectiva interpretatista - entre os quais Michelle Rosaldo é precursora - o emocional também não é unicamente um aspecto da significação cultural (1996)¹⁰⁹. Nesse sentido, o emocional não se constitui simplesmente a partir de manifestações dotadas de sentidos que são construídos em estreita relação com a cultura - definida ela como rede de significados (Geertz, 1990) - da qual os atores são parte. A emoção, apesar da estreita vinculação com a linguagem e o pensamento, não é para Levitt apenas a expressão de uma competência cognitiva radicalmente variável em função do cultural.

Resumindo as contribuições do autor, a dimensão emocional não resultaria, então, de razões exclusivamente biológicas nem é a demonstração de uma unidade psíquica que assumiria, como o biológico, um caráter universal. Mas também não se constitui exclusivamente em torno de categorias ou esquemas particulares do sentido construídos,

¹⁰⁸ Os autores advertem que uma das limitações centrais dessas perspectivas é que centram a preocupação na relação entre emoção e cultura sem pensar a primeira como um objeto de pesquisa propriamente dito (Lutz e White, 1986).

¹⁰⁹ Segundo Surrallés essa perspectiva, que conflui na chamada de *antropology of emotions*, apesar da diversidade de abordagens do emocional, há acordo em “considerar como fato a existência objetiva de um fenômeno chamado de emoção que se pode discriminar e nomear e ainda que seu estudo não precise de outra metodologia além das ferramentas convencionais da antropologia.” (2005:5)

exteriorizados e transmitidos culturalmente como formas e expressões da linguagem e do pensamento.

Discutir as diferentes formas de redução do emocional leva, como consequência, à crítica de algumas das afirmações que derivam delas. Pontualmente, daquelas que reproduzem os critérios de simplificação na análise. Por exemplo, as posições dicotômicas que reduzem o emotivo ao puramente inato ou ao exclusivamente adquirido. Ou aquelas que colocam o emotivo num plano interno ou privado e inacessível a uma análise que não seja de natureza psicológica, ou em palavras e significados de pública manifestação e, nesse sentido, traduzíveis e sujeitos à interpretação¹¹⁰. Na realidade, a dimensão emocional não corresponde a nenhuma dessas dicotomias nem àquelas posições polarizadas que as criam e reproduzem. Isso é o que provoca, talvez, dificuldade para a caracterização e a análise. De algum modo, os termos e conceitos que expressam a emoção envolvem significação tanto quanto afeto, mente e corpo, pensamento e sentimento. São sensação e cognição ao mesmo tempo (Leavitt, 1996). Ou, melhor dito, esses termos e conceitos são os traços observáveis desse complexo que vincula sensações, corpos e pensamentos. Complexo que envolve atores, relações e objetos contribuindo a criar e recriar, entre outros efeitos e como veremos nas páginas seguintes, o efeito de um coletivo social (Ahmed, 2004).

Mas não apenas os termos e conceitos que falam e expressam emoção - e nos quais se centrou a perspectiva interpretativista para a análise do emocional¹¹¹ - são os traços desse fenômeno que vincula cognição e sensação. Nesse sentido, a emoção também se corporiza e produz efeitos através de práticas que não são necessariamente discursivas. Nessas outras práticas que, como afirma Crapanzano (1992), também fazem a sua ação e manifestação.

¹¹⁰ Afirma Levitt que essas dicotomias, as que caracteriza como “confortáveis”, são próprias do ocidente moderno e têm origem no século XVII. (1996)

¹¹¹ Sob a perspectiva interpretativista, perspectiva que mostrou desde os anos 70 um interesse especial na variação histórica e cultural da dimensão emocional, a emoção é um aspecto central da rede de significados que constituem a cultura. As emoções estão incorporadas em categorias sociais e, portanto, apresentam-se à interpretação com igual riqueza, possibilidades e dificuldades que a linguagem, o material fundamental para a análise cultural (Lutz, 1988; Lutz e White, 1986).

Falar, expressar e fazer emoção

Depois da breve introdução das perspectivas de análise e posições conceituais a respeito da emoção começarei, então, a olhar o material de campo nesse foco. Em primeiro lugar explorarei algumas das categorias e práticas que articulam o emocional nas narrativas de tradição e comunidade no evento. Isto é, aquelas categorias e práticas que falam da emoção, que a representam e interpretam, e aquelas outras que a expressam embora não falem dela diretamente. Em síntese, começarei explorando a dimensão emocional do evento articulada em algumas das categorias e práticas que configuram as narrativas e nas quais ela assume um protagonismo particular.

1.

“Contrastando o olhar tradicional das emoções como forças irracionais, alguns trabalhos recentes têm focalizado numa formulação da emoção no entendimento consciente e no discurso interativo. Análises detalhadas de conceitos sobre, e para falar, da emoção têm enfatizado a importância *primária* do sistema de significado cultural na experiência emocional” (Lutz y White, 1986/ 417).

A citação de Lutz e White, dois autores que como vimos sustentam a discussão a respeito da ancoragem sócio-cultural da emoção - de sua constituição numa linguagem primária na definição e negociação, através da significação, de relações sociais (1986) - é um convite para começar, justamente, pelas primeiras. É dizer, convida a nos aproximar às categorias que falam sobre a emoção - que são formas de expressá-la também - e aquelas que, sem falar diretamente dela, a expressam. Aqui, por razões de delimitação de campo e de objeto, não aprofundarei aquelas categorias que definem os termos da emoção *per se* sob a perspectiva nativa. Isto é, não me aprofundarei naquilo que significa para os membros do coletivo social o emocional nem naquilo que significa, para eles, cada uma das categorias que o definem¹¹². Minha estratégia será concentrar-me em

¹¹² Esse foi, por exemplo, um dos objetivos da pesquisa sobre emoção de Lutz (1988) e de outros outros etnógrafos que, sob a perspectiva interpretativista, definiram como campos de trabalho as populações não

explorar aquelas categorias a partir das quais o emocional se representa e atua no próprio contexto da comemoração e aquelas outras que, além desse contexto específico, se articulam no material de campo com o qual estou tentando fazê-la dialogar¹¹³.

“Señor presidente de la CNEA, señora rectora de la Universidad Nacional de Cuyo, autoridades nacionales, provinciales y locales, alumnos, docentes, personal y amigos del Instituto Balseiro y del Centro Atómico Bariloche, señoras y señores. Bueno, hace hoy 50 años comenzaba el dictado de clases en un instituto de física aquí en Bariloche. Ese año de 1955 no era una época fácil para el país.() Posiblemente aquellos pocos pioneros liderados por José Antonio Balseiro se habrán preguntado si realmente valía la pena el esfuerzo que estaban realizando () Pero aún así vemos y podemos decir sin duda que valió la pena.(). Los primeros años de nuestro instituto no estuvieron libres de disputa. La mayor y más trágica fue sin duda el temprano fallecimiento de Balseiro. No puedo imaginar el pesar y la zozobra que debió ensombrecer al instituto en ese momento. Pero demostraron una enorme fe y sobre todo una terquedad que emociona a quienes lo habían acompañado durante esos años y quienes vendrían después () Estoy convencido de que si Balseiro pudiera ver los resultados de ese esfuerzo estaría muy feliz e inclusive agradecido por lo que se ha logrado en estos primeros 50 años () Y por eso quiero terminar agradeciendo a todos ustedes por llevar a ese espíritu adelante en medio de dificultades grandes y pequeñas, por el interés y el apoyo de muchos, en especial de la CNEA y la Universidad Nacional de Cuyo. Pero también, es preciso decirlo ante la indiferencia de otros, a todos ustedes que se esfuerzan en el día a día, que son la razón de ser de todo esto, alumnos y docentes, técnicos y administrativos, investigadores y personal de apoyo. A sus familias. A todos quiero agradecerles desde lo más profundo de mi alma. A quienes ponen el hombro hoy y a quienes nos acompañaron en alguna etapa en estos primeros 50 años. Porque el instituto no son las aulas no son los laboratorios no son las oficinas. Ustedes son el Instituto Balseiro. (intervenção do ex-diretor do IB).

ocidentais e construíram como objeto de análise a particularidade cultural da emoção questionando o status pancultural.

¹¹³ Como o campo que analiso não é objetivamente distante daquele em que cotidianamente circulo - reconhecendo que qualquer distância é metodologicamente construída - parto do pressuposto que as categorias da emoção, ao menos algumas delas e em termos da correspondência a um âmbito emotivo além de cognoscitivo, me são reconhecíveis. Existe um perigo associado a essa suposição criada no reconhecimento da proximidade. Esse perigo consiste na perda da perspectiva crítica que o distanciamento de algum modo garante (Crapanzano, 1994). A tentativa de abordar essas categorias e manifestações na articulação em contexto e em interação com outros aspectos da dinâmica social, aponta ir além da sua naturalização e conseqüentemente superar esse perigo inicial.

A intervenção do ex-diretor do IB no ato é, talvez, de todas as intervenções, aquela que mais se baseia numa linguagem da emoção, que explicita traços do emocional no próprio discurso. É a intervenção que mais expõe essas categorias que falam do emocional diretamente, que constituem essa dimensão, aliás, como um eixo do relato mesmo. E é aquela que mais acude a uma entonação emotiva para contribuir para essa linguagem. As pausas, os silêncios, a própria intensidade crescente em volume de voz e velocidade de exposição, intensidade que tem ou ponto culminante sobre o final da intervenção quando circunscreve uma parte da audiência - o *vocês* a quem *agradece do mas profundo da alma* - constituem uma contribuição extra-linguística ao conteúdo emotivo que as categorias articulam. Uma contribuição que resulta clara inclusive para uma observadora que, como esta autora, está fora da fronteira que implica a afirmação desse *vocês*.

Abordemos as categorias que falam da emoção, que a interpretam, representam e atuam nesta intervenção. Vejamos como essas categorias, na dupla referência que é emotiva e cognoscitiva - traços observáveis de afeto e pensamento - e representa estados internos entrelaçados em relações entre pessoas e eventos, criam efeitos de coletivo através de sua utilização (Ahmed, 2004).

As primeiras categorias que resgato da intervenção citada são as que falam da tristeza, da dor, da perda. Categorias que comunicam uma representação desses estados na comemoração. É, por exemplo, a morte do *fundador* descrita no evento como a *disputa maior e mais trágica* que atravessou a instituição. São, além disso, as conseqüências de sua ausência definidas em termos de *pesar e soçobra* para aqueles que faziam parte do instituto. Em todo caso, trata-se de categorias que, além de representar emoção, comunicam interpretações sobre aspectos do mundo e sobre as relações que o constituem nessa representação.

Depois aparecem categorias como a *fé enorme e uma teimosia que emociona*, referidas à *queles que tinham acompanhado* a Balseiro no projeto. Categorias que expressam, e nesse expressar transmitem orgulho, admiração a respeito desses atores sociais e dos eventos dos quais foram protagonistas. Uma valoração que é também afetiva. Orgulho e admiração que se prolongam para aqueles que são parte da instituição

no presente, esse *vocês* que se assinala superando definidas dificuldades e numa projeção de futuro.

Essa espécie de linguagem da emoção composta por expressões que falam diretamente dela aparece aqui negociando e modelando a realidade que o orador interpreta e que, por sua vez, se propõe a transmitir ao auditório que o escuta em silêncio. As categorias por um lado medeiam, a partir da referência e/ou representação de estados emocionais, nas definições e apreciações dos conflitos passados e presentes, as definições e apreciações das específicas conseqüências e das próprias condições atuais. Inclusive, elas medeiam a avaliação valorativa dessas definições e apreciações sobre conflitos, conseqüências e condições. Por outro lado, as categorias também intervêm na classificação e interpretação dos atores relevantes - o *fundador*, a geração que o acompanhou, as gerações que os sucederam - e a explicitação de suas relevâncias na dinâmica institucional, do protagonismo.

As categorias que falam da emoção, nesse mediar nas definições, apreciações, e interpretações a partir da referência a estados emocionais, assumem um papel constitutivo nas narrativas que se articulam no evento. Um papel constitutivo tanto em função desses sentimentos que representam e comunicam, ou que através dessas categorias podem se representar e comunicar, quanto de sua participação em termos de interpretação, de organização do pensamento e avaliação de mundo.

No caso pontual da narrativa de comunidade vemos como as categorias da emoção intervêm também nas diferentes dimensões da pertença. Deixemos para depois a significativa intervenção na pertença geográfica e a geração e comecemos abordando a articulação das categorias da emoção na definição do passado em torno de uma origem precisa e as conseqüências na construção de genealogia.

Podría dedicar muchas palabras a repasar los pasos y luchas de estos tiempos no sin recalcar esfuerzos, no sin momentos de incertezas y angustias, pero basado siempre en el entusiasmo y las convicciones y la exigencia en el trabajo que fueron la impronta y la cara del doctor Balseiro (intervenção do ex gerente do CAB)

Na intervenção antes citada, esse fragmento da exposição do então gerente do CAB mostra como a caracterização da origem única, e a leitura genealógica que se constrói em torno dele, está atravessada por expressões que falam da emoção. Categorias como *angústia*, *entusiasmo* e *convicção* outorgam uma valoração afetiva a respeito dos atores nos quais se negocia a definição da origem que é referente de genealogia. As categorias manifestam a apreciação a respeito das atitudes, das relações, do modelo de práticas que se reconhece e afirma como a sua criação original. As categorias da emoção contribuem para falar desses atores, dessas práticas, dos acontecimentos que protagonizaram e dos projetos. Nesse sentido, habilitam, por um lado, a criação e/ou a sustentação de interpretações sobre eles e, por outro lado, a definição de critérios de legitimação que lhes outorga relevância ao seio da dinâmica coletiva. Uma relevância que é objeto de transmissão no evento, que também é ali propósito comunicar.

2.

No entanto, como propõe Crapanzano (1992), a dimensão emocional da vida social não se explicita só em categorias que falam dela ou em categorias que a exprimem. Aliás, não é a linguagem - que no ato foi exclusivamente monopolizada na forma pública pelos oradores previamente convocados - o único material, a única ferramenta.

Lembremos, a fim de introduzir as outras manifestações da dimensão emocional no evento, alguns aspectos da descrição. No terceiro capítulo do trabalho vimos como, entre as exposições dos oradores que se sucederam ao longo do *ato central*, a apresentadora fez várias intervenções. Numa dessas intervenções pediu para os primeiros graduados, e para aqueles que tinham atuado como diretores da instituição, que subissem ao palco. Depois, explicou a ausência de quatro deles por obrigações pessoais e lembrou os nomes de outros três já falecidos. Todos eles *estão presentes em nosso coração* - disse. Finalmente nomeou o corpo docente inicial, integrante por integrante, e convidou também ao palco a dois deles e a mulher de um terceiro para se somar aos primeiros alunos e ex-diretores. A caminhada até o palco de todos eles foi acompanhada por intensos aplausos. Aplausos que foram quase continuados já que, mal começava a diminuir a intensidade de som e a velocidade do aplauso, a apresentadora anunciava o

nome seguinte e conseqüentemente os fazia ressurgir. Aplausos que além de contínuos tiveram, atraentemente, similar duração.

Finalmente invitamos a la señora María de las Mercedes Covadonga Cueto de Balseiro, nuestra querida Covita, a subir al escenario para recibir un presente a partir del cual el instituto quiere reconocer su fundamental tarea de apoyo permanente a la obra de nuestro fundador, el doctor José Antonio Balseiro

Com esse anúncio, a apresentadora provocou mais aplausos, desta vez mais fortes e prolongados. Aliás, foram os únicos aplausos que, em intensidade e duração, marcaram uma significativa diferença a respeito do caráter homogêneo dos anteriores. Aplausos mais intensos que foram marca da espontaneidade também implicada na dinâmica do evento. Esses aplausos se prolongaram enquanto a senhora subia lentamente ao palco. E se prolongaram também enquanto saudava com um beijo ou apertando a mão dos sucessivos oradores e recebia deles o mesmo presente comemorativo que tinham recebido os primeiros estudantes e professores.

Chamou a minha atenção essa quebra na homogênea intensidade e duração do aplauso. Chamou a minha atenção porque, por sua vez, tornou mais evidente a similar duração dos aplausos que se sucediam até o momento. Sem dúvida havia alguma coisa diferente com a viúva de Balseiro que não havia com os anteriores homenageados, alguma coisa que a distinguiu deles e gerava essa resposta diferencial do público presente. Mas havia ainda mais na própria manifestação que exteriorizou esta diferenciação: o indício de que esses aplausos eram produto tanto da compreensão a respeito daquilo que os motivava quanto do fator emocional. Ou que eram produto de uma significação que implicava não apenas pensamento senão também sensação e corpo.

A diferente intensidade e duração dos aplausos, da qual a emoção foi constitutiva, deixa claro que essa prática não responde unicamente à formalidade do ato - o aplauso instituído que vem depois de cada discurso, neste caso depois de cada nome pronunciado pela apresentadora - senão que, na espontaneidade que a formalidade também habilita, explicita também a apropriação que os atores fazem dele a variada resposta que manifestam frente aos sentidos que se põem em cena.

Retomando a advertência de Crapanzano - que a emoção não é só palavras ou sentidos adjudicados a diversas ações (1992) - poderíamos pensar o ato de aplaudir como uma dessas manifestações da emoção que não implicam como condição necessária a articulação de linguagem. Que pode, sim, estar acompanhada por palavras, ou acompanhá-las. Que pode, então, se complementar com expressões da linguagem ou com outros tipos de expressões sonoras (canções, gritos, música, etc.), mas essas expressões não constituem uma necessária condição para sua produção. Isso se faz evidente na comemoração. Ali só há aplausos, esse bater de mãos que produz sons com certa homogeneidade rítmica. Aplausos que são resposta à comunicação de cada nome e que se expressam com maior intensidade e duração quando o nome é o de María de las Mercedes Covadonga Cueto de Balseiro.

Porém, a ação de aplaudir com igual ou diferente intensidade e duração, e de fazê-lo numa instância coletiva como resposta aos nomes de algumas das pessoas presentes no evento, não é um ato exclusivamente físico. Não é apenas físico apesar de que, numa primeira leitura descritiva, pareça envolver unicamente o corpo daqueles que o executam, as mãos, os braços, as costas acompanhando esse movimento. Nesse sentido, o aplauso não é simplesmente um movimento irreflexivo resultado de alguma forma de motivação, neste caso de uma motivação delimitada por aquilo que se diz e se escuta. Também não é o próprio corpo que o exprime, o veículo de uma resposta de natureza exclusivamente biológica¹¹⁴

“ A ação de aplaudir é invariavelmente uma exposição de filiação que, no contexto do discurso político, expressa apoio ou aprovação a respeito das afirmações que continuam” (Heritage y Greatbatch, 1986: 111).

¹¹⁴ O aplauso não é, definitivamente, um dos temas mais abordados dentro da perspectiva antropológica ou social. Uma busca no arquivo bibliográfico Jstor, arquivo que rastreia publicações desde finais do século XIX até a atualidade, com esta temática como eixo me conduziu a velhos artigos que incluem o aplauso em descrições cerimoniais e a artigos mais recentes de publicações de etnomusicologia que o apresentam como um componente mais ligado à expressão musical. Também me permitiu acessar a um trabalho sociológico que analisa o aplauso em relação às estratégias retóricas dos discursos políticos que me foi de certa utilidade (Heritage e Greatbatch, 1986). No entanto em nenhum destes trabalhos, com exceção talvez deste último, o aplauso aparece como prática social sobre a qual indagar em profundidade, como um objeto a problematizar em si mesmo. Porém, não é meu objetivo fazer uma reflexão exaustiva sobre suas possíveis formas de manifestação, diversidade, conseqüências, etc. Simplesmente pretendo introduzir-me em algumas de suas competências comunicativas a fim de analisar as complexas relações entre emoção/pensamento, sentimento/reflexão que o aplauso também encarna.

Conquanto não coincido com os autores na leitura unívoca da semântica do aplauso que propõem, nem com sua redução a uma função de natureza instrumental -e aqui uma problematização da própria ação sob uma perspectiva antropológica teria mais para dizer- faço referência a essa definição porque retoma, justamente, o caráter reflexivo do aplauso. Os autores, a partir de uma pesquisa que tem como objeto de estudo a interação entre oradores e audiência em eventos que envolvem a participação de partidos políticos na Inglaterra dos anos 80s, analisam o aplauso como uma forma de resposta que implica acordo, filiação a respeito daquilo que o orador propõe. Uma resposta que está em relação, além disso, com certos aspectos da própria estrutura retórica.

Aquilo que me interessa da proposta de Heritage e Greatbatch é o caráter reflexivo que colocam no aplauso e, conseqüentemente, no corpo envolvido na ação -esse corpo socializado na prática de aplaudir, que aprendeu o código e sabe também sobre a utilidade e aplicações, a formalidade e as possibilidades de agência- numa forma de diálogo que não é apenas palavra senão também movimento. Um diálogo que supõe uma experiência que compromete o corpo como veículo de sentimentos e de pensamento, de entendimento. Entendimento, primeiro, a respeito do contexto específico de comunicação ao qual o aplauso se integra. Entendimento e sentimento, segundo, sobre as próprias razões e argumentos de celebração que se articulam no evento, sobre o seu conteúdo específico.

Nesse diálogo, então, a apresentadora nomeia um a um os primeiros estudantes e os primeiros professores e se sucedem os aplausos. A citação de cada novo nome funciona como um novo impulso ao bater das palmas, alimentando novamente a intensidade. E a cada novo nome, a cada novo impulso de intensidade, é comunicado e reiterado o consenso a respeito das razões da própria celebração. Com maior intensidade e duração se explicita o consenso a respeito dos fundamentos de origem. Dessa origem sobre a qual se sustenta a versão legítima da história e que se condensa na figura da viúva de Balseiro especialmente aplaudida no evento. Com uma intensidade e duração menores e constantes se evidencia, por sua parte, o acordo em relação às razões que fazem da genealogia e geração, ambas configuradas em torno da origem e da proposta de pertença que ele fundamenta. Razões todas que são objeto de conhecimento e, ao mesmo tempo,

um marco da comemoração, de transmissão. E que materializam e transmitem, paralelamente, afeto imbricado no próprio ato de conhecer e tentar transmitir, reforçando os dois propósitos.

Emocionalidade e território

Voltemos novamente à ancoragem geográfica que as narrativas de tradição e comunidade articulam. Ao *povoado*, como indicou a apresentadora do evento na intervenção inicial, fazendo eco de uma denominação adotada por aqueles que chegaram à cidade já faz muitos anos. Entre eles, daqueles que decidiram se instalar em Bariloche para se formar ou trabalhar no recém-fundado instituto quando ainda o tamanho e número de moradores faziam com que Bariloche merecesse tal denominação. Aqueles que acompanharam, aliás, o crescimento urbano, a transformação em cidade. O *povoado* é também a denominação adotada por aqueles que, apesar de chegar depois numa cidade de considerável dimensão, aprenderam dos primeiros a chamá-la assim. E inclusive pelos que se reconhecem como *nyc*, nascidos e criados numa cidade cuja população se incrementou rapidamente graças à afluência de imigrantes de outras cidades do país, do campo patagônico e do Chile desde os anos cinquenta.

Porém, o fato de chamar no contexto da comemoração - ou no campo que constituem os atores envolvidos além desse preciso momento - de *povoado* a Bariloche, uma cidade que tem hoje mais de 100.000 habitantes, não pode ser analisado como uma forma de anacronismo. Entre outras razões, essa utilização está relacionada com o emotivo. Emotivo que enlaça sentido de afeto nas leituras sobre as experiências de vida, das próprias trajetórias dos atores decorridas no espaço a partir do qual se definem parte, e em paralelo às mudanças que o foram transformando num tipo de urbanidade diferente. Essa dimensão emocional que contribui à definição de território através de cumplicidades e consensos sobre o passado compartilhado, sobre a realidade das mudanças, sobre as experiências ali decorridas.

Nesse sentido *o povoado* é muito mais do que um lugar físico. Como argumentei no início do capítulo anterior, Bariloche não é unicamente o município nem a cidade onde se localiza o CAB-IB, onde o pessoal mora e trabalha, onde aqueles que passaram

alguma etapa da vida acadêmica na instituição e aqueles que já se aposentaram moraram e trabalharam. A cidade constitui um eixo fundamental das narrativas que fazem do passado uma história legítima e explicitam uma conformação comunitária. No primeiro caso, porque dá elementos para a definição e diferenciação de um passado que se reconhece comum. O passado dessa distância compartilhada, desse território despovoado e difícil com as melhores condições para um começo. No segundo caso, e em relação a esse reconhecimento de passado comum, porque contribui ao duplo jogo que congrega e distingue o coletivo social. O duplo jogo que opera na redução de diferenças entre aqueles que se reconhecem como parte da instituição, entre aqueles que configuram o *aquí dentro* - lembremos o lugar dos *pioneiros* na proposta de homogeneização - e na afirmação de distinções a respeito dos *foras* possíveis. Isto é, a respeito daqueles que, compartilhando igual campo de trabalho - o campo da produção científica - não são parte da instituição. A respeito, também, das outras instituições do setor cujos caminhos e opções se propõem diferentes.

As diferenças que, baseadas numa ancoragem geográfica, se reduzem ou se afirmam e atualizam no presente uma leitura do coletivo que articula, em termos da localização, sentidos de pertença com justificativa histórica. Sentidos de pertença e justificativa histórica que não são apenas conhecimentos ou que, mais precisamente, são conhecimentos interpelados pelo emocional. Acontece que sem falar diretamente da emoção o complexo CAB-IB-Bariloche, que enlaça pertença institucional, geográfica e histórica, também parece expressá-la. O próprio contexto da comemoração opera na afirmação dessa rede de sentidos e emoções definidos, aliás, como objeto de transmissão.

Cuando el instituto inició sus actividades Bariloche era una aldea de unos 12.000 habitantes, no hay datos seguros sobre esto hay quien dice que eran más, pero es importante decir que Bariloche con su espíritu pionero aportó los recursos humanos esenciales para la consolidación de la institución. (Intervenção do graduado das primeiras turmas)

Como introduz esse fragmento de uma das intervenções do ato, e como vimos no capítulo anterior, o IB parece ir sempre junto com a cidade. Nutre-se dela, interage. Muitas das características distintivas que se lhe adjudicam parecem estar ligadas diretamente a Bariloche. Seguem juntas, como deixa ver o fragmento citado, quando se

dá conteúdo ao passado e se o transmite como versão legítima tanto quanto se estabelece o fundamento do coletivo que o integra em forma de comunidade. Vejamos como este vínculo está atravessado, também, pelo afeto.

Estamos no ato central na comemoração do quinquagésimo aniversário do Instituto Balseiro em nossa em cidade de San Carlos de Bariloche, pronunciou a apresentadora como palavras de abertura dando suporte a esse enlace instituição- cidade. *O pessoal do Balseiro e do Centro Atômico tem o orgulho de sentir-se barilocheense*, introduziu um pouco mais tarde, assinalando-o novamente. Aqui a pertença geográfica e institucional, afirmada e comunicada também como forma de sentimento e em tempo presente, se entrelaçam, se confundem. Se se pertence à instituição, se é, de algum modo, *barilocheense*, *sente-se* assim além da procedência original. E isso, agrega a apresentadora, dá orgulho.

Como antecipei, só uma reduzida parte desse pessoal ao que a apresentadora faz referência é *barilocheense*. Ao menos uma reduzida parte o é se nos ajustamos à definição que associa o uso dos gentílicos à procedência original - fundamentalmente relacionada com o nascimento - dos indivíduos. A grande maioria desse pessoal chegou a Bariloche de outras cidades do país. Nesse sentido, essa maioria não seria *barilocheense*, ao menos a se considerar estritamente essa definição inicial.

No entanto, também é verdade que muitos deles chegaram à instituição ao mesmo tempo em que à cidade, no começo dos estudos ou no marco da primeira experiência de trabalho. A própria chegada opera, isso é claro nas diferentes entrevistas estruturadas em torno da trajetória profissional que realizei, como uma quebra. Isso é, como uma marca de antes e depois na própria trajetória profissional e, conseqüentemente - segundo essas entrevistas, também - da trajetória de vida. Inclusive alguns dos entrevistados, fundamentalmente aqueles que fizeram parte dos primeiros grupos de estudantes, antecipam essa quebra a um momento anterior à chegada a Bariloche mas vinculado a ela. Antecipam-no, aliás, à leitura do anúncio, pendurado na parede das universidades em que estudavam, convocando ao exame de ingresso.

Chegada ou leitura do anúncio, trata-se, em todo caso, de um antes e um depois que se configura em torno de uma inserção institucional e uma mudança de localidade que são paralelos e que implicam, nos próprios termos, *ansiedade, temor, incerteza, possibilidade de realização pessoal e desejo*. Inserção institucional e traslado de

localidade que confluem numa forma de pertença que enlaça desenvolvimento profissional e vida. Que decorre, então, dentro dos limites da instituição mas também fora dela, na cidade que a abriga. Uma pertença conjunta que é objeto de reflexão - desse *nos considerar parte*, como tinha dito o diretor na intervenção a respeito da instituição, mas associado a esse *se sentir barilochense* da apresentadora. Uma pertença conjunta que paralelamente habilita vínculos afetivos com os lugares que dessa vida decorrem, com aquelas pessoas com as quais esses lugares se constituem em lugares comuns, lugares de encontro.

Entrevistador: Queríamos consultar como se siente un segundo egresado del nuestro instituto en este festejo

Entrevistado: ()...bueno yo me gradué hace muchos años en Bariloche y cada vez que vuelvo aquí es como una vuelta al hogar. Yo vivo fuera del país hace muchos años pero mantengo permanentemente relaciones con esto que ha sido mi lugar de origen.

Esse fragmento de uma entrevista realizada a um graduado da segunda turma no programa *El Balseiro en la nacional* dias depois da comemoração, ilustra o enlace, também afetivo, entre o geográfico e o institucional, entre Bariloche e o instituto. Nas palavras do entrevistado, inclusive, os próprios referentes espaciais se confundem. Qual seria o *aquí* - que não é, aliás, o prédio da rádio - que o entrevistado, radicado na Itália, define como *uma volta ao lar*. A cidade de Bariloche, o Instituto? Qual é esse *lugar de origem* com o qual diz manter relações? A instituição que marcou o começo da vida profissional. A cidade na qual a instituição se localiza?

As analogias de *lar* e *origem* na referência confusa à instituição e à cidade, analogias que os conectam simbolicamente com o início da vida e com a dinâmica familiar, reafirmam essa configuração como o eixo de um começo eleito. E, também, explicitam a dimensão emocional que articula esse eixo com a dupla pertença. O ingresso à instituição e a conseqüente chegada a Bariloche, primeiro passo para o pertencer, marcam uma quebra nas trajetórias individuais. A partida, na maioria dos casos da casa familiar, da cidade de nascimento ou criação, a decisão de que estudar, de futuro, negociações com alguns familiares, de desejos.

Não quero dizer que o pessoal do instituto faça de Bariloche o único referente de pertença, a racionalize e sinta assim, que se faça exclusivamente *Barilochense* a partir da chegada à cidade e ao *Balseiro*. O material de entrevista, no qual se reiteram e coexistem indicações que assinalam e vinculam procedências e pertenças anteriores - e às vezes paralelas - à chegada a Bariloche dos entrevistados com valor atual, não suportaria tal proposição. O que me interessa assinalar aqui é de que modo a iniciação numa trajetória profissional, que implica por sua vez numa mudança habitacional, constitui-se numa quebra significativa na trajetória de vida. Isto é, um acontecimento que divide essa trajetória entre um antes e um depois. Uma quebra que habilita novas formas de afeto que vinculam local de trabalho e ancoragem de território. Novas formas de afeto que interpelam a reflexão e a tomada de posição a respeito de uma inscrição de pertença que enlaça ambas as dimensões. A respeito desse ser parte, desse sentir-se parte do entrelaçado que ambas configuram. E me interessa assinalar também como essas formas de afeto podem se converter em propostas de transmissão a partir da reiteração da associação - a da instituição na localização, a de um território que está emocionalmente constituído - em determinados contextos como o deste evento.

A intimidade no público ou a respeito de algumas fronteiras preestabelecidas que a emoção contribui para evidenciar

Para finalizar a exploração de alguns aspectos da dimensão emotiva nas narrativas de tradição e comunidade no seio da comemoração, vou introduzir uma última questão que é o eixo fundamental das diferentes propostas teóricas que se desenvolveram na tentativa de abordar, compreender e discutir o lugar da emoção na vida coletiva. Uma questão que na maioria dessas propostas se constitui em torno de uma das dicotomias mais clássicas e arraigadas, como sugeria Leavitt, do pensamento ocidental (1996). Refiro-me, mais precisamente, à questão da delimitação e articulação dos âmbitos público e privado. Neste caso, mais precisamente, me refiro a essa delimitação e articulação pensada em função da relação com o emocional.

“Vários componentes do paradigma cultural da emoção criam uma imagem dela como um “anti-método” ou como alguma coisa que, intrinsecamente, não é acessível aos estudos científicos ou sócio-científicos. Por um lado, as emoções são vistas como irracionais, como relativamente sem sentido () Por outro lado, elas são às vezes consideradas dentro do âmbito do sagrado e, conseqüentemente, sem possibilidades de serem expressas claramente. Terceiro, as emoções são geralmente caracterizadas numa última instância como completamente privadas e potencialmente imaturas, primitivas ou até patológicas.” (Lutz, 1988: 41)

Como propõe a autora, e como já tínhamos visto no começo do capítulo, o emocional é freqüentemente reduzido ao âmbito do privado. A um âmbito do privado definido, às vezes, em termos da constituição psicológica ou interior do indivíduo, outras vezes do íntimo em relação ao doméstico ou em torno de propriedades que se constituem num âmbito inacessível para o cientista social. Em todo caso, cada uma dessas associações coloca o privado num plano diferente aquele dos lugares ou arenas sociais onde os sentidos são articulados, distribuídos, negociados, é dizer do corpo coletivo que constitui o público a partir desse processo de articulação, distribuição e negociação de sentidos (Negt e Kluge, 1993). Desse outro plano que é de algum modo observável ou apreensível e, conseqüentemente, possível de analisar a partir de uma abordagem do social.

A diferença das relações de parentesco, o compartilhar alimentos e as crenças religiosas que podem ser públicas, as emoções têm sido enfatizadas como privadas”, afirma Lutz a respeito dessa redução do emocional (1988: 42). Dessa redução que se traduz, em sua utilização, na própria afirmação da dicotomia. Por um lado estaria, então, o âmbito privado. Esse seria o âmbito no qual a emoção aconteceria e cujas ferramentas de análise teriam que se utilizar para abordá-la - por exemplo, o diálogo na intimidade de um consultório. como propõe a autora, citando as posturas psicológicas com as quais discute. Por outro lado estaria o âmbito público, esse âmbito definido em torno da congregação de indivíduos num corpo coletivo que produzem, negociam e distribuem sentidos (Negt e Kluge, 1993). Um corpo coletivo que para autores como Habermas, mais precisamente, articula necessidades de um todo imaginado como sociedade com o estado, figura em relação da qual a própria categoria de público se origina.

No entanto, embora o emocional exprima estados internos, psicológicos, intimidade - isso é aquelas propriedades que se atribuem ao âmbito do privado - o fato de falar desses estados por meio de categorias, sua manifestação em formas de expressão que incluem o discurso como prática social tanto quanto ao corpo, impedem de reduzi-lo a tais características. A proposta de Crapanzano citada no começo do capítulo já advertia como a emoção se constitui tanto em relação a estados psicológicos quanto em função da arena social e das interações sociais que a configuram e sobre as quais, por sua vez, a própria emoção interage. Como afirma o autor, as emoções têm um efeito pragmático nos diferentes discursos e, em referência ao contexto, elas podem até certo ponto contribuir para lhe criar (1994). A comemoração, esse evento que não podemos definir em termos de um caráter privado e que está atravessada por traços do afeto, parece ser um exemplo disso.

Duas observações são aqui necessárias. Por um lado, dizer que a comemoração não pode ser definida como evento privado não significa afirmar que sua natureza seja exclusivamente pública. Ou, pelo menos não é exclusivamente pública se pensarmos no público como um âmbito que exclui aquelas práticas que corresponderiam, sob uma perspectiva dicotômica, ao privado. Por outro lado, negar o caráter unicamente privado, não implica, sob meu ponto de vista, sustentar a existência de uma espécie de emoção pública que se expressa - e se constitui por sua vez em objeto de análise - em eventos com os quais compartilharia tal condição. Uma espécie de emoção que alguns autores, principalmente analistas do ritual, particularizaram em função de sua condição pública e que caracterizaram como convencional e/ou destinada a consolidar formas de aprovação social (Abu-Lughod, 1986). Uma espécie de emoção pública que estaria, então, por definição, contraposta a uma emoção de índole privada, espontânea, profunda que não deixa traços abordáveis sob nenhuma perspectiva da análise social. Uma emoção pública que, com uma raiz exclusivamente instrumental, careceria além de tudo de possibilidades de agência.

A problematização da natureza da emoção, no vínculo com os pressupostos sobre a articulação entre o público e o privado, permite se perguntar sobre alguns aspectos da natureza do próprio evento. Aliás, convida a indagar sobre ambas as naturezas nas conseqüências da sua própria relação. Nesse sentido, resulta legítimo se perguntar se não

é, justamente, a dimensão emocional expressada em categorias, corpo e movimento, esse caráter emotivo deslocado, como sugere Leavitt, dos eixos do privado e do público (1996), uma das razões que colocaria o evento também na intersecção. Isto é, se não é a emoção uma das razões que coloca o evento numa intersecção entre o privado, comumente definido em termos do íntimo, a experiência individual e o público, condição que é atribuída às situações e relações de natureza coletiva. Resulta legítimo se perguntar, também, se a realidade dessa intersecção não estaria agregando elementos para pôr em questão, inclusive, a própria realidade dessa dicotomização. Pelo menos, se não agregaria elementos para questionar a dicotomização definida em função de categorias fixas e preestabelecidas e não em função de sua própria produção em contexto e a partir das interações entre os atores sociais.

As respostas a essas últimas perguntas, que se adentram num campo amplo e com frequência naturalizado de pensamento e discussão, excedem tanto o propósito do capítulo quanto da pesquisa. De todo modo, gostaria de avançar brevemente na primeira afirmação. A que coloca pontualmente a emoção questionando a fronteira entre um âmbito público e um privado no evento. A que, por sua vez, põe a dicotomia em discussão a respeito da análise da emoção e do próprio caráter da comemoração. Gostaria de fazê-lo a partir de dois aspectos pontuais do evento que se somam à apresentação anterior das categorias que falam da emoção e das práticas que a exprimem: em primeiro lugar a partir da análise de uma das modalidades que assume a presença sinalizada da viúva de José A. Balseiro e, em segundo lugar, abordando a criação, nos dois momentos que constituem o evento, de diferentes situações de encontro e reencontro entre os diferentes atores envolvidos.

1.

Em que sentido podemos pensar a emoção discutindo as fronteiras entre o privado e o público a partir da presença no ato da *senhora Maria das Mercedes Covadonga Cueto de Balseiro junto aos filhos e família*? Na realidade, a formulação dessa pergunta surge a partir de algo que chamou a minha atenção tanto durante a cerimônia quanto no momento da análise das intervenções que essa manhã se sucederam. Isto é, o uso, no ato,

de um apelido, *Covita*, em referência à mulher, a utilização de um apelido substituindo ou complementando o nome e sobrenome para indicar a sua presença na cerimônia, para comunicá-la. Primeiro, o uso desse termo quando o objetivo foi apenas nomeá-la, indicar sua assistência na sala. Posteriormente, o uso desse termo acompanhado de *nossa querida* quando o objetivo foi convocá-la ao cenário para somá-la à homenagem.

“Uma distinção comum na literatura acadêmica em relação aos nomes é entre nomes e apelidos. Os apelidos são nomes informais que estão sujeitos a mais mudanças que os nomes formais e foram pensados para refletir melhor a identidade da pessoa do que o nome formal. Os dois, nome e apelido, jogam um rol importante na determinação de como as outras pessoas percebem aquela que leva esse nome ou apelido” (Lev y Lewinsky, 2004).

Os apelidos, cuja informalidade - como propõem os autores citados - considero que é em rigor mais um objeto de questão do que um critério de definição¹¹⁵, possuem uma variada significação. Segundo estabelece Manning no artigo *Nick Names and Number Plates in the British Weste Índia*¹¹⁶ alguns deles, de natureza descritiva, referem às características da personalidade, da aparência ou da experiência daqueles que nomeiam. Outros apelidos vinculam àqueles que nomeiam com outras pessoas ou personagens do folclore, da história, de alguma forma de ficção. Um último tipo, finalmente, agrupa aqueles apelidos que não possuem uma correspondência semântica direta e têm um conteúdo mais ou menos arbitrário (1974). *Covita* se corresponde, de algum modo, a esses últimos, embora a relação entre o sobrenome e a sua redução a diminutivo - de Covadonga a *Covita* - limite a arbitrariedade.

De todo modo, não é a semântica do apelido, nessa variação ou diminuição do sobrenome de solteira, o que aqui me interessa assinalar. A pergunta relevante se centra mais nas conseqüências de sua definição por parte de alguns dos atores que constituem o coletivo social e sua aplicação no contexto da cerimônia.

¹¹⁵ Aliás, na perspectiva estruturalista, o uso de apelidos se relaciona com os mecanismos de controle social mais do que com sua relação com o formal e informal. (Pitt- Rivers, 1971)

¹¹⁶ No artigo *Ethnography of nicknames* o autor propõe, justamente, uma classificação dessas formas de denominação.

“Ou apelido define uma pessoa em relação à comunidade, a define pela origem, a família, o lugar de criança, ou cargo ou pelas características destacáveis segundo o olhar do povo” (Pitt-Rivers, 1971: 167)

Diferentemente de Grazales, a pequena localidade ao sul de Espanha onde esse antropólogo britânico fez trabalho de campo, não temos na nossa análise um povoado *stricto sensu*. Aquilo que temos sim, como na localidade andaluza, é uma experiência de comunidade. É uma denominação, a de *Covita*, que adquire significação em torno, justamente, dessa própria experiência.

Nessa, o apelido, a viúva de Balseiro parece assumir uma participação especial na narrativa de comunidade que a comemoração articula. Uma participação especial e diferente, acredito, da que teria assumido se tivesse sido nomeada unicamente pelo nome ou sobrenomes de solteira ou casada. Uma participação especial que explicita, justamente, critérios de familiaridade e intimidade na forma de comunidade que reconhece e usa esse nome e que reconhece, paralelamente, como integrante à pessoa identificada pelo apelido partir de sua utilização (De Pina Cabral, 1984). Uma participação especial que põe em evidência, além disso, a apropriação coletiva que se faz dessa denominação e desses critérios.

O uso dos apelidos expressaria, tendo em conta sua natureza coletiva que a discussão antes apresentada também assinala, uma correspondência com o âmbito público. Há um coletivo social, nesse caso o coletivo daqueles que integram o CAB-IB, que cria os apelidos, que se apropria deles¹¹⁷. Há um coletivo social que os utiliza, que os entende e os comunica. Porém, além disso, há uma marca de pertença articulada através dessa utilização. Uma marca que fala, por sua vez, dos laços sociais que definem o conteúdo, dos limites imaginados desse coletivo e o lugar material e simbólico que tem aquele que pelo apelido é assinalado no interior dela.

¹¹⁷ Utilizo o termo apelidos no plural porque enquanto Covita é o único que aparece na comemoração, em outros diálogos registrados no trabalho de campo e em documentos analisados outros apelidos se fizeram explícitos. Um exemplo que chamou minha atenção foi a página oficial da internet do IB. Nela há fotografias de ex-alunos indicando nomes e, em alguns casos, apelidos. Outro exemplo é a lista de graduados do instituto que achei na sede central da CNEA, num âmbito da administração e que somava a dados pessoais e informações variadas - em alguns casos - o apelido do aluno em questão.

No entanto os apelidos são tão públicos como construídos, e em alguma medida comunicados, a partir de diferentes planos do íntimo. Ou pelo menos, como mostra nosso caso, existe neles, em sua criação, reprodução e uso, essa possibilidade. Nesse sentido Covita foi apropriado - e é afirmado no próprio contexto da comemoração - a partir do íntimo implicado na cumplicidade que explicita a sua utilização. Uma cumplicidade construída a partir de uma série de experiências passadas que se projetam para aqueles que não foram partícipes delas no próprio uso e transmissão. Um tipo de cumplicidade que o uso metafórico do doméstico em interpretações e propostas de comparação da própria comunidade, no contexto do evento mas também fora dele - *somos como uma grande família, a família atômica* - também exemplificam.

Esta cumplicidade se constrói, dizia, a partir de uma série de experiências que os atores destacam tanto como parte do passado quanto na condição de compartilhadas. De experiências passadas e compartilhadas que supõem, para eles, afeto, modalidades de emoção. Entre elas a chegada ao instituto desde outros pontos do país numa idade relativamente precoce - início dos 20 anos. Uma chegada que, nos relatos dos próprios atores, implica uma quebra e um distanciamento a respeito do conhecido e introduz aos recém-chegados em geografias, pessoas, atividades e saberes novos e desconhecidos, por descobrir. Ali, nesse novo âmbito de lugares, pessoas, atividades e saberes, estava Covita, a mulher do *fundador*. Estava Covita acompanhando o marido e criando os quatro filhos. Mas também estava ali, como explicitam os diferentes relatos dos atores que protagonizaram esta experiência, recebendo os novos integrantes, acompanhando-os. *Fazendo a vida mais amigável*, como me sugeriu uma participante dos cursos que antecederam a formação do instituto com o rosto e a voz emocionada depois da apresentação de parte deste trabalho numa reunião da Associação Argentina de Tecnologia Nuclear. Estava ali *cuidando e ajudando a todos como uma família*, contaram-me, em similares termos, em mais de uma entrevista, criando com eles um vínculo que imbricava formas de afeto.

Esta experiência que acabo de relatar corresponde, na realidade, só a alguns dos participantes da comemoração: os *históricos* e os *pioneiros*. Isto é, àquela geração que também é objeto de celebração no evento. No entanto, esta experiência supõe por sua vez dois níveis de transmissão, de comunicação para aqueles que não a viveram de maneira

direta. O primeiro deles excede os limites de espaço e tempo do evento. O segundo, por sua parte, constitui-se no interior dele.

O primeiro desses níveis se configura em torno da representação dessa experiência de relações e de afeto que acabo de descrever, a representação dessa cumplicidade. Representação que fala, também, da dinâmica na qual Covita é reconhecida, pelos próprios atores como criadora, como protagonista. Trata-se dessa dinâmica que entrelaça as práticas do trabalho com as que implicam ao núcleo familiar, às relações de amizade. Práticas que se articulam em espaços físicos que são comuns - lembremos que muitos habitam o mesmo campus onde trabalham ou moram nos bairros que o circunscrevem -, práticas que se desenvolvem num entrelaçado de vínculos e atividades de diferente natureza nesse mesmo espaço físico.

As diferentes situações de encontro e atividades realizadas entre colegas que não são aquelas do laboratório - encontros sociais, atividades esportivas e lazer, compartilhamento de tempo na creche localizada no prédio à qual levavam os filhos, etc. - são alguns exemplos dessas práticas. As diferentes atividades que correspondem ao âmbito do trabalho em momentos ou espaços que não são necessariamente os seus - o que permitiria questionar, porque não, esta própria distinção entre cotidiano de trabalho e vida familiar - é outro exemplo possível. Práticas como as que no segundo momento da comemoração, no almoço, fazem-se explícitas.

O segundo nível é o da própria transmissão no evento, a partir da utilização e a atualização de um apelido histórico - e da resposta que gera tal utilização como diferentes intensidades e duração do aplauso - na articulação de uma comunidade que soma relações sociais e emoção. É o nível da comunicação dessa condição da comunidade que permite, apesar dos anos passados, o uso coletivo de tal denominação. É o nível da transmissão da cumplicidade para aqueles que não foram partícipes da experiência inicial, para esse amplo espectro etário de *jovens* que são convidados a se envolver nessas relações que somam vínculos e afeto. E também para esses outros participantes que, já envolvidos, são convidados a reafirmar tal condição.

2.

Há uma segunda questão que quero apresentar no sentido de mostrar de que modo a emoção, constitutiva das narrativas de tradição e comunidade, se coloca entre a esfera pública e a privada. Ou, mais precisamente, como a dimensão emocional conduz uma projeção pública de experiências que se consideram parte da vida privada. Trata-se das situações de encontro e reencontro que envolveram os participantes no evento e das diversas práticas que configuraram essas situações.

Para isso voltemos brevemente a alguns aspectos da descrição da comemoração. O ato daquela manhã, de convocação aberta, de formalidade da oratória, de certos movimentos definidos e pautas de disposição da audiência num espaço dividido entre cenário e auditório, tinha deixado consideravelmente livre o critério de localização da maioria dos participantes. Essa foi uma de suas mais explícitas e observáveis possibilidades de agência. Independentemente da sugestão no acesso à sala que recebiam os membros mais antigos da instituição, o modo em que eles escolheram os assentos foi espontânea, eleita. O critério que guiou essa eleição foi acomodar-se perto dos amigos, colegas ou familiares, muitas vezes fazendo uso dos cumprimentos ou gestos para que se acercassem e ocupassem os assentos mais próximos com casacos ou bolsas.

No almoço, por sua vez, a indicação para aqueles com mais anos de relação com a instituição - aqueles que *conheceram ou trabalharam com Balseiro* e seus acompanhantes - junto com as autoridades convidadas e os sucessivos diretores estava marcada. Estava marcada previamente no texto da mensagem de correio eletrônico de circulação restrita que apresenta, justamente, a anterior proposta de classificação de atores dentro do coletivo social. Estava marcada, também, nas mesas localizadas num dos extremos do ginásio com um improvisado cartaz de papel escrito a mão no qual se podia ler *reservado* e na indicação da pessoa que olhava os convites no momento de ingressar no prédio.

No entanto, além dessas diferenças a respeito da disposição nos dois momentos da comemoração, ambos habilitaram situações de encontro e reencontro entre os atores envolvidos no coletivo social. De um encontro e reencontro com o universo de significações que se representa e comunica, mas também com aquelas pessoas com as

quais se compartilha semântica e afetivamente esse universo. Isto é, com o colega que acompanha, talvez há muitos anos, o cotidiano do laboratório, do trabalho. Com o colega com que divide, além disso, âmbitos que se definem por fora desse cotidiano. Houve também encontros e reencontros com integrantes das famílias desses colegas, com os antigos colegas de estudo, com os conhecidos que chegaram à instituição um pouco antes ou um pouco depois. Finalmente, foi encontro e reencontro com aqueles que foram parte do cotidiano no passado, que moram longe -em outras cidades, em outros países - e viajaram a Bariloche especialmente para a ocasião.

Em todo caso trata-se de situações de encontro e reencontro que, atravessadas pelo emocional que é constitutivo de muitos dos vínculos que supõem e dos próprios protagonistas (Crapanzano, 1994), deslocaram-se entre a formalidade e o espontâneo que deram forma ao evento. Algumas vezes foram motivadas pelas próprias disposições prévias. Outras vezes as práticas planejadas, que não impediram a improvisação e o movimento, deram lugar à agência que se explicitou através delas, habilitaram essa agência orientada, pelo menos em parte, pela afetividade. Aqui aquilo que se supõe corresponde ao âmbito privado, aquilo que se atribui aos vínculos mais íntimos - a família, os amigos, o afetivo que se define envolvido nessas relações - e o âmbito público - esse corpo coletivo que produz, negocia e distribui sentido - novamente se intersectam. E, nessa intersecção, constróem um âmbito que soma o privado ao público, que performa no evento um público que inclui experiências que se reconhecem próprias do seio privado.

Privado e público se intersectam no ato onde a proposta mais pautada abre espaços para o vínculo próximo - escolher aquele que se senta ao lado, aquele com quem comentar, a quem se aproximar, abraçar quando rir ou chorar, escolher a quem aplaudir mais tempo e mais forte e aqueles para dialogar nos corredores durante a pausa ou a caminho ao almoço. Também se intersectam no almoço. No ginásio que congrega a *família atômica* junto a autoridades da CNEA, municipais e nacionais convidadas. Nas pouco mais de 3 horas que durou o almoço se fez efetivo o encontro e reencontro mais íntimo e informal que a inserção dos atores nesta dinâmica coletiva institucional também supõe. O encontro que somou famílias, amigos, colegas num ambiente de confiança, conhecimento mútuo e afeto. Confiança, conhecimento mútuo e afeto que se manifestou

com aquele ou aquela que estava sentado ao lado, próximo. Com aquele e aquela a quem se lhe guardava um lugar, a quem se lhe fazia um espaço no meio. Mas também com aquele ou aquela que passava, detinha-se a conversar, a trocar novidades ou aqueles que, acomodados em outra mesa, saudavam ao longe, levantavam a voz para dialogar à distância.

Algumas palavras finais sobre narrativas e afeto

Os dois capítulos anteriores, aquele em que se centra na análise da narrativa de tradição e aquele no qual trabalho na narrativa de comunidade, concluem com algumas reflexões a respeito das duas narrativas, de sua representação e recriação no seio do evento. Neste caso não vou concluir sobre a problemática da emoção senão sobre algumas das implicâncias dela em relação às narrativas antes mencionadas e da própria comemoração na qual tradição, comunidade e emoção se performaram em conjunto.

Vimos no capítulo 4 que a comemoração recriou uma tradição construída em torno de uma narrativa que sustenta a Balseiro e os *pioneiros* como os heróis da façanha de povoar terras escassamente habitadas com novas gentes, idéias e projetos a continuar. Vimos também como, nessa configuração, a reiterou na origem e continuidade como realidade inquestionável no presente e afirmando, no uso, o status hegemônico como modelo de interpretação do passado (Handker e Linnekin, 1984). Mas houve outros efeitos na experimentação da tradição além dos envolvidos com a própria legitimação. Nesse sentido, a comemoração articulou, através de uma versão do passado, uma experiência de coletivo social em termos de comunidade. Na performance de laços a respeito dessa origem comum e a respeito do decorrer em continuidade assinalado desde o presente, os participantes do evento vinculados com a instituição se projetaram unidos entre si, definiram em torno dela sentidos e sentimentos de pertença.

Na realidade, as duas narrativas envolvem diferentes experiências. Experiências que implicam vários níveis de proximidade dos atores sociais a respeito dos fatos que narram, dos fatos que interpretam. Por um lado estão aqueles que se assumem partícipes ou testemunhas diretas dos fatos que a narrativa relata. Por outro lado estão aqueles que

se apropriaram desses fatos e interpretações a partir da comunicação pessoal com esses participantes e testemunhas. Finalmente, estão aqueles que souberam - que estão sabendo - sobre esses fatos e interpretações a partir de um relato distanciado no tempo daquilo que se interpreta e sem contato direto com aqueles que o consideram - ou narram - como experiência vivida. Esses distintos níveis de experiências, por um lado, conectam os atores sociais de diferentes modos a respeito das perspectivas sobre o mundo que narrativas recortam. Por outro lado, atribuem-lhes papéis diferentes em relação àquilo que se narra e responsabilidades diversas na atualização e transmissão do próprio relato.

No entanto, há uma coisa que vai além das diferentes conexões entre os atores e a narrativa, os diferentes lugares que ocupam no seio e responsabilidades na atualização e transmissão. Nesse sentido, os diversos níveis de experiência supõem, por sua vez, emoções. Isto é, diferentes sensações, sentimentos, formas de afeto que correspondem às trajetórias dos atores sociais no coletivo - e correspondem também às interpelações de trajetórias por parte de outros contextos nos quais este coletivo se integra e que se tornam relevantes em sua própria dinâmica. Essas diferentes sensações, sentimentos e formas de afeto vinculam os atores sociais com a experiência que se narra, com os sentidos e, conseqüentemente, com a própria narrativa.

Os diferentes segmentos do capítulo constituem uma tentativa, justamente, de abordar a dimensão emocional que atravessa as narrativas no contexto do evento, que faz dessas narrativas também emoção. Uma tentativa de abordar, mais precisamente, de que modo o emocional se articula no evento, quais são algumas das práticas que a explicitam, de que modo se envolve na performance das narrativas que o protagonizam. Talvez alguns fragmentos do material de campo analisados tenham parecido, ao leitor, algo familiares. A repetição desses fragmentos teve, justamente, a intenção de agregar esta outra dimensão da análise, de somá-la à análise anterior.

O trabalho sobre algumas das categorias que falam da emoção, sobre as diferentes expressões da linguagem e do corpo que a exprimem, e que enlaçam aquilo que classicamente se adjudica ao âmbito do íntimo ou àquele do público - que constroem, aliás, um público que soma em sua experiência, sua representação e comunicação práticas atribuídas geralmente ao âmbito privado - deixa claro que o mundo de sentidos que as narrativas articulam também é criado e recriado a partir do afeto. Deixa claro que

afeto, sentimento - ou como seja que tomem materialidade e denominação as diferentes formas da emoção - interpelam a significação expressa em discurso, em expressões do corpo, em interações, em movimentos.

Se perguntava Crapanzano na citação introduzida no começo do capítulo se havia algum discurso que não fosse emocional. Nossas narrativas, analisadas neste caso no contexto do evento, contribuiriam no sentido de apoiar a resposta negativa implicada na formulação dessa pergunta. Os usos da linguagem falada no seio da comemoração, essa prática social como propunha Fairclough, supõem emoção. É dizer que implicam tanto significação quanto afeto, mente e corpo, pensamento e sentimento, sensação e cognição. A mesma coisa acontece com o corpo que acompanha, responde e dialoga com esses discursos. Pranto, sorrisos e gargalhadas, diferentes intensidades e entonações de voz ou diversas modalidades de movimentos são algumas das expressões dessa emoção. Dessa emoção que se materializa no corpo ao mesmo tempo em que nas palavras. Ainda mais, dessa emoção que se materializa nesses corpos e palavras que também contribui para produzir.

Nesse sentido, o evento comemorativo não só habilitou a reiteração, a sustentação das narrativas de tradição e comunidade numa comunicação oral, cinética e visual. Também fez da emoção um objeto de representação e transmissão, permitiu sua atualização através de dramatizações, discursos, imagens e movimentos. Essa atualização da emoção implicou a realização de práticas que projetam o âmbito esfera privado para o público. Isto é, a realização de práticas que, se supõe, correspondem ao íntimo ou individual para um âmbito no qual todos podem ser partícipes e testemunhas delas. Onde, aliás, as diferentes manifestações da emoção constroem também o público. Trata-se de um âmbito onde as fontes da emoção, a sua correspondência com as trajetórias específicas que a criaram na relação sentido e sentimento e as possíveis diferenças se desvanecem. E onde, finalmente, essas práticas que a materializam, que a transmitem, convertem-se numa nova experiência emotiva de todos. Uma experiência que reafirma, além de tudo, efeitos do coletivo social que a envolve.

Capítulo 7: Consenso sobre ciência, tecnologia e projetos do país: o político na comemoração

“... a ciência e a tecnologia são políticas, sim, mas em outros sentidos. Aquilo que é oficialmente político é apenas a ponta do iceberg comparado com as muitas outras atividades geradas por muitos outros ‘ativistas’ que aqueles que reclamam fazer política per se”

(Latour, 2007: 813)

Nos capítulos anteriores coloquei o foco em duas narrativas: as narrativas de tradição e comunidade. Tentei mostrar como a representação e comunicação dessas narrativas, sempre em relação, legitimam uma versão do passado e estabelecem critérios a respeito da conformação de um coletivo social associado ao IB. Um coletivo social que na cerimônia foi objeto de festejo. As duas narrativas designam uma série de atores sociais como referentes de um modelo de práticas e sentidos. Trata-se de um modelo que, com fundamento histórico, projeta a vigência dessas práticas e sentidos no presente ao mesmo tempo em que opera como sustento da pertença à rede social que constitui o coletivo institucional. Um modelo que, além disso, se afirma e transmite no contexto da comemoração desde a marca que indica o começo com uma leitura de continuidade.

Depois me concentrei na tentativa de desentranhar, nas narrativas de tradição e comunidade, a sua dimensão emocional. Aliás, me concentrei em assinalar aqueles aspectos que fazem dessas narrativas corpos de sentidos que se constroem, se compartilham e se transmitem atravessados pelo emotivo, atravessados por sentimentos e afeto que deixam traços em expressões de emoção e também são constitutivos do conhecimento que se representa, comunica e apropria na comemoração.

O último capítulo pretende avançar além da distinção e da análise desses aspectos que particularizam o evento apresentados nas páginas anteriores. Pretende se introduzir, mais precisamente, nas razões que justificam a configuração da comemoração em torno dos sentidos e práticas que dão forma, comunicam e/ou acionam as narrativas. As razões

que, nesse justificar, justificam também o conteúdo do evento mesmo. A pergunta é a seguinte: Por que a comemoração do quinquagésimo aniversário de um instituto de formação de físicos e engenheiros, localizado ao norte da Patagônia argentina, constitui fundamentalmente um ato de transferência de tradição e comunidade? Por que, além disso, as duas narrativas unem os conhecimentos que transmitem com expressões de emotividade?

A hipótese sobre a qual vou trabalhar na última parte da pesquisa, essa tentativa de resposta que já antecipei na introdução, é a seguinte. As narrativas de tradição e comunidade, construídas e comunicadas também a partir do emocional, atualizam uma arena de debate político. Uma arena que supõe, no desenrolar da comemoração, a afirmação de um consenso que atravessa uma série de perspectivas diferentes a respeito da produção científica e/ou tecnológica.

Refiro-me, mais precisamente, a uma série de perspectivas nas quais se assumem diversas posições sobre o modo como esse conhecimento científico-tecnológico - e a própria produção desses conhecimentos - se incorpora numa dinâmica que inclui a instituição, a dimensão nacional e a escala internacional. Perspectivas que incluem posições a respeito da produção científica, sua relação com a tecnologia, sobre as práticas que essa produção supõe, sobre os objetivos e, fundamentalmente, sobre os motivos e fins que a orientam. Perspectivas que, independentemente das disputas tanto históricas quanto atuais a partir das quais se constituem e relacionam, se performam evitando fazer referência - além de certos indícios articulados em alguns dos discursos - a discrepâncias e/ou diferenças. Perspectivas que se performam, ainda mais, legitimando a dimensão consensual que as atravessa e sobre a qual aprofundarei a continuação.

Sobre conteúdo científico e tecnológico e posicionamentos territoriais: algumas presenças e ausências significativas na comemoração.

Introduzirei a reflexão sobre o consenso que atravessa essa série de perspectivas a respeito do conhecimento científico e tecnológico a partir de uma breve apresentação de alguns aspectos de um evento similar ao aqui estudado. Esta breve apresentação não tem pretensões comparativas - talvez essa seja uma das linhas de trabalho possíveis que se

depreenda justamente da pesquisa. O propósito é esclarecer, a partir das mais evidentes diferenças, algumas características do meu campo de análise. Esse evento similar é a comemoração que se levou a cabo como motivo de festejo do quinquagésimo aniversário da sede do *Commissariat à l'Energie Atomique* - mais conhecido pela sigla CEA - localizado na cidade de Grenoble, França.

1.

Numa apresentação num seminário internacional do programa de Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia da Universidade Nacional de Quilmes, Buenos Aires, na qual comparamos alguns aspectos das comemorações do quinquagésimo aniversário do IB e aquele da sede do *Commissariat à l'Energie Atomique* (CEA) de Grenoble,¹¹⁸ acontecidas em agosto de 2005 e maio de 2006 respectivamente, observamos uma grande diferença. Enquanto no festejo do CEA Grenoble foram claramente explicitadas as linhas de pesquisa a estimular na instituição - linhas de pesquisa relacionadas às nanociências, às nanotecnologias e às aplicações desses conhecimentos no mercado com uma omissão das temáticas nucleares que em outros tempos eram consideradas uma prioridade - nos cinquenta anos do IB essa explicitação foi pouco relevante (Hubert e Spivak, 2006).

As especificações a respeito do conhecimento científico tecnológico que se produz ou que se projeta produzir na instituição argentina não foram eixo das argumentações dos discursos que se sucederam na cerimônia. Também não o foram aspectos específicos do conhecimento científico e tecnológico como as questões temáticas e disciplinares, as linhas e os métodos de trabalho, etc. Com uma relativa

¹¹⁸ O *Commissariat à l'Energie Atomique* francês (CEA), instituição equivalente à CNEA argentina, possui também três centros atômicos dedicados à pesquisa e treinamento civil (Grenoble, Saclay y Cadarache). Porém, a diferença de CNEA, tem centros de pesquisa dedicados às atividades militares. A sede de Grenoble comemorou, em 18 de maio de 2006, cinquenta anos da fundação e teve também um festejo. Essa comemoração, que foi realizada numa grande barraca armada no campus da instituição especialmente para a ocasião, começou com uma assembléia geral de três horas de duração. A assembléia teve a presença de um comico, depois de Yves Ballu, o autor do livro *De Mélusine à Minatec* editado no mesmo ano da comemoração. Junto com a apresentação de Yves Ballu subiram ao palco duas pessoas que tinham participado do começo da instituição e responderam perguntas sobre episódios divertidos dos primeiros tempos. Finalmente, teve lugar a intervenção do atual Diretor do CEA Grenoble que é também Diretor de Pesquisa Tecnológica. Esta intervenção durou quase duas horas incluindo perguntas. Quando acabou a assembléia geral houve um jantar reservado às pessoas que tinham se inscrito para participar no evento que incluiu um espetáculo e uma festa.

exceção nos discursos do Presidente de CNEA e da reitora da Universidade Nacional de Cuyo - cujas razões e especificidade abordaremos posteriormente - o conhecimento científico tecnológico teve, diferentemente do ocorrido na comemoração do centro francês, uma presença muito pouco significativa.

É possível se perguntar, numa primeira instância, se essa diferença não corresponderia à diferente natureza das instituições celebradas: por um lado um instituto de formação de recursos humanos como o IB, por outro lado um centro de pesquisa e desenvolvimento como o CEA de Grenoble. No entanto, espero ter mostrado nas páginas anteriores que essa suposta diferença de natureza não pode se considerar como fundamento de uma resposta viável. Não apenas porque nessa sede do CEA também se desenvolvem atividades de educação e treinamento. Senão, e fundamentalmente, porque o próprio IB se celebra não dissociado do CAB. Isto é, se celebra vinculado a esse centro de pesquisa dependente também da CNEA com a qual compartilha, como vimos, tanto capital material - campus, prédios, infra-estrutura, pessoas, etc.- como o capital simbólico que se expressa nas narrativas.

Voltemos ao conhecimento científico-tecnológico e a sua presença no evento. Dizia que as especificações de áreas, temas ou disciplinas, linhas ou métodos de trabalho não abundaram nos discursos que articularam o cinquentenário do IB. Aliás, apenas em duas das cinco intervenções que se apresentaram no ato apareceram assinaladas.

A primeira dessas intervenções foi a do presidente da CNEA. Nela fez menção à *física nuclear, a física do sólido e a ligas de metais* como requerimentos da CNEA no início, naqueles tempos nos quais a instituição se criava em função do desenvolvimento e da supervisão da atividade nuclear no país. A referência a essas especificações do conhecimento, mais de 50 anos depois da criação da comissão e com uma instituição mais diversificada e não necessariamente vinculada - como vimos no capítulo 2 - com os objetivos originais, não é um ato menor. Analisando-a sob o ponto de vista do performático, daquilo que se está produzindo no evento, a especificação não é separável da intenção do presidente de fazer pública a sua proposta de *levar de volta os institutos à CNEA*¹¹⁹. Isto é, de fazer com que o IB, assim como os outros dois institutos dependentes

¹¹⁹ Essa frase foi dita pelo presidente da CNEA meses depois da comemoração e repetida na instituição por outras autoridades ou pessoal da gestão em diferentes ocasiões.

da instituição, volte a estabelecer como prioritárias as atividades e orientações da comissão. Atividades e orientações que, na presente comemoração, estavam começando a se encaminhar novamente, a partir da confluência de fatores internacionais, prioridades nacionais e linhas de gestão institucional, em torno da pesquisa e da produção no campo nuclear.

() entre viejos archivos de la CNEA () se encuentra un acta de una reunión mantenida en Buenos Aires en octubre de 1955 (). Allí el doctor Balseiro como director del instituto de física resume cual era su visión y expectativa sobre el instituto, sus finalidades y sus nodos de operación, con la aprobación entusiasmada de la CNEA. El doctor Balseiro() asegura que la formación del instituto obedece a la necesidad de formación de recursos humanos para crear los cuadros científicos y técnicos de primer nivel que la comisión necesitaba orientados especialmente hacia la física nuclear, física del sólido de metales y aleaciones (intervenção do presidente da CNEA)

Porém, essas especificações temáticas que o presidente da CNEA assinala como ponto de partida do IB em termos de produção de conhecimento não se apresentam em sua intervenção como um projeto exclusivo. Nesse sentido, longe de afirmar que os temas mais relacionados com o nuclear devem ser o propósito único da produção científica e tecnológica da instituição, o orador faz referência também a outras categorias em relação ao conhecimento científico e tecnológico às quais refere sem explicitar critérios de conflito. Aliás, inclui o conhecimento sobre o nuclear como parte de um conhecimento mais global que resultaria, inclusive, no requisito para o desenvolvimento do próprio campo específico.

A outra especificação a respeito do conhecimento que aparece ao longo do evento foi feita pela reitora da Universidade Nacional de Cuyo. Na intervenção da reitora o conhecimento não aparece exclusivamente unido à produção científico-tecnológica senão que se apresenta atualizando o vínculo com a educação superior. É dizer, se apresenta caracterizado também a partir de sua relação com as instituições que fazem parte do que a reitora chama de *sistema científico nacional* e que soma, como deixa claro na intervenção, às universidades nacionais. A afirmação dessa inclusão dá suporte, conseqüentemente, ao próprio nexos entre a Universidade Nacional de Cuyo e o IB. Nexos

ao qual ela dá especial ênfase e tenta apresentar excedendo a formalidade de uma responsabilidade acadêmica a respeito das tarefas de formação.

Frente a esta otra Argentina que felizmente existe, la Argentina que construye, que trabaja y que constituye un reaseguro. Hay una Argentina que es la Argentina constituida por el sistema científico nacional, no importa cual sea su dependencia, y las universidades públicas (intervenção da reitora da Universidade Nacional de Cuyo)

Contrapondo o lugar mais relegado que possui o vínculo Universidade de Cuyo/IB - em comparação com a relação do IB com CAB e CNEA que, mais ou menos conflitiva se performa e experimenta como inquestionável, como critério na afirmação de identidade - a reitora ressalta sua relevância. Afirma-a na intervenção nomeando o vínculo ciência, tecnologia, educação superior. Afirma-a, ainda mais precisamente, quando se refere ao IB como um *filho em comum* da universidade e da comissão. E a afirma, finalmente, a partir da organização das jornadas de discussão e apresentação de trabalhos sobre educação superior que se levou a cabo no próprio campus do CAB-IB na semana que começou com essa segunda-feira comemorativa. Jornadas que tiveram como ato inaugural, justamente, a mesa-redonda que se seguiu ao *ato central*¹²⁰.

Além das citadas especificações nos discursos da reitora da Universidade Nacional de Cuyo e do presidente da CNEA aparecem no evento algumas referências de uma disciplina em particular: a física. No entanto, as categorizações que se utilizam para falar dela não se aprofundam nas linhas ou métodos de trabalho, nas temáticas específicas, como acontece com as nanociências e as nanotecnologias que se introduzem no caso francês. A física se apresenta no evento como um extenso horizonte de produção do conhecimento. Um extenso horizonte que, aliás, concentra-se em torno de dois tipos de atividades. Em primeiro lugar, concentra-se em torno das atividades que

¹²⁰ Uma mostra a mais do lugar relegado que tem a Universidade de Cuyo nos processos de construção e afirmação de identidade do IB - que se soma ao papel limitado que possui tanto na narrativa de tradição quanto a de comunidade - foi a escassa participação do pessoal do CAB-IB na mesa-redonda e nas jornadas sobre educação superior. Nessas jornadas foi importante o número de participantes procedentes da cidade de Mendoza, identificáveis a partir das vestimentas, forma de falar e estratégias de participação. Na realidade, houve no evento uma performance da relação Universidade de Cuyo/IB, embora essa performance tenha implicado em um número mais reduzido dos assistentes e diferente dos diretamente envolvidos com as narrativas que são objeto de análise neste trabalho.

correspondem àquilo que as intervenções chamam de *física básica*. Isto é, a uma física que os atores que configuram o campo - e outros atores e analistas que excedem esse campo também - definem em função da ampliação do domínio do conhecimento além das fronteiras existentes¹²¹. Em segundo lugar esse horizonte de conhecimento se concentra em torno das atividades da denominada *física aplicada*. É dizer, uma física que se dedica, também segundo esses e outros atores e analistas, a produzir conhecimentos em função das necessidades concretas e/ ou aplicações precisas ou, mais precisamente, em função do desenvolvimento de tecnologia.

A outra delimitação do conhecimento que aparece diferenciado dessas categorias é, justamente, o último campo nomeado: a tecnologia. Nesse sentido o conhecimento tecnológico - a produção, o desenvolvimento - aparece também assinalado em discursos e imagens nos diferentes momentos do evento. Às vezes como uma coisa diferente da ciência, outras vezes em estreita relação com ela¹²². Em alguns casos o conhecimento tecnológico se nomeia unido à física, em outros em conexão com o campo de conhecimento nuclear. Finalmente, em outros casos, excede os dois campos anteriores e se apresenta como um campo a desenvolver independentemente deles.

No entanto, além das exceções apresentadas, os critérios que fazem a circunscrição do conhecimento científico-tecnológico que é propósito desenvolver na instituição, a própria dinâmica de produção - a eleição sobre que conhecimento produzir de modo prioritário, as razões que fundamentariam essas e os respectivos antecedentes, as práticas a partir das quais se leva a cabo, os sucessos e fracassos específicos, etc. - não são objetos centrais de reflexão no evento. As práticas, perspectivas e decisões que articulam a dinâmica da qual o conhecimento científico é resultado - e do conhecimento tecnológico associado ou não ao primeiro - são apenas apresentadas nas exposições. Muito menos se focaliza, então, na sua explicitação ou descrição em profundidade. Em síntese, a discussão sobre o conhecimento científico-tecnológico, pelo menos em termos das práticas, perspectivas e decisões que fazem a sua específica produção, não parece

¹²¹ Essa, a definição nativa que se articula em torno da categoria de física básica, é uma entre muitas outras definições possíveis. Aliás, como propõe Calvert, o termo *básico* associado à pesquisa é um termo de fronteira (2006). Isso significa que o interessante dele é como as margens resultam flexíveis e mapeáveis a partir do próprio discurso dos atores sociais envolvidos - cientistas, políticos, administradores, etc..

¹²² Como já adverti no início do trabalho, a relação entre ciência e tecnologia foi, e é, objeto de análises diversas. Apresentarei, ao longo deste capítulo, algumas dessas análises. Mas fundamentalmente colocarei o foco na perspectiva nativa dessa relação.

possuir um lugar fundamental no momento de falar da instituição, de se emocionar com ela, de festejá-la.

Balseiro tenía el más profundo optimismo al respecto de las posibilidades intelectuales y el futuro de nuestro país y ese optimismo no era ingenuo () Un mundo integrado donde el conocimiento pasa a ser la principal fuente de conocimiento exige, nos exige con urgencia, recrear ese espíritu de progreso (intervenção do então diretor do IB)

() se crea el Instituto de Física () con el propósito de formar investigadores en los distintos dominios de la física como ciencia pura y como ciencia de aplicación. También en tecnológica y estimulando particularmente las orientaciones que interesan a la CNEA () nuestro objetivo en el CAB se orienta a la concreción de aporte sustantivo al crecimiento tecnológico nacional materializando desarrollos, ingenierías en el área nuclear, no nuclear y la realización de actividades científicas y académicas de alto nivel (intervenção do então gerente do CAB)

O conhecimento ao qual se faz referência no evento encontra o extremo mais indefinido, a referência ao campo mais amplo, quando o então diretor do IB o relaciona com as *possibilidades intelectuais* daqueles que habitavam o país há cinquenta anos. *Possibilidades intelectuais* que se aproveitaram no caso do IB, como agregou o segundo orador precisando a proposta do anterior, para *formar pesquisadores nos diferentes domínios da física como ciência pura e como ciência de aplicação. Também em tecnologia e estimulando particularmente as orientações que interessam à CNEA* que nesses tempos era uma instituição recente.

No caso do presidente da CNEA o conhecimento aparece vinculado, como vimos, à *formação de recursos humanos para criar os quadros científicos e técnicos de primeiro nível que a comissão precisava*. O conhecimento é aqui a matéria-prima dessa formação de recursos humanos que eram escassos no momento da fundação da comissão e também do instituto. E cuja escassez constituía um problema que repercutia tanto na definição e execução dos projetos institucionais quanto nas possibilidades de desenvolvimento do país nas quais esses projetos se propunham intervir.

() *el proyecto venía apiñado por falta de físicos que era entonces un problema para el país y para la CNEA creada unos pocos años antes para desarrollar energía atómica con fines pacíficos y dirigida en ese momento por el capitán Iraolagoartía* (intervenção do graduado das primeiras turmas)

Havia nos anos 50 poucos profissionais da física, agrega um graduado das primeiras turmas, estendendo a repercussão do problema do conhecimento em relação à formação de recursos humanos além da instituição e em direção ao país. E agrega esse problema a outros próprios da conjuntura nacional na qual o IB foi fundado e se estabeleceram suas primeiras prioridades. Entre essas prioridades estava, segundo ele, a formação de recursos humanos destinados a contribuir na criação de um sistema científico nacional. De um sistema científico nacional do qual o IB é destacado como parte e que, como propõe a reitora da Universidade de Cuyo na intervenção, apesar dos obstáculos e inconvenientes ainda existe.

Esses fragmentos, tomados cada um de um orador diferente, deixam ver os deslocamentos que sofre a categorização do conhecimento nas sucessivas intervenções. Deslocamentos que vão das *capacidades intelectuais* à *física*, da *física básica* à *física aplicada*, da *ciência pura* ao *desenvolvimento tecnológico*, do *campo nuclear* ao *não nuclear*. Deslocamentos que incluem, além disso, uma menção ao *sistema científico nacional*. Esses deslocamentos, assim como os critérios que fundamentam as respectivas circunscrições dos conhecimentos que os configuram, não são objetos de reflexão na comemoração. Pelo contrário, se fala e se comunica o conhecimento como conformando um único grande complexo. Um complexo cuja unidade e relações se consideram aceitas, indiscutidas e que se apresenta sem conflitos internos e sem problematização das diferenças. Um complexo que, além de tudo, performa uma relação, valores e expectativas com o âmbito externo ao IB que se delimita em torno da fronteira do estado nacional e em cujo interior o coletivo social confunde-se com a instituição à qual também pertence.

2.

Afirmava nos parágrafos anteriores, contrastando brevemente o cinquentenário do IB com aquele do CEA Grenoble, que uma das diferenças centrais entre ambas as cerimônias foi o lugar que teve em cada uma a referência ao conhecimento que se produz em cada instituição. Na primeira cerimônia, esse conhecimento foi performado como um amplo complexo no marco do qual se assinalam diversas especificações como as físicas básica e aplicada, o campo nuclear e o desenvolvimento tecnológico. Na segunda cerimônia, por sua vez, o conhecimento foi representado e transmitido em termos de continuidades e descontinuidades temáticas, rupturas nas linhas de pesquisa e decisões a respeito de áreas de conhecimento a priorizar no presente e, fundamentalmente, no futuro (Hubert e Spivak, 2006). No entanto, essa não foi a única diferença relevante entre ambas as comemorações.

A segunda diferença que quero resgatar se depreende, na realidade, de uma característica que é comum a ambas as instituições. Uma característica que tem a ver, mais precisamente, com a distância que separa o CEA Grenoble e o CAB-IB dos centros econômico e administrativo dos países a que pertencem, Paris e Buenos Aires, respectivamente. Quilômetros que as separam, nos dois casos, dos centros de administração e da tomada de decisões das instituições - CNEA e CEA - das quais são parte.

Bariloche se situa a 1.600 quilômetros ao sudoeste de Buenos Aires na base da Cordilheira dos Andes e perto da fronteira com o Chile. Por sua vez, Grenoble está localizada a 700 quilômetros de Paris em direção ao sudeste. É uma cidade de tamanho médio situada na margem dos Alpes e a poucos quilômetros dos limites com a Suíça e a Itália. Essas coincidências de distância em relação às capitais nacionais -que incluem coincidências também na paisagem verde e montanhosa - fazem mais evidente esta segunda diferença que quero assinalar. Acontece que essa distância que é, em princípio, característica comum das instituições, é vivida e apresentada de modo diferente no seio de cada cerimônia. É vivida e apresentada de modo diferente pelo menos no que diz respeito à dimensão territorial que se define e projeta a partir da sua localização.

No cinquentenário do CEA Grenoble o orador principal estabeleceu uma clara vinculação entre as áreas de pesquisa a priorizar na instituição e as potencialidades de um desenvolvimento econômico e produtivo com uma projeção territorial. Trata-se de um território de fronteiras flexíveis e dinâmicas que se estabelecem em função de relações entre instituições, grupos de trabalho e projetos, mas que reconhecem como centro a cidade de Grenoble¹²³. Na comemoração do IB a dimensão territorial teve, entretanto, uma presença diferente. Uma presença diferente principalmente em relação à composição e os limites do espaço físico e social ao qual se referia.

Num primeiro nível de território aparece, no cinquentenário do IB, o *local* definido sob a perspectiva nativa em função da cidade. Fala-se de *autoridades locais* para diferenciá-las daquelas da província de Río Negro e das nacionais. Fala-se dos *pesquisadores locais* para indicar aqueles que trabalham no CAB. No entanto, essa dimensão local contribui no evento mais à recriação da instituição como um coletivo de pertença com ancoragem geográfica do que à delimitação de um espaço físico como território associado a atividades específicas, grupos de trabalho ou projetos. No capítulo sobre tradição vimos como a cidade marca e caracteriza um começo e alguns aspectos do decorrer que ela conta. No capítulo sobre comunidade vimos de que modo ela contribui à construção de pertença no coletivo social que se constitui ao redor da instituição. Finalmente, no capítulo anterior vimos como tanto a versão do passado que se depreende do localizado começo quanto a proposta de comunidade que se afirma no evento estão atravessados, por sua vez, por laços de afeto. Vimos como os sentidos se configuram somando o afetivo que também se manifesta no vínculo com a cidade.

¹²³ Grenoble junto com outras localidades que fazem parte da mesma aglomeração urbana estão associadas a uma circunscrição de pólo tecnológico. Esse pólo tecnológico concentra empresas nacionais e multinacionais que possuem, em muitos casos, centros de pesquisa e desenvolvimento próprios. A referência a um território de fronteiras flexíveis na cerimônia do CEA Grenoble se representa e comunica em função dos alcances dos diferentes projetos de produção científica e tecnológica que definem Grenoble como centro. Por exemplo, nos projetos que se concentram na pesquisa e no desenvolvimento de nanotecnologia o território se estende a partir dos centros de pesquisa localizados na cidade para esse pólo tecnológico que conforma com outras localidades da aglomeração urbana na qual há tanto laboratórios quanto fábricas de produtos de alto valor agregado em tecnologia. Por sua vez, nos projetos que incluem desenvolvimentos em biologia, o território agrega os laboratórios de Lyon, cidade situada a 100 quilômetros de Grenoble, que conta com reconhecidos centros dedicados a essa disciplina.

Em síntese, além dessas menções, não há na cerimônia uma particular ênfase dessa dimensão territorial: o local¹²⁴. Também não existe a referência a um território de fronteiras flexíveis, como no caso grenoblês, delimitado em função das atividades e projetos de trabalho que a partir da instituição se desenvolvem.

Dessas ausências se derivam, pois, dois questionamentos interessantes. O primeiro desses questionamentos está centrado na própria representação e comunicação do territorial no cinquentenário do IB. Isso é, como se performa o território no evento. O segundo questionamento, por sua vez, está focado na relação entre esse território e a afirmação, não de projetos ou linhas de trabalho específicas, mas de um consenso que envolve as várias perspectivas a respeito da produção do conhecimento científico-tecnológico que aparecem na cerimônia.

Ese primer día de clases, hace exactamente 50 años, no marcaba solamente el inicio de las actividades del flamante instituto de física centrado en Bariloche, Patagonia, sino el comienzo de un proyecto que habría que colocar un cambio sustantivo en el desarrollo de la ciencia y la tecnología en nuestro país (intervenção do então gerente do CAB)

Creo que el impulso de la industrialización que vive el país es propicia para ser aprovechada a fin de que se logre ampliar esa base de apoyo con el aporte de otras instituciones de modo que el CAB IB se consolide como un referente nacional y regional en las ciencias y en la ingeniería. Este es el desafío de los jóvenes para el futuro (intervenção do graduado das primeiras turmas)

Os dois fragmentos contribuem para mostrar como o local, em termos do estabelecimento de limites geográficos e em correspondência a um projeto, carece de valor. Contribuem para mostrar como, ainda assinalado em algumas das intervenções,

¹²⁴ Diferentes depoimentos recuperados no trabalho de campo fazem referência à existência, no final dos anos 60 e início dos 70, de propostas que associavam as instituições dedicadas à produção científico-tecnológica a projetos de crescimento e desenvolvimento cujos limites territoriais se definiam em torno do local. Foram justamente os anos nos quais se criaram em Bariloche, como vimos no capítulo 2, a maioria das instituições nas quais se realizaram ou realizam essas atividades do setor - Universidade Nacional de Comahue, Fundação Bariloche, INVAP, etc. A perseguição política à parte do pessoal do setor, as reconfigurações institucionais e a diminuição orçamentária que sofreram algumas destas instituições a partir do começo da última ditadura militar são possíveis causas da perda de vigência dessas propostas. Propostas que, em todo caso, merecem ser objeto de uma análise mais profunda.

não territorializa projetos como acontece no cinquentenário do CEA de Grenoble. Os diferentes oradores deixam ver, na realidade, como a produção de conhecimentos à qual implícita ou explicitamente fazem referência, se representa em função de outras fronteiras geográficas: as fronteiras que circunscrevem o território nacional. No primeiro dos fragmentos, o então gerente de CAB faz referência ao *instituto de física centrado em Bariloche* em relação a uma mudança em *nosso país*. No segundo, o graduado das primeiras turmas faz atual o projeto situando a instituição como um *referente nacional e regional nas ciências e na engenharia*. Aqui o *nacional* resulta claro. Mas o *regional*, além de estar num segundo lugar, a que território se refere? As perguntas a respeito dessa dimensão se repetem sem respostas precisas. Equivale à cidade? A excede? A inclui? Quais seriam os seus limites? Bariloche, os arredores, a região patagônica?

O conhecimento sobre a produção de ciência e tecnologia que se representa e comunica no evento, que é propósito nele comunicar e atualizar, tem um referente territorial. Porém, esse referente territorial não é a cidade. Também não é Bariloche o eixo de territórios definidos em relação a uma série de projetos a desenvolver. Aliás, o território ao qual se estende excede as fronteiras pouco claras que aqui se indicam nessas escalas. E vincula a produção de conhecimento científico e tecnológico, além das distintas perspectivas que o evento articula sobre ele, ao consenso que inclui a correspondência com um território geográfico cujos limites coincidem com aqueles do estado nacional.

Diferentes perspectivas a respeito do conhecimento no *ato central*

1.

Um dos efeitos que gerou a performance das narrativas de tradição e comunidade foi a atualização de um consenso que tem a ciência, a tecnologia e o país como protagonistas. Nas dimensões desse consenso que legitima o status no evento, me concentrarei, em particular, na parte final do capítulo. Agora o objetivo será nos introduzir nessa série de perspectivas a respeito da produção de conhecimento científico-tecnológico que esse acordo atravessa.

Trata-se de uma série de perspectivas que, apesar dos pontos comuns que suportam esse consenso, apresentam também posições diferentes a respeito dos critérios que fazem à própria produção científica tecnológica. Isto é, dos critérios sobre as práticas que a produção implica, sobre os objetivos e, fundamentalmente, sobre as razões e os fins que a mobilizam. Uma série de perspectivas que, independentemente das disputas tão históricas quanto vigentes que as configuram e dão forma a suas relações, se performam sem fazer explícitas as diferenças e produzindo efeitos identificáveis no evento.

O modo em que o conhecimento se representa e comunica durante o cinquentenário do Balseiro supõe, como antecipei, um deslocamento entre as diferentes perspectivas a respeito da produção do conhecimento científico e tecnológico. Esse deslocamento transita por um leque de possibilidades que incluem, num primeiro plano, um conhecimento que os oradores categorizam como *básico*, *aplicado* e como *desenvolvimento tecnológico*. Um conhecimento que, num segundo plano, os mesmos atores circunscrevem em torno de uma opção disciplinar: a da *física*. De uma física que está dividida em duas categorias: a *física nuclear* - mais precisa no conteúdo - e a física *não nuclear* - carente de tal precisão. Em todo caso, o deslocamento transita pelas diferentes referências ao conhecimento sem falar em profundidade a respeito dos conteúdos, sem refletir sobre elas e sem especificar particularidades, contrastes nem diferenciações¹²⁵.

¹²⁵ O uso dessas categorias para se referir ao conhecimento supõe reflexões em torno dos próprios conteúdos que articulam. Em particular, a classificação do conhecimento científico-tecnológico em conhecimento básico, aplicado e desenvolvimento tecnológico implica não apenas em diferentes - e históricas - definições senão também discussões e conflitos. Essas discussões e conflitos não surgiram necessariamente da conceitualização inicial - aquela que ingressou à arena da negociação política em meados da década de 40 - senão que se foram produzindo através das sucessivas aplicações das categorias. Nessa conceitualização inicial, elaborada por Vannevar Bush no relatório *Ciência, a fronteira sem fim* (1945), as categorias se apresentam em termos de uma continuidade. Para o cientista americano a ciência básica aumenta os conhecimentos disponíveis, a ciência aplicada os utiliza - ou cria novos conhecimentos - em relação a problemas práticos e, finalmente, das duas formas de fazer ciência se deriva o desenvolvimento de produtos e processos ao qual se atribui o nome de tecnologia. Esta categorização da ciência e da tecnologia, conhecida como modelo de desenvolvimento linear, propõe uma interação harmônica entre as diferentes etapas que se sucedem. Etapas que, aliás, se precisam entre elas, se retroalimentam.

No entanto, as discussões e conflitos aparecem quando nos afastamos da proposta fundamental - que implica também um posicionamento político apesar da naturalizada apresentação - para as suas posteriores aplicações. Aplicações que foram ponto de partida para a criação de instituições dedicadas à ciência e a tecnologia em diferentes contextos - como a *National Science Foundation* americana ou o próprio *Consejo Nacional de Investigaciones Científicas e Técnicas* na Argentina para dar dois exemplos - até a justificativa de inumeráveis políticas elaboradas no campo da produção científico-tecnológica em diferentes países do mundo. Aplicações que envolvem, além disso, diferentes atores sociais - autoridades de governo,

Não é este o lugar para aprofundar, além do breve comentário realizado na nota ao pé da página anterior, sobre o extenso leque de discussões e conflitos que envolve a relação entre as diferentes categorias a respeito do conhecimento que no evento se apresentam. Entretanto, me concentrarei em sua própria articulação no campo. Nessa direção, me aproximarei da representação e da comunicação na comemoração tentando identificar tanto os critérios não explícitos que fazem à circunscrição de cada perspectiva de conhecimento quanto os efeitos que essa representação produz nela.

2.

A relação entre o CAB-IB com outras dependências da CNEA, fundamentalmente com a condução geral, foi - é ainda - em vários sentidos conflituosa. Esses conflitos se devem, em grande parte, a que as diferentes perspectivas a respeito da produção do conhecimento científico e tecnológico foram, e são ainda, objeto de discussão. Seja no interior do CAB-IB, seja no seio da dinâmica institucional da comissão, a discussão sobre que tipo de conhecimento produzir - que é uma discussão sobre os fins do conhecimento, associada à atribuição de recursos materiais e humanos às propostas de gestão e às decisões estratégicas - não foi, nem é, menor. Também não foi menor a disputa em torno do estabelecimento das prioridades disciplinares e temáticas. As diferenças de conteúdo nas intervenções discursivas, apesar de uma performance que não representa nem comunica o dissenso - ou numa performance que privilegia certas formas de consenso evitando fazer menção a discussões e conflitos - dão conta da sua vigência.

Voltemos a alguns fragmentos das intervenções nos quais se apresentam as diferentes perspectivas para trabalhar justamente sobre essa vigência.

En cambio creo que en otro ámbito la opinión no sería tan positiva. Balseiro tenía el más profundo optimismo al respecto de las posibilidades intelectuales y el futuro de nuestro país y ese optimismo no era ingenuo. A él y a otros como él pioneros de la ciencia argentina les cupo el privilegio de abrir los primeros senderos y echar los cimientos. Pero no creían que ese futuro

administradores, cientistas, tecnólogos, industriais etc. - em variados contextos tanto de instituições e de relações quanto de lugares e/ ou tempos.

promisorio pudiera lograrse sin lucha ni esfuerzo. Lamentablemente cuando vemos el panorama más general de estos últimos 50 años advertimos que el concepto que tenía Balseiro como motor del desarrollo y del progreso del país en la consideración general ha pasado por tremendos altibajos y muchas veces se ha visto imbuido en misiones utilitarias y de corto plazo. Pero paradójicamente el futuro solo puede darle la razón a Balseiro. Un mundo integrado donde el conocimiento pasa a ser la principal fuente de conocimiento exige, nos exige con urgencia, recrear ese espíritu de progreso (intervenção do então diretor do IB)

La muy modesta actividad de la planta experimental de altas temperaturas () inicia una historia radicalmente diferente a partir de 1955 cuando se crea el Instituto de Física () con el propósito de formar investigadores en los distintos dominios de la física como ciencia pura y como ciencia de aplicación tecnológica y estimular particularmente las orientaciones que interesan a la CNEA. Ese primer día de clases, hace exactamente 50 años, no marcaba solamente el inicio de las actividades del flamante instituto de física centrado en Bariloche sino el comienzo de un proyecto que habría que colocar un cambio sustantivo en el desarrollo de la ciencia y la tecnología en nuestro país. () En cambio quiero hacer unas reflexiones sobre nuestra realidad y los efectos. Como dije antes en estos tiempos de intensa actividad de investigación desarrollo formación de recursos humanos el Centro Atómico Bariloche y el Instituto Balseiro han generado un conjunto de capacidades científicas técnicas académicas integradas a un abanico de competencias específicas y estructuras que le permiten abordar coordinadamente sus respectivas acciones institucionales. El Centro Atómico Bariloche es una dependencia de la CNEA y consecuentemente las carreras de grado de Instituto Balseiro han reflejado una respuesta a las necesidades institucionales. Pero en sus carreras de posgrado las puertas del instituto están abiertas a los centros y profesionales de todo el país. Nuestro objetivo en el Centro Atómico Bariloche se orienta a la concreción de aporte sustantivo al crecimiento tecnológico nacional materializando desarrollos, ingenierías en el área nuclear, no nuclear y la realización de actividades científicas y académicas de alto nivel. Estos objetivos se persiguen manteniendo la doctrina de avanzada en grupos de investigación destacados en las ciencias básicas aplicadas que muestran a su vez las más altas capacidades en el campo de la educación superior. Un esquema similar se despliega en otras dependencias de CNEA como en Centro Atómico Constituyentes y su instituto Sábato y el Centro Atómico Ezeiza y su instituto de Estudios Nucleares. El conocimiento adquirido incorporado a la categoría de bien común. () Uno de los grandes desafíos para el futuro será mostrar y asegurar que las nuevas tecnologías tienen como razón última el mejoramiento de la calidad de vida de la gente en el marco de un

desarrollo sustentable. La participación en este acto debe entenderse como un esfuerzo concreto en la búsqueda permanente de la mayor vinculación de los sectores académicos científicos tecnológicos y sociales. Por una parte debemos afianzar nuestra inserción y participación en la búsqueda de soluciones de la problemática nacional sobre los hechos que seguimos siendo una de las instituciones con mayores capacidades para el desarrollo de tecnologías con alto valor agregado. La responsabilidad que nos cabe de garantizar la continuidad de tales capacidades preservando los recursos humanos y asegurando la capacidad de la respuesta futura nos impone requerir que los recursos presupuestales estén al nivel apropiado para cuidar un capital tan importante. Por otra parte resultará imprescindible buscar caminos nuevos y alicientes para que la ciencia y la tecnología se incorporen efectivamente a la cultura popular. Necesitamos establecer una nueva relación con los demás actores sociales para que juntos podamos convertir a la educación la ciencia y la tecnología en las herramientas para la conversión de nuestro territorio, tan rico en recursos naturales, en esa patria que algunos soñamos y que puede hacerse neta con convicción en nuestros propios destinos (intervenção do então gerente o CAB)

Os fragmentos citados apresentam um leque de critérios - práticas, fundamentos políticos, objetivos, fins, etc. - que correspondem, na realidade, a diferentes perspectivas a respeito da produção científica e tecnológica. Essa apresentação, apesar da falta de definições ou caracterizações precisas, explicita algumas das diferenciações mais relevantes a partir das quais as perspectivas se enfrentam. A diferença entre pensar a produção de conhecimento em termos de um desenvolvimento das *possibilidades intelectuais*, como sugere o então diretor do IB, e circunscrever esse conhecimento em torno *dos diferentes domínios da física como ciência pura e como ciência de aplicação tecnológica e estimular particularmente as orientações que interessam à CNEA*, como propôs o ex-gerente do CAB é o ponto de partida dessa comparação.

As *possibilidades intelectuais* relacionadas com o *futuro de nosso país* que menciona o ex-diretor correspondem aqui com o conhecimento da ciência. Mais precisamente, com uma ciência à qual a instituição contribuiu com os *pioneiros*. Uma ciência em cujo crescimento o IB colaborou, sob seu ponto de vista, além dos *altos e baixos e das missões utilitárias e de curto prazo* que apresenta como produtos de fatores externos.

Nessa intervenção o desenvolvimento tecnológico não é nem sequer nomeado. Também não aparecem outras categorias de classificação - temáticas ou disciplinares - a respeito dessas *possibilidades intelectuais*. O conhecimento que articula o discurso é um conhecimento sem especificações, sem subdivisões. Um conhecimento que é definido pelo orador sem conexão com os atores sociais envolvidos na produção, circulação e apropriação externa daqueles que constituem a própria comunidade. Um conhecimento que é proposto como um fim nele mesmo e que resulta numa primeira instância – retomando, aliás, uma definição que o orador atribui ao próprio Balseiro - como *o motor do desenvolvimento e do progresso do país*. Um conhecimento que se estende, numa segunda instância, como a principal *fonte de desenvolvimento num mundo* cuja condição principal, afirma o orador, é a integração.

A intervenção do então gerente do CAB¹²⁶ é, em muitos sentidos, oposta à anterior. Em primeiro lugar porque apresenta o conhecimento, ainda sem definir nem aprofundar na delimitação ou as relações que supõe tal apresentação, em termos do *desenvolvimento de ciência e tecnologia*. Isto é, em função de um complexo que de algum modo supõe formas diferentes de conhecimento. Nesta apresentação ele faz menção, por um lado, à produção de *ciências básicas e aplicadas* e a capacidades científicas técnicas acadêmicas integradas a um leque de competências específicas ao seio da instituição. Por outro lado, a intervenção realiza também um recorte disciplinar que é atravessado pela categorização anterior quando se refere ao desenvolvimento da *física como ciência pura e como ciência de aplicação tecnológica* como uma das particularidades da instituição.

Em segundo lugar o orador dá especial ênfase num dos pólos do conhecimento: o pólo da tecnologia. Essa ênfase se explicita não apenas numa constante menção - ausente na intervenção do ex-diretor - senão também porque a apresenta em relação a áreas, objetivos e fins precisos. *Nosso objetivo no CAB se orienta à concretização de aporte substantivo ao crescimento tecnológico nacional materializando desenvolvimentos, engenharias*

¹²⁶ O então diretor do IB e o ex-gerente do CAB são ex-alunos do IB e, excetuando breves períodos no exterior, desenvolveram suas carreiras como pesquisadores do CAB. Essas coincidências contribuem com elementos para entender a afirmação do consenso, como veremos mais adiante, mas, por sua vez, tornam mais interessante a reflexão sobre as diferenças entre eles. Diferenças cujo aprofundamento, que excede os propósitos deste trabalho, serão objeto de meu próximo projeto de pesquisa.

na área nuclear, não nuclear () para o desenvolvimento de tecnologias com alto valor agregado, tinha dito o antigo gerente porém sem aprofundar nessas especialidades que nomeia.

Essa intervenção se distancia da anterior, em terceiro lugar, porque assinala a atores envolvidos com a produção de conhecimento científico-tecnológico por fora da circunscrita comunidade. Em particular, faz menção à CNEA como a instituição na qual o CAB-IB se insere e a cujas orientações deveria, pelo menos na sua definição inicial, *estimular*. E faz referência também aos *outros atores sociais*, esses atores sociais que se definem em oposição aos *setores acadêmicos científico-tecnológicos* por não estar envolvidos na prática de produção de conhecimento científico-tecnológico e com os quais é necessário, agrega o orador, estabelecer uma nova relação que dê soluções a uma *problemática de vinculação*.

Finalmente, a intervenção do ex-gerente se diferencia porque especifica fins a respeito desse conhecimento. Nesse sentido, faz referência à necessidade de incorporá-lo *à categoria de bem comum*. No discurso, o conhecimento - ou os conhecimentos - deixa de ser um fim nele mesmo. E as *novas tecnologias* - as que neste caso define como parte desse conhecimento - por causa de ter como *razão última o melhoramento da qualidade de vida da gente no marco de um desenvolvimento sustentável* são, no discurso do orador, um exemplo disso.

Entiendo que este acto en primer lugar es una ocasión oportuna para que las instituciones a las que representamos que hicieron este proyecto del Instituto Balseiro, es decir la CNEA y la Universidad Nacional de Cuyo ratifiquemos este compromiso, es decir ratifiquemos en este acto la intención de seguir potenciando, cada uno desde lo que le compete, el crecimiento de este hijo que tenemos en común. Por que tenemos que hacer esto? Porque este acto demuestra que hay dos Argentinas: una Argentina que debate y que no declina en encontrar aún el proyecto de crecimiento, que se declama pero que todavía no lo encontramos en debates a nuestro criterio (). Frente a esta otra Argentina que felizmente existe, la Argentina que construye, que trabaja y que constituye un reaseguro. Hay una Argentina que es la Argentina constituida por el sistema científico nacional, no importa cual sea su dependencia, y las universidades públicas. Felizmente todavía conservamos nuestras instituciones y a pesar de los avatares los argentinos conservamos nuestro sistema científico nacional. Algunas veces mejor, otras veces muy vapuleado. Pero con esa tenacidad que caracteriza a muchos argentinos ese

sistema se ha sostenido. Y con esa tenacidad que también caracteriza a las universidades nacionales todavía la Argentina cuenta con las universidades nacionales. A veces es un poco injusto cuando se nos reclama, y se nos dice permanentemente, que debemos estar al servicio de la sociedad. Estamos al servicio de la sociedad. Pero también la sociedad tiene que entender, y me refiero a la sociedad desde a veces los organismos del estado hasta las empresas las organizaciones las instituciones, que hay misiones que se deben respetar y hay misiones que se deben indicar. El proyecto nacional tenemos que construirlo y tenemos que tener muchísima más claridad para poder empeñarnos a empezar a concretar. Lo estamos haciendo. Las universidades, las instituciones de investigación, desde nosotros mismos. Pero nos falta todavía ese reconocimiento que hace un momento quien me precediera lo señalaba (). Esto que puede parecer un ritual sin sentido ni significación no lo es. El de reconocer a quienes atravesaron momentos a veces muy difíciles, otros fáciles, pero siempre difíciles cuando se está en instituciones como las nuestras. Que fueron capaces de sostener una institución como IB en asociatividad en un mundo y en un país donde la asociatividad es efímera (intervenção da reitora Universidade Nacional de Cuyo)

Na intervenção no ato, a reitora da Universidade Nacional de Cuyo também não classifica em temas ou disciplinas o conhecimento científico e tecnológico nem faz menção à ciência básica, aplicada ou ao desenvolvimento da tecnologia. Porém, diferentemente do ex-diretor do IB, a categoria que utiliza não é *possibilidades intelectuais* nem conhecimento senão, como vimos alguns parágrafos antes, *educação superior* como parte de *um sistema científico nacional*. Apesar de este não ser o lugar para se aprofundar sobre essa última categoria, que é tanto analítica quanto parte da arena de negociação de políticas e estratégias de gestão no campo da ciência e da tecnologia, considero central refletir sobre algumas conseqüências de seu uso.

Falar de *sistema científico nacional*, festejar sua existência sem importar *qual é a sua dependência* como propõe na intervenção - e incluindo aquelas instituições dedicadas à educação superior - implica colocar ao IB no marco de um complexo mais amplo, deslocá-lo do centro único da celebração. Um complexo mais amplo que soma outros atores e instituições que considera parte - universidades, instituições de pesquisa, organismos de estado, empresas, organizações às quais a oradora engloba na *sociedade* - que de algum modo intervêm, para a oradora, na sua dinâmica, no seu funcionamento.

Um todo mais amplo que adverte também sobre as relações de diferente natureza que o constituem e que deveriam ser consideradas na definição de seus objetivos e fins.

Porém, falar de *sistema científico nacional* implica, por sua vez, na intervenção da reitora, agregar também um campo até então pouco mencionado apesar de estar relacionado com uma das características principais do IB: o fato de ser uma instituição dedicada à formação de estudantes de graduação e pós-graduação. Um campo que perde a especificidade, a condição de exclusivo, em grande parte, devido à estreita relação que o IB possui com o CAB, com o qual compartilha tanto capital material quanto simbólico. Este campo que a intervenção agrega é justamente o campo da *educação superior*. Especificamente, a *educação superior* que se leva adiante nas universidades públicas como a própria Universidade Nacional de Cuyo que a reitora dirige.

Na realidade, não é casualidade que seja a reitora da Universidade Nacional de Cuyo quem fale de *sistema científico nacional e de educação superior*. Isto lhe permite, sem se afastar do plano do consenso que atravessa as diferentes perspectivas em torno ao conhecimento, reafirmar a relevância do vínculo com uma instituição que não depende unicamente da universidade que ela governa. Com uma instituição cujo vínculo aparece, aliás, às vezes em questão¹²⁷.

() De esta manera festejamos la existencia del instituto y reconocemos su importancia tanto en el ámbito educativo nacional como en la constitución de la estructura científico tecnológica en nuestro país (). El Instituto Balseiro es uno de los hijos dilectos de la CNEA y de la Universidad Nacional de Cuyo. Desde su nacimiento estas dos instituciones compartieron la responsabilidad de cuidar y proteger con continuidad y esmero el crecimiento del mismo (). Entre viejos archivos de la CNEA relacionados con la creación de instituto () se encuentra un acta de una reunión mantenida en Buenos Aires en octubre de 1955 donde el Dr. José Antonio Balseiro presenta un informe a las máximas autoridades de la CNEA. Allí el doctor Balseiro como director del instituto de física resume cual era su visión y expectativa sobre el instituto,

¹²⁷ Em diferentes ocasiões se questionou, e ainda se questiona, o vínculo acadêmico entre o IB e a Universidade Nacional de Cuyo. Aliás, um vínculo desses é necessário para o funcionamento da instituição porque a CNEA não pode outorgar títulos universitários. A eleição da Universidade Nacional de Cuyo, como vimos, deveu-se a uma questão de distâncias. Quando o instituto foi criado, era a universidade nacional mais próxima. Mas nos anos 70 foi fundada a Universidade Nacional de Comahue com a sede principal na cidade de Neuquén e a província de Rio Negro insiste ainda hoje em estabelecer uma própria. E com as novas universidades aparecem rumores e projetos de vinculação do IB a outra instituição universitária mais próxima.

sus finalidades y sus nodos de operación, con la aprobación entusiasmada de la CNEA. El doctor Balseiro menciona en su informe el convenio con la Universidad de Cuyo y asegura que la formación del instituto obedece a la necesidad de formación de recursos humanos para crear los cuadros científicos y técnicos de primer nivel que la comisión necesitaba orientados especialmente hacia la física nuclear, física del sólido de metales y aleaciones. En sí toda una definición programática. Después de 50 años lo producido por el instituto hasta nuestros días muestra que las expectativas propuestas por el doctor Balseiro han sido cubiertas. Hoy la CNEA está otra vez en frente de importantes desafíos en ciencia y tecnología. En ese sentido la situación pareciera ser similar a la de 1955. La CNEA sigue necesitando la contribución del instituto adecuada a las necesidades actuales. Basta citar las demandas que el país está realizando en los sectores de generación de energía, el requerimiento de la aplicación de modernas tecnologías destinadas a la preservación de la salud como la medicina nuclear, el desarrollo racional y competitivo de materiales e instrumentos, la mejora y el mantenimiento del medio ambiente, la necesidad de promover el desarrollo de nuevas ingenierías para el sector productivos y la responsabilidad de representar a la Argentina en foros internacionales y ámbitos nacionales demostrando que damos atención correcta a todo lo relativo a la seguridad nuclear en nuestro país. Cubrir estas demandas junto a muchas otras implica entre otras cosas una correcta formación de recursos humanos de alto nivel a fin de generar transmitir y preservar adecuadamente el conocimiento pertinente. Es principalmente para esto que la CNEA y el sector nuclear argentino necesitan una estratégica contribución del instituto (intervenção do presidente da CNEA)

O presidente da CNEA, seguindo a linha da reitora, faz referência no começo da intervenção ao *âmbito educativo e à estrutura científico-tecnológica do país*. Também, em consonância com a intervenção que o precedeu, assinala a relação entre a Universidade Nacional de Cuyo e a comissão. No entanto depois deixa de lado esses temas e concentra o discurso, como antecipei, em duas questões centrais: atualizar a relação entre o IB e a CNEA e afirmar essa confluência em termos das prioridades estabelecidas em função de demandas específicas de conhecimentos.

No interior desse discurso, o conhecimento da ciência e a tecnologia - que aparecem sempre em relação - volta a ser categorizado. No princípio, é categorizado em função de temáticas específicas que operam como a justificativa histórica do vínculo entre IB e CNEA. *...a formação do instituto obedece à necessidade de formação de recursos*

humanos para criar os quadros científicos e técnicos de primeiro nível que a comissão precisava orientados especialmente para a física nuclear, física do sólido e ligas de metais, nos diz na intervenção.

Em segundo lugar o conhecimento científico-tecnológico se pensa sob uma perspectiva normativa que se organiza em termos das prioridades atuais estabelecidas em função de demandas de conhecimento. *A CNEA segue precisando a contribuição do instituto adequada às necessidades das atuais demandas*, propõe, citando, entre outras demandas, *a geração de energia, a aplicação de modernas tecnologias destinadas à preservação da saúde, o desenvolvimento de materiais e instrumentos, a melhora e a manutenção do meio ambiente*. A referência a essas demandas propõe uma classificação de conhecimento. Uma classificação que inclui por sua vez a menção a diferentes atores e instituições sociais - CNEA, o setor nuclear, inclusive o país que é autor dessas demandas - e o estabelecimento de objetivos e fins precisos. Uma classificação que deixa clara paralelamente, igualmente a da reitora, a realidade e vigência do vínculo entre o instituto e a instituição que o integra, CNEA, que o orador preside.

Como vemos, no deslocamento do conhecimento em torno de diferentes categorias articuladas nas intervenções, os oradores deixam impressões dos posicionamentos a respeito da produção de ciência e tecnologia. Deixam impressões de posicionamentos que não apenas têm a ver com o conhecimento científico e tecnológico senão também com a instituição, os objetivos, os vínculos, a sua inserção na dinâmica institucional mais ampla e a sua própria sua projeção. No entanto, esses posicionamentos, que em outros contextos envolvem a instituição constituem arenas de conflito, não entorpecem a afirmação de um consenso no evento. Aliás, não se representam nem se comunicam em sua dimensão mais política no seio da comemoração.

Ciência, tecnologia e país: política na performance de um consenso a respeito da produção de conhecimento científico-tecnológico

Assim, a diferente da cerimônia do CEA de Grenoble na qual se deu especial ênfase numa área do conhecimento a incentivar e nos motivos que justificam essa decisão, na comemoração do IB o conhecimento não foi de tal modo priorizado nem

circunscrito. Não foi a própria delimitação um eixo do evento. Aquele dia, as áreas e temáticas se somaram ao conjunto de categorias utilizadas para falar do conhecimento. Assinaladas com base ao fundamento histórico ou a partir da vinculação do conhecimento com possíveis demandas externas - sociais, setoriais, etc. - áreas e temáticas jogaram um papel secundário no deslocamento do conhecimento articulado no evento. Jogaram um papel secundário nesse deslocamento do conhecimento em torno de categorias mais abrangentes - ciência, tecnologia, básico, aplicado, desenvolvimento tecnológico, etc. - que se representaram e comunicaram sem fazer evidentes as discussões que as implicam.

Esse deslocamento de categorias a respeito do conhecimento científico e tecnológico, deslocamento que não enfatiza sua dimensão política, encontra justificativa em grande parte na dinâmica do próprio contexto da comemoração. Isto é, na dinâmica desse contexto que se configura em função deste tipo de ritual: a cerimônia comemorativa (Connerton, 1989). Um evento que, além da representação e transferência de uma memória que se afirma e se projeta em comum e na ênfase na continuidade, compartilha com a categoria na qual se engloba - o ritual - algumas características específicas.

Não vou me aprofundar aqui nas múltiplas direções do debate sobre ritual, debate que excede amplamente os propósitos deste capítulo. Porém, vou resgatar alguns pontos que ajudarão a desenvolver a argumentação final da minha tese em três direções. A primeira é a de justificar a relação que existe entre uma performance não política das diferentes perspectivas em torno do conhecimento em ciência e tecnologia com as condições do contexto da comemoração. A segunda direção se orienta na distinção do vínculo entre conhecimento e território também antecipado nas páginas anteriores. A última direção é a de contribuir na clarificação do lugar do político no próprio evento.

1.

O ritual possui uma circunscrição inicial que o associa à magia e a religião. Esta circunscrição específica encontra fundamento na discussão ontológica e metodológica que o vinculou, já desde finais do século XIX, a essas dimensões da vida social (Moore e

Myerhoof, 1977)¹²⁸. Aliás, foram eventos definidos como mágico- religiosos os que deram à análise ritual uma origem e especificidade. Os rituais se conceberam representando o sagrado sobre a base de um pensamento sem fronteiras entre realidade e crença, racionalidade e irracionalidade, mundo da experiência e imaginação. Além disso, houve uma segunda questão que contribuiu para limitar ainda mais sua circunscrição conceitual: que esses eventos mágicos e/ou religiosos foram observados e analisados em sociedades não ocidentais.

No entanto, depois da ruptura realizada por Levi Strauss da dicotomia magia/ciência (1962) - dicotomia que supunha inicialmente a existência de formas autônomas absolutas e infranqueáveis de pensamento correspondentes a conjuntos humanos diferentes - esta circunscrição do ritual sofreu evidentes conseqüências¹²⁹. Uma delas foi que eventos que não eram mágicos nem religiosos começaram a ser entendidos e analisados como rituais. O ritual secular, como Moore e Myerhoff (1977) denominam, começa a ser analisado articulado em torno de outras dimensões da vida social. O sagrado, tão importante nas análises clássicas, deixa de ser associado a espíritos ou deuses e começa a ser configurado em torno da condição de inquestionabilidade do conteúdo desse tipo de eventos, em torno dessa condição que opera como uma sacralidade de caráter metafórico. Como sintetizam as autoras

“As cerimônias seculares podem apresentar doutrinas inquestionáveis e dramatizar imperativos sociais/morais sem evocar espíritos em absoluto. () ... conseqüentemente é possível analisar os modos nos quais cerimônia e ritual são utilizados na instância secular da vida

¹²⁸ A discussão em torno das diferenças entre mágico e religioso, clássica também das primeiras décadas de desenvolvimento de teoria antropológica, excede o propósito deste trabalho. Só cabe destacar que ambos, além das particularidades que se lhes atribuem, compartilham características que supõem diferenças a respeito da ciência como forma de conhecimento associado à racionalidade e à crítica, à observação e à manipulação de objetos, materiais e acontecimentos, à elaboração de classificações, conceitos e fórmulas e à justificativa de métodos e conteúdos.

¹²⁹ Com a publicação de “*O Pensamento Selvagem*” em 1962, a anteriormente clara distinção entre mundo primitivo e contemporâneo, fundamentada em termos de formas diferenciais de pensamento (magia e ciência), entrou em discussão. Há pensamento mágico e pensamento científico em ambos os tipos de sociedades, afirma Levi Strauss. Para ele, trata-se simplesmente de duas operações mentais complexas e diferentes que, no entanto, compartilham temporalidades, espaços e populações. Essa quebra na distinção entre pensamentos primitivo e ocidental teve uma conseqüência central na reflexão sobre o ritual. O reconhecimento que “primitivos e humanos estavam lado a lado” (Peirano, 2001, 19). E que, então, não havia razões que justificassem reduzir o ritual necessariamente ao mundo coletivo dos primeiros.

moderna para dar autoridade e legitimidade às posições de pessoas particulares, organizações, acontecimentos, valores morais, olhares do mundo, etc.” (1977: 3/4)

É possível pensar o ritual, pois, como um comportamento público simbólico e material, como um complexo de práticas sociais que precisa que os protagonistas dividam uma linguagem comum e uma série de convenções culturais (Leach, 1997). Um comportamento que articula ambas as dimensões, simbólica e material, relacionadas em função da experiência e a socialização da informação. Um comportamento que, como sugere Peirano, resulta bom para pensar e atuar além de ser socialmente eficaz¹³⁰ (2001).

Nesse último sentido, como propõe De Coopet, “os rituais não são apenas a expressão de idéias abstratas senão que fazem coisas, têm efeitos no mundo” (1992: 4). Isso significa que o ritual não é simplesmente uma redução de algum aspecto da realidade exterior, uma repetição mecânica de práticas elaboradas previamente nem um reflexo simbólico ou material da sociedade. É representação e vivência ao mesmo tempo, uma recriação da forma coletiva que se experimenta. Nesse sentido, palavras e ações no contexto ritual, em sucessão ou em simultaneidade produzem efeitos práticos. Como adverte Tambiah - e como se desenvolvem posteriormente os estudos sobre performance que excedem a especificidade destes eventos - o ritual possui um caráter performativo que fica configurado em torno da sua capacidade realizadora. Isto é, em torno do fato de supor ações a executar e efetuar tal execução no seio (1980).

2.

A apresentação do breve resumo sobre história e abordagens do ritual tem como objetivo resgatar alguns elementos conceituais que permitam avançar nas três direções propostas: analisar a relação entre uma performance não política das diferentes perspectivas em torno do conhecimento em ciência e tecnologia com as condições do

¹³⁰ A eficácia à que se refere a antropóloga brasileira é, no marco do ritual, introduzida por Stanley Tambiah no final dos anos 60. Ela se sustenta sobre as conseqüências da articulação no ritual, num primeiro nível, entre o dizer e o fazer e, num segundo nível, do “*fazer ao dizer*” que deve na lingüística de Austin a sua afirmação. O primeiro nível está associado ao que Turner e Myerhoff definem como ponto de partida conceitual: o ritual implica vivência e essa vivência resulta da interação entre as palavras e as ações. O segundo nível também tem a vivência como protagonista, mas não apenas por essa interação senão pela eficácia que ela implica e que se relaciona com o caráter performativo do evento.

contexto da comemoração, distinguir os vínculos entre conhecimento e território e, por último, esclarecer qual é o lugar do político no evento. Trata-se de elementos conceituais que permitem, aliás, discriminar os laços entre o representado e o produzido e explicitam, paralelamente, algumas particularidades que fazem ao mesmo evento.

Existem duas questões que contribuem nas direções citadas. A primeira tem a ver com uma das características centrais que utilizam Myerhoff e Moore para descrever o ritual secular. Esse ritual que as autoras definem como fenômeno da sociedade contemporânea, não necessariamente circunscrito ao mágico ou religioso. Trata-se do conteúdo de inquestionabilidade substituindo o lugar do sagrado, da própria sacralidade feita metáfora (1977). A segunda questão se relaciona com a justificativa de um dos argumentos que compartilhamos nesta análise: a questão da eficácia.

A eficácia nos conecta diretamente com o caráter performativo da linguagem e da comunicação no contexto da comemoração. Nesse contexto onde os sujeitos se reproduzem e produzem eles mesmos através de dramatizações que apresentam e comunicam interpretações sobre as suas experiências, sobre o seu próprio mundo. Mais precisamente, a eficácia nos conecta com a ação. Com essa ação que no espaço e tempo do evento se realiza, com aquilo que se produz no momento no qual ele acontece.

Falamos nas páginas anteriores da produção, das ações. Mencionamos a afirmação de vínculos entre o IB e a Universidade Nacional de Cuyo no discurso da reitora, a afirmação do laço IB - CNEA no discurso do presidente dessa última instituição. No entanto, essas ações, de caráter mais preciso, não foram as únicas realizações do evento. Aliás, houve na comemoração um ato que pretendeu envolver a todos. Um ato que se pode analisar em função de um outro aspecto do ritual que quero destacar: a representação e transmissão de conteúdos inquestionáveis nesse tipo de eventos.

Este conteúdo que se afirma fora de discussão se constitui em torno da representação e comunicação de um consenso a respeito do conhecimento em ciência e tecnologia. Um consenso que atravessa as diferentes perspectivas sobre esse conhecimento que se insinuam nos discursos. Perspectivas que em contextos não rituais explicitariam sua dimensão conflitiva, mas, no desenrolar do evento, ofuscam a sua mais

condição política¹³¹. Um consenso sobre a ciência e a tecnologia que se apresenta, como propõem Myherhoof e Moore, quando o inquestionável não tem o fundamento do sagrado ou religioso, com um status de sacralidade metafórica (1977).

Para aprofundar sobre o conteúdo inquestionável que se afirma no evento resulta ilustrativo retomar a segunda diferença assinalada a respeito da cerimônia do quinquagésimo aniversário do CEA Grenoble. Essa diferença que permitia mostrar como, apesar das múltiplas referências à cidade, à própria região patagônica, não se estabelecia na comemoração do IB uma delimitação territorial que estabelecesse fronteiras em função de relações entre instituições, grupo de trabalho ou projetos. Essa diferença que permitia mostrar, aliás, como não se produzia uma delimitação territorial que definisse a cidade como centro de algum tipo de circunscrição espacial.

Acontece que o inquestionável no cinquentenário do IB tem a ver, como veremos, com um consenso que se projeta até outra escala do territorial: um território que se configura em torno da vinculação entre produção de ciência e tecnologia e uma idéia de país. Uma idéia de país que inclui tanto anseios, desejos e propostas como reflexões sobre condições passadas e posições sobre possibilidades e deveres futuros. Entre essas posições se destaca a certeza que o desenvolvimento de ciência e tecnologia é uma condição necessária para, entre outras questões, o crescimento nacional, o desenvolvimento das capacidades produtivas e para o melhoramento das condições de vida de sua população. Essa configuração territorial que relaciona ciência, tecnologia e país, e que atinge o ponto de recreação mais emotiva nos primeiros minutos da cerimônia, na entonação conjunta e particularmente comovente do *hino nacional argentino*. Um canto que antecipa, aliás, o lugar que aciona o político no evento.

¹³¹ Como propõe Latour, um dos aportes dos estudos sociais da ciência e da tecnologia foi explicitar de que maneira a política interpelava as práticas de cientistas e tecnólogos e, conseqüentemente, discutir sua redução aos instrumentos e instância de tomada de decisão e gestão (2007). Nesta linha, as diferentes perspectivas sobre a produção de conhecimento que se insinuam nos discursos, perspectivas que correspondem a diferentes práticas e significações a respeito do fazer científico-tecnológico e que configuram arenas de disputas envolvendo diversos atores - cientistas, tecnólogos, gestores, políticos, docentes, etc. - também supõem uma dimensão política. Uma dimensão política que, de todo modo, não se explicita no contexto da comemoração.

Sobre tradição, comunidade e projeto de país

A performance não política das diferentes perspectivas em torno do conhecimento em ciência e tecnologia encontra sua justificativa na dinâmica da comemoração. Esse contexto permite administrar os conflitos que as atravessam como meio para representar e transmitir um conteúdo de natureza inquestionável: o consenso sobre a importância de produzir ciência e tecnologia na Argentina. Uma importância que, como vimos no segundo capítulo do trabalho, não sempre foi um valor compartilhado no marco da administração nacional. Trata-se de um consenso cuja afirmação põe em jogo, conseqüentemente, uma arena de disputa que supõe reflexões, posições, propostas e desejos a respeito dessa produção e sobre a relação entre essa produção e a dinâmica - passada, presente e futura - do país. Um consenso cuja reprodução e comunicação aciona, aliás, a dimensão mais política do evento.

Nesse sentido, os diferentes oradores do *ato central* mencionam, nos discursos, as seguintes questões:

...as possibilidades intelectuais e o futuro de nosso país

... os pioneiros da ciência argentina

... o motor do desenvolvimento e do progresso do país

...a mudança substantiva no desenvolvimento da ciência e da tecnologia em nosso país

... o aporte substantivo ao crescimento tecnológico nacional

... a busca de soluções da problemática nacional

... a educação, a ciência e a tecnologia nas ferramentas para a conversão de nosso território () nessa pátria que alguns sonhamos

... uma Argentina que é a Argentina constituída pelo sistema científico nacional

... com essa tenacidade que caracteriza a muitos argentinos esse sistema se sustentou.

... O projeto nacional temos que o construir

... festejamos a existência do instituto e reconhecemos sua importância tanto no âmbito educativo nacional como na constituição da estrutura científico-tecnológica em nosso país

... as demandas que o país

... por falta de físicos que era então um problema para o país

... Creio que o impulso da industrialização que vive o país é propícia

Essas, entre outras menções, fazem referência a uma configuração de território que, envolvendo diferentes aspectos da produção de conhecimento científico-tecnológico - atores sociais, razões, problemas, interesses, temáticas, etc. - delimita as fronteiras em coincidência com aquelas que circunscrevem ao país. Exemplificam de que modo são esses limites - apresentados nos fragmentos pelo nome próprio do país, por substantivos como *pátria* ou adjetivações como o *nacional* - os que recortam essa configuração territorial. Esta configuração territorial até a qual se estende o consenso sobre a importância da ciência e a tecnologia que se representa e comunica e que também possui um lugar fundamental nas narrativas de tradição e comunidade que se articulam no evento.

1.

A narrativa de tradição, essa versão legítima do passado que constitui um dos objetos de celebração no evento, não é alheia a esse consenso a respeito da relação ciência, tecnologia e país que atravessa as diferentes perspectivas sobre o conhecimento científico e tecnológico. Pelo contrário, opera como fundamento das propostas, posições, reflexões e desejos que são base de um sentido comum que se afirma, no evento, com um status hegemônico. Um status que se reforça, aliás, em sua própria atualização.

Cada um dos oradores faz referência, nos discursos, a um vínculo entre origem, passado, conhecimento em ciência e tecnologia e país:

Balseiro tenía el más profundo optimismo al respecto de las posibilidades intelectuales y el futuro de nuestro país y ese optimismo no era ingenuo. A él y a otros como él pioneros de la ciencia argentina les cupo el privilegio de abrir los primeros senderos y echar los cimientos () el concepto que tenía Balseiro como motor del desarrollo y del progreso del país en la

consideración general ha pasado por tremendos altibajos y muchas veces se ha visto imbuido en misiones utilitarias y de corto plazo (intervenção do então diretor do IB)

Ese primer día de clases hace exactamente 50 años no marcaba solamente el inicio de las actividades del flamante instituto de física centrado en Bariloche sino el comienzo de un proyecto que habría que colocar un cambio sustantivo en el desarrollo de la ciencia y la tecnología en nuestro país () nuestro objetivo en el CAB se orienta a la concreción de aporte sustantivo al crecimiento tecnológico nacional () debemos afianzar nuestra inserción y participación en la búsqueda de soluciones de la problemática nacional () para que juntos podamos convertir a la educación la ciencia y la tecnología en las herramientas para la conversión de nuestro territorio, tan rico en recursos naturales, en esa patria que algunos soñamos (intervenção do então gerente do CAB)

El doctor Balseiro asegura que la formación del instituto obedece a la necesidad de formación de recursos humanos para crear los cuadros científicos y técnicos de primer nivel que la comisión necesitaba () Hoy la situación pareciera ser similar a la de 1955. La CNEA sigue necesitando la contribución del instituto adecuada a las necesidades actuales. Basta citar las demandas que el país está realizando en los sectores de generación de energía, el requerimiento de la aplicación de modernas tecnologías destinadas a la preservación de la salud como la medicina nuclear, el desarrollo racional y competitivo de materiales e instrumentos, la mejora y el mantenimiento del medio ambiente, la necesidad de promover el desarrollo de nuevas ingenierías para el sector productivos y la responsabilidad de representar a la Argentina (intervenção do presidente da CNEA)

() El proyecto venía apiñado por falta de físicos que era entonces un problema para el país y para la CNEA (intervenção do graduado das primeiras turmas)

Vemos como a tradição representa e transmite uma estreita relação entre, por um lado, origem, passado, conhecimento científico-tecnológico e dinâmica institucional, e, por outro lado, propostas, posições e desejos que têm como objeto o país. O *fundador, os históricos e os pioneiros* são, na narrativa, referentes a projetos de conhecimento e instituição que se reconhecem fundamentais no desenvolvimento da atividade na área, na cidade e, especialmente, no nível nacional. Projetos de conhecimento e instituição que

permitem discutir, no presente evento, a importância que teve e que ainda tem o fato de produzir ciência e tecnologia na Argentina. “*Há homens que vêem ao mundo como é e se perguntam por que, outros sonham mundos que nunca foram e se perguntam por que não*”, dizia a frase de Bernard Shaw que acompanhava a imagem de Balseiro condensando expectativas, propostas, desejos, valores, avaliações sobre o passado, o presente e o futuro possível que esse dia se mencionaram caracterizando também esse vínculo entre ciência, tecnologia e país.

O país, ou o estado que a delimitação territorial corresponde não é, como bem discute Lewkowicz, “um dogma em função do qual se estabelecem as declarações, os direitos e as garantias dos habitantes e cidadãos” (2004: 23). O país, o estado que os cidadãos, instituições e relações conformam e nos quais ele mesmo habita, é um âmbito de debate nas próprias práticas e significações daqueles que o habitam (Mitchel, 1991). Nesse sentido, a tradição articula um horizonte de sentidos que também falam da sua configuração, de interpretações do passado, das opções e possibilidades presentes e futuras. Um horizonte de sentidos no qual os atores sociais se situam socialmente, definem-se (Tylor, 1998 [1989]) também a partir da pertença no decorrer de uma dinâmica institucional. Um horizonte de sentidos que constitui, além de tudo, um locus no qual esse país ao qual também se pertence é discutido. É discutido, aliás, a partir da legitimação do nexos ciência e tecnologia/país, vínculo consensuado e compartilhado na sua apresentação e comunicação ao seio da comemoração. Vínculo que se projeta no futuro em equivalente condição de validade.

2.

Porém, a tradição não é a única narrativa que legitima o consenso sobre a importância da produção de ciência e tecnologia no país. A comunidade, interpretação e comunicação de uma experiência coletiva que enlaça sentido e afeto de pertença, também atua nos elementos que a constituem.

A narrativa de comunidade antecipa a atuação do consenso sobre a importância da relação ciência, tecnologia e país, em primeiro lugar, na definição do territorial. Acontece que Bariloche, independentemente do peso que assume na configuração identitária, não

articula - pelo menos no presente - um território que projete a cidade como centro nem que se delimite em função dos projetos que a partir da instituição se proponham e executem. Pelo contrário, é ancoragem de expectativas, propostas, desejos, avaliações e afeto que se estendem até a fronteira nacional. É esse *aquí dentro* ao que Bariloche contribui para particularizar, justamente, o âmbito no qual o *nós* se reconstrói unido também à atualidade da importância de fazer ciência e tecnologia, de posicionar a produção desses conhecimentos no país e até no exterior, de afirmar e desejar essa produção como possível nele.

Mas o geográfico não é o único eixo a partir do qual se atualiza pertença e se contribuem elementos a respeito desse consenso. Outros eixos centrados na relação genealógico/geração suportam a comunidade e o veiculam.

A narrativa de comunidade se elabora, também, sobre a base de uma marca de origem e daqueles que constituem o devir definidos em relação a ela. Isto é, sobre a base de um conhecimento genealógico que no marco do evento, através do assinalamento de certas práticas e atores, se transmite para os outros participantes do coletivo social ali presentes. Entre essas práticas e atores se enfatiza o projeto institucional na condição de continuidade desde o passado até o presente. Mas se enfatizam também - se festeja - alguns elementos do contexto nacional ao que a criação desse projeto institucional corresponde e ao qual ela contribui. Trata-se, mais precisamente, do contexto do começo da institucionalização da ciência e a tecnologia na Argentina, o contexto da fundação da Comissão Nacional de Energia Atômica apenas alguns anos antes da fundação do IB e que enlaça, no seio, atividades científicas e tecnológicas com propostas de desenvolvimento do país associadas a essas atividades.

Como na genealogia, a performance da configuração geracional também comunica *ideais* e *convicções* associadas a uma idéia de país que se discute a partir da instituição, do passado, da *marca e do rosto de Balseiro*, dessa figura que de algum modo pretende sintetizar esses *ideais* e *convicções* no presente sem quebras temporais nem interrupções. Nesse sentido, os históricos articulam uma experiência de geração a partir de uma pertença institucional ligada à marca de origem que o próprio Balseiro simboliza. Eles começaram a ser parte do CAB-IB desde os seus primórdios. Eles experimentaram a distância e as dificuldades da comunicação como um fator decisivo da vida cotidiana.

Eles aprenderam na cotidianidade das práticas de sala de aula, dos diálogos, do compartilhar espaços e tempos com o fundador. Trata-se de aprendizagens sobre física, matemática e outras disciplinas nas quais Balseiro foi professor. Mas também, segundo explicita a narrativa, houve aprendizagens sobre valores, sobre projetos que envolvem a produção de ciência e tecnologia e sobre as discussões políticas a respeito da importância dessa produção no seio de uma dinâmica nacional onde era ainda pouco significativa. Isto é, sobre as próprias razões e justificativas de sua prática profissional num contexto de país - e de tempo - específico.

A narrativa de comunidade apresenta aos *históricos - pioneiros* inclusive - como aqueles que se propuseram a reproduzir em práticas similares esse ensino no qual se tinham iniciado em conjunto, depois da ausência de Balseiro. Esse ensino que enlaça valores com discussões sobre a importância de produzir ciência e tecnologia no país. Eles operam no contexto da comemoração, aliás, como depositários dessa experiência originária que os converte em responsáveis por sua transmissão e legitima, além de tudo, seu status de atualidade inquestionável que se refere também ao lugar que tem a ciência e a tecnologia no país.

Palavras finais

“O dever de memória faz de cada um o historiador de si mesmo”

(Nora, 1984: 29)

1.

A tese para alcançar o título de doutora em ciências sociais que com estas páginas se conclui é resultado de uma série de atividades diferentes. Por um lado, resulta de cinco anos de trabalho de campo levado adiante a partir de diferentes estratégias: observação participante, entrevistas, conversas informais, leitura de materiais institucionais, etc. Um trabalho de campo que foi desenvolvido por meio de distintos meios e geografias - Bariloche, Buenos Aires e, inclusive, Campinas. Por outro lado é consequência de um exercício de reflexão guiado por perguntas que se fizeram significativas ao longo desse trabalho e de uma procura de material teórico-analítico que permitisse aproximar algumas respostas possíveis a essas perguntas.

Nesse trabalho de campo e nessa busca de material bibliográfico me orientaram, além de professores, pesquisadores, colegas e interlocutores de campo, alguns posicionamentos metodológico-epistemológicos que fui conhecendo, aprendendo, discutindo e aplicando de algum modo nas três etapas da minha formação: a graduação em ciências antropológicas, o mestrado em política e gestão da ciência e a tecnologia e os cursos realizados no programa de doutorado em ciências sociais que com esta tese termina. Fundamentalmente, em cada um dos trabalhos de pesquisa que foi resultado final de cada um desses períodos de formação.

Entre essas discussões houve duas que resultaram particularmente centrais neste trabalho e que quero resgatar nas últimas páginas do texto. A primeira, de natureza metodológica, é a definição de etnografia em torno de um campo que se constitui relacional. Um campo que, como desenvolvi no primeiro capítulo, estabelece os limites em função das consequências das dinâmicas que no seio se desenvolvem (Bourdieu e Wacquant, 1995). A segunda, à qual não fiz ainda menção, tem a ver com uma

concepção a respeito do teórico. Trata-se, mais precisamente, da posição de Deleuze e Foucault sobre a teoria como “caixa de ferramentas”. Posição a partir da qual realizei meus trabalhos anteriores ainda sem ter acedido ao desenvolvimento conceitual que propõem os citados autores a respeito.

Para Deleuze e Foucault a teoria não é um sistema fechado de pensamento senão um instrumento para desentranhar as relações de poder que constituem a vida social e as lutas que se desenvolvem ao redor dela (Foucault, 1980). Conquanto eu não defino como objeto preciso as relações de poder senão um conjunto de narrativas que explicitam formas de ver o mundo e atuam sobre ele - narrativas que supõem, de todas formas, poder e hegemonia tanto na sua configuração, na sua apropriação quanto na sua performance - essa posição me resulta não apenas válida mas também estratégica. Pensar a teoria como “caixa de ferramentas” me permitiu recorrer a materiais produzidos por autores, tempos e pensamentos diversos que coincidem, porém, no fato de esclarecer os problemas que foram tomando forma neste exercício de pesquisa. Um percurso muitas vezes complexo porque exigiu a tentativa de reconstruir, embora de modo parcial, as discussões nas quais esses olhares teóricos, e os conceitos mais relevantes envolvidos neles, a fim de evitar estabelecer relações errôneas, reducionismos e/ou incongruências.

Também dois olhares teórico-metodológicos foram centrais tanto na hora de definir o objeto de análise da tese quanto de delimitar o material e as ferramentas para analisá-lo. Um desses olhares é aquele do discurso como prática social que se articula em torno de três dimensões inter-relacionadas. A primeira é a dimensão textual, isto é, a dimensão dos textos nos quais se inscrevem as narrativas e dos sentidos sobre esse mundo que se explicitam e acionam por seu meio. A segunda é a dimensão discursiva que se concentra no plano da produção e/ou reprodução do discurso, a sua distribuição espaço temporal e a apropriação que dela realizam os diferentes atores envolvidos nessa distribuição. Finalmente, a dimensão social que aborda a capacidade do discurso para a construção e transmissão de sentidos. Neste caso, das formas de ver o mundo que as narrativas expressam e atuam. E que permite, conseqüentemente, nos aproximar dos critérios que orientam a ação social (Fairclough, 1992).

No entanto, as narrativas não se inscrevem unicamente em textos nem circulam ou são acionadas por meio do discurso. Como propõe Connerton, a interpretação de

práticas portadoras de sentido pode-se aplicar também a práticas corporais, práticas que precisam da presença do corpo para a apropriação e a transmissão (1989). Por essa razão, foi necessário na análise desta cerimônia comemorativa tentar uma perspectiva que incluísse ferramentas de análise que, superando o nível do discurso - ainda definido o discurso como prática social - permitissem nos aproximar dos aspectos não discursivos também constituintes do evento.

Conseqüentemente, o segundo olhar teórico-metodológico que foi central no trabalho é aquele da performance. Uma perspectiva que possui, aliás, qualidades estratégicas para esta análise. Em primeiro lugar habilita a caracterização de um recorte espaço temporal - a comemoração - no marco do campo relacional. Um recorte espaço temporal que, como propõe o citado autor, é expressivo, que entrelaça a criação - ou recriação - de significações e que produz efeitos. Em segundo lugar, a performance permite abordar esse evento, a sua dinâmica própria, as particularidades - a construção da excepcionabilidade, a sua mensagem de continuidade, entre outras - as formas expressivas, formais e informais do decorrer, a agência que se produz nele. Em terceiro lugar, a perspectiva enriquece a análise da rede de relações que o evento integra permitindo discriminar aquilo que sobre ela se expressa nas representações de mundo que condensa - a sua dimensão performática - e a partir das ações que a comunicação dessas representações supõe - sua dimensão performativa. Enriquece a análise da rede de relações que o evento integra permitindo, aliás, fazer dialogar aspectos do cotidiano dessa rede com aquilo que se representa e transmite no evento.

Às potencialidades da performance em termos de recorte espaço temporal - não desvinculado do campo relacional que integra - e das dimensões analíticas, a perspectiva agrega uma outra condição central: permite abordar as narrativas nos discursos e também nas práticas corporais nas quais elas se incorporam. É a ênfase na dramatização própria dessa perspectiva, seja já com o foco na representação quanto na execução, o que habilita uma aproximação ao compromisso de sentidos que não apenas envolve o nível do discurso, mas também aquele que se aciona a partir do - ou no - corpo.

O caminho percorrido a partir dessas orientações teóricas e metodológicas permitiu me aproximar do evento como dispositivo narrativo que articula sentidos, conflitos e emoções. Permitiu-me, em primeiro lugar, dizia, abordar as particularidades

da dinâmica específica que lhe deram forma. Em segundo lugar, tornou possível me aprofundar no conteúdo, no mundo de sentidos sobre o passado e o coletivo social que coloco em jogo. Um mundo de sentidos que, além de tudo, se abre até o campo do qual o evento é parte habilitando, conseqüentemente, exceder seu espaço e tempo para incorporar também outros tipos de materiais e fontes na análise.

A comemoração de cinqüentenário do Instituto Balseiro cristalizou esse mundo de sentidos nas duas narrativas que representou e transmitiu no seio. Nesse sentido, operou como um sítio de memória, fechado em si mesmo, mas aberto à análise de suas significações (Nora, 1984). No entanto, essa cristalização não implicou estatismo. Como propõe Connerton, nenhuma cerimônia é comemorativa se não é performativa -ainda que a memória performativa que se coloca em jogo não se reduza à cerimônia senão que existe, como também vimos ao longo destas páginas, numa memória social corporal mais ampla (1989). Isto é, nenhuma cerimônia é comemorativa se não produz efeitos.

Alguns desses efeitos são impossíveis de desentranhar a partir de material abordado neste trabalho. Pergunto-me, por exemplo, quais foram as conseqüências de ter participado neste evento para os estudantes que ingressavam nesse primeiro de agosto ao instituto. Pergunto-me, mais precisamente, quais foram as suas conseqüências em termos de construção de subjetividade, da apropriação ou resignificação do mundo de sentidos que através das narrativas se puseram em cena. Outros desses efeitos, mais específicos como a afirmação do vínculo IB com a Universidade Nacional de Cuyo ou com a CNEA respectivamente, ou mais gerais como a atualização de uma arena de disputa a respeito do valor da produção de ciência e tecnologia no país, foram assinalados ao longo desta tese. Gostaria, para finalizar o trabalho, de regressar a alguns desses efeitos a partir de uma breve apresentação de duas experiências recentes.

2.

No mês de julho do ano 2007 apresentei algumas das reflexões que compõem o capítulo 5 deste trabalho num congresso sobre estudos sociais da ciência e da tecnologia que se realizou em Quilmes, uma localidade perto da cidade de Buenos Aires. Foi uma apresentação rápida, ajustada aos 15 minutos que se outorgam a cada orador nesse tipo de

eventos, e sem muito tempo de discussão posterior. Porém, quero destacar aqui dois comentários que recebi do auditório presente aquele dia. O primeiro desses comentários que vou destacar foi de um homem idoso com uma longa trajetória primeiro na pesquisa em ciências naturais e depois em política e gestão pública da ciência e a tecnologia na Argentina. Esse senhor, que também tinha estado naquela manhã de agosto na celebração em Bariloche, disse-me sorrindo minutos depois de eu acabar de falar que *tinha ouvido com muito carinho* a minha apresentação. Contou que ele, apesar de não ter trabalhado diretamente no IB nem no CAB, tinha sido protagonista desses primeiros anos da ciência institucionalizada na Argentina. Que a sua própria mãe tinha participado nos primerísimos anos da CNEA. Agregou que o tinha emocionado voltar a se encontrar, em meu relato, com essas figuras e idéias que, em outros tempos, tinham sido tão valiosas na sua tarefa profissional e na sua vida. Com essas figuras e idéias cujo valor reivindicava no presente como objeto de indispensável transmissão.

Minutos depois da apresentação, num corredor do prédio onde se realizava o congresso, apresentaram-me a uma estudante que analisa na sua pesquisa de doutorado, também sob uma perspectiva social, algumas temáticas relacionadas à instituição. Ela não tinha ficado na sala durante a apresentação de meu trabalho e perguntou a respeito do que eu tratava. Eu, brevemente, comentei que tinha apresentado algumas idéias a respeito da representação e transmissão de um sentido de comunidade no quinquagésimo aniversário do IB. *Eu também estive aí* - me contou - uma cerimônia *hipócrita* lembro - agregou caracterizando-a.

O segundo episódio ao qual quero fazer referência aconteceu alguns meses depois. Foi na cidade de Buenos Aires em novembro do mesmo ano, mas desta vez no marco da reunião de primavera da Associação Argentina de Tecnologia Nuclear. Ali, frente a um público consideravelmente diferente daquele do encontro anterior, apresentei um esquema geral de meu trabalho de tese. Foi uma tarefa complexa não apenas por causa do esforço que significou acomodar a linguagem conceitual da minha etnografia a uma mais compreensível para um público que desconhece as particularidades deste tipo de trabalho, mas também porque o auditório estava composto por interlocutores do meu

campo. Isto é, por pessoas cujas vidas, sentidos, experiências e emoções eu estava, de algum modo, tendendo analisar.

Foi uma apresentação estranha. Aqueles que estavam ouvindo pareciam sorrir ou, ao menos entreter-se - coisa que dificilmente acontece num evento de índole acadêmica. Talvez isso se deva ao fato de minha apresentação ter sido uma das últimas apresentações depois de uma jornada, na qual os trabalhos apresentados tinham abordado questões eminentemente técnicas e/ou específicas da área nuclear. Talvez também porque era já a terceira jornada que se desenvolvia com trabalhos de características similares.

As intervenções dos participantes da audiência depois de minha apresentação foram parecidas com aquela que descrevi no congresso anterior. Pessoas idosas, na maioria aposentados, que me contaram, que nos contaram, as suas experiências naqueles tempos originais, aquilo que lhes tinha chamado a atenção desses tempos, aquilo que especialmente lembravam. Nessas intervenções houve silêncios parciais e vozes entrecortadas que expressavam emoção. No entanto a última intervenção me inquietou. *Agora é tarde e estamos todos muito cansados* – disse-me um senhor sentado a alguns metros de mim na primeira fila da sala - *mas se você vier amanhã gostaria de lhe fazer algumas correções sobre o acontecido no dia da celebração.*

O senhor que falava - contaram-me depois – era graduado da primeira turma e foi um dos primeiros diretores do IB. Uma das pessoas que foi homenageada, conseqüentemente, durante a cerimônia. Como tinha-me falado, na manhã seguinte se aproximou com o resumo de meu trabalho impresso e marcado, para me fazer alguns comentários sobre aquilo que estava escrito. Entre outras coisas disse-me que Balseiro tinha sido, efetivamente, uma pessoa muito importante na criação e orientação da instituição. Sobretudo, como tinha destacado na minha apresentação, tinha sido seu grande gestor. Mas ressaltou que não podia deixar de fora - *não podia ofender* - às outras pessoas que também eram importantes e que a comemoração tinha destacado no seio. Referia-se, fundamentalmente, aos *pioneiros*. *Não te falo de mim, eu não sou dos pioneiros () não sou desses professores que chegaram com Balseiro e que foram tão importantes quando ele faltou*, me comunicou. Referia-se também, na realidade, *àqueles outros que se somaram nesses primeiros tempos do instituto*. Isto é, *aos pioneiros e aos*

históricos, se respeitamos a categorização trabalhada nas páginas anteriores deste trabalho.

Respondi que para mim também eram muito importantes os *pioneiros* nessa história. Não apenas pelo seu trabalho nos primeiros anos da instituição, do qual não duvidava, mas também pelo rol que ainda ocupam na própria narração institucional no presente. Conteí-lhe que, aliás, eu tentara me aprofundar sobre a figura deles ao longo de meu trabalho, mas simplesmente não tinha tido tempo para incorporar essa parte da análise em minha exposição daquela tarde. Expliquei-lhe, então, que meu objetivo tinha sido exemplificar brevemente, com essa exposição, de que forma e a partir de que conteúdo se legitimava uma versão do passado e se transmitia, ao mesmo tempo, uma idéia de comunidade arraigada nesse passado na comemoração. *Você tem razão* - disse-me - *agora que penso pode ser que esse dia a história se tenha acomodado bastante a uma idéia que se queria transmitir. Mas era para sustentar e apoiar ao instituto, nada mais* - agregou meu interlocutor fazendo ênfase nas boas intenções desse recorte.

3.

Descrevo esses dois episódios nas páginas finais do trabalho porque me permitem fazer novamente referência a alguns efeitos da cerimônia comemorativa que gostaria de ressaltar. Efeitos que, embora tenham sido apresentados nos capítulos anteriores, valem a pena destacar novamente.

O termo hipocrisia utilizado pela colega para descrever o acontecido na cerimônia comemorativa durante aquela breve conversa de corredor me impactou. Minha primeira e mais pessimista reflexão - e esse tipo de reflexões acontecem muito no processo de redação de uma tese - foi a seguinte: estarei tentando enfiar a argumentação deste trabalho a partir da colocação em cena de uma ficção que nada tinha que ver com o campo que pretendia abordar? Estarei então errada no enfoque do campo e na análise que estava produzindo?

Por sorte, a ancoragem metodológica, a etnografia, permitiu-me invalidar a última, e talvez mais desesperada, dessas perguntas. Permitiu-me invalidá-la porque, sob a perspectiva etnográfica, a hipocrisia teria em todo caso – assim como a mentira, a

omissão de certas experiências nos relatos e outras possíveis reações e respostas temidas ou descartadas pelos enfoques mais objetivos da pesquisa social - valor de análise. Isto é, nos apresentaria aspectos do campo, nos falaria de algumas de suas dinâmicas, atores e relações.

Mas a perspectiva etnográfica não apenas me permitiu descartar a segunda pergunta em função do possível valor heurístico da hipocrisia. Na realidade, as próprias propostas teórico-conceituais ancoradas nessa perspectiva, propostas a partir das quais estava olhando a comemoração, invalidaram também essa opção. Invalidaram a opção de pensá-la como ato desconectado das dinâmicas, atores, relações e, fundamentalmente, dos efeitos que a constituem.

A cerimônia comemorativa faz possível, como propõe Connerton, a representação e transferência de uma memória que se atualiza e se projeta comum ao coletivo social em atos que combinam formalidade e agência (1989). Atos coletivos que, além do fechamento parcial que implica o seu recorte espaço-temporal, estendem as suas significações para o mundo do qual são parte (Nora, 1984). Trata-se de uma memória sujeita a seleções e esquecimentos que, apesar do dinamismo, não se pode desvincular do sedimento histórico que também contribui a sua configuração. Porém, independentemente da fidelidade a respeito dos fatos aos quais se refere, das exatidões ou inexatidões que supunha essa referência, a memória não pode se considerar como falsa.

É possível dizer, então, que não sendo a memória propriamente falsa, poderia se analisar como hipócrita sua utilização. É que a memória não apenas está sujeita a seleções e esquecimentos, mas também se encontra exposta a negociações, apropriações e usos. No entanto também não considero correta essa afirmação. O uso da memória, sua negociação e apropriação responde, como espero ter mostrado nas páginas anteriores, a relações, processos e contextos, a significações e posições a respeito dessas relações, processos e contextos.

A minha interlocutora caracterizava a cerimônia de hipócrita pelo tom conciliador que nela se expôs. Ela fez menção, na sua caracterização do evento, ao contraste entre os abundantes conflitos que se sucederam na organização em relação ao acontecido naquele primeiro dia de agosto de 2005. Durante essa jornada, disse-me, inclusive aqueles que

protagonizaram esses conflitos evitaram dar qualquer sinal das dificuldades e brigas dos dias anteriores.

Efetivamente a organização do cinquentenário do IB foi, como quase sempre acontece nesse tipo de eventos, complexa. Houve uma comissão designada especialmente para esse fim, responsáveis pelo planejamento das diferentes atividades, etc. E também houve, entre estes responsáveis, desacordos a respeito de diversos aspectos que faziam à organização: começando com o lugar onde levar a cabo o *ato central* e o *almoço de camaradagem* - como mencionei no capítulo de descrição do evento - até a respeito daquelas pessoas que tinham que receber os presentes comemorativos. Desacordos que, em alguns casos, terminaram em fortes intercâmbios de palavras, brigas e renúncias a participar na organização do evento.

A referência a esta ante-sala do evento permite agregar uma outra justificativa ao tom conciliador da comemoração, à performance de consensos além das disputas e desacordos que fazem tanto à organização do evento quanto - como vimos no último capítulo - à própria dinâmica institucional. Nessa direção, o evento não apenas congregou a partir de assinalar a vigência da importância de produzir ciência e tecnologia na Argentina, mas também ofuscando, ou correndo em segundo plano, as diferenças e conflitos internos que acontecem no cotidiano da instituição. Diferenças internas e conflitos, produto em alguns casos e acrescentados em outros, da crítica situação do campo de produção de conhecimento científico e tecnológico e da educação superior pelo menos nos últimos 20 anos, incluindo a CNEA e o CAB-IB no seio. Crítica situação que afetou, como vimos no segundo capítulo deste trabalho, não apenas em termos de recursos e financiamento, mas também no estabelecimento e na adesão a projetos e orientações institucionais que tivessem mais horizonte do que a própria sobrevivência - institucional e individual - de cada dia.

4.

Dizia aquele graduado e antigo diretor do IB depois de minha apresentação na reunião da Associação Argentina de Tecnologia Nuclear que, além da importância substantiva que ele dava a determinadas figuras do passado da instituição, concordava

comigo que se tinha decidido, na comemoração, mostrar e contar apenas uma parte do acontecido. Perguntou-me se tinha assistido às jornadas sobre ciência, tecnologia e educação superior organizadas em conjunto com a Universidade Nacional de Cuyo que sucederam o evento e respondi que sim. Lembramos que ali outros nomes e reflexões se tinham feito presentes. No entanto, coincidimos que, no evento mesmo, no ato e o no almoço daquele dia, a mensagem foi clara e unívoca.

A comemoração, através das narrativas de tradição e comunidade, representou e transmitiu uma proposta de começo em Balseiro e nos *pioneiros*. Uma proposta de começo que, além do mais, afirma suas características de continuidade a partir de uma organização da geração que sustenta a pertença no coletivo social justamente por causa da sua relação com a genealogia. Destacam-se dessa proposta de começo, como vimos, duas questões específicas: por um lado a ênfase na geografia, Bariloche longe, Bariloche isolado e escassamente povoado, sua importância em termos do desenvolvimento da instituição e dos processos identitários que se produziram – produzem - ao redor dela. E destacam-se, por outro lado, os valores, as idéias e os projetos que caracterizam a origem e se projetam a partir dela.

As duas narrativas, as interpretações do mundo que as constituem, cumprem no seio da comemoração um duplo papel. Por um lado contribuem para atualizar o laço entre aquilo que se constrói como memória e um relato institucional. Esse relato institucional no qual confluem a versão consensuada do passado da instituição - ou tradição - e o conteúdo de sentidos de pertença - a comunidade - cujos sentidos representados, comunicados e incorporados em práticas, espaços e corpos analisei ao longo deste trabalho. Um relato institucional que escolhe, em função da trajetória interna da instituição e nas relações com os diferentes níveis do afora que define, um núcleo de memória, aliás, para se estabelecer como legítimo. Esse é, então, um dos papéis que cumprem as narrativas no evento. O outro é, aliás, a comunicação dessa própria memória enlaçada no relato institucional. É dizer, a tentativa de fazer dessa memória, que para alguns dos presentes no evento é fixada a partir da interpretação da própria experiência vivida e narrada, a memória também dos outros. E de fazê-lo através da performance do relato mesmo.

Dizia na introdução deste trabalho que as comemorações científicas davam conta de um interesse público em rearticular memória e história em atos que habilitavam a reflexão coletiva (Abir-Am, 1999). A comemoração do quinquagésimo aniversário do IB não é uma exceção. A história que ali se mostra e transmite foi construída justamente a partir da memória de experiências próprias vividas e narradas e da memória de experiências de outros que se apropriam a partir das diferentes formas e instâncias de comunicação - a comemoração, por exemplo. “A narrativa, se não se espelha a realidade a configura e, finalmente, suscita experiência”, afirma Kofes (2001: 125).

Trata-se de uma memória cujo conteúdo, que é tanto de significação quanto de emoção, retoma e valoriza não apenas o passado desta instituição, mas também a experiência de fazer ciência na Argentina nos primeiros tempos. Isso deixa claro o primeiro interlocutor no congresso de estudos sociais de ciência e tecnologia com o emocionado comentário depois de minha apresentação. Aquele que falou do *carinho* com o qual tinha ouvido as minhas palavras enquanto as conectava com a interpretação de sua própria experiência e das suas lembranças desse passado no qual tais experiências eram o cotidiano.

“*Sont toujours jolis les temps passés*” é uma frase do cantor francês George Brassens que bem se adequa a essa expressão de sentido e emoção daquele interlocutor, e de tantas outras similares que ouvi e observei no trabalho de campo. Trata-se desses tempos de institucionalização e negociação inicial da importância da atividade científica e tecnológica no seio de uma dinâmica nacional que, como apresentei no segundo capítulo deste trabalho, foi ao longo dos anos consideravelmente instável a esse respeito. Tempos nos quais tanto a instituição que se festeja, quanto àquela maior à que pertence - CNEA - eram consideradas parte de um projeto que explicitava o vínculo entre ciência, tecnologia e estado, entre conhecimento e desenvolvimento nacional. Um projeto que foi consenso no passado no seio de um estado também em muitos aspectos diferente daquele de 50 anos depois. Um projeto a respeito do qual muitos dos protagonistas deste evento comemorativo continuam discutindo e afirmando relevância, inquestionabilidade e atualidade. E no qual outros actores sociais que não participaram da comemoração também concordam reconhecendo, aliás, a importância da a figura do Balseiro nele. Vai esta homenagem a modo de selo postal como um exemplo disso.



Assim, o relato institucional encontra legitimidade e validade numa memória objetivadora de experiências próprias, vividas e narradas, e herdadas que operam como fundamento. Porém, como sugere Nora: “O dever de memória faz de cada um o historiador de si mesmo” (1984: 29). Nessa direção, o relato institucional construído a partir do material de memória não apenas é apropriável, transmissível, utilizável nele mesmo. Por sua vez, permite a comunicação, em eventos como o analisado, dessas experiências feitas memória. Dessas experiências feitas memória inscrita em narrativas e incorporada em objetos ou formas de relação. Nessa comunicação contribui à dinâmica de tentar continuar convertendo essas experiências diretas para alguns atores sociais, de algum modo, em experiências dos outros. E contribui para reforçar a sedimentação histórica daqueles conteúdos que a constituem no próprio ato de transmissão.

Até aqui as minhas reflexões, a partir desta análise da comemoração centrada no evento-performance sobre o mundo de sentidos que nele se explicitam, sobre os atores cuja comunicação envolve, sobre alguns dos efeitos desta cerimônia. Porém, que outros resultados têm essa representação e comunicação, como os atores se apropriam delas e se resignificam, quais são as novas subjetividades que podem contribuir para construir ou, em outro nível, de que modo aquilo que se representa e comunica interpela a rede social,

as práticas e relações no cotidiano extra-cerimonial - além daqueles aspectos que descrevi como disparadores temáticos no começo de alguns dos capítulos desta tese - são algumas, entre muitas outras, das incógnitas que deixo sem resposta.

Cronologia de fatos relevantes

Últimas décadas do século XIX: teve início na Argentina a discussão sobre a relevância da ciência em função do progresso nacional. Nesse período foram tomadas medidas para facilitar a incipiente inclusão de atividades científicas e tecnológicas que incluíram o estímulo à migração de pesquisadores estrangeiros e a criação das primeiras instituições científicas como, por exemplo, o Observatório Astronômico de Córdoba.

Começo do século XX: foram estabelecidos os primeiros grupos formais de pesquisa científica em universidades públicas. Entre elas, destacam-se as universidades de Buenos Aires, Córdoba e La Plata.

1945: as explosões das bombas nucleares em Hiroshima e Nagasaki, Japão levaram ao final a Segunda Guerra Mundial

Foi publicado nos Estados Unidos o relatório “*Ciência, a fronteira sem fim*”, de Vannevar Bush. Nele a ciência e a tecnologia definiram-se como motores para o desenvolvimento econômico via desenvolvimento industrial.

1946: teve início na Argentina o governo Juan D. Perón.

1949: com o aval do presidente Perón começou a desenvolver o chamado de *Projeto Huemul*. Nesse projeto o físico austríaco Ronald Richter tinha se comprometido a desenvolver o mecanismo de fusão nuclear controlada.

Décadas de cinquenta e sessenta: a prática científica atingiu na Argentina um nível reconhecido de produção. Esse período é lembrado como “a época de ouro” da ciência. Nessa época se destacaram, sobretudo, pesquisas provenientes de áreas das ciências físicas e da biomedicina. O começo do período corresponde à fundação da maioria das instituições de caráter público destinadas ao desenho e promoção de políticas e instrumentos para o desenvolvimento científico-tecnológico.

1950: foi criada a Comissão Nacional de Energia Atômica (CNEA) com o propósito de promover pesquisas visando o desenvolvimento nuclear e de assessorar o estado nacional nesse campo.

1952: se fechou, sem sucesso, o *Projeto Huemul*.

1953: o físico Enrique Gaviola apresentou a Pedro Iraolagoitia, então presidente da CNEA, um projeto com o título *Instituto de Física de Bariloche*, e um plano de adaptação das instalações e equipes abandonados em Bariloche por Richter.

1955: foram iniciadas, em agosto, as primeiras aulas do Instituto de Física de Bariloche. Ele foi chamado de Instituto Balseiro a partir de 1962, após a morte, nesse ano, de José A. Balseiro

Foram criadas as Divisões de Metalurgia e de Reatores da CNEA, em Buenos Aires.

Em setembro, caiu o presidente Juan D. Perón após do golpe de estado lembrado como *Revolución Libertadora*”.

1955-1973: o contralmirante Oscar Quihillalt, com uma interrupção durante o breve período democrático do governo Frondizi, manteve-se no cargo de presidente da CNEA. Nesse período, a Argentina teve, além de Frondizi, mais outros sete presidentes: Lonardi, Aramburu, Guido, Onganía, Illia - o único, junto com Frondizi, eleito democraticamente - Levingston e Lanusse.

1956: foi fundado o Instituto Nacional de Tecnologia Industrial como apoio à nascente indústria nacional.

1957: foi criado o Instituto Nacional de Tecnologia Agropecuária apoiando a atividade agropecuária.

Foi criado o Conselho Nacional de Investigações Científicas e Técnicas destinado a estimular a pesquisa desenvolvida nas universidades nacionais.

1958: o RA 1, primeiro reator de pesquisa argentino construído pela CNEA, atingiu estado crítico. Depois dele, a CNEA - posteriormente ligada à empresa INVAP ou como apoio técnico dela - construiu outros reatores de pesquisa associados a plantas de produção de radioisótopos na Argentina e no exterior (Peru, Argélia, Egito, Austrália).

1966: houve durante a ditadura militar de Juan Carlos Onganía - 1966-1970 - uma ocupação armada da Universidade de Buenos Aires que evacuou a golpes de cassetete professores, estudantes e pesquisadores, provocando uma renúncia massiva que se estendeu as outras universidades do país. O episódio, lembrado

como “*La noche de los bastones largos*”, produz a desagregação de grupos de pesquisa e a migração de pesquisadores, alguns deles para o Brasil.

1967-1977: a CNEA trabalhou num plano nuclear com 5 objetivos: 1) contribuir para a solução da demanda energética do país numa linha de pesquisa visando conquistar a autonomia tecnológica; 2) desenvolver recursos para fabricação de elementos combustíveis nucleares; 3) promover as aplicações de radioisótopos e das radiações; 4) criar uma estrutura científico-tecnológica com capacidade de realização no campo nuclear; e 5) garantir a proteção da população dos perigos das radiações.

1974: a primeira central nuclear, a Atucha 1, construída pela Siemens com participação da indústria nacional, entrou em operação.

1976: começou na Argentina a última ditadura militar que se estendeu até o ano 1983. Nesse período, universidades e centros de pesquisa sofreram intervenção provocando, entre outras conseqüências, desagregação e migração de grupos de trabalho consolidados, perseguições políticas a parte do pessoal e desaparecimentos.

Mesmo numa economia instável, o governo militar definiu a política nuclear como uma prioridade da agenda nacional. Com o vice-almirante Carlos Castro Madero como presidente da instituição, o investimento atingiu altíssimas cifras (não conhecidas) e que não mais se repetiram. Graças a essa verba, novos projetos foram desenvolvidos, apesar da oposição das potências nucleares, num contexto no qual a Argentina não ratificava os tratados internacionais do campo nuclear.

Foi criada a empresa INVAP, empresa da CNEA e do estado da Província de Rio Negro, destinada ao desenvolvimento de pesquisas aplicadas e tecnológicas e à venda de produtos de conhecimento intensivo.

1981: foi iniciada a construção da terceira usina nuclear a funcionar no país: Atucha 2. Após 25 anos, nos quais, por distintos motivos, houve períodos de trabalho e períodos nos quais as obras foram completamente suspensas, se decidiu pela sua finalização.

1983: assumiu o presidente eleito Raúl Alfonsín, num novo período de restabelecimento democrático marcado por sucessivas crises econômicas.

Alfonsín anunciou a transferência do programa de energia atômica da Marinha ao Congresso Nacional, uma nova condução - o engenheiro Alberto Constantini, primeiro civil na presidência - e uma redução na atribuição de fundos. A política nuclear mudou radicalmente, sobretudo na dimensão financeira. A redução do orçamento, as dificuldades econômicas e o reposicionamento da questão nuclear na política interna e externa incidiram não apenas nos recursos disponíveis mas também no poder organizacional e decisório da instituição.

1984: começou a funcionar a segunda usina nuclear argentina construída por uma empresa da Canada em Embalse, província de Córdoba.

1989-1999: o governo de Carlos Menem iniciou um processo de aplicação de políticas neo-liberais, privatização e afastamento do estado nacional, inclusive no campo da produção científica e tecnológica.

Na tentativa de privatizar a produção e a venda de energia nuclear foram afastadas da CNEA as atividades relacionadas com a produção energética e a regulamentação nuclear. Também se deteve a construção da terceira central nuclear, suspendendo-se o plano do qual fazia parte. Durante esse período houveram programas de demissão voluntária destinados a reduzir o pessoal da administração pública, da CNEA inclusive, nos diferentes níveis e atividades. Além disso, foi fechado o acesso de pessoal aos cargos permanentes da Comissão, reduzindo-se com isso o pessoal da instituição.

1999-2001: o governo Fernando de la Rúa continua na aplicação das políticas neo-liberais mantendo o baixo orçamento na ciência e a tecnologia. A crise econômica desencadeou uma das maiores crises políticas no país que provocou a renúncia do presidente e uma importante mobilização social.

2002/2003: Duhalde é escolhido como presidente provisório num marco de grande instabilidade política e econômica.

2003/2007: governo eleito de Néstor Kirchner. Teve início um processo de mudança em matéria das políticas econômicas nos âmbitos nacional e internacional. Devagar, e graças em boa parte às mudanças no tipo de câmbio, começou a se reativar a produção local e houve um paulatino incremento do orçamento no campo científico-tecnológico.

2006: o governo Kirchner anunciou a conclusão das obras da central nuclear Atucha 2 e a reativação do plano nuclear no país.

Glossário

Abanico: Leque

Acordar: Lembrar

Además: Além disso

Adjunto: Anexo

Aleación: Liga

Aislamiento: Isolamento

A lo largo: Durante, ao longo

Animar: Encorajar

Aportar: Contribuir

Asegurar: garantir

Aulas: Salas de aula

Aún: Ainda

Calle: Rua

Cierre: Fechamento

Charlar: Conversar

Cimientos: Alicerces

Clase: Aula

Chico: Pequeno

Codo: Cotobelo

Codo a codo: Do lado, junto

Colectivos: Ônibus

Compartir: Compartilhar, dividir

Cuyo: Região da Argentina limitada pela cordilheira do Andes que inclui as províncias de

Mendoza, San Juan e San Luis

Desarrollo: Desenvolvimento

Encargar: Encarregar

Egresado: Graduado

Encerrar: Fechar

Enterarse: Ficar sabendo

Escenario: Palco
Escuchar: Ouvir
Éxito: Suceso
Generacionalmente: De geração em geração
Gracias: Obrigado
Informe: Relatório
Impronta: Marca
Investigadores: Pesquisadores
Invitar. Convidar
Hogar: Lar
Largo: Longo
Lejos: Longe
Lenga: Tipo de árvore da patagonia
Llena: Cheia
Lentamente: Devagar
Lunes: Segunda féria
Marino: Pessoal da Marinha
Materias: Disciplinas
Mientras: Enquanto
Nadie: Ninguém
Nosotros: Nós
Nuestro: Nosso
Oficina: Escritório
Paraguas: Guardachuva
Pero: Mas
Predio: Campus
Provincia: Divisão política e territorial
Poner el hombro: Acompanhar no esforço
Pueblo: Cidade pequena
Querido: Prezado
Recordar: Lembrar

Sin embargo: Porém

Sucedir: Acontecer

Sucesos: Acontecimentos

Supiera: Soubesse

Temprano: Cedo

Terquedad: Teimosia

Vacaciones: Férias

Vuelo: Vôo

Zozobra: Ansiedade

Bibliografía

- ABIR-AM, P. (1999) Commemorative practices in science: historical perspectives on the politics of collective memory. Introduction. *Osiris*, 2nd Series Vol. 14: 1- 33.
- ABU-LUGHOD, L. (1986) *Veiled sentiments. Honor and Poetry in a Bedouin Society*. Berkeley, University de California Press.
- ALBORNOZ, M. (1999) *Política Científica. Maestría de Ciencia, Tecnología y Sociedad Universidad Virtual de Quilmes*, Quilmes, Universidad Nacional de Quilmes.
- ALBORNOZ M. (2004) Argentina: oportunidades y obstáculos. *TodaVIA*, Vol. 7. Disponible em www.revistatodavia.com.ar sem número de páginas.
- ALCÁNTARA, A. (1997) La política científica y tecnológica de las universidades públicas latinoamericanas bajo condiciones de ajuste estructural: los casos de Argentina y México. *Trabalho apresentado no encontro da Latin American Studies Association, Guadalajara, México*.
- ADLER, E. (1987) *Power of ideology: the quest for technological autonomy in Argentina and Brazil*. Berkeley, University of California Press.
- AHMED, S. (2004) Affective economies. *Social Text* 79, 22 (2): 117-139.
- ALTHABE, G. (1999) Lo microsocial y la investigación antropológica de campo. *Antropología del Presente* G. Althabe e F. Schuster editores. Buenos Aires, Edicial : 61-68.
- ALCAÑIZ, I. (2005) Cincuenta años de política nuclear en la Argentina. *Ciencia Hoy* 15 (88): 20-25.

- ALONSO, A. (1994) The politics of space, time and substance: state formation, nationalism, and ethnicity. *Annual Review of Anthropology* 23: 379-405.
- ALTHABE, E e V. HERNANDEZ (2004) Implication et réflexivité en anthropologie. *Journal des Anthropologues: Globalisation Tome II Consommations du religieux 98-99* Association Française des Anthropologues: 15-36.
- APPADURAI, A. (1981) The past as a scarce resource. *Man* 16 (2): 201- 219
- APPADURAI, A. (1994) *Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalization*. Minneapolis, University of Minnesota Press.
- AUGE, M. (1998) *Las formas del olvido*. México, Gedisa.
- AUSTIN, S. [1962] (2003) *Actos de habla*. Barcelona, Paidós.
- BABINI, J. (1954) *La evolución del pensamiento científico en Argentina*. Buenos Aires, La Fragua.
- BAUMAN, R. (1986) Performance and honor in 13th century Iceland. *Journal of American Folklore* 99 (392): 131-150.
- BAUMAN, G. (1992) Ritual implicates ‘others’: re-reading Durkheim in a plural society. *Understanding Rituals*. De Coppet, D. Editor, London, New York, Routledge
- BAUMAN, R. e C. BRIGGS (1990) Poetics and performance as critical perspectives on language and social life. *Annual Review of Anthropology* 19: 59-88.

- BERNAOLA, O. (2001) *Enrique Gaviola y el observatorio astronómico de Córdoba*. Buenos Aires, Saber y Tiempo.
- BOURDIEU, P. y L. WACQUANT (1995). *Respuestas. Por una antropología reflexiva*. México, Grijalbo.
- BROW, J. (1990) Notes on community, hegemony and uses of past. *Anthropological Quarterly* 63: 1-7
- BRUNER, J. (2003) *La fábrica de historias. Derecho, literatura, vida*. Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica.
- BUSH, V. [1945] (1999) Ciencia, la frontera sin fin. *Redes. Revista de Estudios Sociales de la Ciencia* 7 (14): 89-137
- BUSTILLO, E. (1968). *El despertar de Bariloche*. Buenos Aires, Sudamericana.
- BUTLER, J. (1998) Actos performativos y constitución del género: un ensayo sobre fenomenología y teoría feminista. *Debate Feminista* 18.
- CALVERT J. (2006) What's special about basic research?. *Science, Technology & Human Values* 31 (2): 199-220.
- CASARALES, J. (1987) *El desarme de los desarmados. Argentina y el Tratado de No Proliferación de Armas Nucleares*, Buenos Aires, Editorial Pleamar.
- CASTRO MADERO (1976) Argentina. Política nuclear. *Estrategia* 42: 42-47
- CIAPUSCIO, H. (1994) Sabato y la tecnología. Héctor Ciapuscio (Editor). *Repensando la política tecnológica. Homenaje a Sabato*. Buenos Aires, Nueva Visión

- COLL, J. e R. RADICELLA (2000) Los veinte radioisótopos descubiertos en la Argentina, *La Revista de la Comisión Nacional de Energía Atómica*, 2 (5/6): 21-25
- CRAPANZANO, V. [1989] (1992) *Glossing Emotions. In Hermes ' Dilemma and Hamlet's desire*, Cambridge, MA, Harvard University Press.
- CRAPANZANO, V. (1994) Reflexions sur une anthropologie des emotions. *Terrain 22*: 109-117
- CONNERTON, P. (1989) *How Societies Remember*, Cambridge University Press
- CHAFE, W. (1990) Some thing that narratives tell about the mind. *Narrative thought and narrative language*, Britton, B. e A. Pellegrini editores, London, Lawrence Erlbaum Associates Publishers: 79-98
- DASTON, L. e O. SIBUM (2003) Introduction: Scientific Personae and Their Histories. *Science in Context* 16: 1-8
- DE PINA CABRAL, J. (1984) Nicknames and the experience of community. *Man*, New Series, 19 (1): 148-150.
- DUBET, F. (1996) *Sociologia da Experiência*. Lisboa, Instituto Piaget.
- EIMI L, e A. LEWINSKY (2004) The Presentation of Self in Online Life: The Importance of Nicknames in Online Environments. *Trabalho apresentado na 5ta conferência da Association of Internet Researchers*.

- EVANS PRITCHARD, E. [1951] (1967) *Antropología social*. Buenos Aires, Nueva Visión
- EVANS PRITCHARD, E. E. [1940] (1987) *Los Nuer*. Madrid, Anagrama
- FERNÁNDEZ, J. (1974) The Mission of Metaphor in Expressive Culture. *Current Anthropology* 15: 119.145
- FAIR CLOUGH (1992) *Discourse and Social Change*. Cambridge, U.K: Polity Press.
- FOUCAULT, M. (1980) Truth and Power. *Power/ Knowledge*, New York, Pantheon Books.
- GARCIA, M. e A. REISING (2002): La consolidación del Centro Atómico Bariloche: una aproximación desde el desarrollo de la física experimental, *Saber y Tiempo* 4 (14): 33-55.
- GADAMER, G. H. [1960] (1965) *Verdad y método*. Buenos Aires, Sígueme.
- GEERTZ, C. y H. GEERTZ (1964) Tecknomy in Bali: Parenthood, age-grading and geneological amnesia. *The Journal of the Royal Anthropological Institute in Great Britain and Ireland*. 94 (2): 94-125
- GEERTZ, C. [1973] (1990) *La interpretación de las culturas* Barcelona, Gedisa.
- GIDDENS, A. (1989) Hermenéutica, etnometodología y análisis interpretativo. *Cuadernos de Antropología Social* 2 (1): 71-77.
- GROSSBERG, L. [1996] (2002) Identidad y estudios culturales: ¿no hay nada más que eso? *Cuestiones de identidad cultural*. S. Hall y P. du Gray editores. Buenos Aires, Madrid, Amorrortu.

- GOODY, J. (1977). Against ritual. *Secular Ritual* Moore, S. y B. Myerhoof editoras. Netherlands, Van Gorup: 25-35.
- GUPTA, A. Y J. FERGUSON (1992). Beyond “culture”: space, identity, and the politics of difference. *Cultural Anthropology* 7 (1): 6-23.
- HALL, S. [1996] (2002) ¿Quién necesita la “identidad”? *Cuestiones de identidad cultural*. S. Hall y P. du Gray editores. Buenos Aires, Madrid, Amorrortu.
- HANDLER, R. y J.LINNEKIN (1984) Tradition, Genuine or Spurious. *Journal of American Folklore* 94 (385): 273-290
- HECHT, G. (1997) Enacting cultural identity: risk and ritual in the French nuclear workplace. *Journal of Contemporary History* 32 (4): 483- 507.
- HERITAGE J. y D. GREATBATCH (1986) Generating appause: A study of rhetoric and response at Party Political Conferences. *The American Journal of Sociology* 92 (1): 110-157.
- HERNÁNDEZ, V. (2001) *Laboratoire: mode d’emploi, science, hiérarquies et pouvoirs*. Paris, L’Hamattan.
- HIRSCHFELD, L. A. (1986) Kinship and cognition: genealogy and the meaning of kinship terms. *Current Anthropology* 27 (3): 217-242.
- HOBSBAWN, E. y T. RANGER, [1983] (2002). *La invención de la tradición*. Barcelona, Crítica.
- HOVLAND, I. (2007) Fielding emotions: introduction. *Anthropology Matters Journal* 9 (1): 1-6.

- HUBERT M. y A. SPIVAK L'HOSTE (2006) Usos del pasado en ceremonias de instituciones científicas: los cincuenta años del Instituto Balseiro y del CEA Grenoble desde una perspectiva comparativa. Trabajo presentado no seminário internacional *Produção e uso do conhecimento: hacia una nova divisão internacional do trabalho científico*, Universidad Nacional de Quilmes
- HURTADO DE MENDOZA, D. (2005) Excelencia versus contingencia: origen y consolidación del Instituto Balseiro. *Ciencia Hoy* 15 (88): 14-19.
- HURTADO DE MENDOZA, D. (2005a) De 'Átomos para la paz' a los reactores de potencia. Tecnología nuclear y diplomacia en la Argentina (1955-1976). *Revista Iberoamericana de Ciencia, Tecnología y Sociedad* 2 (4): 41-66.
- HURTADO DE MENDOZA, D. (2005b) Autonomy, even regional hegemony: Argentina and the 'hard way' toward the first research reactor (1945-1958). *Science in Context* 18 (2): 285-308.
- HURTADO DE MENDOZA, D. e A. M. VARA (2006) Political storms, financial uncertainties, and dreams of 'big science': the construction of a heavy ions accelerator in Argentina (1974-1986). *Historical Studies in the Physical and Biological Sciences* 36 (2): 343-364.
- HURTADO DE MENDOZA, D. e A. M. VARA (2007) Winding roads to 'Big Science': experimental physics in Argentina and Brazil. *Science, Technology and Society* 12 (1): 27-48.
- HYMANS, J. (2001) Of Gauchos and gringos: why Argentina never wanted the bomb, and why America thought it did. *Security Studies* 10 (3):153-85.

- IRVINE, J. T. (1978) When is genealogy history? Wolof genealogies in comparative perspective. *American Ethnologist* 5 (4): 651-674.
- KOFES, S. (1984) Experiências sociais, interpretações individuais: histórias de vida, suas possibilidades e limites *Cadernos Pagu* 3: 117-142
- KOFES, S. (2001) *Uma trajetória, em narrativas*. Campinas, Autores Associados
- KROPFF, L. (2001) *De cómo 'paisanos' y 'chilotes' devienen 'vecinos'*. *Migración, identidad y estado en San Carlos de Bariloche*. Tese de Licenciatura em Antropología Social, Facultad de Filosofía e Letras, Universidad de Buenos Aires, Mimeo
- KROPFF, Laura (2006) Alteridades etarias en el movimiento mapuche contemporáneo. *Actas do VIIIº Congresso Argentino de Antropología Social*, Villa Giardino, Córdoba.
- LALOUF A. Y H. THOMÁS (2005) Análisis socio-técnico de procesos de desarrollo de capacidades tecnoproductivas locales. El proyecto 'Pulqui'(1946/1960). *Actas das Terceiras Jornadas de Pesquisa em Antropología Social*. Buenos Aires
- LATOUR, B. (2007) Turning around politics: a note on Gerard de Vries' paper. *Social Studies of science* 37 (5): 811-820
- LEACH, E. [1981] (2000) Once a knight is quite enough: como nasce um cavaleiro britânico. *Mana* 6 (1): 31- 56
- LEAVITT, J. (1996) Meaning and feeling in the anthropology of emotions. *American Ethnologist* 23: 514-539.

- LE BRETON, D. (2004) *Les passions ordinaires: anthropologie des émotions*. Paris, Payot
- LEWKOWICK, I. (2004) *Pensar sin Estado. La subjetividad en la era de la fluidez*. Buenos Aires, Paidós.
- LÓPEZ DÁVALOS, A. y BADINO, N. (2000) *J. A. Balseiro: Crónica de una ilusión*. Buenos Aires, Sudamericana.
- LUTZ C. e G. WHITE (1986) The anthropology of emotions. *Annual Review of anthropology* 15: 405-436.
- LUTZ, C. (1988) *Unnatural emotions. everyday sentiments on a Micronesian atoll and their challenge to western theory*. Chicago, University of Chicago Press.
- MALINOWSKI, B. [1922] (1975) *Los argonautas del Pacífico Occidental*. Barcelona, Península.
- MANNING, F E. (1974) Nick names and number plates in the British West India. *The Journal of American Folklore* 87 (344): 123-132
- MARCUS, C. (1995) Ethnography in/ of the world system: the emergence of multisited ethnography. *Annual Review of Anthropology* 24: 95-117.
- MARISCOTTI, M. [1984] (2004) *El secreto atómico de Huemul*. Buenos Aires, Sigma.
- MYERHOFF, B. (1980) *Number our days*. New York, First Touchstone Edition.
- MENDEZ, L. e IWANOW W. (2001). *Bariloche, las caras del pasado*. Neuquén, Ediciones Manuscrito

- MITCHELL, T. (1991) The limits of state: beyond statist approaches and other critics. *American Political Science Review* 85 (1): 77-96.
- MOORE, S. Y B. MYERHOFF (1977) Secular ritual: forms and meanings. En *Secular Ritual* S. Moore y B. Myerhoff editoras. Netherlands, Van Gorup: 3-24.
- NIETZSCHE F. (1957) [1873] *The use and abuse of history*. Trans. A. Collins, New York
- NORA, P. (1984) Entre Memoire et Histoire. La problematique des lieux. En *Les lieux de memoire* P. Nora editor. Tomo I La republique, Paris, Gallimard
- OCHS, E. y L. CAPPS (1996) Narrating the self. *Annual Review of Anthropology* 25: 19-43.
- ORTNER Sherry B. (2005) Subjectivity and cultural critique. *Anthropological Theory* 5 (1): 31-52
- OTEIZA, Enrique (1992) *La política de la investigación científica y tecnológica en América Latina: Historia y Pespectivas*. Buenos Aires, CEAL
- PEIRANO, M. (2001) Rituais como estratégia analítica e abordagem etnográfica. En *O dito e o feito: Ensaio de antropología dos rituais*. Peirano M. editora. Río de Janeiro, Relume Dumará: 7-14.
- PEIRANO, M. (2001a) A análise antropológica de rituais. En *O dito e o feito: Ensaio de antropología dos rituais*. Peirano M. editora. Río de Janeiro, Relume Dumará: 17-40.
- PESTRE, D. (1999) Commemorative practices at CERN: Between physicists' memories and historians' narratives. *Osiris* 2nd Series 14: 203- 216.

- PITT-RIVERS, J. (1971) *The people of the sierra*. Chicago, Chicago University Press.
- PRAT, M. L. [1986] (1991) Trabajo de campo en lugares comunes. *Retórica de la Antropología*, Clifford J e G. Marcus editores, Madrid, Jucar.
- RADCLIFFE BROWN, A. [1958] (1975) *El método de la antropología social*. Barcelona, Anagrama.
- REDDY, W. (1997) Against constructionism. The historical ethnography of emotions. *Current Anthropology* 3: 327-351.
- ROSALDO, M. Z. (1983) The shame of headhunters and the autonomy of self. *Ethos* 11 (3): 135-151
- SABATO J. e R. FRYDMAN (1976) La energía nuclear en América Latina. *Estrategia* 42: 54-72
- SCHECHNER, R. (1990) Magnitudes of performance. *By means of performance. Intrecultural studies of theatre and ritual* R. Schechner and W. Appel editores, New York, Routledge
- SEIDEL (1999) The Golden Jubilees of Lawrence Berkeley and Los Alamos National Laboratories *Osiris* 2nd Series 14: 187-202
- SPIVAK L'HOSTE, A. (2002). Un pueblito lejano de ingenieros y físicos: primeras aproximaciones etnográficas al Instituto Balseiro. *Publicação eletrônica das Segundas Jornadas de Antropologia da Cuenca del Plata*, Rosario.
- SPIVAK L'HOSTE, A. (2002a) Posibles aportes de la antropología en el campo de la política y la gestión de la ciencia y la tecnología: lineamientos para la etnografía de

- un conflicto. *Cuadernos de Epistemología* 7, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.
- SPIVAK L'HOSTE, A. (2005) Argentina y Brasil de la investigación y el desarrollo nuclear: una propuesta comparativa de las trayectorias científicas tecnológicas. *Publicação eletrônica das Terceiras Jornadas de Pesquisa em Antropologia Social*, Buenos Aires
- SPIVAK L'HOSTE, A. (2006) De *fundadores* y *pioneros*: tradición en el cincuenta aniversario de una institución de ciencia y tecnología. Em processo de avaliação na Revista *Interseções*, mimeo.
- SPIVAK L'HOSTE, A. (2007) "*Ustedes son el Instituto Balseiro*": criterios de comunidad y trayectoria de un proyecto de ciencia. *Publicação eletrônica del Primeiro Congresso Argentino de Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia*. Quilmes, Argentina
- SURRALLÉS, A. (2005) Afectividad y epistemología de las ciencias humanas. Revista de Antropología Iberoamericana, Edição eletrônica, Nº Especial: 1-15. Disponible em www.aibr.org
- SVAMPA, M. (2001) Identidades astilladas. De la patria metalúrgica al heavy metal. *Desde abajo. La transformación de las identidades sociales*. Buenos Aires, Biblos e Universidade Nacional de Gral. Sarmiento.
- TAMBIAH, S. (1968) The magical power of words. *Man*, New Series, 3 (2): 175- 208.
- TAYLOR, D. (2003) Acts of Transfer. *The Archive and the Repertoire*. University Press, 2003

- THOMPSON, E.P [1961] (1989) *La formación de la clase obrera en Inglaterra*. Buenos Aires, Crítica
- TODOROV, T. (1988) Knowledge in social anthropology. Distancing and universality. *Anthropology Today* 4 (2): 2-5.
- TONKIN, E. (1992) *Narrating our pasts. The social construction of oral history*. Cambridge, Cambridge University Press.
- TRAWEEK, S. (1992) Border Crossings: Narrative Strategies in Science Studies and among physicist in Tsukuba Science City Japan. En *Science as practice and culture*, Pickering, A. Editor, Chicago, University of Chicago Press
- TURNER [1967] (1980) *La selva de los símbolos. Aspectos del ritual Ndembu*. Madrid, Siglo XXI.
- TURNER, V. (1969) *The ritual process: structures and antistructures*. London, Routledge and Kegan Paul.
- TURNER, V. (1974) *Dramas, fields and metaphors*. New York, London, Ithaca, Cornell University Press.
- TURNER, V (1986) Dewey, Dilthey, and Drama: an essay in the anthropology of experience. En *The Anthropology of Experience* V. Turner and E. Bruner editores, University of Illinois Press.
- TYLOR, Ch. (1998) *Les sources du moi*. París, Seuil.
- VERSINO, M. (2006) *Análisis socio-tecnológico de procesos de producción de tecnologías intensivas en conocimiento en países subdesarrollados: a trayectoria de una empresa nuclear e espacial argentina (1970-2005)* Tesis de doctorado en política

científica tecnológica, Instituto de Geociencias, Universidade Estadual de Campinas

VISACOVSKY, S. (2002) *El Lanús. Memoria y política en la construcción de una tradición psiquiátrica y psicoanalítica argentina*. Madrid, Buenos Aires, Alianza Editorial.

WILLIAMS, R. (1977) *Marxism and Literature*. New York, Oxford University Press.

WILLIS, P. y M. TRONDMAN (2000) Manifesto for Ethnography. *Ethnography* 1 (1): 5- 16.